

LIVRO 1 DA TRILOGIA ECHO

# A PROFEÇIA DO PASSARO DE FOGO

BRUNNEN



MELISSA GREY

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# A PROFECIA DO PASSARO DE FOGO

LIVRO 1 DA TRILOGIA ECHO

**MELISSA GREY**

Tradução  
FLÁVIA SOUTO MAIOR

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras



*À Midnight Society*

## Prólogo



A ALA TINHA IDO À BIBLIOTECA EM BUSCA DE ESPERANÇA. Caminhou entre as estantes, com uma mão no bolso enquanto a outra passava pelas lombadas rachadas dos livros preferidos e pela poeira acumulada nos menos queridos. O último cidadão tinha saído horas antes, mas a Ala continuava de óculos escuros e com uma echarpe bem enrolada em volta da cabeça e do pescoço. A penumbra da biblioteca fazia sua pele negra parecer escura como a de um humano, mas as penas que tinha no lugar de cabelos e o pretume absoluto de seus olhos, grandes e brilhantes como os de um corvo, eram puro Avicen.

Ela gostava de livros. Eram uma fuga das responsabilidades, dos outros membros do Conselho de Anciãos que recorriam a ela, a única Profeta viva, em busca de orientação, da guerra que acontecia havia mais tempo do que a maioria era capaz de lembrar. A última grande batalha tinha acontecido mais de um século antes, mas a ameaça de violência permanecia, e cada lado esperava um deslize do outro para que aquela pequena fagulha se transformasse em uma chama além do controle de qualquer um. A dança vagarosa dos dedos da Ala foi interrompida quando um título chamou sua atenção: *Um conto de duas cidades*. Seria bom ler sobre a guerra dos outros. Talvez a fizesse esquecer a sua própria. Ela estava prestes a tirar o livro da estante quando sentiu um puxão leve, como uma pena presa no bolso do casaco.

A mão da Ala agarrou rápido o punho do ladrão. Uma menina magricela e pálida segurava firme o porta-moedas da Ala. Os olhos castanhos dela fitaram o punho exposto da Ala, sem piscar.

— Você tem penas — disse a menina.

A Ala não conseguia se lembrar da última vez que um humano havia visto sua plumagem e ficado tão calmo. Então soltou a menina e puxou a manga sobre o antebraço, endireitando o casaco e a echarpe para esconder o resto do corpo.

— Pode devolver minha carteira? — Não era uma carteira exatamente. No lugar do dinheiro, havia um pó preto e fino que zunia com energia na mão da Ala, mas a menina não precisava saber disso.

A ladra a encarou.

— Por que você tem penas?

— Minha carteira, por favor.

A menina nem se mexeu.

— Por que você está usando óculos escuros aqui dentro?

— Carteira. Agora.

A menina olhou para a bolsinha que tinha na mão, pareceu refletir por um instante, e voltou a olhar para a Ala. Ainda assim não abdicou do item.

— Por que está usando esse lenço se estamos no verão?

— Você é muito curiosa para uma garotinha — a Ala disse. — E já é meia-noite. Você não devia estar aqui.

Sem hesitar nem por um segundo, a ladra respondeu:

— Nem você.

A Ala não conseguiu conter o sorriso.

— *Touché*. Onde estão seus pais?

A menina ficou tensa, olhando de um lado para o outro em busca de uma saída.

— Não é da sua conta.

— Que tal um acordo? — a Ala perguntou, agachando para ficar na altura dos olhos da menina. — Você me diz como veio parar nesta biblioteca sozinha, no meio da noite, e conto para você por que tenho penas.

A menina a analisou por um momento com uma prudência que não condizia com sua idade.

— Eu moro aqui. — Arrastando a ponta do tênis branco e encardido no chão de linóleo, a menina observou a Ala por sob

densos cílios castanhos e acrescentou: — Quem é você?

Um monte de perguntas em um pacote tão pequeno. Quem é você? O que é você? Por que está aqui? A Ala deu a única resposta possível:

— Sou a Ala.

— A Ala? — A menina revirou os olhos. — Não me parece um nome verdadeiro.

— Sua língua humana nunca conseguiria pronunciar a minha — disse a Ala.

Os olhos da menina se arregalaram, mas ela sorriu, com hesitação, como se não estivesse muito acostumada a fazer isso.

— Então como devo te chamar?

— Pode me chamar de a Ala. Ou Ala, para encurtar.

A pequena ladra franziu o nariz.

— Não seria o mesmo que chamar um gato de “gato”?

— Talvez — disse a Ala. — Mas existem muitos gatos no mundo, e só uma Ala.

A resposta pareceu satisfazer a menina.

— Por que está aqui? Nunca vi ninguém na biblioteca à noite antes.

— Às vezes, quando estou triste, gosto de ficar perto desses livros — a Ala respondeu. — Eles são bons para fazer as pessoas esquecerem todos os problemas. É como ter um milhão de amigos embrulhados em papel e rabiscados de tinta.

— Você não tem amigos normais? — a ladra perguntou.

— Não. Nada parecido. — Não havia melancolia na resposta da Ala. Era apenas a verdade, desprovida de ornamentos.

— Isso é triste. — A menina pegou na mão da Ala, acariciando as penas delicadas dos ossos dos dedos dela. — Também não tenho ninguém.

— E como uma criança conseguiu passar despercebida por todos que trabalham aqui?

— Sei me esconder muito bem — a menina disse, com certa timidez. — Já tive que fazer muito isso. Em casa, quero dizer. Antes de vir para cá. — Com um aceno de cabeça determinado, ela continuou: — Aqui é melhor.

Pela primeira vez desde que a Ala conseguia se lembrar, lágrimas começaram a se formar em seus olhos.

— Desculpe por pegar sua carteira. — A menina segurou o porta-moedas diante da Ala. — Fiquei com fome. Se soubesse que você estava triste, não teria pegado.

Uma pequena ladra com consciência. Será que as surpresas nunca terminavam?

— Qual é o seu nome? — a Ala perguntou.

A menina abaixou os olhos, mas não soltou a mão da Ala.

— Não gosto dele.

— Por que não?

— Não gosto das pessoas que me deram ele — a menina disse, dando de ombros.

O coração da Ala ameaçou se desfazer em cinzas.

— Então talvez você mesma devesse escolher um.

— Posso fazer isso? — a pequena ladra perguntou, desconfiada.

— Você pode fazer tudo o que quiser — a Ala respondeu. — Mas pense com cuidado. Nomes não são coisas que devem ser apressadas. Há poder nos nomes.

A menina sorriu, e a Ala soube que não retornaria sozinha ao Ninho aquela noite. Ela tinha ido à biblioteca em busca de esperança; em vez disso encontrara uma criança. Ela levaria muitos anos para perceber que as duas coisas não eram tão diferentes.

# UM



## *Dez anos depois*

ECHO SEGUIA DUAS REGRAS. A primeira era simples: não ser pega.

Ela entrou com cautela na loja de antiguidades que ficava no fundo de uma viela do mercado noturno de Taipei. A magia cintilava ao redor da entrada como o calor ascendendo do cimento quente em um dia de verão escaldante. Se Echo olhasse diretamente para ali, não veria nada além de uma porta de metal sem marcas, mas, quando inclinava a cabeça do jeito certo, enxergava o brilho discreto de bloqueios de proteção que deixavam a loja totalmente invisível exceto para aqueles que sabiam o que procurar.

A luz neon do mercado que se infiltrava para dentro da loja era a única iluminação do local. As paredes eram cobertas de estantes lotadas de antiguidades em vários estados de deterioração. Havia um relógio cuco desmontado sobre a mesa no centro, com o pássaro pendurado em uma mola triste e débil. O feiticeiro dono da loja era especialista em encantar objetos mundanos, alguns com propósitos mais nefastos que outros. Os feitiços mais obscuros deixavam um resíduo, e Echo tinha contato com magia havia tempo suficiente para senti-lo, como um arrepio na espinha. Contanto que evitasse aqueles objetos, ficaria bem.

A maioria dos itens sobre a mesa estava enferrujada ou quebrada demais para ser uma opção. Um espelho de mão de prata estava arruinado por uma rachadura que o dividia em dois. Um relógio enferrujado marcava os minutos ao contrário. Duas metades de uma medalha em forma de coração estavam em pedaços, como se alguém as tivesse destruído com um martelo. O único objeto que

parecia funcionar era uma caixa de música. A tinta esmaltada estava descascada e gasta, mas os pássaros que enfeitavam a tampa tinham traços adoráveis e elegantes. Echo abriu a caixa e uma música familiar escapou de dentro, enquanto um passarinho preto rodopiava.

*A canção de ninar da gralha*, ela pensou, tirando a mochila das costas. A Ala ficaria encantada, embora o conceito de aniversário e presentes não significasse nada para ela.

A mão de Echo estava a centímetros da caixa de música quando as luzes acenderam. Ela virou a cabeça e viu um feiticeiro parado na entrada da loja. Seus olhos brancos e amarronzados, a única coisa que o marcava como não humano, observavam a mão de Echo.

— Te peguei.

*Droga*. Parecia que algumas regras existiam para serem quebradas.

— Isso não é o que parece — disse Echo. Não era a melhor explicação, mas teria que servir.

O feiticeiro ergueu uma sobrancelha.

— Sério? Porque parece que você pretendia me roubar.

— Certo, então acho que é exatamente o que parece. — Os olhos de Echo pararam um pouco atrás do feiticeiro. — Minha nossa... O que é *aquilo*?

O feiticeiro olhou para trás por apenas um segundo, mas era tudo de que Echo precisava. Ela pegou a caixinha de música, enfiou na mochila e jogou-a sobre o ombro; apressada, trombou com o feiticeiro. Ele caiu no chão e soltou um grito enquanto Echo escapulia para a praça do mercado.

*Regra número dois*, Echo pensou, surrupiando um pãozinho de carne de porco de uma banca de alimentos ao passar correndo por ela. *Se for pega, corra*.

O asfalto estava escorregadio com a garoa do dia, e suas botas derraparam quando ela virou uma esquina. O mercado fervilhava com compradores e com o rico perfume de comida de rua misturado ao ar agradável. Echo mordeu o pãozinho, recuando diante do vapor que queimou sua língua. Quente, mas delicioso. Era uma verdade universal que comida roubada era mais gostosa. Echo saltou uma

poça de lama e quase engasgou com um bocado de pão grudento e carne de porco assada. Comer e correr ao mesmo tempo era mais difícil do que parecia.

Ela se espremeu pela multidão, desviando de carrocinhas e pedestres distraídos. Às vezes, ser pequena compensava. O feiticeiro que a perseguia encontrava maiores dificuldades. A porcelana de qualidade duvidosa foi ao chão quando ele esbarrou na banca de pãozinhos de carne de porco e soltou um turbilhão de palavrões. O mandarim de Echo era pobre, mas ela tinha quase certeza de que ele havia dito uma enxurrada de insultos elaborados a ela e a toda sua família. As pessoas ficavam tão sensíveis quando suas coisas eram roubadas. Principalmente feiticeiros.

Echo se abaixou sob um toldo e olhou para trás. O feiticeiro estava longe; no momento havia uma distância respeitável entre eles. Ela deu outra mordida no pãozinho e migalhas voaram. Uma maluca capaz de exercer magia teria dado no pé, mas ela não comia desde a fatia de pizza do café da manhã. A fome não esperava por ninguém. O feiticeiro gritou para uma dupla de policiais deterem-na quando ela passou por eles. Dedos quase alcançaram sua manga, mas Echo desapareceu antes que conseguissem pegá-la.

*Que fantástico,* ela pensou, lutando contra a dor que se formava em seus músculos. *Quase lá.*

A placa luminosa para a estação de metrô de Jiantan surgiu, e ela respirou aliviada. Assim que estivesse na estação, só precisaria encontrar uma porta, qualquer porta, e desapareceria em uma nuvem de fumaça. Ou melhor, em uma nuvem de pó preto como fuligem.

Echo jogou o resto do pãozinho em uma lata de lixo próxima e procurou no bolso pela bolsinha sem a qual nunca saía de casa. Ela pulou a catraca, dizendo um "Desculpe!" apressado ao funcionário desnortado quando o som das botas se aproximou.

Havia um armário de serviço perto da plataforma, a uns quarenta e cinco metros de distância, e Echo sabia que serviria muito bem. Ela enfiou os dedos na bolsinha e pegou um bocado de pó. Pó de sombra. Era uma quantidade generosa, mas o salto de Taipei a Paris não era nada pequeno. Melhor prevenir do que remediar, mesmo

que significasse ficar com um estoque perigosamente baixo para a viagem de volta a Nova York.

Echo espalhou o pó no batente da porta e passou por ela. O feiticeiro gritou, mas seu berro, o som dos trens parando na estação e o ruído das conversas na plataforma desapareceram assim que a porta se fechou. Por um instante, tudo era escuridão. Não era tão desnorteante quanto havia sido a primeira vez em que ela viajara pelos entremeios do mundo, mas nunca deixou de ser estranho. No espaço vazio entre todos os aqui e ali, não havia em cima, embaixo, esquerda ou direita. A cada passo, o chão se deslocava e se distorcia sob seus pés. Echo engoliu a bile que subia na garganta e esticou o braço, surda e cega no vácuo da escuridão. Quando a palma de sua mão encostou na tinta descascada da porta sob o Arco do Triunfo, ela suspirou aliviada.

O Arco era uma estação de passagem popular entre os viajantes do entremeio. Com sorte, o feiticeiro penaria muito para rastreá-la. Reconstituir o avanço de alguém no entremeio era difícil, mas não impossível, e a magia negra do feiticeiro facilitaria muito as coisas para ele. Por mais que Echo amasse Paris na primavera, ela não poderia ficar muito tempo. Uma pena... Os parques eram muito agradáveis nessa época do ano.

Ela foi até o lado oposto do Arco, passando os olhos pela multidão em busca da imagem familiar de alguém com um gorro para esconder o volume de penas vibrantes e óculos estilo aviador que valiam mais do que todo o guarda-roupa de Echo. Jasper era um de seus contatos mais inconstantes, mas costumava honrar sua palavra. Ela estava prestes a desistir e escolher uma porta para levá-la de volta a Nova York quando viu um vislumbre de pele cor de bronze e o brilho de óculos escuros. Jasper acenou e Echo sorriu antes de atravessar a multidão rapidamente.

Sua voz estava ofegante quando ela o alcançou.

— Conseguiu? — ela perguntou.

Jasper tirou uma pequena caixa azul-turquesa da bolsa-carteiro, e Echo notou que a porta ao lado dele já estava com pó de sombra espalhado no batente. Ele podia ser atencioso quando queria — o que não era muito frequente.

— Já te deixei na mão alguma vez? — ele disse.

Echo sorriu.

— Com frequência.

O sorriso de Jasper era deslumbrante e selvagem. Ele jogou a caixa para Echo com uma piscadinha perceptível mesmo com os óculos de aviador espelhados. Echo ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido no rosto dele. Ela passou para o entremeio antes que ele pudesse pensar em uma resposta espirituosa. Uma vez, Echo disse a Jasper que ele só poderia ter a última palavra por cima do cadáver dela, e estava falando sério.

Cruzar a soleira para o entremeio era menos desagradável pela segunda vez, mas o conteúdo do estômago de Echo ainda revirava muito. Ela tateou no escuro, fazendo uma careta quando as mãos tocaram algo sólido. As portas que levavam à estação Grand Central estavam sempre imundas, mesmo do outro lado do entremeio.

*Nova York*, ela pensou. *A cidade que nunca está limpa.*

Echo saiu em um dos corredores que davam para o átrio principal. Ficou rodando o balcão de informações no centro do pátio, ziguezagueando por entre grupos de turistas que tiravam fotos das constelações no teto e passageiros que aguardavam o trem. Nenhum deles sabia que havia um mundo inteiro sob seus pés, invisível aos humanos. Bem, à maioria dos humanos. Como na loja do feiticeiro, era preciso saber o que procurar. Ela esperou alguns minutos para ver se o feiticeiro ia aparecer. Se ele tivesse conseguido segui-la desde o Arco, ela queria garantir que não o levaria até a porta de onde morava. Echo não tinha provas, mas estava certa de que o feiticeiro era uma péssima visita.

Seu estômago roncou. Algumas mordidas de pãozinho com carne de porco não seriam suficientes. Ela lembrou do cômodo escondido na Biblioteca Pública de Nova York que chamava de lar e na metade de burrito que havia deixado sobre a escrivaninha. Mais cedo, naquele mesmo dia, ela o havia roubado de um estudante desatendo que cochilava com a cabeça apoiada em uma cópia gasta de *Os miseráveis*. Houve poesia naquele pequeno roubo. Foi o único motivo que a levou a pegar o burrito. Ela não precisava mais roubar

comida para sobreviver como quando era criança, mas algumas oportunidades eram boas demais para deixar passar.

Echo alongou o pescoço, deixando a tensão que havia se instalado em seus músculos descer pelos braços e sair pelos dedos. Centímetro a centímetro, ela se permitiu relaxar, escutando o ruído dos trens que chegavam e partiam da estação. O som era calmante como uma canção de ninar. Com uma última olhada pelo átrio, ela jogou a mochila sobre o ombro e seguiu para a saída da avenida Vanderbilt. Sua casa ficava a poucas quadras a oeste da Grand Central, e lá havia um burrito roubado com seu nome.

## DOIS



DOIS TIPOS DE PESSOAS ACAMPAVAM na Biblioteca Pública de Nova York tão tarde da noite. Os estudiosos — estudantes universitários viciados em cafeína; candidatos a doutorado obsessivamente meticolosos; acadêmicos ambiciosos em busca de um título. E as pessoas que não tinham para onde ir — gente que buscava consolo no almíscar reconfortante dos livros antigos e nos sons calmos de outros seres humanos respirando, virando páginas e se espreguiçando nas velhas cadeiras de madeira. Pessoas que não queriam se sentir sozinhas quando haviam sido deixadas sozinhas. Pessoas como Echo.

Ela se move pela biblioteca como um fantasma, com passos mais silenciosos que um sussurro sobre os degraus de mármore. Era tarde o bastante para ninguém se dar ao trabalho de levantar os olhos dos livros para notar uma jovem vestida de preto dos pés à cabeça andando furtivamente por locais onde não deveria estar. Echo tinha estabelecido havia muito tempo uma rota que desviava dos funcionários que contavam os minutos até o fim do expediente. Ela não precisava se preocupar com câmeras de segurança. Os bibliotecários americanos lutavam para proteger a privacidade de seus leitores, então a biblioteca era uma zona livre de câmeras. Era um dos motivos por ela ter escolhido fazer daquele local seu lar.

Ela passou pelas estantes estreitas da biblioteca, inspirando o cheiro familiar de livros velhos. Ao subir a escadaria escura que levava ao seu quarto, o ar ficou mais espesso devido à magia. Os bloqueios que a Ala tinha ajudado Echo a criar a empurravam, mas a resistência era fraca. Eles eram projetados para reconhecê-la. Se qualquer outra pessoa tivesse deparado com a escadaria, teria

voltado, lembrando de ter deixado o fogão ligado ou de estar atrasado para uma reunião.

No alto da escada havia uma porta bege e simples como a de qualquer armário de serviço, mas que também tinha sua própria magia. Echo tirou o canivete suíço da mochila. Pressionou a ponta da pequena faca no dedo mindinho e observou uma gota de sangue se formar.

— Por meu sangue — sussurrou.

Ela encostou a gota escarlate na porta e o ar crepitou com eletricidade estática, arrepiando os pelinhos finos de sua nuca. Ouviu-se um clique baixo e a porta destravou. Como fazia todas as vezes que entrava no quarto apertado, transbordando de tesouros que havia libertado no decorrer dos anos, ela chutou a porta e disse para ninguém em particular:

— Querido, cheguei!

O silêncio em resposta foi bem-vindo depois da sinfonia aguda de Taipei e das multidões cacofônicas na hora do rush de Nova York. Echo deixou a mochila no chão, ao lado da escrivaninha que havia salvado da pilha de reciclagem da biblioteca, e desmoronou sobre a cadeira. Acendeu as luzinhas penduradas pelo quarto, deixando o espaço aconchegante com um brilho caloroso.

Diante dela estava o burrito com que sonhava, cercado pelas quinquilharias que decoravam todas as superfícies disponíveis no quarto. Havia pequenos elefantes de jade de Phuket. Geodos de minas de ametista da Coreia do Sul. Um ovo Fabergé original, incrustado de rubis e enfeitado com ouro. Pilhas de livros cercavam tudo, em todos os lugares possíveis, empilhados uns sobre os outros em torres bambas. Alguns Echo já tinha lido dezenas de vezes, outros, nenhuma. A mera presença deles era um conforto. Ela os acumulava com a mesma avidez que acumulava seus outros tesouros. Seu *eu* de sete anos de idade havia decidido que roubar livros era moralmente condenável, mas como os livros não haviam saído da biblioteca — foram apenas realocados — não se tratava *tecnicamente* de um roubo. Echo olhou para o seu mar de publicações e uma única expressão lhe veio à mente: *tsundoku*.

Era a palavra japonesa para o ato de deixar os livros empilhados sem lê-los. Palavras eram outra coisa que Echo acumulava. Ela havia começado a coleção muito antes de ir à biblioteca pela primeira vez, quando ainda morava na casa da qual preferia não se lembrar, com uma família que preferia esquecer. Na época, seus únicos livros eram de enciclopédias ultrapassadas. Ela tinha algumas poucas coisas que eram dela, mas sempre teve as palavras. E agora tinha um quarto cheio de tesouros roubados, alguns mais comestíveis que outros.

Ela levou o burrito à boca e ameaçava dar uma mordida quando o som de penas agitadas a interrompeu. Apenas uma pessoa tinha a capacidade de ultrapassar seus bloqueios sem disparar um único alarme, e ela nunca se preocupava em bater na porta. Echo suspirou. *Que sem educação.*

— Sabe, ouvi dizer que em algumas culturas as pessoas batem na porta — Echo começou a dizer. — Mas pode muito bem ser mentira.

Echo girou a cadeira segurando o burrito. A Ala sentou na beirada da cama de Echo, com as penas levemente desgrenhadas, como se tivesse tomado vento. Não havia vento, porém. Havia apenas a Ala e certa mudança no ar que acompanhava seu poder.

— Não seja ranzinza — a Ala disse, alisando as penas do braço. — Isso te faz parecer uma adolescente.

Echo deu uma mordida exagerada no burrito e falou com a boca cheia de arroz e feijão:

— Não é uma propaganda enganosa. — A Ala franziu a testa. Echo engoliu. — *Sou* adolescente. — Se a garota tinha péssimos modos à mesa, a Ala só podia culpar a si mesma.

— Só quando te convém — a Ala disse.

Mastigar com a boca aberta era perfeitamente razoável do ponto de vista de Echo.

— Bem... — A Ala suspirou, analisando as prateleiras lotadas de enfeites brilhantes de todos os tipos. — Fico feliz por ter voltado, minha pequena gralha. Roubou alguma coisa legal hoje?

Echo empurrou a mochila na direção da Ala com a ponta do pé.

— Para dizer a verdade, roubei. Feliz aniversário.

A Ala pareceu reprovar, mas o som era mais de satisfação do que de decepção.

— Não entendo sua obsessão com aniversários. Sou velha demais para lembrar o meu.

— Eu sei. Foi por isso que inventei um dia para você — Echo disse.  
— Agora abra. Quase fui pega por um feiticeiro para conseguir isso aí.

— Só isso? — As palavras da Ala eram bem-humoradas. Ela tirou a caixinha de música da mochila, manuseando-a com mais cuidado do que o objeto parecia merecer. — Não pensei que um feiticeiro seria problema para uma ladra tão talentosa. Afinal, você se vangloria de sua habilidade de... como é mesmo que diz? “Invasão de domicílio”?

Echo fez uma careta, embora o efeito tenha sido amenizado pelo pedaço de queijo pendurado em seu lábio.

— Vai jogar na minha cara, né?

— Se não fizesse isso, como você saberia a insensatez de sua arrogância? — Um sorriso suave atenuou a reprovação da Ala. — Os jovens sempre acham que são invencíveis, até o momento em que percebem que não são. Normalmente do jeito mais difícil.

A única resposta de Echo foi dar de ombros. A Ala deu uma olhada no quarto, e Echo se perguntou que impressão ele passava para as outras pessoas. Livros amontoados em pilhas altas e precárias sobre todas as superfícies. Joias roubadas que valem o bastante para pagar duas faculdades. Uma abundância de embalagens de doces amassadas. Era uma bagunça, mas era a bagunça dela. Pela ruga na testa da Ala, Echo não achava que ela era capaz de apreciar o que aquilo significava.

— Por que você fica aqui, Echo? Pode ir para o Ninho e viver com a gente. Conheço alguns pequenos Avicen que não se importariam de ter você por perto.

— Preciso do meu espaço. — Foi tudo o que Echo disse.

O que ela não disse é que precisava de espaço longe dos Avicen. Sua própria pele lisa, sem as penas coloridas que decoravam os membros deles, era o suficiente para indicar que não pertencia àquele grupo. Ela não precisava dos olhares atravessados para lembrar que estava entre eles, mas não era igual. E eles a encaravam. Como se sua presença atrapalhasse a ordem natural das

coisas. Podiam ter se acostumado com Echo no decorrer dos anos, mas não significava que tinham que gostar dela.

A biblioteca era seu lar. Os livros não a olhavam feio ou sussurravam comentários depreciativos. Os livros não julgavam. Os livros eram seus únicos amigos antes de a Ala a encontrar, sozinha e faminta, e a levar para o Ninho dos Avicen. Esses livros eram sua família, seus professores, seus companheiros. Eles haviam permanecido leais a ela, então ela permaneceria leal a eles.

O suspiro cansado da Ala era tão familiar para Echo quanto as batidas do próprio coração.

— Certo. Faça como quiser. — A Ala observou a caixa de música que tinha nas mãos. — Isto é uma graça.

Echo deu de ombros, mas não conseguiu disfarçar o sorriso satisfeito.

— Foi o melhor que encontrei, dadas as circunstâncias.

A Ala deu corda algumas vezes na base da caixa antes de levantar a tampa. O passarinho começou a girar enquanto a melodia tocava.

— A canção de ninar da gralha — Echo disse. — Foi por isso que escolhi essa. — Ela balançou os dedos preguiçosamente pelo ar como se estivesse conduzindo uma orquestra minúscula. — *Um é tristeza, dois é prazer.*

A Ala deu um sorriso carinhoso.

— *Três para a morte, quatro é nascer.*

— *Cinco é prata, seis é ouro* — Echo cantou.

— *Se são sete, é mau agouro.* — Elas terminaram juntas.

Assim que a última nota soou, um compartimento perto da base da caixa abriu. Estava tão perfeitamente fundido à madeira esmaltada que Echo nem tinha notado. A Ala retirou um pedaço de papel dobrado do compartimento.

— O que é isso? — Echo perguntou.

A Ala desdobrou o papel cautelosa. Inclinou a cabeça, ainda fitando o papel.

— O que te fez escolher esta caixinha de música? — ela perguntou. Sua voz era baixa, como se as palavras fossem escolhidas com muito cuidado.

— Achei bonita — Echo disse. — E tocava nossa música. — Ela se inclinou para espiar o papel, mas sua visão estava bloqueada pelas mãos da Ala. — O que é isso?

A Ala levantou, dobrou o papel mais uma vez com movimentos rápidos e precisos e o enfiou em um dos bolsos escondidos nas dobras da túnica.

— Venha. Podemos discutir isso no Ninho.

— Não dá para esperar? — Echo perguntou, balançando o burrito na frente da Ala, derrubando arroz e queijo no colo. — Estou prestes a detonar este burrito.

A sobancelha arqueada da Ala era a única resposta de que Echo precisava.

— Tudo bem — ela murmurou, guardando o burrito de volta no papel alumínio. Ele parecia tão triste, sozinho e pela metade. Era simplesmente desolador. Echo levantou, tirou as migalhas do jeans e pegou a mochila. — Mas é melhor valer a pena.

— Ah, vai valer — a Ala disse, salpicando um punhado de pó de sombra no ar. Os ramos pretos como tinta do entremeio se retorciam em volta de suas pernas, e o estômago de Echo já começou a revirar de antemão. Viajar pelo entremeio nunca era divertido. Sem a solidez de uma porta, então, era uma experiência miserável. A Ala estendeu a mão para Echo. — Me recorde, menina, já contei a história do pássaro de fogo?

# TRÊS



MESMO ATRAVÉS DAS GROSSAS PAREDES DE PEDRA da Fortaleza do Dragão, Caius podia ouvir os sons do oceano golpeando as rochas. Um vento forte batia nas muralhas e o mar retumbava com ele, acertando as fundações da fortaleza com uma fúria incessante. Ele invejava as águas, sua paixão, seu furor absoluto diante de um objeto tão imóvel. Caius fechou os olhos e por um instante imaginou que podia sentir gotículas do mar no rosto, que podia roubar a mínima fração da força do oceano. Mas ele não era o mar, e os obstáculos que enfrentava eram tão fortes quanto um edifício de pedra.

— A lealdade de vocês é louvável — ele disse, virando-se para os dois prisioneiros. — De verdade.

Dois espiões Avicen estavam ajoelhados no chão do calabouço da fortaleza, com os punhos algemados atrás das costas. As penas deles deviam ter sido bem coloridas, mas agora estavam cobertas com uma camada grossa de sujeira e sangue. O da esquerda, com a penugem manchada como a de uma coruja-do-mato, oscilava nos joelhos enquanto lutava para continuar ereto. O Avicen ao lado lembrava um falcão para Caius, pequeno e elegante, com um olhar amarelo penetrante. Aquele se recusava a tremer. Era uma rocha, firme e imóvel. Pensar neles como os pássaros a que se assemelhavam era mais simples que perguntar seus nomes. Se Caius os visse como animais, seria mais fácil fazer o que precisava. O falcão cuspiu em seus pés, e saliva com gotas de sangue respingou nas botas de Caius.

— Não vamos dizer nada — o falcão continuou provocando, mesmo diante do próprio Príncipe Dragão. Louvável, de fato.

Caius fez um gesto com a cabeça para os dois guardas que estavam atrás dos Avicen. Eram Dragões de Fogo, o regimento mais apavorante do exército Drakharin. A dupla era um exagero para dois prisioneiros famintos, mas às vezes era preciso provar um ponto. Os Dragões de Fogo pegaram o cara de coruja pelos braços enquanto o cara de falcão observava horrorizado.

— Você não, mas ele vai — Caius disse.

Pedidos de misericórdia malucos escaparam dos lábios rachados do coruja quando os Dragões de Fogo o colocaram de pé. A armadura dourada deles reluzia sob a luz fraca das tochas do calabouço, e os adornos de dragões no peitoral dançavam entre as chamas. A falação do coruja continuou quando foi arrastado diante de Caius. Era uma pena o barulho do mar não estar alto o bastante para abafar o som.

Caius apoiou a mão sobre o rosto do coruja, com cuidado para não apertar os ferimentos. O Avicen estremeceu ao sentir o toque e ficou em silêncio.

— Diga o que quero saber. — A voz de Caius era baixa e suave, como se estivesse convencendo um animal assustado a sair de seu esconderijo. — E prometo ser misericordioso.

O falcão se esforçou para ficar em pé, mas um dos Dragões de Fogo chutou a parte de trás de seu joelho, fazendo-o desabar no chão como um monte de penas.

— Dragões não sabem nada sobre misericórdia — o falcão vociferou, com olhos inflamados com uma fúria quase descontrolada. O Dragão de Fogo colocou o pé sobre a garganta dele, silenciando-o.

Caius o ignorou, sem deixar de encarar fixo o coruja.

— Por que vocês estavam no Japão? Os Drakharin têm a posse daquela terra há quase um século. O que estavam fazendo lá?

O coruja passou a língua sobre os lábios rachados, alternando o olhar entre Caius e seu camarada no chão.

*Não vai adiantar*, Caius pensou. Ele apertou o Avicen um pouco mais para atrair sua atenção de volta.

— Apesar do que vocês possam ter escutado, sou um homem de palavra — Caius disse. — Fale agora, e mostrarei a você e a seu

amigo a misericórdia que merecem.

O coruja engoliu em seco, piscando rápido. Suas pupilas extremamente grandes se dilatavam e retraíam com uma velocidade alarmante. Quando ele falou, as palavras eram tão baixas que Caius teve que se aproximar para escutá-las.

— O general nos enviou.

Caius rangeu os dentes com tanta força que seu maxilar estalou.

— O general. Altair.

O coruja confirmou, acenando com a cabeça em movimentos curtos e rápidos, como o pássaro a que se assemelhava.

Caius acariciou o rosto do coruja com o polegar. Um pequeno tremor percorreu o prisioneiro Avicen dos pés às penas desordenadas das têmporas.

— E o que Altair pediu a vocês?

— Traidor. — O falcão cuspiu na direção do companheiro. O Dragão de Fogo pressionou a bota, e as palavras que o Avicen disse em seguida não passaram de um gorgolejo dolorido. O tremor do coruja tomou seu corpo inteiro, e as penas em seus braços se agitavam. Ele tentou olhar para o camarada mais uma vez, mas Caius segurou a cabeça dele.

— Prossiga.

O coruja passou a língua sobre os lábios novamente, mordendo o inferior.

— O general... ele nos mandou para Kyoto. Para uma casa de chá. Havia uma senhora vivendo ali, mas ela não sabia nada sobre o que Altair procurava.

A mão de Caius ficou imóvel, apoiada na curva do pescoço do coruja. O príncipe acariciou com o polegar a pele sobre o pulso instável do Avicen.

— E o que seria?

— O pássaro de fogo.

Caius teve que se esforçar para manter o rosto impassível e plácido como a máscara que usava na corte. Há tempos esperava outra pessoa dizer aquelas palavras.

— E vocês encontraram alguma coisa além de uma humana idosa?

— Não — o coruja disse, balançando a cabeça em pequenos movimentos agitados de pássaro. — Nada.

— Nada — Caius repetiu. É claro que não encontraram nada. Nunca achavam nada.

Caius soltou o coruja e se afastou. Resistiu ao ímpeto de limpar a mão na calça.

— Obrigado. Sua cooperação será recompensada. — Caius acenou mais uma vez para os Dragões de Fogo. Eles empurraram o coruja e colocaram o falcão em pé.

— Matem-nos.

Os olhos do coruja se acenderam com o primeiro indício de fogo que Caius havia visto nele.

— Você prometeu misericórdia!

— Isto é misericórdia — Caius disse, dando as costas. — A morte de vocês será rápida.

Enquanto os dois Avicen eram arrastados mais para o interior do calabouço, Caius se permitiu fechar os olhos. Ele ainda podia ver os olhos estranhos e grandes do coruja com a mesma clareza de alguns segundos antes, mas a imagem se desintegrou assim que sua audiência, por fim, rompeu o silêncio.

*Clap. Clap. Clap.*

Caius se virou na direção do som. Sua irmã, Tanith, estava diante dele, resplandecente em sua armadura dourada, mesmo com uma camada de fuligem e de sangue cor de ferrugem. Alguns cachos loiros haviam se soltado da trança, emoldurando seu rosto com um dourado suave. Os olhos vermelhos brilhavam de felicidade. Tinham sido os Dragões de Fogo dela a interceptar os dois Avicen, e ela havia ostentado os inimigos — ensanguentados e quebrados — diante de Caius com um entusiasmo que fez o estômago dele revirar. Tanith cheia de sangue era uma Tanith feliz. Tanith feliz era a última coisa de que Caius precisava. Era a última coisa de que qualquer um precisava. Em qualquer lugar. A qualquer momento.

*Pelo menos um de nós gostou do show, ele pensou.*

— Muito bem, meu irmão. Estava começando a achar que você tinha perdido o jeito. — Tanith deu um passo à frente e sua armadura tilintou conforme andava. O pesado manto escarlate

ajustado em volta dos ombros se arrastava pelo chão de pedra com um sibilo audível. — Mas, por mais divertida que tenha sido essa demonstração, foi uma tremenda perda de tempo. Você não consegue encontrar o pássaro de fogo porque não há nada para encontrar. Não é real, independentemente do que pensa um excêntrico general Avicen.

Caius passou a mão pelo cabelo escuro. Havia crescido nas últimas semanas, e ele se perguntava se seus cortesãos o achavam muito desmazelado para um príncipe.

— Só preciso de mais tempo.

— Você desperdiçou todo esse tempo em busca de uma fera mítica que não existe — Tanith retrucou. — Uma fera mítica que pode nem ser uma fera, veja só! O tempo está acabando e seus nobres estão se cansando.

— Sou o príncipe deles — Caius disse com severidade. — Eles vão encontrar tempo por mim.

— Você só é o príncipe deles enquanto quiserem que seja. Enquanto merecer o título. — Tanith sacudiu a cabeça, deixando a trança dourada roçar em uma das dragonas da armadura. Eles eram gêmeos, mas tinham pouco em comum além das maçãs do rosto protuberantes com traços de escamas de dragão. Caius sempre foi o mais quieto, sério e estudioso, enquanto Tanith era fogo, paixão e raiva. — Seria muito bom você se lembrar disso.

— É uma ameaça? — Caius perguntou. Com sua irmã, nunca dava para saber ao certo.

— Não. Estou apenas dizendo uma verdade. — O sorriso dela era seco e sem alegria. — Dragões não são conhecidos pela paciência. Essa caça ao pássaro de fogo... é uma estupidez, meu irmão.

Caius deu as costas a Tanith e caminhou até a lareira enfeitada que dominava a parede oposta do calabouço. Havia um dragão de pedra de cada lado, com a boca bem aberta, de modo que pareceriam cuspir fogo, se as chamas não tivessem se reduzido a brasas havia horas. Ele podia ouvir Tanith se mexendo, impaciente como sempre. Era inútil, mas ele a fez esperar alguns instantes antes de falar.

— Está questionando meu julgamento? — Caius perguntou, limpando a lama das mãos com um pedaço de pano que havia sobre a lareira. O coruja estava imundo.

Tanith riu com deboche, indelicada como sempre.

— Não seria a primeira vez que eu teria que fazer isso. Ou já se esqueceu da... ah, como era o nome dela mesmo?

Caius voltou a encarar os olhos cor de esmeralda vazios dos dragões de pedra. Ele não disse o nome. Tanith não havia esquecido, tampouco ele. O silêncio entre os dois tinha o peso de tudo o que permanecia não dito.

— Foi há muito tempo — Caius respondeu em voz baixa. — Nem vale a pena lembrar. — Ele ficou se perguntando se Tanith seria capaz de detectar a mentira em sua voz.

— Aqueles que esquecem sua história estão condenados a repeti-la — Tanith disse, indo para o lado dele para poder observar o rosto do irmão. Ela estendeu a mão e uma chama brotou da palma. Movimentou os dedos na direção da lareira e as brasas voltaram a ganhar vida com um calor ardente. — Esse pássaro de fogo vai ser mais uma de suas bagunças que terei de arrumar.

Caius apoiou as mãos no consolo da lareira, abaixando a cabeça para que a franja longa obscurecesse a visão que tinha da irmã. Ele estava cansado. Cansado dessa conversa, cansado de tentar convencer Tanith da certeza ardente que sentia a respeito de seu curso de ação, cansado de ignorar os olhares incisivos e sussurros curiosos de seu próprio povo conforme os dias iam e vinham com pouco resultado a apresentar.

— O pássaro de fogo é real. — Ele vinha cantando essa canção há cem anos, e Tanith ainda se recusava a acreditar. — É real, e é nossa única esperança de acabar com esta guerra.

A mão que parou sobre o ombro dele era pequena, mas forte depois de anos empunhando uma espada. Ele não havia percebido que ela tinha tirado as luvas, mas devia ter tirado. Ele estava cansado e isso o deixava lento.

— O pássaro de fogo é um mito, Caius. Um conto de fadas. Nada mais. Você perdeu a noção do que é importante.

*A arrogância inquestionável dela.* Ele se virou para a irmã.

— Se isso não importa, se encontrar o pássaro de fogo é desperdício de tempo e recursos, então o que é importante? O que é importante para você, Tanith, senão acabar com esta guerra o quanto antes?

— Vitória — ela disse sem hesitar nem por um segundo. Era tão fácil para ela. Sempre foi. Ele invejava aquela simplicidade. Como devia ser reconfortante. — Você sabe tão bem quanto eu que este cessar-fogo é uma farsa, e que é apenas uma questão de tempo até que uma guerra aberta irrompa, principalmente se eles continuarem enviando espiões ao nosso território.

— Assim como enviamos espiões ao território deles? — Caius perguntou.

— Você diz isso como se uma guerra devesse ser justa.

— Não sou tão ingênuo.

— Nunca imaginaria — Tanith ironizou. — Diga mais uma vez: quanto tempo e quantos recursos você desperdiçou nessa busca inútil?

— Não considero um desperdício. Estou tentando ajudar nosso povo a acabar com essa guerra. A profecia diz que o pássaro de fogo fará exatamente isso.

— Estou tentando fazer o mesmo, mas profecias não são dignas nem do papel em que foram escritas. Nosso povo precisa de resultados tangíveis, Caius. Não de contos de fada.

*Contos de fada, Caius pensou. Queria nunca mais ouvir essas palavras.*

— Você já se perguntou por que luta?

Tanith deu de ombros, e o fogo refletiu na armadura suja.

— Luto porque devo. Os Avicen iniciaram esta maldita briga. Vou terminar com ela. A ganância deles por poder roubou os nossos. Antes, os Drakharin tinham magia suficiente para se transformar em dragões, Caius. Pairávamos pelos céus e soltávamos fogo sobre nossos inimigos.

Os lábios de Caius se contorceram, esboçando um sorriso.

— Quem está citando contos de fada agora?

Tanith fechou as mãos em forma de concha e soprou dentro delas. Uma pequena bola de chamas se formou e flutuou sobre sua pele.

— Alguns de nós ainda cospem fogo, meu irmão.

— Você invoca fogo — Caius disse. — Há uma pequena diferença. E, mesmo se essa história antiga fosse verdadeira, destruir os Avicen não trará o que perdemos de volta.

Tanith bateu palmas e o fogo se extinguiu.

— acredite no que quiser. Eu acredito no que posso ver e tocar. Mesmo que a destruição dos Avicen não restaure nossa magia, fará com que eu me sinta bem melhor. Quero justiça para o nosso povo, quero acabar com a ameaça Avicen. São essas as coisas que deviam te preocupar, Caius. E não um pássaro mágico sobre o qual leu em um livro.

Caius girou o pescoço e arqueou as costas, espreguiçando-se. Ele precisava descansar, e logo.

— Não li sobre ele em um livro. Li em vários, se quer saber.

— Sim, e metade deles foi escrita por Avicen. Preste atenção em suas fontes, meu irmão. Elas não são confiáveis.

— Estou cansado de lutar. — A voz de Caius era baixa, mas ele sabia que Tanith o ouviria perfeitamente, embora entender ou não o que ele dizia fosse uma questão bem diferente. — Você não está? — Era uma pergunta idiota, pois ele sabia qual era a resposta. Ainda assim, tinha que perguntar.

Tanith inclinou a cabeça. A luz das tochas captou o brilho colorido e delicado das escamas que ocupavam as maçãs do rosto dela. Ela piscou para o irmão, olhos vermelhos cintilando à luz do fogo, e simplesmente disse:

— Não.

A palavra ficou pairando no ar entre os dois, resumo claro e simples da fenda que aumentava mais a cada ano. Nem sempre havia sido assim. Antes, eles eram inseparáveis. Corriam por aquela fortaleza, montando cavalos invisíveis, usando espadas de madeira sem fio enquanto brincavam de uma guerra que mal entendiam. Mas a garota de cachos dourados rebeldes e mãos rechonchudas melecadas de doce era muito diferente da mulher que estava diante dele, majestosa e terrível, orgulhosa das manchas de sangue de seus inimigos. Sua irmã havia se transformado em algo belo e selvagem, e totalmente estranho a ele. Às vezes, ele sentia falta da

menina que ela havia sido antes que anos de batalha e derramamento de sangue a tivessem forjado em aço.

Os olhos de Tanith suavizaram. Por um instante, ela voltou a ser sua irmãzinha. Não sua general, mas sua irmã.

— Precisamos agir antes que os Avicen o façam. Se esperarmos mais, temo o que isso possa significar para os Drakharin. Quero o melhor para o nosso povo, assim como você.

Com um suspiro pesado, Caius se afastou. Já estava farto dela e de suas dúvidas.

— Obrigado, Tanith. Isso é tudo.

Tanith o analisou com uma expressão dura e indecifrável. Caius esperou ela protestar por ter sido dispensada. Como a mais alta oficial do exército Drakharin, Tanith estava mais acostumada a dar ordens do que a escutá-las. Mas havia uma única pessoa a quem não era superior, e era Caius. Ele era o Príncipe Dragão, o mais jovem já eleito ao cargo, e estava nessa função havia um século. Tinha se provado digno do título no decorrer dos anos de batalha e política. De vez em quando sua irmã precisava ser lembrada de que era sobre a cabeça dele, e não sobre a dela, que ficava a coroa dos Drakharin.

Depois de um minuto, Tanith estendeu os braços e fez uma pequena reverência.

— Como meu príncipe ordenar.

*Se a falta de sinceridade de Tanith valesse ouro, eu seria um homem muito rico,* Caius pensou.

## QUATRO



ECHO FICOU FELIZ POR NÃO TER COMIDO O BURRITO. Conforme a escuridão do entremeio dava lugar ao brilho suave e dourado dos aposentos da Ala, o conteúdo de seu estômago se agitava como se ela estivesse no mar, mesmo que não tivessem viajado para longe. O Ninho ficava bem abaixo da biblioteca, na Quinta Avenida, mas, até onde Echo sabia, ela era a única humana ciente de sua existência. Ela sempre tinha essa sensação quando viajava com a Ala, sem uma soleira de porta construída pelo homem para ancorar sua passagem. A Ala permanecia serena como sempre. Suas penas pretas estavam lisas e sedosas, como a própria escuridão do entremeio. Talvez a Ala levasse um pouco do entremeio dentro de si. Isso explicaria como conseguia enrolar-se nele como se fosse um manto e viajar para onde desejasse, com ou sem soleira. Echo precisou de um tempo para se acostumar enquanto os últimos ramos do entremeio desapareciam no ar como fumaça ao vento.

— Que história é essa de pássaro de fogo? — Echo perguntou, massageando a barriga. — Achei que não passava de um conto de fadas humano. Tenho quase certeza de que li sobre ele em um livro de folclore russo.

— Todo bom conto de fadas tem um fundo de verdade. — A Ala conduziu Echo até o centro de seu pequeno ninho com uma estranha disposição de mobília desemparelhada, tapeçarias e almofadas. Tigelas com doces sortidos estavam espalhadas estrategicamente pelo cômodo. O gosto por doces dos Avicen era lendário. Echo lembrava de quando se perdia naquele mar de almofadas enquanto implorava para que a Ala lhe contasse só mais

uma história e lhe desse só mais um biscoito antes de dormir. — Alguns mitos humanos foram tirados de nossas próprias lendas. Você devia ouvir o que dizem sobre mim. Em certas partes da Sérvia, acreditam que um demônio chamado a Ala come bebês e controla o clima. Comer bebês... — Ela complementou a frase com uma risada curta e aguda enquanto posicionava uma cadeira de vime no centro do cômodo e fazia sinal para Echo se juntar a ela. — Que absurdo.

— Sempre achei que havia algo estranho com você. — Echo deixou a mochila no chão e pegou um biscoito recheado do prato que estava sobre uma pequena mesa lateral de madeira antes de se jogar de cara sobre um divã estofado com veludo vinho, com um leve perfume de lavanda. Não havia enjoo intenso o bastante que não pudesse ser curado com um biscoito recheado. Com a voz abafada pelo sofá, Echo acrescentou: — Agora vai me contar sobre o papel misterioso que tirou daquela caixa ou o quê? O suspense está me matando.

A Ala tirou o papel do bolso e o desdobrou com cuidado.

— Isto, querida Echo, é o mapa mais importante que você provavelmente verá em toda a vida.

Echo sentou e apoiou os pés no antigo baú de cedro que fazia as vezes de mesa. Ele não combinava com mais nada que havia no ambiente. A garota esticou a mão e balançou os dedos. Depois de um instante de hesitação, a Ala cedeu o mapa. Era pequeno, com bordas irregulares, como se tivesse sido rasgado de um todo maior, e a parte do papel com marcas de dobras era macia como algodão. As cores haviam desbotado e se transformado em uma gama de tons de sépia, mas um leve tom de azul permanecia em um rio que corria pelo centro do mapa, interrompido por uma frase escrita em kanji primoroso. Circulado em tinta marrom — que um dia devia ter sido vermelha — havia uma modesta casa no distrito a oeste do rio. Echo passou os dedos pelo kanji e, embora sua compreensão de japonês escrito fosse apenas um pouco melhor do que seu mandarim, o que não era muita coisa, ela reconheceu as palavras. Ela as havia visto bastante em seus próprios mapas, guardados com os atlas que mantinha em um canto exclusivo em seu quarto na

biblioteca. A linha em azul era o rio Kamo, em Kyoto. Perto da borda inferior do mapa alguém havia escrito algumas linhas de texto em letra de forma, juntamente com o que Echo presumiu ser uma data: 1915.

Ela apertou os olhos para ler o texto em voz alta.

— “Onde nascem as flores, seu caminho vai achar através do fogo e da escuridão, mas fique ciente do preço a pagar, pois apenas os dignos meu nome saberão.” — Ela franziu a testa e olhou para a Ala.

— Não entendo. O que é tão importante em um mapa de Kyoto de cem anos com um verso estranho?

A Ala pegou o mapa com mãos respeitadas.

— Conheço o Avicen que escreveu isto — ela disse. — E acredito que sei por que foi escrito. — A Ala levantou, deixou o mapa sobre a mesa de centro entre elas, e foi até a estante que ficava no canto do cômodo.

Livros estavam espremidos, mais apertados do que deveriam. Echo se lembrava de tirá-los das prateleiras depois que a Ala a acolhera e de ler aqueles que conseguia entender. Alguns estavam escritos em avicet, uma língua que confundia Echo mesmo depois de tantos anos, mas a Ala leu para ela aquela noite, traduzindo enquanto avançava. A maioria era de textos históricos que detalhavam o desenvolvimento da cultura Avicen no decorrer dos anos. Alguns narravam a migração dos Avicen para o leste da América do Norte e as razões pelas quais ficaram ali mesmo quando metrópoles humanas começaram a surgir ao longo da costa, forçando-os a ir para debaixo da terra. Quando Echo perguntou por que os Avicen ficaram lá, a Ala simplesmente expressou impaciência e disse: “Chegamos aqui primeiro”. Outros livros detalhavam a estrutura política dos Avicen — uma oligarquia encabeçada por um Conselho de Anciãos que incluía seis dos membros mais velhos da comunidade, entre os quais a Ala. Ainda havia alguns, como o que a Ala tirou da prateleira, que falavam sobre mitologia esotérica. Com pouco mais de sete centímetros de espessura, o volume com encadernação de couro foi escrito em uma variação tão arcaica de avicet que poucos eram capazes de ler.

— Espera um pouco. Se um Avicen fez este mapa, por que o verso está em inglês? — Echo perguntou.

— Como a maioria dos jovens, inglês era sua primeira língua — a Ala respondeu. — Avicet raramente é falado hoje em dia.

— Jovem? — Echo deu mais uma olhada na data. — Isto aqui tem cem anos.

— Juventude é um conceito relativo. — A Ala voltou a sentar, folheando as páginas desgastadas do livro. — Aqui. — Seus dedos pararam sobre uma ilustração. Ela inclinou a publicação para Echo. A garota não conseguiu entender as palavras em avicet arcaico, mas a imagem chamou sua atenção. Um pássaro delineado em tinta vermelha pairava sobre a página, como se congelado durante o voo, com as asas douradas abertas, penas se transformando em chamas nas pontas. Ramos de fumaça preta agarravam os pés do pássaro enquanto ele ascendia sobre uma pilha de cinzas, com o bico aberto em um gorjeio silencioso.

— Este é o pássaro de fogo — a Ala apresentou. Ela apontou para as palavras escritas sob a ilustração e traduziu: — “Quando o preço for pago, os dignos saberão meu nome. Quando o relógio marcar meia-noite, o fim chegará.”

— O fim? — Echo franziu a testa, alternando o olhar entre a Ala e o livro. — Isso está começando a ficar sinistro. Não sei se consigo lidar com coisas assustadoras de estômago vazio.

A Ala se aproximou de Echo, séria e melancólica.

— De acordo com as nossas profecias, o pássaro de fogo acabará com esta guerra contra os Drakharin, mas a natureza do fim depende de quem o controlar. — Batendo nas botas de Echo, a Ala acrescentou: — E tire os pés da minha mesa.

— Espera — Echo disse, colocando os pés no chão. — Volte um pouco. Explique como um pássaro pode acabar com uma guerra.

— O pássaro de fogo não é bem um pássaro.

— Não, é claro que não, isso é óbvio demais — Echo murmurou, mordendo o biscoito recheado. — Então o que ele é?

As penas do braço da Ala desalinham, frustradas.

— Não sabemos. Não exatamente. Alguns dizem que, na verdade, é uma única pena dourada capaz de conceder desejos. Outros

alegam que é o nome de uma criatura extinta há muito tempo. Existe até um grupo de estudiosos que acredita que é um pássaro que pode cuspir fogo.

Echo franziu uma sobrancelha.

— Tipo um dragão?

Os olhos da Ala brilharam de orgulho.

— Garota esperta. A mitologia dos Avicen e dos Drakharin se sobrepõe de vez em quando. O que sabemos é que, independente de sua forma, o pássaro de fogo não é bom nem ruim. Pode ser utilizado para conquistar coisas grandiosas. Contudo, sua grandiosidade nem sempre é boa.

— Certo, certo. — Echo ficou mordiscando o recheio que escorria pelas laterais do biscoito. — Um anel para a todos governar, já entendi. Mas ainda não sei bem por que os Avicen e os Drakharin estão em guerra há tanto tempo. O.k., eles se odeiam, mas, tipo... por quê?

A Ala recostou na cadeira, passando a mão pelas penas longas e macias de sua cabeça.

— Os Drakharin culpam os Avicen pelo desaparecimento de seus poderes no decorrer dos anos. Uma acusação ilegítima, claro. Como se uma coisa assim fosse possível! Mas o desespero faz as pessoas acreditarem em coisas malucas. A magia flui por este mundo como um oceano invisível. Ela vai e vem, como as marés. Quando os Drakharin sentiram que aquela maré estava recuando, quiseram culpar alguém. O ressentimento fervilha entre os povos por pequenos descontentamentos há milênios, de modo que os Avicen se tornaram um alvo conveniente. Duvido que tenha sido assim tão calculado, mas aquela ideia cresceu até mais ninguém questionar sua validade. Agora a briga alimenta mais brigas, e o ódio dá origem a mais ódio. Quase não tem mais importância o porquê da guerra ter começado. Brigamos há tanto tempo que receio que tenhamos esquecido como fazer qualquer outra coisa. Mas sei, em minha alma, que a maré está mudando. O pássaro de fogo não é uma simples lenda contada aos pequenos Avicen antes de dormir. Ele está se elevando. Posso senti-lo como o movimento de uma onda no horizonte.

— Você explorou bem essa metáfora do mar. Estou impressionada  
— Echo disse.

A Ala suspirou.

— Tudo é uma piada para você?

— Só as coisas que importam. — Echo deu de ombros. — Então, digamos que o tal pássaro de fogo seja real. O que nós vamos fazer a respeito?

— *Nós* não vamos fazer nada. — A Ala sacudiu a cabeça, observando ao redor. Seu olhar foi parar no aparador de noqueira escura cheio de velas de todos os tamanhos e formatos, criando chamas que, combinadas, emitiam a luz de uma fogueira vibrante. — Guarde essa informação para você por enquanto. Não quero que o general descubra que eu a consegui.

— Altair? — Echo perguntou. — O que ele tem a ver com isso?

A Ala cerrou os lábios e bufou frustrada.

— Digamos apenas que Altair está interessado no pássaro de fogo há algum tempo. Ele é o que poderíamos chamar de devoto, e procurar o pássaro de fogo tem sido a prioridade dele há mais de um século. Uma vez, ele conseguiu influenciar até mesmo os mais céticos do Conselho de Anciãos. Há mais ou menos cem anos votaram que a caçada era digna de uma operação militar.

— Sério? — Echo indagou. — Não consigo imaginar que os conselheiros responsáveis por coisas como distribuição de alimentos e disposição de moradia sejam adeptos de peripécias militares.

A expressão da Ala endureceu.

— Cinco dos seis conselheiros votaram pelo envio de uma agente secreta cuja única missão seria encontrar o pássaro de fogo. Só eu fui contra.

— Por quê? — Echo perguntou. — Encontrar o pássaro de fogo não seria uma coisa boa?

— Encontrá-lo não era o problema — a Ala disse. — Eu não acreditava, e não acredito ainda, que Altair seja a melhor pessoa para controlá-lo. O governo Avicen é dirigido pelo Conselho, mas ele é capaz de ser persuasivo quando quer. Temo que o pássaro de fogo se transforme em uma arma nas mãos de Altair. Espero que um dia esse conflito seja resolvido, mas prefiro buscar a paz, e não mais

mortes. — Ela apontou para o mapa. — As anotações naquele mapa foram feitas por aquela agente. — Ela fez uma pausa. A tristeza passou por seu rosto por uma fração de segundos antes que ela se contivesse. Echo quis perguntar o que havia de errado, mas o momento passou e a Ala continuou: — O último comunicado que recebemos dela foi enviado de um esconderijo em Kyoto, controlado pelos Avicen até os Drakharin conquistarem o território na década de 1920. Depois que a agente desapareceu, perdemos a trilha do pássaro de fogo, e logo depois o conselho deixou de ter interesse na busca de Altair. Desde então, ele enviou espiões a Kyoto uma ou duas vezes, mas os Drakharin fortaleceram os bloqueios em seu território, de forma que é praticamente impossível um Avicen conseguir entrar sem ser detectado.

Echo assentiu. A Ala sempre fora franca com ela, mas nunca havia compartilhado tanta informação sobre os trabalhos internos do governo Avicen.

— Certo, minha boca está fechada, mas, se Altair perguntar sobre isso, você não pode simplesmente dizer para ele cuidar da própria vida?

A Ala suspirou.

— Infelizmente, querida, não é assim que funciona um governo por conselho. Altair e eu somos membros do conselho e, dessa forma, nossa palavra tem o mesmo peso.

— Sim, mas a palavra de algumas pessoas devia ter um peso menor se elas forem idiotas — Echo disse.

A Ala expressou reprovação, mas não conseguiu conter um pequeno sorriso. Sua velha antipatia pelo general era um segredo muito mal guardado.

— Ah, se ao menos fôssemos uma ditadura como os Drakharin...

— Bem, acho que você seria uma ditadora bondosa — Echo disse. — Pelo menos por alguns anos. Antes do seu Stálin interior se manifestar. — Ela deu a última mordida no biscoito. — O poder corrompe.

— Aprecio o voto de confiança — disse a Ala. — No momento, porém, apreciaria mais um pouco de silêncio enquanto penso em

como proceder. Esta mensagem foi deixada para trás, sem ser enviada a Altair, por algum motivo.

— Você acha que o pássaro de fogo está em Kyoto? — Echo perguntou.

A Ala fez que não com a cabeça.

— Não; se estivesse, Altair o teria encontrado há anos. — Ela soltou um suspiro cansado e fez um sinal na direção da porta. — Preciso de tempo para pensar. Pode ir embora.

— Por mim, tudo bem. — Echo levantou do divã. — Tenho um saco de doces roubados que precisam ser comidos. — Ela jogou a mochila nas costas e seguiu para a porta. Com uma mão na maçaneta, virou e observou a Ala, inclinada sobre o mapa. Havia tanta coisa que queria perguntar, mas nunca vira tanta tristeza no rosto dela antes. Não parecia certo ficar bisbilhotando.

— Ei, Ala!

A Ala respondeu com um ruído, sem tirar os olhos do mapa.

Echo tamborilou os dedos sobre a maçaneta. *Um é tristeza, dois é prazer.*

— Essa pessoa que foi enviada para encontrar o pássaro de fogo... Você a conhecia?

A Ala desviou o olhar do mapa, piscando para Echo como se ela estivesse surgindo do fundo de uma piscina. Quando falou, sua voz estava distante, carregada do peso da tristeza.

— Eu achava que sim — disse. — Mas às vezes me pergunto se é possível conhecer alguém de verdade.

## CINCO



ECHO NÃO TINHA DADO SEQUER DOIS PASSOS além da porta da Ala quando foi cercada por um bando de crianças. Elas podiam muito bem ter sido criadas por lobos, considerando a supervisão que recebiam dos Avicen mais velhos. Como bebês frenéticos, penduravam-se às pernas de Echo, gritando por atenção. A penugem que formava tufo em seus braços e em suas cabeças era de todas as cores. Tons de safira dos azulões, de vermelho vivo dos cardeais, e até mesmo do suave cor-de-rosa do flamingo. Cada uma das crianças competia com as outras para ser ouvida.

— Echo! Echo!

— O que você trouxe pra gente?

— Tem doce? Você disse que traria doce, mas da última vez não trouxe doce...

— Echo, Flint me empurrou, depois eu puxei as penas dele, mas ele...

— Chega, chega! — Echo gritou em meio a uma gargalhada. — Sim, trouxe doce para vocês. — A pequena multidão vibrou. — Flint, você não devia empurrar as pessoas. Se está a fim da Daisy, vai ter mais chance se apenas disser com educação. — Um pequeno Avicen de penas vermelhas resmungou em protesto. — E Daisy, boa menina! Se alguém te bater, você faz como eu te ensinei e bate de volta!

Echo tirou da mochila um saco de papel cheio de balas coloridas.

— Aqui estão, seus diabinhos. — Ela jogou o saco no meio do grupo de pequenos Avicen. — Comam tudo de uma vez. Passem mal. Isso vai ensinar os perigos da gulodice, pequenas feras.

Uma risada baixa veio de uma das passagens arcadas que levava mais ao centro do Ninho. Echo sorriu ao ver uma Avicen familiar com penas brancas e olhos totalmente pretos como os de um pombo.

— Saudações, minha irmã postiça — Echo disse, fazendo uma reverência exagerada.

— Saudações, Echo, rainha dos órfãos. — Ivy fez uma reverência.

Elas eram melhores amigas desde o dia em que Echo chegou ao Ninho, ainda criança, e desenvolveram laços que apenas duas meninas de sete anos poderiam criar. Ivy acenou para Daisy, que afastou Flint tempo suficiente para acenar de volta, sorrindo e mostrando os dentes com um pedaço de bala cor-de-rosa grudado. — Você é como Oliver Twist para essas crianças.

Echo saiu do meio dos pequenos, que haviam perdido o interesse nela assim que entregou os doces. Saltitou na direção de Ivy, pegando seu braço.

— Sempre me vi mais como o Raposa Esperta. — Echo puxou Ivy pelo corredor de pedras que as levaria para o centro do Ninho. O lugar tinha mais ou menos o formato de uma roda de carroça: todas as vias levavam ao centro. Lá existia uma passagem gigantesca que funcionava como ponto de acesso primário dos Avicen ao entremeio e ao mundo do outro lado. — Você é Oliver Twist.

— Como quiser, Raposa Esperta. — Ivy riu. — Imagino que tenha roubado esses doces.

— Eu os libertei. — Echo vasculhou a bolsa mais uma vez, pegando um bolo de mel cuidadosamente embalado. — Também libertei isto. — Ela entregou o bolo a Ivy, cujos dedos eficientes trataram de tirar depressa a embalagem de papel cor-de-rosa antes que ela desse uma mordida assustadoramente grande.

Com a boca cheia de bolo, Ivy disse:

— Por favor, senhor, posso comer mais?

— Eca. — Echo franziu o nariz. Alguém tinha que manter o ar de civilidade. — Parece que você foi criada com baixíssima supervisão de adultos.

— Andou lendo seus livros grandes e sofisticados com palavras grandes e sofisticadas de novo? — Ivy engoliu o bolo de uma só vez.

Era como se nem tivesse se dado ao trabalho de mastigar. — E, sim, foi exatamente assim que fui criada, na verdade.

Echo não havia sido a primeira criança perdida que a Ala acolhera, e suspeitava que não seria a última. A guerra tinha o dom de deixar muitos órfãos. Como Daisy. Como Flint. Como Ivy.

As amigas caminhavam pelo corredor calorosamente iluminado, e Echo acenava para alguns Avicen que reconhecia enquanto passavam. Havia Tulip, de penas verdes, que ganhava a vida vendendo miudezas, como botões e jogos de chá que não combinavam. Havia uma Avicen mais velha chamada Willow, que se enrolava em lenços muito coloridos e cantava em troca de dinheiro no metrô. Fennel, de olhos azuis, era obcecado em colecionar canudinhos roxos.

— Estou com vontade de comemorar — Echo disse.

— Os roubos estão indo bem? — Ivy perguntou.

— *Bem* talvez seja um exagero. Tive uns problemas com um feiticeiro e uns policiais e só consegui escapar por um triz.

Ivy franziu a testa, preocupada.

— Echo...

A humana pegou Ivy pela mão e a girou. Exatamente como Fred Astaire havia girado Ginger Rogers. O conhecimento de dança de Echo fora praticamente todo adquirido através dos filmes antigos da coleção da biblioteca.

— Relaxa, Ivy. Não precisa botar um ovo por preocupação.

Ivy rodopiou para longe de Echo, movimentando-se no ritmo de uma música que apenas ela parecia escutar.

— Não teve graça nas primeiras quinhentas vezes.

— Teve sim — Echo disse. — De qualquer forma, consegui o bagulho e consegui chegar inteira, e acho que está na hora das bebidas da vitória.

Ivy riu.

— Rá. Bagulho.

— Você é uma vergonha.

— Não ligo — Ivy disse, girando e parando meio cambaleante na frente de Echo.

Elas haviam chegado à passagem, uma maravilha arquitetônica que sempre fazia Echo perder o fôlego. Dois cisnes negros delicados, feitos de ferro, esticavam o pescoço, unindo os bicos no alto e formando um arco. Em suas costas, duas braseiras abrigavam chamas que queimavam sem parar. Echo e Ivy entraram na fila. Dois Avicen estavam na frente delas: um tão largo quanto alto, o que não era muito, e uma suntuosa mulher mais velha com penas na cabeça em um adorável tom de rosa antigo.

— Estava falando alguma coisa sobre bebida da vitória? — Ivy deu um passo à frente quando a mulher Avicen jogou seu punhado de pó de sombra em um reservatório de ferro. O ar entre o pescoço dos cisnes cintilou quando ela atravessou o arco, antes de uma nuvem de fumaça preta surgir. Quando a nuvem se dispersou, a Avicen não estava mais lá. — Ouvi dizer que Londres é uma delícia nesta época do ano.

Echo sentiu o peso da bolsinha de pó de sombra em seu bolso. Era o suficiente para fazer a viagem.

— Maison Bertaux?

— Maison Bertaux — Ivy concordou.

## SEIS



A MAISON BERTAUX FICAVA EM UMA RUA SECUNDÁRIA E ESTREITA NO Soho, entre um restaurante indiano e um tradicional pub inglês, um belo microcosmo da Londres moderna. A vitrine, decorada com bandeiras do Reino Unido que se agitavam animadas, estava cheia de doces de todos os tipos: delicadas esculturas de marzipã, profiteroles com um montão de creme, bolos de chocolate irresistivelmente deliciosos, tortas de frutas tão doces que explodiam na boca.

Ivy examinou a incrível seleção de sobremesas por precisos três segundos e meio antes de fazer o pedido, embora sempre pedisse a mesma coisa: um bule de chá de hortelã e uma bomba de chocolate. Mas ela sempre demorava diante da vitrine, calculando os benefícios de cada um dos doces que a Maison Bertaux ostentava, o que era adorável, embora um pouco irritante. Echo pediu um profiterole para acompanhar seu bule de chá. Com os doces em mãos, elas foram para o segundo andar, que felizmente estava vazio. Sentaram em sua mesa preferida, que ficava no canto mais afastado, perto da janela que dava para a rua, e tinha um tabuleiro de xadrez pintado à mão na superfície.

Ivy envolveu a xícara de chá fumegante com as mãos enluvadas, inalando o aroma doce que exalava dela. Echo sabia que os olhos de Ivy deviam estar fechados de prazer por trás dos óculos escuros que ela usava para esconder os olhos inumanos. Ela havia colocado várias colheres de açúcar no chá — Echo parou de contar depois da quarta —, a ponto de a amiga humana se perguntar se, de fato, restava algo além de açúcar naquela xícara. Como Ivy conseguia engolir aquilo junto com a enorme bomba de chocolate que havia

pedido, Echo nunca saberia. Seu chá Earl Grey felizmente estava desprovido de interferências açucaradas. Ela colocou apenas um pingo de leite na xícara, mexendo as nuvens brancas até o chá ficar com um tom arenoso. *Perfeito.*

— Ops — Ivy disse, tomando um pequeno gole de sua água com açúcar. Ela apontou com o queixo para alguma coisa atrás de Echo. — Olha quem está chegando.

Antes que Echo pudesse se virar, duas mãos taparam seus olhos com cuidado. A voz que as acompanhava combinava perfeitamente com elas: carinhosa, firme, de dar frio na barriga.

— Adivinha quem é? — a voz perguntou no ouvido dela, baixa, deliciosa e próxima demais. Um beijo leve como uma pena foi dado em seu rosto.

— Hum... — Echo refletiu. — É o Abraham Lincoln?

A risada suave dele fez o corpo de Echo estremecer, da ponta do dedo dos pés até a raiz dos cabelos. A facilidade que ele tinha para fazer as entranhas de Echo tombarem como dominós era torturante, mesmo depois de dois meses de namoro. *Ele nunca poderia saber.* Eles se conheciam desde os sete anos, assim como ela e Ivy. O relacionamento dos dois era novo, mas, de vez em quando, o peso da amizade passava por cima, fazendo-o agir mais como *amigo* do que como *namorado*, zombando dela por causa daquele frio na barriga, mesmo adorando quando aquilo acontecia.

— Não — ele respondeu.

Echo não precisava ver o rosto de Ivy para saber que ela estava com a mais clara expressão de tédio e desprezo que poderia demonstrar.

— É o Homem-Aranha?

As mãos desapareceram e Echo piscou até se acostumar com a luz forte do sol da tarde. Ivy estava fazendo drama, esparramada sobre a mesa com a cabeça abaixada, fingindo que ia vomitar.

— Não — respondeu o dono da voz, sentando ao lado dela. — Apenas Rowan, o amigão da vizinhança. Mas acho que ficaria bem com um macacão de lycra. — Ele reclinou sobre o banco, esticando e cruzando as longas pernas, apoiando os cotovelos sobre a mesa atrás dele.

O brilho dourado de seu bronzeado era perfeito para o sol de fim de tarde. Echo sempre achou uma pena que ele tivesse que esconder seu corpo sob tantas camadas de roupa. Londres podia ser uma cidade liberal, mas as penas fulvas de Rowan causariam certo tumulto até mesmo no Soho. A plumagem curta e suave que ele tinha no lugar dos cabelos estava escondida sob um gorro cinza escuro, e um par de luvas de lã sem dedos escondia os leves indícios de penas sobre os ossos de suas mãos. A jaqueta estava fechada até o pescoço, deixando apenas um triângulo de pele dourada perto da garganta exposta. Echo foi direto àquele ponto como um falcão. Seus olhos castanhos — humanos como os dela, graças a certa mistura genética em sua família — brilhavam, então ela percebeu que ele havia notado. Echo não sabia ao certo quando havia deixado de achá-lo bobo e passado a ter uma queda por ele tão forte que seria capaz de destruir cidades inteiras. Porém as coisas haviam dado certo já que, por sorte, ele também desenvolvera uma queda destruidora de cidades por ela. As últimas oito semanas haviam sido as mais felizes da vida dela, embora a dinâmica do trio — antes inseparável como unha e carne — tivesse mudado um pouco. Tensões entre Ivy e Rowan haviam se desenvolvido, e Echo sabia que o culpado disso era seu relacionamento com o rapaz.

Ivy fingiu que ia virar a mesa.

— Oi, Rowan. Ah, olá, Ivy, que bom te ver. Sente-se. Você não se importa? Ah, por que não pego um pedaço da sua bomba de chocolate caríssima? — ela fingia um diálogo, descrevendo exatamente o que Rowan fazia.

Ele sorriu enquanto dava uma mordida na bomba, e Echo xingou a si mesma mentalmente por notar que o lábio inferior dele ficou sujo de creme. Ela se xingou mais uma vez por notar que ele passou a língua sobre o lábio por causa disso. Se seus hormônios tivessem cara, levariam um tapa.

— O que traz o recruta mais promissor do exército Avicen a este agradável estabelecimento? — Echo perguntou. A emplumação nada modesta de Rowan não enganava ninguém, mas ela gostava de qualquer forma.

— Passei na casa da Ala para te ver. — Ele sorriu para Echo com dentes brancos e charme fácil. Sua mão avançou sobre a mesa e segurou a dela. Sentir a pele dele junto à dela era eletrizante; Echo se perguntava se a sensação de novidade desapareceria algum dia. — E ela disse que eu poderia te encontrar aqui. O treinamento dos Falcões de Guerra foi suspenso hoje. — Ele soltou a mão da namorada e tomou um gole de chá para ajudar a descer a bomba de chocolate. Ela nunca saberia como ele conseguia roubar comida de modo tão adorável. — Uns caras estavam falando sobre uma equipe de reconhecimento que desapareceu há alguns dias, e Altair anda ocupado com isso. Até que é bom ter uma folga.

Seus dedos eram longos e elegantes, e envolviam a xícara como se fosse feita da porcelana mais fina do mundo. Echo tirou das mãos dele para voltar a enchê-la.

— Achei que Altair nem soubesse o que é folga — ela comentou.

Rowan deu de ombros, estendendo o braço para pegar a bomba de chocolate de Ivy mais uma vez. Ela cutucou a mão dele com o garfo, fazendo uma careta que não combinava muito com seus traços delicados.

— Ele é rigoroso, mas justo — Rowan disse, massageando o dorso da mão. Tentou encarar Ivy com olhos de cachorrinho, mas ela era imune. Sempre tinha sido, ao contrário de Echo, mesmo quando eram pequenos e Rowan tinha o hábito de roubar seus adesivos perfumados. Eram roubos bem menos charmosos na época.

— Ai, me poupe... — Ivy murmurou. — Vejo que a lavagem cerebral que eles fazem já começou a te atingir. E você está no exército há... o quê? Duas semanas? Você acabou de completar dezoito anos e já caiu na conversa.

Echo enterrou o rosto nas mãos.

— Por favor, não comecem com isso de novo. Adoraria passar uma tarde sem ter que lembrar que estamos em guerra. Mesmo sendo uma guerra fria, ou seja lá o que for. Apenas uma tarde. Só uma. — Ela apontou para o salão apertado, com as paredes com desenhos inspirados em Basquiat e relevos feitos com linha e tachinhas, e cravos de cores vivas em cada mesa. — Gostaria, só uma vez na vida, de poder apreciar minha bebida da vitória com minha melhor

amiga e meu namorado... — ela balançou a xícara de chá, derramando um pouco — ... em paz. — Chamá-lo de namorado em voz alta, com outras pessoas ouvindo, ainda parecia real demais. A palavra nunca escapava da boca dela sem um risinho, e Echo não dava risinhos. Ela ria. Ela gargalhava. Às vezes até cacarejava. Mas risinhos? Minha nossa, isso não. Ela acrescentou: — Toda essa falação está acabando com o meu apetite.

— Como se isso fosse possível! — Ivy exclamou.

— Ei! — Echo protestou, pegando uma boa quantidade de creme do prato dela. — Se você já passou fome alguma vez na vida, nunca mais recusa comida.

A mão que Rowan havia apoiado sobre o joelho de Echo estava quente, mesmo por cima da calça jeans, e os olhos dele ficaram daquele tom cinza esverdeado suave que ela amava. Ele arqueou um pouco a sobrancelha esquerda, seu modo de perguntar em silêncio: “Você está bem?”. Echo sorriu em resposta, fazendo-o saber que sim. No dia em que a Ala os havia apresentado, muitos anos antes, ele estava comendo um bolinho e uma quantidade significativa de cobertura cobria seu rosto. Quando percebeu que ela estava olhando para o bolo que esfarelava na mão dele, Rowan ofereceu-lhe a metade que restava sem hesitar. *Comida era a base sobre a qual as melhores amigas se construíam*, pensou Echo. Rowan deu um único e rápido apertão no joelho dela e apoiou os cotovelos sobre a mesa, voltando-se para Ivy novamente.

— Olha, Ivy, não são todos que podem se dar ao luxo de ser aprendiz de curandeira — ele disse. — Se eu tiver que receber ordens de alguém, prefiro que seja de Altair. Ele não é má pessoa, apesar do que vocês, hippies-que-abraçam-árvores, pensam.

— Hippies-que-abraçam-árvores? — Echo perguntou, secando algumas gotas de chá na mesa. — Os hippies alguma vez abraçaram árvores?

Ivy abriu a boca, decerto para dizer algo desagradável a Rowan. Echo chutou a amiga por debaixo da mesa, enterrando a ponta da bota na canela dela. Os óculos de sol de Ivy não serviram nem um pouco para suavizar a força de seu olhar, mas não tinha problema. Echo podia lidar com uma cara feia, contanto que fosse silenciosa.

Rowan suspirou, erguendo as mãos como se fingisse se render.

— Não vim aqui pra brigar, Ivy.

— Desculpas aceitas — Ivy respondeu. Arrogância não lhe caía bem, então Echo lhe deu mais um chute na canela.

O restante da bomba de Ivy desapareceu do prato antes que ela tivesse tempo de reagir. O sorriso cheio de energia de Rowan era capaz de iluminar toda uma nação.

— E também não vim aqui para me desculpar.

Echo o cutucou gentilmente com o cotovelo, gesticulando avidamente na direção da bomba de chocolate. Rowan a partiu ao meio, oferecendo-lhe a metade ligeiramente maior. Ela aceitou com um sorriso, certa de que o sabor era mais doce por ter vindo das mãos dele. Ivy olhava como se estivesse prestes a engasgar com tamanha traição.

— Então diga, por favor: por que veio aqui? — Echo perguntou, ignorando o olhar afiado de Ivy.

— Como eu disse, para te ver — Rowan respondeu, apressando-se para dar um beijo rápido nos lábios de Echo. Ele levantou e se espreguiçou. A camisa subiu, expondo um pouco da pele entre a jaqueta e o jeans. Devia ter sido de propósito, mas Echo estava estranhamente em paz com aquilo. Rowan sorriu e completou: — E para dizer que a Ala estava te procurando. Ela disse que precisa de você para alguma coisa.

Ele tirou uma carteira de couro gasto do bolso e jogou uma nota de cinco dólares sobre a mesa. Não era a quantia certa e sequer a moeda do país, mas Echo apreciou o gesto da mesma forma.

— Você vai voltar? — ele perguntou a Echo. — Se for, vou com você.

Ivy fez que não atrás de Rowan. Echo a ignorou deliberadamente.

— Vou — Echo disse. — Você não tinha que fazer aquela coisa, Ivy?

— Que coisa? — Ivy perguntou, perplexa, franzindo o nariz.

*Melhores amigas deviam ser capazes de ler mentes melhor*, Echo pensou. Ela só queria passar um tempo sozinha com Rowan, mas Ivy tinha que receber a mensagem telepática antes.

— Aquela coisa que você me disse que tinha que fazer. Você sabe... aquela *coisa*.

Com um leve suspiro, Ivy concordou.

— Ah, certo — ela disse. — Aquela *coisa* que tenho que fazer. Aquilo é... em outro lugar.

Echo sorriu para Ivy com gratidão. Estava devendo a ela, mas a balança da amizade ficaria equilibrada mais cedo ou mais tarde. Ela acrescentou seu dinheiro à pilha sobre a mesa, o suficiente para pagar a bomba de chocolate e o chá roubados de Ivy.

— Então, vou esperar lá fora — Rowan disse, e saiu, dando uma piscadinha e um aceno para Ivy.

Echo observou o jeans dele agarrado ao corpo nos lugares certos. Ivy sorveu o resto do chá com o máximo de barulho que foi capaz de fazer e disse:

— Sinceramente, Echo, ele ainda é aquele pirralho que roubava todos os bolinhos da Ala. Não sei o que você vê nele.

*Calipígio*, Echo pensou, vendo Rowan sair. *Tem uma bunda bonita*. Ela aproveitou para apreciar a vista antes de dizer:

— Sinceramente, Ivy, não sei o que você *não* vê.

## SETE



CAIUS ESTAVA EM UMA CAMA, MAS NÃO NA DELE. Descansava a cabeça sobre um travesseiro macio, suave e perfumado, e não sobre a escrivaninha de mogno sobre a qual tinha a vaga lembrança de ter adormecido. O grito das gaivotas do lado de fora e o calor do sol em seu rosto eram os sinais que bastavam para descobrir que estava sonhando. O céu sobre a Fortaleza do Dragão era sempre nublado, e não avistavam pássaros sobre a extremidade norte da Escócia havia anos. Os poucos que conseguiam passar pelos bloqueios — que também impediam que os humanos vissem o local — eram derrubados por arqueiros Drakharin. Nunca se sabia que forma um espião Avicen assumiria.

Os lençóis ao lado de Caius ainda continham o calor do corpo que havia repousado junto ao seu. Esticando a mão sobre o linho macio, Caius se virou, pressionando o rosto no travesseiro ao lado. Um traço muito leve do perfume dela permanecia ali. Ela riu quando ele enterrou o nariz nas penas de sua cabeça e lhe disse que tinham cheiro de pera. Era uma coisa estranha, ele disse, ter cheiro de pera e se chamar Rose.

— Odeio pera — ela respondeu sorrindo, e aquilo era tudo o que Caius queria.

Ele estava aquecido. Estava feliz. O sol brilhava e os pássaros cantavam, e eles estavam a salvo. Caius não precisava de mais provas para saber que nada daquilo era real.

Ele abriu os olhos, contorcendo-se diante da violência da forte luz da manhã. Ele não podia vê-la, mas sabia que Rose estava lá, sentada perto da janela. Uma brisa suave fez as penas pretas e

brancas de sua cabeça farfalharem. Ela estava cantando baixinho, justamente para não acordá-lo, e o fez dar um sorriso sonolento. Ele cantarolava junto, quase totalmente fora do tom. Rose se virou para ele, com um sorriso pequeno e discreto no canto dos lábios. O momento foi lindo, como ela, e tranquilo como águas calmas.

Naturalmente, aquilo foi quando o mundo irrompeu em chamas.

*Esse pássaro de fogo vai ser mais uma de suas bagunças que terei que arrumar.*

Era como Tanith limpava as coisas. Com fogo e sangue e morte.

— Caius!

Caius saiu cambaleante da cama e esticou o braço na direção de Rose, mas hesitou diante do vidro que havia se estilhaçado quando vento e labaredas atravessaram as janelas, enchendo o chão de cacos. Pontas afiadas entraram em sua pele, mas ele quase nem percebeu a dor. Como poderia notar qualquer coisa quando ela estava gritando, queimando, morrendo? Ele tentou agarrá-la, mas ela estava fora de seu alcance. As cortinas estavam em chamas, e não dava mais para vê-la. Caius gritou seu nome, mas não conseguiu alcançá-la. O quarto estava sendo consumido pelo fogo, e Rose estava morrendo.

— Caius!

Uma mão o apertou forte e o arrancou do pesadelo. Caius ergueu a cabeça. O capitão de sua guarda ajoelhou-se perto da cadeira, apertando o ombro do príncipe como um tornilho de ferro.

— Dorian — Caius disse, esfregando o rosto, livrando-se do sonho. Uma franja prateada tocava a parte superior do tapa-olho de Dorian. Seu único olho bom era azul-claro como o mar do Caribe com o azul-marinho como um oceano iluminado por estrelas. Pontos verde-azulados dançavam em sua íris se ele ficasse exposto a certa luz. Era uma pena o que havia acontecido com o outro olho, além da perda da noção de profundidade. Embora o tapa-olho fosse alinhavado em um tom de safira que complementava os azuis e prateados de sua túnica, a perfeição de seu rosto fora desfigurada pelo ferimento que sofreu durante a última batalha formal entre os Avicen e os Drakharin muito tempo antes. Os lábios de Dorian se retorceram para cima em um sorriso torto, repuxando as cicatrizes pálidas de

seu rosto. O sorriso não chegava ao olho, mas Caius captou o que podia.

Ele precisava de um momento para se orientar. Não havia cabana à beira-mar. Não havia cortinas em chamas nem fantasmas gritando. Ele estava sentado à mesa de mogno de sua biblioteca, onde havia caído no sono, cercado por estantes lotadas de livros que colecionara durante séculos. Atlas com encadernação em couro se amontoavam com rolos de pergaminho amarelado. Volumes finos de feitiços ficavam sobre guias grossos de todos os assuntos — de alquimia medieval a cosmologia moderna. O cômodo estava silencioso, exceto pelo crepitar do fogo na lareira de pedra detalhadamente esculpida. Dragões com grandes presas dançavam ao redor das chamas, junto com salamandras que soltavam nuvens de fumaça, serpentes se arrastando por uma praia, e elfos nadando sob águas frias. Se Caius apertasse os olhos, a ondulação das chamas fazia o entalhe parecer em movimento.

— Caius.

Era a voz de Dorian, mas havia um eco do grito de Rose oculto por trás dela. Caius fechou os olhos e se concentrou na respiração. Inspira, expira. Inspira, expira. Estava tudo em sua cabeça. Dorian estava falando. Apenas Dorian.

— Você está bem?

Caius assentiu.

— Sim — disse com a voz falha. O sonho aderiu à sua pele como uma película. O fogo ardia na lareira, e o cheiro de madeira queimada era uma tortura especial. — Sim, estou bem.

Ele não estava bem.

— Você não parece bem — Dorian disse.

Eram amigos fazia muito tempo. Caius não o havia escutado entrar na biblioteca. Nem havia escutado a porta se fechar, e sabia muito bem que as dobradiças estavam irremediavelmente enferrujadas.

— Você me chamou — Dorian disse, franzindo a testa. — Lembra? Não está ficando senil depois de velho, está?

— Temos quase a mesma idade, Dorian.

Difícilmente os Drakharin considerariam velho alguém com duzentos e cinquenta anos, mas Dorian era três meses mais novo e

nunca deixava Caius se esquecer disso. Parecia apropriado que o mais jovem príncipe da história dos Drakharin tivesse o mais jovem capitão da guarda, então Caius organizou tudo para que a indicação de Dorian fosse sua primeira ordem.

Caius se espreguiçou, estalando a coluna. Quando inclinava a cabeça para trás, podia ver o teto pintado da biblioteca. Representava a história de alguma batalha esquecida, com cores tão desbotadas como a lembrança dos heróis que lutaram nela. Faixas claras laranja e douradas atravessavam o teto enquanto um dragão de escamas verdes soltava fogo sobre um bando de pássaros. Caius desviou o olhar. O pesadelo se agarrou a ele com rastros teimosos de fumaça e com o sussurro de um grito sobre o ar queimado.

Ele não sonhava com Rose havia anos. Se tinha aprendido alguma coisa em seu tempo como príncipe era compartimentar. Um século antes, quando fora eleito, era jovem e estúpido, um príncipe tolo saindo da adolescência. Mas agora sabia das coisas. A lembrança de Rose se recusava a apagar, mas Caius a havia trancado no lugar mais isolado possível. Ou achava que havia. Obviamente, Rose era tão boa em arrombamentos depois da morte quanto havia sido em vida.

— Caius? — Dorian perguntou, com a voz abafada no silêncio da biblioteca. — Você está mesmo bem?

O príncipe evitou o olhar preocupado do amigo, preferindo vasculhar o caos de sua mesa em busca do mapa que havia arrancado de um de seus atlas contemporâneos antes de pegar no sono.

— Aqui está — ele disse, segurando a página diante de Dorian. — Veja.

— Ah, um mapa. — Dorian pegou o papel com mãos hesitantes e um olhar curioso. — Sim, já ouvi falar nisso.

— Não faça piada. Você não é bom nisso. — Caius pegou o mapa de volta. — É ao que o mapa leva que importa e, por extensão, importa para você. Porque é você quem vai encontrá-lo.

— Então diga, por favor: o que é que vou encontrar?

— O pássaro de fogo. — Caius fez uma pausa. — Ou pelo menos uma pista que possa nos dizer onde ele está escondido.

Dorian ergueu as sobrancelhas ao máximo.

— Desculpe, achei que tivesse escutado “pássaro de fogo”, mas não pode ser. Isso seria loucura.

Caius deixou seu olhar furioso falar.

— Certo — Dorian disse, tirando o mapa das mãos de Caius. — E você quer que eu o encontre... Mas por que eu? Não é Tanith que costuma fazer esse tipo de tarefa para você?

— Porque confio em você. — Era a única resposta que Caius tinha e a única de que Dorian precisava.

O capitão da guarda ficou em silêncio por alguns instantes, analisando o mapa.

— Tem certeza? — ele perguntou, voltando a encarar Caius.

— Absoluta. Gostaria de ver essa guerra acabar antes de morrer, e, se o pássaro de fogo é a forma de fazer isso, vou encontrá-lo. Todos nós já tivemos perdas demais.

Dorian ergueu a mão quase até o tapa-olho e a abaixou novamente.

— Os Avicen acreditam que o pássaro de fogo vai acabar com a guerra a favor deles. Não podem estar certos? — A palavra “Avicen” arranhou a garganta de Dorian como se ele estivesse exorcizando um demônio.

— Quem controla o pássaro de fogo decide como ele será usado — Caius explicou. — O fato de aqueles dois espiões Avicen terem sido enviados para procurá-lo me preocupa. Acho que eles podem estar tramando alguma coisa, mas, se encontrarmos o pássaro de fogo primeiro, vamos ter o controle. Podemos acabar com esta guerra em nossos termos.

— Se eu puder ter a ousadia de perguntar, quais são nossos termos? — Dorian questionou.

Era exatamente a pergunta que Caius temia. Para Caius, encontrar o pássaro de fogo era terminar um assunto pendente. Não dele, mas de Rose. Ela havia procurado pelo pássaro em busca de paz, mas a morte colocara um fim prematuro em sua missão. Caius havia jurado às cinzas da cabana dela à beira-mar que terminaria o que ela tinha começado. Dorian, por outro lado, queria vingança. Por seu olho, por seus amigos que sucumbiram em combate, por toda perda

responsabilizada pelos Avicen. Caius sabia que não seria capaz de influenciar Dorian, então simplesmente disse:

— O resultado que desejamos é um fim honesto. — Ele deixou Dorian interpretar como quisesse.

Dorian assentiu sem pensar, mas permaneceu em silêncio, com os olhos fixos no mapa que tinha nas mãos.

Caius suspirou e perguntou:

— Acha que estou te mandando em uma missão impossível? Seja sincero.

— Minha opinião não importa — Dorian respondeu. Talvez estivesse falando sério.

— Você é meu amigo mais próximo, Dorian. É claro que importa. — Caius foi recompensado com um pequeno sorriso, e ficou satisfeito. Dorian não era conhecido por sorrir.

— Devo admitir — Dorian começou a dizer, passando o dedo pelas linhas do mapa —, a ideia de um pássaro de fogo parece um pouco absurda.

Caius apertou o meio da testa e tentou espantar a dor de cabeça que se espalhava até o fundo dos olhos. Não adiantou.

— É uma forma muito mais agradável de dizer a mesma coisa que Tanith. Mas se ela mudar de ideia, não sei se alguém vai gostar do que ela vai fazer com o pássaro de fogo. Você sabe como ela gosta de um estardalhaço.

— Bem, Tanith sem dúvida tem suas... opiniões. — O desdém na voz de Dorian era quase visível de tão denso. Tanith era fogo para a água de Dorian, e pouco amor entre os dois havia sobrado. Dorian levantou os olhos do mapa e fitou Caius. — Mas você é meu príncipe, e te seguiria em qualquer lugar. Até mesmo em uma missão impossível como esta.

Caius sorriu.

— Sabia que tinha um motivo para te manter por perto.

— Pensei que fosse por meu charme malandro e minha beleza diabólica.

— Bem, claro, mas achei que nem precisava mencionar isso.

— Então... — Dorian começou, erguendo o mapa. — Para onde vou? Não consigo ler isto.

— É porque está em japonês — Caius respondeu. — Arranquei de um dos meus atlas. Você vai para Kyoto. Fiz o favor de circular a localização que nossos prisioneiros Avicen visitaram antes de serem capturados.

— Ah, excelente. Talvez eu consiga ver as flores de cerejeira. — Dorian dobrou o mapa e o guardou no bolso. — Tem ideia do que devo procurar especificamente?

Aí estava a dificuldade.

— Não — Caius disse. — Temos *onde*, mas não *o quê*. Eles disseram que uma humana idosa vive na casa de chá para onde foram enviados e que ela não sabia de nada, mas deve haver mais alguma coisa. Altair é esperto demais para desperdiçar recursos em becos sem saída. Interrogue-a. Descubra tudo o que conseguir. Se Altair tiver uma pista sobre o pássaro de fogo, quero ir atrás dela.

— Quer que eu intimide uma velhinha? — Dorian perguntou. — Que tipo de monstro você é?

Caius o golpeou no ombro.

— Isso não é jeito de falar com seu príncipe.

Dorian fez uma grande reverência, mas com um pequeno sorriso no canto da boca.

— Perdoe-me, meu soberano.

Caius sabia que a leve provocação era em seu benefício, e apreciava o esforço. Com as crescentes tensões em sua própria corte, era bom lembrar que ainda tinha amigos, mesmo que fossem poucos.

— Você me honra com sua sinceridade, capitão. Agora pode ir. Reúna alguns de seus melhores guardas e se apresse. Quero seja lá o que isso for em minhas mãos pela manhã.

— Então pela manhã você o terá — Dorian disse, endireitando o corpo. Com um brusco aceno de cabeça, ele se virou para sair.

Caius sabia, sem sombra de dúvida, que podia confiar em Dorian para tudo, mas algumas coisas ainda precisavam ser reforçadas.

— Dorian?

O capitão se voltou, sobrancelha arqueada.

— Não diga nada a ninguém.

## OITO



A VIAGEM DA RUA CHARING CROSS ATÉ A GRAND CENTRAL era fácil, e Rowan foi um perfeito cavalheiro o caminho todo, abrindo passagens para o entremeio e segurando a mão de Echo ao cruzarem-nas. Ele era apenas alguns meses mais velho que Echo, mas algo o fazia parecer maduro para a idade. Confiança era uma segunda pele que lhe caía tão bem quanto a pele de verdade. Nem sempre fora assim, no entanto. Echo testemunhou a adolescência estranha do garoto, quando os membros eram desengonçados e ele caminhava como um filhote que não sabia usar as patas grandes demais. Durante o último ano, ele havia desabrochado como uma linda flor. Mas ela *nunca* diria isso a ele, a menos, é claro, que quisesse fazê-lo se acanhar.

Eles foram para o Ninho, passando pelos bloqueios em um dos túneis abandonados da linha ferroviária Metro-North.

A entrada principal do Ninho ficava praticamente sob a parte mais movimentada da estação, onde usuários do metrô se amontoavam o dia todo. A magia era poderosa ali, a Ala havia explicado à Echo de sete anos de idade, boquiaberta. As idas e vindas de milhões de pessoas e milhares de trens afinavam o véu entre esse mundo e o mundo intermediário, constantemente despejando magia na passagem para o Ninho.

— E então? Alguma ideia do que a Ala quer com você? — Rowan disse, passando o braço sobre os ombros de Echo.

— Talvez. — Echo ergueu o braço e entrelaçou os dedos com os dele. O meio sorriso de Rowan se transformou em um sorriso

completo, e um parecido se formou no rosto de Echo. — Mas não posso contar. — Ela fingiu fechar a boca com um zíper.

— Ah, como assim?! — Rowan virou Echo de frente para ele, de modo que ela tivesse que andar de costas. Mãos cuidadosas na cintura dela a conduziam para que não desse nenhum passo em falso. Quanto mais se afastassem da multidão perto da entrada principal, mais carinhosos podiam ser. Até mesmo os Avicen que não se importavam com a presença de Echo normalmente faziam cara feia para um relacionamento daquele tipo. As poucas gotas de sangue humano que corriam pelas veias de Rowan eram facilmente desconsideradas. Eles não o culpavam pelos pecados de seus ancestrais, mas culpavam Echo por desencaminhar um bom garoto Avicen. — O que pode ser tão importante que você não pode contar nem para o seu... — Ele olhou ao redor, e sussurrou: — ... namorado?

Pronto. Aquela palavra. Echo não sabia se um dia se acostumaria ao termo. Ela parou de andar e ficou na ponta dos pés, apoiando as mãos nos ombros dele, encostando testa com testa. Lembrou de quando eram crianças. A única briga que tiveram havia sido sobre quem tinha atingido um metro e meio de altura primeiro. Seis dias de um silêncio furioso se estenderam entre eles até que Rowan cedeu, admitindo que Echo estava mais alta.

— Não — ela disse. — É tudo muito secreto.

Rowan inclinou a cabeça. Ele havia tirado o gorro no instante em que passaram para a segurança do Ninho, sacudindo a cabeça descontraído para soltar as penas. Elas eram de mil tons de dourado, bronze e cobre, bem aparadas. Cintilavam um pouco, iluminadas pelas tochas que pontuavam os corredores de pedra que levavam aos aposentos da Ala.

— Faça como quiser — ele disse, tirando as mãos da cintura de Echo.

Ela franziu a testa. Rowan não costumava desistir das coisas tão rápido. Depois de apenas mais alguns passos, ele voltou a entrelaçar os dedos nos dela, mas apertou com força. Conforme se aproximavam da região residencial do Ninho, as portas ficavam menos uniformes. Algumas tinham capachos com dizeres de boas-

vindas, outras tinham vasos de ervas no parapeito das janelas. Os aposentos da Ala ficavam bem no fim do caminho. Rowan olhava para baixo, para o cascalho do caminho, diminuindo a cada passo. Ele estava estranhamente quieto. O Rowan que Echo conhecia era todo sorrisos e alegria. Esse Rowan estava bem próximo de emburrado.

Echo parou, puxando a mão dele para evitar que fosse adiante.

— Você está bem? — ela perguntou.

Rowan levantou a cabeça. Ele olhou para a namorada, mordendo o lábio. Se fosse outro dia, Echo estaria hipnotizada pelo modo como o lábio dele repousava entre os dentes, mas havia uma rigidez nos ombros dele que estragava o momento.

— Ainda somos amigos, não é? — ele perguntou em voz baixa.

— É claro que somos. — Echo apertou a mão de Rowan. Ele chutou uma pedra, que rolou ruidosamente até bater nos pedaços quebrados de madeira que demarcavam o chão em intervalos irregulares.

— É que... não quero isso. — Ele apontou para o espaço entre os dois. — Não quero que a gente mude, sabe? — Rowan se aproximou de Echo e o coração dela disparou. Ela estava começando a achar que talvez fosse aquilo o que os relacionamentos faziam com as pessoas: machucavam e faziam bem ao mesmo tempo.

Echo levou a mão dele aos lábios e deu um beijo leve nos ossinhos dos dedos. Ele havia guardado as luvas no bolso, e as penas macias do dorso da mão faziam cócegas no nariz dela.

— Você é um de meus melhores amigos — ela disse. — Você e Ivy são minha família. Você sabe disso. — Ela o cutucou, fazendo-o se contorcer. Ele sempre fora extremamente sensível. — Além disso... a dinâmica entre nós não mudou tanto assim. Ainda me considero mais inteligente, mais bonita e mais engraçada que você.

Rowan soltou uma pequena risada.

— Ah, por favor! Bem que você gostaria de ser mais bonita do que eu.

Echo o empurrou de leve.

— A beleza acaba.

Ela se arrependeu daquelas palavras no instante em que as disse. Às vezes era fácil esquecer que Rowan não envelheceria como ela. Ele atingiria a maturidade plena e depois, como todos os Avicen, seu processo de envelhecimento ficaria mais lento até quase parar. Os Avicen podiam viver por centenas de anos; a expectativa de vida humana parecia insignificante em comparação. Eles nunca haviam discutido esse assunto. Falar sobre isso significava pensar no futuro — no futuro *deles* como casal —, e Echo não estava pronta para ter essa conversa.

Rowan colocou a mão na cintura dela e a puxou para mais perto.

— Desculpa — ele disse, pressionando os lábios junto à testa de Echo. — Só estou estressado, e isso está me fazendo pensar demais em praticamente tudo.

De olhos fechados, Echo recostou o rosto no ombro dele e inspirou o perfume de seu sabonete. Cheiro de menino. Era mágico. Ela levantou a cabeça e o encarou nos olhos.

— Por que você está tão estressado?

Ele bufou como se estivesse expirando a frustração.

— O treinamento está sendo bem difícil. Minha parceira é meio... intensa.

Os treinamentos dos Falcões de Guerra tinham uma espécie de sistema de parceria. Parceiros eram designados aos novos recrutas, e Echo tinha ouvido falar que Altair gostava de juntar personalidades conflitantes para ensinar melhor o poder do trabalho em equipe. Rowan era uma das pessoas mais tranquilas que Echo conhecia, o que significava que sua parceira devia ser o oposto de alguém calmo.

— Quem é? — ela perguntou.

Rowan parou de andar. Eles haviam chegado à porta da Ala, de cima da qual um trio de corvos de ferro os observava. Alguns segundos tensos se passaram antes que ele revelasse.

— Ruby.

Echo deu um passo para trás, soltando as mãos de Rowan como se fossem pedaços quentes de carvão.

— Ruby? A Ruby que me odeia com todas as forças? A Ruby que sempre fez de tudo para tornar minha vida um inferno desde que

cheguei aqui? A Ruby que é a fim de você desde que soube o que significava estar a fim de alguém? Essa Ruby?

Rowan se contraiu.

— É. Essa Ruby.

Um pequeno grupo de Avicen apareceu no fim do corredor. Eles alternavam o olhar entre Rowan e Echo, captando a tensão entre o casal. Dois sussurravam entre si. Uma escondeu um risinho com a mão. Echo esperou eles passarem e virarem à esquerda no fim do corredor. Quando teve certeza de que não estavam sendo ouvidos, disse:

— Por que não me contou?

Rowan deu de ombros, confuso.

— Não disse nada porque não significa nada. Ela só quer impressionar Altair. Além disso, é só durante o treinamento, e sei o quanto você odeia ela.

— Não odeio a Ruby. — Echo sabia que não soava convincente, mas sua dignidade exigia a negação. Rowan observou a namorada, e não foi apenas um olhar. Foi *o* olhar. — Certo, está bem, eu odeio muito ela. Mas ela gosta de você. Tipo, *gosta* de você.

— É, mas... — Rowan se aproximou de Echo, pressionando-a contra a parede. — Eu gosto de  *você*. Tipo, *gosto* de você.

Com um pequeno sorriso nos lábios — que eram absolutamente perfeitos —, ele afastou o rabo de cavalo de Echo do ombro, e se inclinou para beijar seu pescoço. Foi mais um roçar de lábios na pele do que um beijo de verdade, mas Echo sentiu arrepios. Ele sempre sabia como distraí-la. Quando eram crianças, ele puxava o rabo de cavalo dela ou escondia insetos em locais que sabia que ela encontraria. O beijo era muito melhor. Ela envolveu os ombros dele, abraçando-o forte.

— Desculpa. Devia ter contado antes — Rowan disse calmo, com a voz abafada pelo colarinho da jaqueta de Echo. Ela sentiu a boca curiosamente seca. Falar sobre sentimentos não era o forte de nenhum dos dois. Ele suspirou, e o ar percorreu a pele de Echo. — Só não queria que você se preocupasse. Você já tem preocupações demais.

— Minha vida é praticamente desprovida de estresse — disse Echo, passando os dedos pelas penas curtas e macias da nuca dele.

— É mesmo? — Rowan perguntou com um pequeno sorriso. Ele se afastou alguns centímetros. Echo queria esticar o braço e puxar o corpo dele para perto de si, mas resistiu. — Você passa seus dias perambulando pelo mundo todo, roubando coisas, e fiquei sabendo que teve que fugir de um feiticeiro.

Echo bufou, balançando a franja solta do rabo de cavalo.

— Minha nossa, como as notícias voam!

— São muitos Avicen e poucas fofocas. — Rowan sorriu mais uma vez, um sorriso que quase alcançou seus olhos. — Uma combinação mortal. Mas, você sabe, me preocupo com você.

Foi preciso muito esforço para encará-lo nos olhos.

— Sério?

— É claro que sim, sua boba. — Com a mão livre, Rowan prendeu uma mecha solta de cabelo atrás da orelha dela. As entranhas de Echo se agitaram como se carregassem borboletas. — Apenas tome cuidado lá fora, certo?

— Cuidado é meu segundo nome.

Rowan deu uma risadinha gostosa e suave, passando a mesma sensação que ela tinha ao passar os dedos pelas penas da cabeça dele.

— Achei que seu segundo nome fosse perigo — ele provocou.

— Isso foi na semana passada.

— É claro.

— É claro.

Rowan soltou a mão dela, deixando os dedos se tocarem um pouco mais.

— Preciso ir — ele disse. Echo não achou que a melancolia na voz dele fosse fruto de sua imaginação.

Ela teve o ímpeto inaceitável de pedir para ele ficar. Em vez disso, falou:

— Altair está esperando.

— Está. — Rowan voltou a pôr as mãos no bolso. — Não seria nada bom ser visto com maus olhos logo no início do treinamento. — Ele se aproximou. Sua boca estava a poucos centímetros da de

Echo, mas ele esperou que ela tomasse a iniciativa. Sempre um cavalheiro, independentemente do que Ivy dissesse. Echo abraçou o pescoço dele e o puxou para perto. Ela podia sentir a curva do sorriso dele enquanto se beijavam.

*Kalverliefde*, Echo pensou. *A euforia vivenciada ao se apaixonar pela primeira vez.*

“Amor”, uma palavra que continha apenas quatro letras, parecia um salto monumental, então ela guardou o pensamento para si. Seus dedos escorregaram pelas penas finas da nuca de Rowan, fazendo-o sorrir novamente enquanto a beijava. Quando ele se afastou, Echo sentiu como se ele estivesse levando pedaços de seu coração. Ele deu um beijinho no nariz dela e disse:

— Te vejo depois, certo?

Com isso, ele voltou pelo mesmo caminho, na direção do alojamento, do outro lado do Ninho. Echo levou a mão aos lábios; ainda podia sentir resquícios do toque dele em sua pele.

— Se já terminou, querida Echo, tenho uma tarefa para você.

Echo se virou, corando completamente. A Ala estava parada na porta, agora aberta, com os olhos iluminados por uma gargalhada silenciosa.

A vermelhidão de Echo parecia ser alimentada por lava, fervendo logo abaixo da pele.

— Há quanto tempo está aí parada? Estava observando? O que você viu?

A Ala levantou as mãos.

— Tenho mil anos, Echo. Não vi nada que não tenha visto antes. Agora, entre para eu poder te atualizar.

Sem esperar pela resposta, a Ala voltou para seus aposentos. Com uma última olhada para o corredor — Rowan já tinha ido embora havia um tempo — Echo entrou atrás dela. O cômodo estava exatamente como ela havia visto pela última vez, exceto pelos biscoitos recheados. Eles haviam sido substituídos por uma tigela cheia de *macarons* de coco. Um doce extremamente inferior.

A Ala foi até uma mesa no centro da sala e pegou o mapa da caixinha de música. Entregou a Echo.

— Preciso pedir um favor.

Havia um tom lúgubre na voz da Ala que pesou no fundo do estômago de Echo. Após alguns segundos tensos, Echo pegou o frágil mapa com mãos hesitantes. A Ala pigarreou e se acomodou no divã em que Echo tinha se esparramado antes. Havia migalhas do biscoito recheado que ela havia comido sobre o veludo, e a Ala as afastou. Era como se estivesse protelando.

— Ala? — Echo sentou ao lado dela, apoiando a mão sobre seu braço. — O que está acontecendo?

A Ala enfim encarou Echo nos olhos.

— Quero que você siga esse mapa. Se ele levar a alguma pista sobre a localização do pássaro de fogo, quero descobrir antes de Altair, ou de qualquer outra pessoa. Não posso ficar vagando pelo Japão, pois Kyoto está nas mãos dos Drakharin. Mas você é humana. Sua presença passará despercebida. — Ela pigarreou e alisou a saia. — Se não quiser ir, não vou te obrigar. Você é apenas uma criança, afinal.

Echo sabia que a Ala não falava por mal, mas ouvir aquelas palavras fortaleceu sua decisão. Se Rowan podia ser mandado para a guerra, o mínimo que Echo podia fazer era sair em uma caçada por trás das linhas inimigas. Ela observou o mapa, passando os olhos sobre as palavras em letra de forma na parte de baixo. *Fique ciente do preço a pagar.* Echo espantou a sensação de pavor que a envolvia. Seria um trabalho simples, objetivo; era entrar e sair. Ela ficaria bem. Com um aceno positivo de cabeça, disse:

— Se precisar que eu roube alguma coisa, vou roubar para valer. Você sabe disso.

Um sorriso adornou o rosto da Ala, embora sua expressão continuasse séria.

— Essa tarefa vai exigir o máximo de discrição, até mesmo do nosso povo. Ninguém pode saber do seu envolvimento. Principalmente Altair ou qualquer um de seus Falcões de Guerra. E, quando digo qualquer um de seus Falcões de Guerra, quero dizer *qualquer um*. — A Ala lançou um olhar profundo a Echo. — Nem mesmo os bonitos. — Echo corou. — Independentemente do que encontrar lá, pegue e venha falar direto comigo.

Por mais que Echo odiasse guardar segredos de Rowan, ela faria aquilo. A Ala havia lhe dado muita coisa — um lar, uma família —, e pedido muito pouco em troca. Echo podia fazer uma coisinha do tipo por ela. Ela pôs a mão sobre a da Ala.

— Deixa comigo. Posso não ter penas, mas você é a única família de verdade que eu já tive. Seja lá o que isso for, se é importante para você, para os Avicen, vou encontrar. Enfrentaria o próprio Príncipe Dragão se precisasse.

Com um pequeno sorriso, a Ala deu um tapinha sobre a mão de Echo.

— Vamos torcer para não chegar a tanto. — Ela soltou um longo suspiro. — Sei que deve estar exausta, mas acha que consegue partir o quanto antes?

— Por você? Consigo qualquer coisa. — Echo parou para pensar na bolsinha de pó de sombra quase vazia no bolso de sua jaqueta. — Só preciso dar uma passada na loja do Perrin para pegar alguns suprimentos.

A garota se aproximou e deu um beijo rápido no rosto da Ala, preto como o restante de seu corpo, mas sem penas. Ela estava quase na porta quando a Ala voltou a falar.

— Ah, Echo?

Echo deu meia-volta, mas continuou andando.

— O quê?

— Tente não ser imprudente desta vez.

Com uma risada, Echo abriu a porta com o quadril.

— Não posso prometer nada.

## NOVE



A CICATRIZ DE DORIAN COÇAVA. Isso acontecia quando ele ficava agitado, bravo ou vivenciava alguma *emoção*. Ou quando avistava chuva no horizonte — mas ele achava que isso não tinha nada a ver com o fato de estar coçando naquele momento. Dorian combatia o ímpeto de esfregá-la enquanto observava três guardas sob seu comando reunidos na costa rochosa do lado de fora das muralhas da fortaleza. Normalmente, o verde e o bronze de suas armaduras — as cores de Caius — estariam brilhando sob o crepúsculo, mas Dorian havia ordenado que todos usassem roupas civis e tomassem cuidado para que suas escamas ficassem escondidas. Eles precisavam de sutileza, não de um show.

Ele podia ter usado a gigantesca passagem arqueada nas dependências da fortaleza para transportar todos para as margens do rio Kamo, em Kyoto, mas preferia o limiar natural entre terra e mar. A água sempre atraiu Dorian, como se o chamasse para casa, e a canção do oceano era mais doce do que a do ferro frio da passagem principal da fortaleza.

Ele tocou sob o tapa-olho que usava para esconder a cicatriz na órbita ocular. Quando sentiu o tecido repuxado onde o olho costumava ficar, a coceira apenas piorou. Independentemente do tempo que convivesse com a perda, achava que nunca se acostumaria com a sensação. O próprio tapa-olho era extremamente simbólico. Todo Drakharin sabia que ele havia perdido o olho para os Avicen, e ele só mantinha o ferimento escondido porque a cicatriz coçava mais do que nunca quando ficavam encarando. Era vaidoso, mas existiam pecados muito piores que esse.

*Você é meu príncipe, e te seguiria em qualquer lugar.*

Dorian podia rir de suas palavras, mas fazer piada consigo mesmo era um humor superficial. Havia tempos ele tinha aperfeiçoado a arte de expressar exatamente o que queria sem dizer nada. Era verdade, ele seguiria Caius em qualquer lugar, mesmo nas chamas do inferno, se ele desse qualquer indício de que desejava sua companhia.

A lembrança da primeira reunião dos dois doía como uma ferida aberta. Havia sido no dia em que Dorian perdera o olho. Ele era um recruta novo, tirado dos grupos de Drakharin órfãos, ávido por mostrar coragem como são os jovens e descartáveis. *A batalha seria maravilhosa*, pensou. Ele imaginou que receberia honrarias e seria glorificado, mas só conseguiu uma faca no olho. Deitado em uma praia rochosa, muito parecida com aquela em que estava no momento, no meio de um pedaço de terra abandonado e desolado na Groenlândia, Dorian encontrou um lugar além da dor. Todo o seu ser havia sido reduzido à ausência pulsante de um olho. Mechas de cabelo prateado aderiam à sua testa, viscosas com seu próprio sangue. Ele mal podia enxergar além do véu vermelho que obscurecia o olho que lhe restava. O rio junto ao qual estava deitado havia ficado rosado e espumoso com o sangue dos derrubados. A água estava fria e suas feridas ardiavam quando eram tocadas por ela, mas ele não tinha forças ou determinação para se mover.

O Avicen que havia tirado o olho de Dorian — um homem feroz com o olhar penetrante como o de uma águia e penas brancas e marrons salpicadas de sangue vermelho — havia deixado-o ali para morrer, cercado de corpos. Alguns ainda se contorciam, agonizando, gemendo as últimas preces torturadas. Eles morreriam logo, assim como Dorian. Com frio e sozinhos. Exatamente como havia acontecido com os pais de Dorian. Ele mal conseguia se lembrar da aparência deles. A mãe tinha cabelos prateados, parecidos com os seus, mas a lembrança que tinha dela era uma ilusão, com contornos borrados. Naquele momento, ele soube que a veria em breve.

E foi quando Dorian o viu.

Uma figura solitária abrindo caminho no meio dos mortos e moribundos, virando corpos com a bota. Procurando distinguir penas de escamas. Decidindo quem matar e quem salvar. Ele era uma fagulha solitária de vida em um campo de matança. Dorian abriu a boca para implorar por resgate ou morte, ainda não havia decidido qual dos dois. Tudo o que ganhou com o esforço, no entanto, foi uma boca cheia de sangue. Conseguiu proferir uma única palavra:

— Socorro.

A figura de cabelo escuro virou a cabeça. Quando seus olhos se encontraram, Dorian quase chorou. Olhos verdes, raros entre os Drakharin, brilhavam entre uma camada de suor e lama que cobria escamas no alto das maçãs do rosto. O soldado foi até Dorian, pisando cuidadosamente sobre corpos arruinados e escudos destruídos. Era estranho pensar que tudo teria desaparecido pela manhã. Magos, tanto Avicen quanto Drakharin, varreriam o campo de batalha como faxineiros após uma festa de arromba. Era a única coisa com que ambos os lados concordavam: eles lutavam; eles morriam; eles não deixavam rastros para os humanos.

Quando o soldado chegou até ele, Dorian estava convencido de que havia morrido. Era impossível alguém estar tão bem daquele jeito depois de uma batalha longa e brutal. Mas então o estranho se ajoelhou, manchando a calça na poça de sangue que circundava a cabeça de Dorian como uma auréola. Uma mão cuidadosa tirou a franja de Dorian da testa. Ele tentou se virar, esconder o rosto arruinado, mas o estranho não permitiu.

— Como é seu nome?

Dorian ficou surpreso. Quem pergunta nomes em um momento como aquele?

O pensamento deve ter transparecido em seu rosto, porque o estranho conseguiu dar um leve sorriso e acrescentou:

— Me chamo Caius.

Quanto mais Caius falava, mais a consciência de Dorian retornava. Ele notou a insígnia sobre a armadura do rapaz e o broche com o dragão verde e bronze que prendia o manto sobre os ombros dele. Era a marca do Príncipe Dragão. Dorian estava à beira da morte, e

cara a cara com o príncipe. Por mágica, ele conseguiu murmurar seu nome.

Caius assentiu.

— Consegue levantar?

Dorian fez que não com a cabeça.

— Segure minha mão.

Dorian pegou a mão dele.

O sorriso de Caius era discreto, mas era a coisa mais grandiosa que Dorian havia visto.

— Você confia em mim?

Era a pergunta mais absurda que Dorian já tinha ouvido. Caius era seu príncipe, e, enquanto houvesse sangue nas veias dele, o seguiria em qualquer lugar. Dorian respondeu com um leve aceno de cabeça. Segurando forte a mão de Dorian, Caius fechou os olhos e respirou fundo. O familiar tranco do entremeio puxou o corpo dolorido de Dorian, e logo eles não estavam mais lá. Deixaram a implacável praia rochosa para trás e fugiram para a Fortaleza do Dragão, um lugar que Dorian achava que veria apenas em sonho.

Quase morrer em sua primeira batalha não foi o momento mais ilustre da carreira militar de Dorian, mas foi o mais significativo. Ele havia encontrado a pessoa a quem tinha jurado sua espada e sua alma, e todos os passos que deu desde então foram ao lado de Caius.

Ele ainda estava esfregando a órbita ocular vazia quando um tapinha no ombro o tirou de suas lembranças. Dorian se virou. Quando ele viu quem era, olhou para cima e perguntou “Por quê?” aos céus. — Estou vendo que está mergulhado em pensamentos. — Tanith ainda vestia sua armadura dourada que a fazia brilhar até mesmo depois do pôr do sol. — Tente não se afogar.

— Ah, Tanith... — Dorian suspirou. — Por favor, ouça minha sincera gargalhada.

Silêncio.

— Que engraçado — disse Tanith. — É uma pena que meu irmão não veja isso.

Apesar de seu cargo e de sua posição, Dorian não era um homem violento por natureza, mas cerrou os punhos na lateral do corpo.

Não adiantaria nada golpear a general do exército Drakharin. Simplesmente não adiantaria.

— Posso ajudar em alguma coisa? — ele perguntou. Era aquilo ou se virar.

— Ah, pelo contrário. — Tanith sorriu. — Vim perguntar se você precisava de alguma ajuda em sua viagem para...

E lá estava. Era estranho como algumas pessoas não faziam nada sem um motivo.

Dorian sacudiu a cabeça, voltando a atenção para seus guardas. Eles estavam prontos, esperando pacientes na costa até que seu capitão abrisse uma passagem para o entremeio, observando com uma curiosidade ligeiramente velada. Era o jeito dos Drakharin. Se alguém quisesse uma conversa particular, ela tinha que acontecer em algum lugar particular. Demonstrações públicas eram alvos legítimos.

— Se Caius quisesse que você soubesse, ele teria contado a você — Dorian disse.

— Certo — Tanith riu. — Longe de mim interrogar o garoto de recados dele.

— Sou o capitão da guarda dele — Dorian disse. — Faça o que ele pede.

Tanith deu um passo à frente, arrastando o manto vermelho ruidosamente sobre a praia de pedras. Seu cabelo loiro caía solto sobre os ombros, e algumas mechas eram sopradas pela brisa da noite. Dorian observou as dobras no manto de lã dela. Ela poderia esconder uma lâmina ou duas no meio daquelas ondas. Conhecendo-a, provavelmente escondia.

— Você é o capitão da guarda real, é verdade — disse Tanith. — E, enquanto Caius é o Príncipe Dragão, você é o capitão dele.

Dorian ficou imóvel como uma pedra.

— O que está querendo dizer com isso?

Tanith agora estava parada diante dele, perto o suficiente para que Dorian sentisse seu calor. O fogo era seu elemento, e os poucos centímetros de distância entre seus corpos difundiam o ardor.

— Não estou querendo dizer nada — respondeu Tanith. — Estou apenas afirmando que, como capitão da guarda real, sua lealdade é

ao Príncipe Dragão, seja ele ou ela quem for.

Então aquele era o jogo. Ela sempre havia invejado Caius. As pessoas podiam amá-lo, mas a temiam. Não era segredo nenhum o fato de ela pensar que poderia ser um Príncipe Dragão melhor do que Caius; mas era insolente, até mesmo para ela.

— Caius pode estar cego pelo amor fraternal que inexplicavelmente ainda sente por você — Dorian disse. — Mas você não é minha irmã.

— Não, é claro que não. — Tanith sorriu devagar, com um veneno doce. — Dizem por aí que é outro tipo de amor que te distrai.

Dorian ficou tenso, e o sorriso de Tanith aumentou.

— Não sei do que está falando — ele retrucou. As palavras soaram superficiais até mesmo para seus próprios ouvidos.

— A dama, a meu ver, exagera em seus protestos.

Dorian preferiu não glorificar a declaração dela com uma resposta. Ele deu um passo à frente, com um pé dentro da água e outro em terra firme. Metade no mar, metade na areia, ele salpicou um punhado de pó de sombra, invocando uma abertura ao entremeio. Espirais de escuridão ascenderam do chão e, em segundos, seus guardas haviam desaparecido.

— Boa viagem — Tanith disse.

O rosto dela sumiu, engolido por fumaça preta. Dorian não precisava encará-la nos olhos para saber que Tanith só havia dito aquilo da boca para fora.

## DEZ



ECHO ABRIU CAMINHO PELA MULTIDÃO NO FIM DA TARDE no Saint Mark's Place, desviando das alunas do colégio católico das proximidades, com saias xadrez dobradas até ficarem mais curtas do que era apropriado, cigarros pendurados entre os dedos com naturalidade, os filtros pintados de cor-de-rosa pelo batom. Olharam feio quando Echo passou, como se ela fosse uma ameaça à posição privilegiada em frente à lojinha de falafel. Echo não se dava ao trabalho de retribuir os olhares. Em outras circunstâncias, poderia ter sido uma delas.

A rua era uma mistura de antigo e novo, revitalização indo de encontro a um passado que teimava em se agarrar às calçadas sujas do East Village. Um estúdio de tatuagem que também funcionava como creperia ficava entre uma loja com iluminação brilhante de sorvete de iogurte e uma outra que parecia não vender nada além de camisetas com dizeres irônicos. Acima de Echo havia um cachorro-quente de plástico de quase um metro, marcando a entrada do Crif Dogs, que vendia as salsichas mais badaladas da cidade. Echo abriu a porta e sorriu para a garota com uma longa mecha de cabelo azul entre os dedos que estava atrás do balcão, com os pés para cima, apoiando as botas perto da caixa-registradora. A garota não retribuiu o sorriso. Tudo bem. Echo não estava ali para comprar cachorro-quente.

Ela foi direto para uma cabine telefônica antiga no fundo da lanchonete, cujas portas de madeira preta e de vidro remetiam a uma Nova York que Echo não conhecera por ser nova demais. Assim que entrou no quadrado apertado e fechou a porta, o clique das

teclas dos notebooks e o ruído da louça na cozinha desapareceram. Echo olhou pelo vidro para os clientes sentados perto da cabine telefônica, mas ninguém a observava. Se alguém se desse ao trabalho de desviar os olhos das telas brilhantes não veria nada além de uma cabine telefônica vazia, com pouca função além de decorar o ambiente. Mas se alguém notasse uma menina desaparecendo ali dentro, logo esqueceria. O feitiço de aversão lançado sobre a cabine era simples, porém eficaz.

Echo pegou o fone e esperou. Quando ouviu um clique do outro lado da linha, ela disse:

— *Ingrediatur in pace. Exgradiator in pace. Nisi legum aurum est.*

Desde que ela se lembrava, a senha sempre fora a mesma: “Entre em paz, saia em paz. A única lei é ouro”.

Echo ouviu outro clique na linha e pôs o telefone no gancho. A parede do fundo da cabine se abriu, revelando uma escada que a levaria para a Ágora, o mercado subterrâneo onde ficava a loja do Perrin. Ela manteve a mão na parede à sua direita. Conhecia o caminho tão bem quanto a biblioteca onde morava, mas havia algo naquele labirinto escuro que a incomodava. A parede funcionava como uma âncora até ela chegar à praça do mercado.

Seus olhos demoraram um instante para se acostumarem à luz fraca e turva da Ágora. Postes a gás estavam ao alto, lançando um brilho amarelado sobre os carrinhos e as bancas comprimidos em um espaço comprido e largo como o átrio principal da Grand Central. Ali embaixo, além dos bloqueios que protegiam o mercado do mundo exterior, o som era quase ensurdecedor. Mercadores Avicen gritavam promoções enquanto feiticeiros pediam descontos em ossos branqueados que pareciam suspeitamente humanos. Carrinhos lotados de utensílios para cozinha e armamentos espalhavam-se sobre caminhos de pedras gastas por anos de pisadas até ficarem lisas e escorregadias. Alguns feiticeiros olhavam na direção de Echo com as pupilas apagadas por um branco doentio, e ela abaixou a cabeça. Os feiticeiros já haviam sido humanos, mas a magia negra vinha com um preço, e o poder lhes custara a humanidade. A primeira vez que a Ala trouxera Echo lá embaixo para mostrar o tumultuado mercado além do Ninho, certificou-se de que

a menina tinha entendido que era melhor não fazer contato visual com aquele tipo de ser. Um grupo deles estava reunido em volta de uma banca, discutindo o preço de fetos natimortos em vidros. Echo pelo menos esperava que fossem natimortos. Era difícil saber quando se tratava de feiticeiros.

A loja do Perrin ficava do outro lado do mercado, ocupando uma das fachadas mais cobiçadas junto às muralhas. Echo se movimentou no meio da multidão, acenando para alguns comerciantes conhecidos. Um Avicen com pele dourada e penas escarlate retribuiu com o aceno de sua bancada cheia de engrenagens de relógio e maçanetas de metal. Outro Avicen, com plumagem violeta brilhante, balançava sob o nariz de Echo um frasco de alguma coisa que com certeza não era uma poção do amor legítima. Ela desviou para não inalar nada e seguiu para o outro lado da Ágora, onde estava pendurada uma placa conhecida: SUPRIMENTOS MÁGICOS DO PERRIN.

Quando abriu a porta, Echo foi surpreendida pelo perfume pungente da mistura de incensos e poções que Perrin estava preparando atrás do balcão. O ruído estático de um jogo de beisebol emanava de um pequeno rádio sobre a bancada. A maioria dos Avicen desconfiava dos eletrônicos dos humanos, mas o rádio de Perrin já era parte da loja, assim como suas pilhas de atlas detalhando passagens para o entremeio e os armários antigos abarrotados de esquisitices do mundo todo.

A essa profundidade das ruas de Manhattan, não havia sinal, mas Perrin nunca perdia um jogo dos Yankees, mesmo que tivesse que escutar a gravação em fita. Era ultrapassado, mas os Avicen não eram um povo com muito entendimento de tecnologia. Às vezes, Echo gravava os jogos para ele em um pequeno rádio que havia encontrado em uma feira de antiguidades, trocando as fitas cassette por pó de sombra. A voz baixa do comentarista anunciava o placar — baixa da nona entrada, cinco a quatro para Boston —, e as penas curtas e angulosas de Perrin se arrepiaram de irritação. Ele não era fã dos Red Sox.

Perrin ergueu a cabeça quando o sino sobre a porta soou animado.

— Ah, Echo — ele disse. — Minha amiga humana preferida.

— Sou sua única amiga humana — a jovem disse, jogando a bolsinha quase vazia de pó de sombra sobre o balcão. — Preciso de reposição.

— Tudo nesse mundo tem um preço — Perrin comentou, indicando o aparelho de som com a cabeça. Yankees no ataque. As três bases ocupadas. Duas bolas. Um *strike*. Ele não deu sinal de que pegaria a bolsinha, e não daria até que ela pagasse.

— Está bem, está bem. — Ela tirou uma caixinha azul do bolso lateral da mochila e a deixou ao lado da bolsinha. — Aqui estão seus *macarons*.

Perrin observou a caixa, mas não fez nenhum movimento para aceitá-la. Tentou rebater e errou. Duas eliminações. Dois *strikes*.

— Você pegou os sabores especiais da estação? E aquele de chocolate com recheio de baunilha?

— Sim — Echo respondeu. — Tomei cuidado para que suas instruções meticulosamente detalhadas fossem seguidas ao pé da letra pelos pobres funcionários da Ladurée.

Bola curva. Alta e entre os postes. E um *grand slam*. Com um leve riso, Perrin abriu a caixa, e encontrou uma fileira de doces bem embalados. Tirou um único e delicado *macaron* e o balançou sob o nariz, fechando os olhos em êxtase.

— Uma combinação perfeita de chocolate e baunilha. É uma sinfonia de sabor. Não é possível existir a luz sem a escuridão para equilibrar.

— Calma, Sócrates, é só um doce. — Echo empurrou a bolsinha na direção dele. — Podemos andar logo com isso? Tenho que ir a alguns lugares. Pessoas para roubar, você sabe como é.

— Paciência é uma virtude, minha filha — Perrin disse, mas pegou a bolsinha dela e a encheu com o pó de sombra do grande barril atrás do balcão.

A Ala já havia explicado a Echo que o pó era a escuridão do entremeio em forma tangível, e para criá-lo era necessário ter uma habilidade altamente especializada. Perrin era um dos poucos comerciantes na Ágora que podia se gabar de fazer sua própria mistura.

— Por que paciência é uma virtude? — Echo cruzou os braços, apoiando os cotovelos no balcão, mais porque isso deixava Perrin irritado. — Por que a “pressa” não pode ser uma virtude?

Perrin riu de novo, agitando as penas cinzentas do pescoço.

— Ah, a juventude! Para onde você vai agora?

— Assunto oficial dos Avicen — Echo disse, tamborilando os dedos sobre o balcão de vidro. O expositor comprido estava cheio de esquisitices: joias com pedras brutas, relógios de bolso prateados e uma quantidade considerável de armas adornadas, algumas das quais a própria Echo havia permutado. — Totalmente secreto. Sou importante de verdade.

— Secreto? Até parece. — Perrin voltou ao balcão carregando a bolsinha, agora cheia de pó de sombra. Ele estava com a mão na altura do joelho. — Te conheço desde que era desse tamanho.

— Nunca fui desse tamanho — Echo falou, guardando o pó de sombra no bolso. — Me materializei do jeitinho que sou hoje do nada.

Perrin bufou, indignado, e alisou as penas acinzentadas dos braços.

— Você sabe que pode confiar em mim, não é?

Echo sorriu.

— Claro que sei. Mas o dever me chama e preciso correr. — Ela acenou para o comerciante ao se encaminhar para a entrada. — Até mais, Perrin.

Ela já estava quase na porta quando Perrin a chamou:

— Echo, antes de ir, pegue isto.

Ele deu a volta no balcão e colocou uma pulseira de couro na palma da mão dela. O trançado elaborado era pontuado com pequenos cristais arredondados e entrelaçado com uma pena do próprio Perrin.

— Isso vai ajudar, se você precisar. Caso se meta em confusão, vou conseguir te encontrar. — Ele apontou para a pena trançada com o couro. — É tipo o meu bat-sinal. Não é certo você ficar por aí sozinha, sem saber se vai ter cobertura se precisar.

Algo se contorceu no peito de Echo, e ela juraria mais tarde que seu sorriso não tinha estremecido muito quando pegou a pulseira.

Era bom lembrar que tinha uma família estendida, mesmo que fosse estranha.

— Obrigada, Perrin. Me deseje sorte.

Perrin acenou para ela com a mão emplumada.

— Boa sorte — ele disse. — E tente não precisar da pulseira.

## ONZE



KYOTO ERA UMA DAS CIDADES PREFERIDAS DE ECHO. Em sua primeira visita, a pedido de Perrin para pegar um tipo específico de moti sazonal, ela ficou maravilhada com a mistura de velho e novo. Havia templos ao lado de arranha-céus de vidro, e algumas ruas — como aquela em que estava, no distrito de Pontocho — eram tão bem preservadas que pareciam portais para o passado. Cem anos haviam se passado e a casa de chá indicada no mapa ainda ficava exatamente onde estava indicada. Ao olhar para os guardas em frente ao prédio, porém, a confiança de Echo murchou. O dia estava muito bonito, o sol brilhava sobre as vielas estreitas de Pontocho, cintilando na superfície azul-esverdeada do rio Kamo e iluminando as lanternas de papel que balançavam devagar com a brisa.

— Droga — ela sussurrou.

Estava do outro lado da rua, meio escondida atrás de uma cerejeira havia uns quinze minutos. A frase do poema anotado no mapa passou por sua cabeça. *Onde nascem as flores, seu caminho vai achar.* Echo bufou. *É mais fácil achar a morte prematura.* Ela quase entrou direto na casa de chá antes de notar os guardas. Eles pareciam humanos: dois olhos, duas pernas, nenhuma escama visível. Ela nunca havia visto um Drakharin pessoalmente antes, mas havia algo estranho no modo como se movimentavam, como se estivessem em alerta. Não era preciso ser gênio para juntar dois mais dois. Ela estava no território deles, afinal.

*Seguranças,* Echo pensou. *Que ótimo.* Ela observou os guardas tempo suficiente para eles rodarem três vezes. A casa de chá era vigiada por nada menos que três homens, talvez quatro.

— Ninguém simplesmente entra em Mordor — Echo murmurou.

Mas era o que estava prestes a fazer. Acalmando os nervos, deu a volta na árvore e seguiu para a porta principal. Os seguranças se entreolharam quando ela se aproximou, mas a porta para a casa de chá se abriu antes que eles pudessem interceptá-la. Uma velha enrugada como uma casca de árvore, corcunda, estava na entrada, dando um sorriso praticamente desdentado. Ela fez uma pequena reverência com a cabeça quando Echo subiu as escadas.

— Bem-vinda — disse a velha senhora com um leve sotaque e a voz rouca pela idade. — Entre, entre.

A voz de Echo falhou antes que pudesse agradecer. Atrás da velha, a garota viu a criatura mais bela e aterrorizante que já tinha visto. Havia um jovem no salão principal da casa de chá, deslocado com sua jaqueta azul-escuro e botas de couro envelhecido. Cabelos prateados caíam sobre escamas superficiais em suas têmporas. À distância, parecia que sua pele era irregular, mas Echo sabia muito bem o que era. O ar tremulava perto das escamas; ele estava usando um encanto simples para escondê-las, como uma espécie de corretivo mágico. O olho azul que não estava coberto por um tapa-olho a observou de cima a baixo com um desinteresse arrogante, quase reconfortante. Ela era humana, e ele não suspeitava de nada.

— Muito grosseiro, aquele rapaz — a velha senhora murmurou. — Não quis tirar os sapatos.

*Aja naturalmente*, Echo pensou, engolindo o medo repentino que tomou conta dela. *Não é nem um pouco difícil*.

— Hum. — Foi tudo o que conseguiu dizer. Não foi sua melhor performance.

O Drakharin de cabelos prateados desviou os olhos dela, como se a descartasse como uma humana qualquer no meio de sua operação. Um pouco insultante, mas tudo bem por ela.

A senhora entrou no salão principal, fazendo sinal para Echo segui-la. Seus chinelos arrastavam-se pelo piso de tatame.

— Não se preocupe com seus sapatos. — Ela olhou feio para o Drakharin. — Ninguém mais se preocupou. Sente, sente. Fiz chá.

Echo se ajoelhou sobre o tatame, e o Drakharin fez o mesmo, lançando-lhe um olhar curioso, mas desinteressado. *Não há nada*

*estranho para ver aqui, nada mesmo.*

Quando a velha encheu duas xícaras com chá *matcha* denso e verde, Echo conteve a risada histérica que ameaçava escapar. Ela estava tomando chá com um Drakharin. Mal podia esperar para falar para a Ivy, se sobrevivesse para contar a história. Pelo visto, tratava-se de um *se* bem grande.

A voz da mulher tirou Echo de seus pensamentos.

— Sabe, vocês não são os primeiros a baterem na minha porta. Dois rapazes vieram há alguns dias. Mas eles tinham penas. *E* tiraram os sapatos. Um deles tinha olhos parecidos com os de um falcão. — Ela se virou para o Drakharin, inclinando a cabeça, como se o avaliasse. Ele estreitou o único olho com desconfiança, e seu corpo ficou imóvel, como o de uma víbora esperando para dar o bote. A mulher sorriu, ressaltando as rugas ao redor dos olhos. — Não precisa desperdiçar magia escondendo suas escamas, rapaz. Consigo ver através de seu encanto. É uma habilidade que minha família passou de geração em geração, desde que herdamos esta casa de chá. Minha avó me contou que os donos anteriores também tinham penas. Mas só dá para vê-las se souber o que se está procurando. — Ela piscou para Echo. — Você sabe do que estou falando, não sabe?

Echo soltou algumas sílabas, distantes de palavras coerentes. A mulher a salvou de ter que responder colocando as xícaras de chá diante deles.

— E então... — a velha disse, sentando sobre os calcanhares. — O que os traz à minha humilde casa de chá? — Ela inclinou a cabeça para encarar o Drakharin. Os olhos dela, a única coisa jovem que ainda tinha, eram brilhantes e astuciosos, como os de uma raposa. — Você primeiro.

O Drakharin arqueou uma sobrancelha estranhando receber ordens de humanos.

— Informações. — A voz dele era intensa, com um sotaque que Echo não conseguia identificar. Ela nunca tinha ouvido drakhar, mas devia ser sua língua nativa que matizava sua fala.

A velha senhora riu.

— Resposta errada. — Ela se virou para Echo. — E você?

*É agora*, Echo pensou. *Ou vai ou racha*. Ela ainda podia escapar ilesa da situação, só precisaria fingir ignorância. Podia mentir e dizer que havia parado ali realmente para tomar chá. Mas o mapa que encontrara na caixinha de música estava abrindo um buraco em seu bolso, e ela sabia que precisava compreender seu verdadeiro significado. Com o olhar fixo do Drakharin, Echo tirou o mapa da jaqueta, desdobrou-o e o empurrou sobre o tatame.

— Foi isto que me trouxe aqui.

A velha pegou o mapa e o analisou com olhos cerrados. Um tempo depois, encaixou a mão enrugada entre as dobras do quimono. Quando a velha ergueu a mão aberta, Echo focou para ver o que a mulher segurava. Um pingente de jade que cabia confortavelmente na palma de sua mão, pendurado em uma corrente fina de bronze. Havia uma borda ao redor: era um medalhão. Um dragão de bronze com olhos de esmeralda e com asas que se enrolavam nele, como se segurassem um tesouro. Claramente era de origem Drakharin, mas algo profundo e visceral em Echo clamava por ele.

— *Essa* foi a resposta certa. — A velha pegou na mão de Echo, pressionando o medalhão em sua palma com os dedos artríticos. — Isto é para você.

O Drakharin alternou o olhar entre o medalhão nas mãos de Echo e ela. A garota quase podia ouvir as engrenagens girando na cabeça dele. A velha fechou os dedos de Echo em volta do colar, apertando sua mão com uma força surpreendente. Seu sorriso desdentado era murcho, porém adorável.

— Pegue — ela disse. — E seja forte.

Antes que Echo pudesse fazer alguma das muitas perguntas que tinha, o Drakharin gritou:

— Você trabalha para os Avicen!

*Droga*. Echo fechou o punho em volta do pingente e levantou, derrubando a xícara de *matcha* com os joelhos. A velha se jogou entre Echo e o Drakharin de apenas um olho, usando o corpo como escudo quando a ponta de uma longa faca — Echo nem havia notado que ele tinha uma — surgiu nas costas do quimono da velha, vermelha de sangue. Echo hesitou. Era tão intenso, tão vermelho junto ao aço frio e cinzento. A velha apontou o dedo trêmulo para a

porta dos fundos enquanto o Drakharin lutava para libertar sua lâmina.

— Corra — ela grasnou.

O Drakharin vociferou uma ordem, e os guardas que estavam do lado de fora entraram pela porta da frente. Echo saltou sobre os cacos de louça e o chá derramado e correu para o jardim. Quando viu o que a mulher havia lhe deixado, quase chorou de alívio.

Um par de cerejeiras no jardim com os galhos retorcidos unidos como amantes, formando um arco perfeito. Echo presumiu que as raízes estivessem fazendo o mesmo sob seus pés. Uma passagem natural. Suas mãos tremiam com a adrenalina quando ela pegou um punhado de pó de sombra. A bolsinha escorregou de seus dedos e caiu no chão, mas ela tinha pó de sombra suficiente para abrir o portal. Echo o espalhou de forma desordenada pelo tronco da árvore à sua direita. Olhou para trás enquanto deslizava por sob os galhos entrelaçados da árvore. Ela avistou aquele único olho extremamente azul quando o Drakharin surgiu, gritando uma ordem a seus guardas antes de tudo ficar escuro e ela desaparecer.

## DOZE



CAIUS ENCARAVA DORIAN. Os sons do arsenal da sala de treinamento — aço cantando sobre aço, botas arrastadas sobre pedra desgastada — protegiam a conversa de ouvidos curiosos. Caius podia jurar que o capitão de sua guarda havia acabado de admitir que fora passado para trás por uma idosa e uma adolescente, ambas humanas, ainda por cima, mas aquilo não podia ser verdade. Apenas não podia.

— Você a perdeu? — Caius perguntou, arfando pelo esforço.

Ele acenou com a cabeça para a guarda com quem estava treinando, dispensando-a. Ela fez uma reverência e saiu, guardando a espada e se juntando a um grupo que descansava no canto.

Dorian abriu a boca para tentar dar qualquer explicação vexaminosa em que pensara durante a viagem entre Japão e Escócia, mas Caius não estava interessado em desculpas.

— Uma garota humana, e você a perdeu?

O pescoço de Dorian ficou um pouco rosado, embora a pele repuxada do lado esquerdo de sua face permanecesse branca como sempre. Pelo menos ele teve o bom senso de ficar constrangido. Caius secou o suor da testa na manga da camisa, ainda segurando as duas facas longas com que treinava. Elas não tinham o alcance de uma espada larga, mas compensavam em velocidade e precisão. As lâminas eram relativamente simples, sem enfeites, à exceção dos entalhes elegantes de dragões. Caius respirou fundo, deixando o pulso desacelerar. Dorian aguardou em silêncio, envergonhado.

— Por favor, me diga que temos alguma pista para continuar — Caius disse, caminhando para o canto do salão, afastando-se do local onde os Dragões de Fogo de Tanith treinavam. Todos os

Drakharin presentes ali haviam feito um juramento de lealdade a ele, mas os Dragões de Fogo eram resolutamente leais à irmã de Caius.

Dorian tirou algo pequeno do bolso e mostrou a Caius. Era uma bolsinha de couro, macia e flexível devido a anos de manuseio. Devia ter sido roxa um dia, mas o couro desbotara havia muito tempo e se tornara um preto desgastado. As estrelas bordadas na frente tinham ficado cinza. Caius enfiou a mão dentro dela e seus dedos saíram manchados com um fino pó preto.

— Pó de sombra — Caius disse. — Como, em nome de tudo o que é mais sagrado, uma garota humana teve acesso a pó de sombra?

— Ela o utilizou para fugir por um portal que a velha tinha no jardim. — Dorian sacudiu a cabeça, soltando um suspiro longo e irritado. — Malditas árvores.

Caius fechou a mão sobre a bolsinha.

— Uma humana viajando pelo entremeio. Nunca pensei que viveria para ver isso.

— Apenas me diga o que fazer. — Os tons de azul no olho de Dorian serpeavam como em um redemoinho. Caius nunca tinha visto outro Drakharin com olhos que variavam de acordo com o humor. — Posso resolver isso.

— Quero que ela seja encontrada. Reúna nossos informantes Avicen. Chame os feiticeiros, se for preciso. Se existe uma humana trabalhando para os Avicen, se ela é próxima o bastante para conhecer magia de passagem, alguém deve saber quem ela é.

Dorian concordou.

— Tem mais uma coisa — ele disse, desviando o olhar.

Os Dragões de Fogo haviam ficado em silêncio. Quando Caius olhou na direção deles, ninguém fez contato visual. Ele esperou até eles erguerem as espadas e retomarem o treino para falar.

— O que é?

Dorian chegou mais perto dele e abaixou a voz.

— A mulher deu uma coisa a ela. Um medalhão. De jade, acho, com uma moldura em bronze. Tinha o seu brasão. — Ele tirou um pequeno pedaço de papel do bolso e o desdobrou. — A garota mostrou isto a ela.

Quando Caius viu o que Dorian tinha na mão, foi como se o tempo desacelerasse. Seu coração se transformou em uma roda enferrujada, esforçando-se para avançar. Ele estava dolorosamente ciente de cada movimento mínimo de suas articulações ao pegar o mapa das mãos de Dorian. Ele conhecia aquela caligrafia. Não a avistava havia quase cem anos, mas *conhecia*. Rose nunca fora descuidada a ponto de lhe escrever cartas de amor, mas era uma tomadora de notas compulsiva. Sua cabana era cheia de anotações, letras de música pela metade e listas dos legumes que ela precisava colher na pequena horta dos fundos. Não lhe restava nenhuma dúvida de que Rose — sua Rose — havia escrito as palavras no mapa. Mas como a garota o havia encontrado? Ele engoliu em seco.

— E você tem certeza absoluta de que era um medalhão de jade?

Dorian franziu a testa e assentiu devagar. Caius desviou o olhar. Ele não tinha desejo algum de ver a expressão confusa de Dorian. Havia apenas uma joia de jade com sua marca que tinha desaparecido. Ela havia sido perdida em um incêndio, muito tempo antes, junto com muitas outras coisas. Sua irmã era a única pessoa que sabia sobre Rose, e era um segredo que ambos levariam para o túmulo. Caius fechou os olhos e, por um instante, apenas sentiu o cheiro da fumaça cáustica e do sal do mar.

— Ela não tem nenhum direito de ficar com ele. — As palavras pareciam densas na boca de Caius. — Encontre-a. Vá atrás dela.

Dorian estava encarando-o preocupado, e talvez com mais algum sentimento a que Caius não podia corresponder. Tocava seu coração, mas não do modo que ele suspeitava de que Dorian gostaria. Toda amizade tinha seus segredos, e ele estava disposto a fazer papel de idiota e distraído se isso significasse que Dorian guardaria o seu. Dorian parecia querer perguntar ao amigo sobre a leve mudança em sua voz, sobre o assombro que Caius temia haver em seus olhos.

— E quando eu a encontrar? — o capitão perguntou.

— Não faça nada — Caius disse. Se ele quisesse algo bem-feito, teria que fazer ele mesmo. — Apenas me comunique.

— O que pretende fazer, Caius? — O tom de voz de Dorian não era o de guarda obediente, mas de velho amigo.

Encontrar o mapa com a letra de Rose e o medalhão que Caius havia dado a ela significava que ela estivera envolvida, de alguma forma, em questões Avicen no Japão, e ele nunca ficara sabendo. Ele havia contado a ela tudo sobre si, todos os segredos, todas as histórias constrangedoras, todos os desejos e sonhos. Ela soubera de tudo, e ele estava começando a achar que mal a conhecera superficialmente. Ele se lembrava da sensação da pele dela junto a seus lábios enquanto a beijava no pescoço, admirando como o medalhão reluzia sob o brilho fraco das velas em cima da cômoda dela. A estrada para o pássaro de fogo o havia levado até ali, seguindo os rastros da garota que tinha amado e perdido havia tanto tempo. Ele precisava saber como Rose se encaixava em tudo aquilo, tinha que entender o quebra-cabeça que ela havia deixado.

— Eu mesmo vou atrás da garota — ele comunicou a Dorian. — Mas não como Príncipe Dragão. Isto é pessoal. Ela tem algo que me pertence, e vou pegar de volta.

## TREZE



ECHO SAIU DA ESTAÇÃO DE METRÔ ASTOR PLACE sentindo o peso do medalhão no pescoço. Não ousava voltar para a Grand Central, não quando havia uma chance dos Drakharin a rastrearem pelo entremeio. Suas mãos ainda tremiam com a adrenalina, e seus dedos estavam pretos com restos de pó de sombra. Antes de fazer qualquer outra coisa, ir a qualquer outro lugar, precisava de mais pó. Se a encontrassem, ela precisaria entrar na passagem mais próxima. Fechando a jaqueta para se proteger do vento, ela desceu para a Saint Mark's Place. Uma rápida parada na Ágora para pegar mais pó com Perrin, e depois direto para a Ala.

Ela respirou fundo, perdendo-se na multidão de pedestres anônimos. Estava com medo de fechar os olhos e ver o vermelho vivo do sangue da velha senhora brilhando na lâmina do Drakharin de um olho só. Era tão brilhante, como rubi líquido. Mesmo com o som das buzinas do trânsito da hora do rush, Echo ainda podia ouvir os últimos suspiros da mulher.

Echo pegou o medalhão, passando a corrente pela cabeça. Devia haver algo ali, algo que os Drakharin desejavam tanto a ponto de matar por ele. Ela tentou abrir, mas o fecho do medalhão era antigo e estava torto, como se tivesse sido amassado. Estava emperrado. Quaisquer que fossem os segredos que guardava, permaneceriam secretos até que ela ou a Ala conseguissem abrir.

Apertando bem o medalhão entre os dedos, Echo enfiou as mãos sujas nos bolsos quando a placa divertida do Crif Dogs apareceu. A menina de cabelo azul ainda estava no balcão, com os pés para cima, como se não tivesse se movido desde a última vez em que

Echo havia estado lá. Echo nem se preocupou em sorrir desta vez, passando pelas mesas lotadas até a cabine telefônica, falando a senha no fone em piloto automático. Ela estava na metade do labirinto quando ouviu vozes. Vozes conhecidas. Contendo um xingamento, Echo se abaixou em um canto, rezando para todos os deuses que existissem para que não fosse vista.

— Ela está planejando alguma coisa. Posso sentir — alguém sussurrou.

Era Ruby. Puxa-saco de Altair. Parceira de treinamento de Rowan. Inimiga mortal de Echo.

*Droga.* Echo pressionou o corpo junto à parede, sentindo uma reentrância se enterrar dolorosamente em suas costas.

— Não posso expor a Ala diante do restante do conselho sem provas de que ela está cometendo alguma transgressão, Ruby.

A segunda voz era grave, com um toque estrondoso, como um trovão. Altair. *Droga, droga. Droga, droga, droga. Mil vezes droga.*

Ousando dar uma espiada, Echo praguejou em silêncio. Eram apenas os dois, mas era o bastante. Altair, com penas brancas e lisas na cabeça que combinavam com o seu manto branco de Falcão de Guerra. As penas marrons de seu braço ficavam quase pretas sob a luz fraca do labirinto. O manto de Ruby, escuro e brilhante como uma mancha de petróleo, misturava-se à plumagem preta de seus braços e de sua cabeça, deixando-a completamente perdida nas sombras. Quando estava a serviço, tinha que usar o branco dos Falcões de Guerra, e a palidez dele a fazia parecer adoentada e descorada. Echo tinha ouvido falar que Ruby havia aprendido a controlar as sombras, mas nunca a havia visto fazer isso de verdade. Era um dos motivos de estar entre os recrutas favoritos de Altair. Os Avicen tinham facilidade com magia, muito mais do que Echo, mas Ruby tinha um talento raro para alguém de sua idade.

— Depois do que acabou de ver? — Ruby perguntou. — De que outra prova você precisa?

— Você vive se esquecendo, Ruby. Sou seu comandante, e não seu amigo.

O constrangimento tomou conta da voz de Ruby.

— Peço desculpas, senhor. O que deseja que eu faça?

O estômago de Echo começou a revirar. Se Altair começasse a investigar a Ala, não pararia até descobrir seus planos de encontrar o pássaro de fogo. Chamar Altair de persistente era pouco.

— Só sei que a Ala está enviando aquela garota humana para fora — Altair disse. — Ela está fazendo tarefas de que ninguém além da Ala tem conhecimento. Fique de olho nela. A Ala pode confiar na menina, mas ela não é uma de nós.

— Nunca entendi por que a deixamos ficar — Ruby afirmou.

Echo mordeu o interior da bochecha com tanta força que corria o risco de sangrar.

— Sentimento. — Saindo da boca de Altair, a palavra era um sacrilégio.

Ruby disse algo que Echo não conseguiu entender, mas ainda assim pôde notar o tom de falsidade em sua voz. Ela precisava sair dali antes que a encontrassem escondida na escuridão desse jeito, mas também não podia voltar, não sem mais pó de sombra. Fechando o zíper do bolso com o medalhão, ela endireitou os ombros e virou a esquina. Ao som dos passos sobre as tábuas soltas que compunham o chão do labirinto, dois pares de olhos se voltaram para ela.

Echo acenou para eles, saboreando em silêncio o modo como os lábios de Ruby se curvaram em desdém. O sentimento era mútuo.

— Olá.

Altair a encarou, o laranja e o preto de seus olhos de águia estavam mais pungentes do que nunca.

— Echo. — Foi tudo o que ele disse antes de acenar com a cabeça para Ruby e se virar para sair. Ele seguiu por um corredor que o levaria aos túneis debaixo da estação Astor Place, e as sombras engoliram sua figura.

Quando Echo se virou novamente para Ruby, foi recebida com o sorriso menos amigável que já havia visto. Ficar sozinha com Ruby a fez se sentir pequena. Por mais que Altair a considerasse um ser inferior, ela se sentia mais segura na presença dele. O general era um cara que gostava de fazer as coisas da maneira correta. Echo não tinha tanta certeza em relação a Ruby.

— Echo. — A voz de Ruby era exageradamente doce, tão falsa que Echo teve vontade de gritar. — Onde você estava?

*Sendo perseguida no Japão por um monte de Drakharin*, Echo pensou. Mas não podia admitir isso, então mentiu.

— Fui a um médico humano. — Ela colocou a mão na barriga. — Dor de estômago.

Ruby franziu o nariz como se sentisse o cheiro de algo errado.

— E para onde está indo agora?

— Vou à loja do Perrin. Disse a Ivy que pegaria umas coisas para ela. — Não era verdade, mas quase. Talvez ela tivesse que transformar isso em seu lema de vida.

— Te acompanho — Ruby disse como se fosse a coisa mais natural do mundo. Como se a antipatia entre elas não fosse tão densa a ponto de Echo poder pegá-la com uma colher.

Echo hesitou alguns segundos antes de concordar. Elas prosseguiram em silêncio pelo restante do labirinto até chegar à luz amarela da Ágora. Echo sorriu para alguns Avicen que olharam para ela — o padeiro que levava o cheiro de farinha e manteiga consigo a todos os lugares, a costureira muito parecida com uma ave-do-paraíso que Echo havia visto em um livro —, mas os sorrisos que recebeu em retorno eram tensos e desconfiados. As duas jovens deviam compor uma imagem bem estranha: Ruby com seu manto de penas pretas, tão parecida com uma sombra, andando ao lado de Echo, sem penas, uma humana pequena.

Quando Ruby falou, manteve a voz baixa o suficiente para que Echo soubesse que as palavras eram destinadas apenas a seus ouvidos, e aos de mais ninguém.

— Altair pode querer pegar leve com você, mas sei que a Ala está tramando alguma coisa, e você está envolvida.

Echo ficou tensa.

— Não sei do que você está falando — retrucou, mantendo o tom de voz o mais neutro possível.

Ruby pegou Echo pelo braço, apertando os dedos como uma algema de aço.

— Independentemente do que estiver fazendo, deixe Rowan fora disso. Ele tem um futuro brilhante conosco. Não o arraste com você.

Echo soltou o braço, lutando contra a vontade de esfregar a pele onde sabia que depois encontraria hematomas no formato de dedos. Não havia palavra intensa o bastante em seu idioma para abranger o tanto que desprezava Ruby. Ela olhou para os Avicen que perambulavam pela praça. Meia dúzia de cabeças se virou, como se estivesse simplesmente a encarando.

Ela sabia que eles ainda estavam se esforçando para ouvir a conversa. O que Ruby pensava sobre os humanos, em especial sobre Echo, era de conhecimento público, e ver as duas juntas provavelmente seria a maior fofoca da semana. Era como Rowan havia dito: são muitos Avicen e poucas fofocas. Echo se virou, encarando o olhar fixo de Ruby. Os olhos dela eram azuis-claros bem pálidos como os de um abutre. Echo os odiava. Odiava aqueles olhos idiotas e aquelas penas pretas idiotas e aquela pele branca como leite idiota. Odiava tudo nela.

— *Backpfeifengesicht* — Echo disse. Era uma de suas palavras preferidas. *Alemão. Uma cara feita para apanhar.* Servia perfeitamente para Ruby.

Ruby pareceu confusa por meio segundo. Foi o melhor meio segundo da vida de Echo.

— O que isso significa? — Ruby perguntou. Echo quase foi capaz de saborear a dor com que ela perguntava aquilo.

Echo deu um sorriso malicioso.

— Procure no dicionário.

Ruby estreitou os olhos.

— Só estou dizendo que, se eu fosse você, prestaria atenção em que está confiando.

— Minha nossa, Ruby, não pensei que se importasse.

— Não é com você que me importo — Ruby disse.

Em um piscar de olhos, Ruby havia sumido. Echo analisou a multidão, mas era como se a outra tivesse desaparecido nas sombras. Ela não se surpreenderia se Ruby ainda estivesse ali, observando. Aguardando um deslize. Com a sensação de estar sendo observada, Echo caminhou os últimos metros que faltavam até a loja de Perrin. Entrar, pegar o pó de sombra, sair. Primeiro o

Drakharin, agora Ruby. Ela precisava chegar até a Ala. A Ala saberia o que fazer.

Ao abrir a porta da loja, a saudação de Echo morreu na garganta. O local havia sido saqueado. Cacos de vidro cobriam o chão onde os armários e expositores de Perrin haviam sido arrombados. Havia pó de sombra espalhado por todo lado, e um pouco pairava no ar. Vigas de madeira quebradas sobressaíam onde parecia que um corpo havia atravessado as estantes, e mapas pesados e pergaminhos espalhavam-se sobre o piso.

Bem no meio do caos e dos escombros, havia uma única pena branca, tão familiar a Echo quanto os cabelos de sua própria cabeça. Era de Ivy. O estômago de Echo afundou como chumbo na água.

— Merda.

## CATORZE



— ALA!

Echo entrou pela porta do ninho da Ala com os músculos protestando. Ela viera correndo da loja do Perrin, sem nem registrar as pessoas pelo caminho, Avicen ou humanos; havia empurrado todos para passar pelos túneis lotados das estações Astor Place e Grand Central, irrompendo pelas passagens como se estivesse pegando fogo.

— Ivy desapareceu. Eles levaram ela...

— Sabemos disso. — A voz de Altair era grave e vibrava direto no centro do corpo de Echo. Ele e a Ala estavam tendo uma conversa séria. A Ala estava atrás dele, observando cautelosa o olhar frenético de Echo. Os brancos e marrons das penas curtas e afiadas de Altair chegavam a ser bonitos em comparação aos tons terrosos da mobília da Ala.

A boca de Echo abriu e fechou. Ela podia imaginar o que a Ala diria se estivessem em circunstâncias normais. *Em boca fechada não entra mosca.* Mas essas não eram circunstâncias normais. A Ala e Altair mal se suportavam, e ele nunca, jamais, fazia visitas em casa.

— Hum... — Às vezes Echo tinha a nítida impressão de que não era tão esperta quanto gostava de acreditar. — É a Ivy. Ela... — As palavras estavam presas na garganta, recusando-se a sair.

A Ala passou por Altair. Ela pegou a mão de Echo, apertando-a um pouco forte demais.

— Eu sei. Altair acabou de me contar. Temos motivos para acreditar que foram feiticeiros.

— Fui até a loja do Perrin — Echo disse, cuspiendo as palavras com pressa. — Está em ruínas, com vidro para todo lado, tudo quebrado e... — Echo soltou a mão da Ala e a enfiou no bolso, tirando a pena branca que havia recolhido no chão da loja. — Encontrei isto. — Lágrimas queimavam seus olhos, mas ela fazia o possível para contê-las. Não choraria na frente de Altair. Estava absolutamente decidida a não chorar.

A Ala levou a mão à boca enquanto sua máscara cuidadosamente neutra ruía.

— Ah, Ivy... Minha doce menina.

— Achamos que os feiticeiros foram contratados pelos Drakharin — Altair disse, com uma mão na empunhadura da espada. Ele nunca ia a nenhum lugar desarmado. — Um ataque dentro da Ágora seria arriscado demais sem uma motivação séria. Feiticeiros são gananciosos. Fáceis de subornar, e brutais quando querem.

Echo abriu a boca para responder, mas a Ala foi mais rápida.

— Mas por que levariam Ivy? Poucos ousariam encostar o dedo em uma curandeira... e em uma aprendiz, ainda por cima.

*É por minha causa.* O pensamento pesava como pedras no estômago de Echo. Ela enfiou a mão no bolso e apertou o medalhão. *Eles a levaram por minha causa. Porque estou com o medalhão e eles o querem.*

Naquele momento, Echo se sentiu irremediavelmente jovem de uma forma que não se sentia desde a primeira vez que fugiu. A Ala estendeu a mão para ela, mas a garota se afastou. Ela seria forte, se não por seu próprio bem, pelo de Ivy. A ideia de que a busca pelo pássaro de fogo havia trazido os Drakharin até a porta dos Avicen envolveu o coração de Echo e o apertou. Se Ivy fosse ferida — ou coisa pior — por culpa de Echo, ela jamais conseguiria conviver consigo mesma.

— Boa pergunta, Ala. — A voz de Altair era baixa, mas carregava um peso que fez o coração de Echo disparar. — Esperava que vocês duas pudessem esclarecer um pouco a situação.

A Ala nem piscou.

— Não sei do que está falando, Altair.

— Não se faça de idiota — Altair disse. — Não combina com você.  
— Ele se aproximou um pouco das duas, e Echo teve uma noção repentina do tamanho descomunal dele. Eram quase dois metros de um guerreiro endurecido pela batalha, e mulheres melhores do que ela haviam caído a seus pés com medo. A garota sentiu todos os centímetros de sua frágil humanidade diante dele. O general encarou Echo nos olhos ao continuar: — Tenho mais ouvidos no Ninho do que você imagina. Sei que vocês duas estão tramando alguma coisa pelas minhas costas, e vim aqui descobrir o que é. O momento do ataque não pode ser coincidência. Se estiver relacionado com qualquer esquema que vocês estejam armando, precisam me contar.

A Ala encostou no braço de Echo, afastando-a de Altair.

— Echo não tem nada a ver com isso. Você vai deixá-la fora disso.

Altair franziu a boca.

— Se vocês duas estão guardando segredos que podem ser relevantes para o resgate de Ivy e Perrin, preciso saber. — Ele inclinou a cabeça para encarar Echo atrás do ombro da Ala. — Você vai me contar o que sabe, menina, ou descobriremos se uma noite atrás das grades vai soltar sua língua.

A Ala empurrou Echo com o cotovelo, ficando entre a garota e Altair. Echo era baixa o bastante para a visão de Altair ser bloqueada dessa forma. A Ala ficou com uma mão atrás das costas e balançou os dedos para Echo. Ela parecia saber, sem que ninguém lhe dissesse, que Echo havia voltado com alguma coisa. Uma das muitas vantagens de ser uma Profeta, Echo supôs.

— Como ousa? — a Ala vociferou alto o bastante para garantir que teria a atenção de Altair. Echo passou o medalhão para a mão da Ala. Com um movimento do punho da Ala, ele desapareceu nas dobras de sua túnica. — Echo é responsabilidade minha, o que significa que está sob minha proteção. Você não tem o direito de chegar aqui e fazer ameaças. Ela não passa de uma criança e não infringiu nenhuma lei.

— Não infringiu nenhuma lei?! — Altair soltou uma gargalhada intensa e fria. — Ela é uma ladra! Qualquer pequeno Avicen pode confirmar isso. A garota não é nada inocente.

*A garota.* Como se Echo não estivesse parada bem na frente dele. Não importava por quanto tempo ela vivesse entre os Avicen, Altair sempre a veria como alguém de fora. Como inferior. Ela entrou na frente da Ala, vestindo sua determinação como uma armadura.

— O que você vai fazer em relação a Ivy? — Echo perguntou. Ela não se esconderia atrás da Ala por medo de Altair. Não agora, quando sua amiga havia sido sequestrada. Não quando a culpa era dela. — E Perrin?

Altair inclinou a cabeça, olhos ardendo com raiva contida.

— Não lhe devo explicações. Se a Ala a considera uma criança, então será tratada como uma. Vá embora. — Altair alternou o olhar entre ela e a Ala. — Isto não é da sua conta.

— Me desculpe, mas meus amigos são da minha conta. — Antes que tivesse tempo de pensar no que estava fazendo, Echo agarrou o braço de Altair, puxando-o de modo que a encarasse. O general ficou encarando a mão dela, tão pequena nos músculos grossos e firmes de seu antebraço, e ela se esforçou para não se retrair diante daquele olhar fixo.

— Já cansei de você, menina — Altair disse, crescendo para cima dela. O marrom e o branco brilhante de suas penas eram tão impressionantes de perto quanto de longe. — Mais uma palavra e juro que te jogo em uma cela confortável, seja você criança ou não.

Echo ficou olhando para ele, com os punhos agitados ao lado do corpo. Quando crianças, ela e Ivy haviam feito uma incursão ao guarda-roupa da Ala e desfilado com suas túnicas longas e esvoaçantes. Muitas vezes, as devolviam esfarrapadas. A Ala havia tido uma conversa séria com elas e dito para nunca mais fazerem aquilo. Naturalmente, Echo convenceu Ivy a redobrar os esforços. A Ala havia descoberto muito cedo que o jeito mais rápido de conseguir que Echo fizesse algo era dizendo para ela não fazer. Altair nunca havia prestado atenção suficiente nela para aprender a mesma lição.

Inclinando-se para a frente, com o queixo erguido, Echo encarou os olhos laranja de Altair, duros e frios, apesar do calor das tochas à sua volta.

— Tente.

## QUINZE



O CALABOUÇO DA FORTALEZA DO DRAGÃO era um local implacável. Paredes de pedras escuras, manchadas pela sujeira de anos, engoliam totalmente a luz até que apenas uma iluminação bem fraca restasse para guiar os passos de Dorian. Um odor metálico pairava no ar, com um quê de úmido e enjoativo. Mais ou menos como sangue misturado com musgo. Dorian respirava pela boca, e quase conseguia sentir o gosto do fedor de carne queimada e penas esturricadas. Os interrogatórios de Tanith sem dúvida eram eficazes.

Primeiro ele passou pela cela do comerciante. Perrin, era esse o nome dele. Dorian se esticou para ver a figura que estava deitada de bruços no chão da cela, pressionada contra a parede mais afastada como se tivesse caído ao se encolher diante da última pessoa que havia encontrado. Tanith tinha esse efeito nos fracos. Na maioria das pessoas, na verdade. A luz estava tão fraca que Dorian tinha dificuldade de detectar a movimentação do peito de Perrin. Alguns momentos se passaram sem nenhuma respiração para romper o silêncio. O comerciante estava caído, perfeitamente imóvel como um cadáver. Dorian franziu a testa. Perrin não tinha lá muita integridade, mas a atenção metódica de Tanith era algo que Dorian só desejava para seu pior inimigo.

O som de correntes se arrastando vinha da cela do outro lado do calabouço. A garota Avicen. Aquela que estava no lugar errado, na hora errada. Ela se recusava a dizer seu nome, e Dorian ficou se perguntando se Tanith havia tido mais sorte. Ele entrou na cela dela, fazendo questão de que seus passos fossem barulhentos em meio ao silêncio inquietante do calabouço, para não assustá-la. Ela estava

agachada no canto da cela, encolhida para parecer o menor possível, mas nem mesmo a escuridão conseguia esconder os pequenos tremores que sacudiam seu corpo. Suas penas brancas estavam manchadas de fuligem e sangue, e ela ficou tensa quando o general se aproximou.

Dorian apoiou as mãos nas grossas barras de ferro da cela.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou com a voz mais suave que conseguiu.

A garota apenas levantou a cabeça. Dorian suspirou e enfiou a mão no bolso para pegar a chave mestra. Ao som da porta sendo destrancada, a menina se apertou ainda mais contra a parede, como se existisse mais espaço para onde ir. Ela enterrou o rosto nos joelhos e estremeceu.

Dorian se ajoelhou ao lado dela.

— Não vou te machucar — ele disse. Não que ela tivesse qualquer motivo para acreditar nele, mas, diante do estado lastimável da garota, ele não sabia o que dizer.

Ela o observou por sobre os joelhos, com os grandes olhos pretos refletindo o brilho da tocha que ficava do lado de fora da cela. Ela piscou, uma piscada longa e lenta, antes de esconder o rosto nos joelhos mais uma vez.

— Qual é o seu nome? — Dorian perguntou. — Não vou sair daqui. E vou ter que te chamar de alguma coisa.

A garota murmurou alguma coisa tão baixo que ele não conseguiu entender.

— O que você disse?

Ela falou apenas um pouco mais alto, mas foi suficiente para entender a palavra.

— Ivy.

— Ivy — ele repetiu. — É um nome muito bonito.

— Você veio aqui fazer o papel do policial bonzinho? — a menina perguntou com a voz áspera e trêmula.

— O quê?

— O policial bonzinho. — A menina (Ivy, ele se lembrou) levantou os olhos. Ela tossiu, e algumas gotículas de sangue respingaram nas penas sujas de seus antebraços. — A loira de olhos vermelhos era a

policial má. Então você deve ser o policial bonzinho. — Ela tossiu novamente. — Vejo filmes.

Dorian não fazia ideia do que ela estava falando, então deixou para lá.

— Não precisa ser dessa forma — ele disse.

Ivy levantou mais a cabeça.

— Essa é a parte em que você me diz que, se eu falar, vai me deixar ir embora, sem mais nem menos?

— Não — ele respondeu. Não havia motivo para mentir. Ela podia ser jovem, mas não era imbecil. — Não vou te deixar ir embora, mas posso fazer com que Tanith não volte aqui. Posso mantê-la longe de você.

A garota o analisou por um instante, piscando como uma coruja na escuridão.

— Mentiroso — ela disse em voz baixa.

— acredite no que quiser. — Dorian levantou, limpando as calças. — Não somos todos monstros. É disso que os Avicen nos chamam, não é?

Dorian podia sentir os olhos dela enquanto ele se virava com a chave na mão. Quando ela falou de novo, sua voz era pouco mais alta que um sussurro, e as palavras se perderam. Ele se virou para ela de novo, e se ajoelhou.

— Não entendi — Dorian falou, aproximando-se o máximo que ousava. As mãos dela podiam estar amarradas, mas um dos feiticeiros que a pegaram ficara com marca de mordida no braço. Ela não tinha sido capturada sem lutar.

Ela pigarreou antes de falar.

— Como você o perdeu?

Dorian ia levar a mão ao tapa-olho, mas interrompeu o movimento no meio do caminho. Os tremores de Ivy haviam cessado; ela o encarava fixo, e a tensão ao redor dos olhos era o único sinal de que ainda estava assustada.

— Altair. — Ele não tinha ideia se o nome significava alguma coisa para ela, mas, quando um sorriso sem graça apareceu no canto dos lábios dela, algo negro e venenoso tomou conta das entranhas de Dorian.

— Ótimo. — Ela cuspiu sangue e saliva ao lado do capitão. — Espero que ele tenha guardado. Ouvi dizer que ele adora um bom troféu.

A mão de Dorian voou antes que se desse conta do que estava fazendo. Ele acertou a lateral do rosto da garota, jogando-a contra a parede. Lágrimas corriam pela face dela, embora o choro fosse silencioso. Os pequenos tremores que antes tomavam conta de seu corpo retornaram, mais fortes.

O ímpeto de se desculpar era quase devastador, mas Dorian o reprimiu. Não ficaria se explicando para uma prisioneira Avicen. Ele saiu da cela da garota, batendo a porta. Trancou-a e deixou o calabouço, sem se preocupar em olhar para os Dragões de Fogo na entrada.

Quando se afastou o bastante, a ponto de o cheiro de sangue e musgo não passar de uma lembrança desagradável, Dorian parou, cedendo junto à parede do corredor. A pedra áspera estava divinamente fria em contato com sua pele. Bile subiu por sua garganta, ele sentiu que ia passar mal. Fraquezas muito óbvias o deixavam enojado. Embora ele quisesse pensar que tinha sido a fraqueza da menina que o revoltara, sabia, sem sombra de dúvida, que fora a sua própria.

## DEZESSEIS



A ÚNICA LUZ NAS CELAS DO NINHO vinha do brilho tremeluzente de candeeiros pendurados nas paredes. Echo apoiou a cabeça na parede por uma fração de segundos. A pedra estava úmida, como se coisas crescessem ali. Ou pelo menos houvesse o potencial para isso.

Ela se inclinou para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, com a bunda dormente por ficar sentada sobre a pedra dura. Um único cobertor esfarrapado, marcado com manchas cuja origem Echo ficava feliz em desconhecer, era tudo o que a separava do chão frio de sua cela. O local onde estava com certeza era medieval, mas nada remotamente charmoso, como da vez em que enrolou Ivy em várias camadas de roupa de frio e a arrastou para o Medieval Times, em Nova Jersey. Ela teve que roubar pelo menos uma dúzia de carteiras para pagar a passagem de ônibus e os ingressos, mas elas comeram coxas de peru com as mãos, e o Cavaleiro Verde deu uma rosa para Ivy depois de derrotar o Cavaleiro Preto e Branco em um duelo.

O odor da cela também era medieval. Echo não conseguia discernir de onde vinha o cheiro. Talvez do chão. Ou das paredes. Ou de todos os lugares. Ela respirou fundo e só conseguiu sentir o cheiro de solo úmido.

*Petrichor*, ela pensou, dando um peteleco em um pedaço de terra solta. *Inglês. O cheiro da terra depois da chuva.*

Sem luz, era difícil dizer quanto tempo havia se passado. Até então, um prato deplorável de pão com queijo e um copo de metal com água haviam sido empurrados pelas barras de sua cela duas

vezes. Horas, então. Não mais de um dia. Parecia uma eternidade. Os Falcões de Guerra que a haviam jogado lá dentro se recusavam a responder depois que ela os irritou com insultos. Nada generoso da parte deles. Ruby, pelo menos, teria devolvido na mesma moeda.

Echo tentou se distrair pensando em lugares mais confortáveis do que aquele. Pensou na primeira vez em que havia dormido em paz, encolhida sobre uma montanha de travesseiros nos aposentos da Ala, enquanto ela cantava uma canção de ninar sobre uma gralha triste. Pensou no calor da casa de chá da Maison Bertaux, onde ria com seus amigos e se sentia jovem e invencível. Pensou em Rowan. O que ele pensaria dela? Ele era um deles agora. O novo recruta mais promissor. Ele gostava de Altair. Ele o respeitava. E Altair havia acabado de atirá-la em uma cela. Aos olhos de Rowan, ela seria execrada? A ideia doía, mas só um pouco, como um corte feito com papel. Ela sempre fora um pouco execrada. Era apenas uma questão de tempo até Rowan se dar conta disso.

Echo queria ter uma folha de papel. Escrever acabaria com a monotonia. Ela pensou no que escreveria em seu papel hipotético, com sua caneta hipotética. Suas memórias da prisão. Uma carta, talvez. Mas para quem? Rowan? Ivy? Pensar em Ivy aumentava o abismo na alma de Echo, como um buraco negro devorando matéria, então ela tentava não pensar. No entanto, não pensar em Ivy, em onde Ivy poderia estar, no que Ivy estava fazendo, e em se Ivy estava ou não com medo, era como pedir a si mesma para não respirar. Ela podia redirecionar os pensamentos, prender a respiração, mas em algum momento sua mente se rebelaria e seus pulmões exigiriam oxigênio, então ela seria atormentada por pensamentos a respeito de Ivy novamente. Ivy sozinha. Ivy assustada. Ivy ferida. E tudo por causa de Echo e daquele maldito pássaro de fogo idiota.

Ela choramingou e desejou não ter feito nada daquilo. Era um ruído lastimável. Um ruído patético. Ela havia aprendido desde pequena a chorar sem fazer nenhum barulho, mas pensar em Ivy sentindo dor, talvez até morrendo, com as penas brancas manchadas de sangue, era demais. Echo mordeu as bochechas com força e ficou determinada a permanecer imóvel. Choramingar não salvaria

Ivy, mas espadas eram feitas de aço, e ela jurou por todos os deuses que enfiaria uma na primeira pessoa que encostasse um dedo nas penas da cabeça de Ivy.

Echo suspirou. Ela apodreceria ali. Saber disso era quase reconfortante. A questão de seu apodrecimento estava totalmente fora de suas mãos. Ela recostou a cabeça na parede e nem se incomodou com a umidade. Com o tempo, o sono tomou conta dela, e, enquanto ela caía em seus braços, rezava para não sonhar.

Echo acordou com o som de uma única batida leve nas barras de sua cela. Ela levantou rapidamente, esfregando o rosto e se contraindo quando uma série de estalos acompanhou o desenrolar de sua coluna. A teia de aranha teimosa do sono ainda estava presa a ela, e as reminiscências de sonhos evaporaram como fumaça ao vento, esquecidas.

— Psiu. Echo.

Echo cambaleou de pé, apertando os olhos no escuro.

— Quem é?

Uma figura surgiu da escuridão, metade escondida pelas sombras, mas Echo era capaz de reconhecer aquelas penas douradas em qualquer lugar.

— Rowan — ela sussurrou, segurando as barras. — Nunca fiquei tão feliz em te ver.

Ele usava a mesma armadura dos Falcões de Guerra que a haviam trancado ali, e Echo odiava aquilo. Odiava o brilho novo do peitoral de bronze, e o manto branco imaculado preso aos ombros, e as pequenas correntes penduradas nas dragonas, significando sua posição de novo recruta. Não era ele. Não tinha nada a ver com ele. Essa guerra tinha invadido o mundo dela, engolindo seus amigos um a um.

Rowan passou as mãos pelas barras, entrelaçando os dedos nos dela. Seus olhos castanhos estavam repletos de preocupação, e o toque da pele dele fez algo se retorcer, dando um nó dentro dela. Ele apoiou a testa nas barras.

— Fiquei sabendo que você estava aqui embaixo e vim o mais rápido que pude. Disse aos guardas da entrada que assumiria o turno deles. Que droga aconteceu?

Echo fechou os olhos e deixou a testa cair sobre as barras. O rosto deles estava tão próximo que respiravam o mesmo ar. O hálito de Rowan cheirava a chocolate quente, e isso fez Echo ter vontade de rir e chorar e socar as paredes da cela.

— Discuti com Altair — ela sussurrou. — Ivy foi levada, e é culpa minha. Não posso dizer o motivo. Quero, mas não posso.

— Ei — Rowan chamou, soltando uma das mãos para poder secar o rosto dela. Ela nem tinha percebido que estava chorando. — Você pode me contar qualquer coisa. Sabe disso.

Echo sacudiu a cabeça, desgrenhando os cabelos nas barras. Ela não podia contar. Promessa era promessa, especialmente uma promessa feita à Ala. Ela mordeu o lábio rachado, segurando as palavras que queria desesperadamente verbalizar.

O suspiro de Rowan fez os fios de cabelo em suas têmporas voarem.

— Vai ficar tudo bem.

Echo apertou os dedos dele com tanta força que sabia que devia ter machucado.

— Temos que encontrar a Ivy, Rowan.

Ele acariciou os ossinhos dos dedos dela com os polegares, passando pelos nós e pelas linhas. Era tão suave que Echo pensou que começaria a chorar de novo.

— Altair já organizou uma equipe de resgate — ele murmurou junto aos cabelos dela. — Não se preocupe. Vamos encontrá-la.

Ele tinha tanta certeza, estava tão confiante. Echo queria acreditar nele. Queria depositar sua confiança nele e nos Falcões de Guerra, mas o pássaro de fogo pairava sobre sua cabeça, provocando-a. Ela tinha colocado seus amigos em perigo. Havia levado a briga até eles.

— Você não entende. É minha culpa.

— Mas como? Os outros Falcões estão dizendo que foram feiticeiros, provavelmente contratados pelos Drakharin.

Echo bateu a cabeça de leve contra as barras.

— Foi isso, mas... — Ela suspirou. — Acho que foram até a loja do Perrin procurando por mim. Estou com algo que eles querem.

Rowan se afastou, soltando as mãos de Echo, franzindo a testa. Os centímetros entre eles se transformaram em quilômetros. Sem a pele dele para aquecê-la, o ar úmido gelou a de Echo. Depois de minutos agonizantes, Rowan voltou a agarrar as barras, soltando um suspiro pesado de frustração.

— Que droga você estava pensando ao se misturar com os idiotas dos Drakharin? — ele perguntou.

— Foi a Ala. Ela me mandou encontrar uma coisa, e eles também estavam atrás disso.

— Que coisa? — Rowan bufou com os olhos quase pretos sob a luz fraca. — Se não me contar, Echo, não consigo te ajudar.

— Um medalhão. — Não era mentira, apenas uma versão reduzida da verdade.

Rowan sacudiu a cabeça.

— Não entendo. Por que um medalhão tem tanta importância a ponto de causar... — ele apontou para a cela — ... tudo isto?

Echo hesitou. *Ah, que se dane.*

— A Ala acha que está ligado ao pássaro de fogo.

Rowan ficou olhando para ela por vários segundos antes de dizer:

— Aquilo não é só uma coisa de conto de fadas que tem o poder de consertar tudo em um passe de mágica?

A risada de Echo era amarga e aguda.

— Coisa de contos de fada... — ela disse. — É um modo de dizer.

As mãos de Rowan estavam de volta, deslizando sobre as dela mais uma vez.

— Mas, falando sério... o pássaro de fogo não é só um mito?

— Era o que eu pensava — Echo disse. — Aparentemente é real, e é importante. E todo mundo quer. E preciso encontrá-lo antes dos Drakharin.

— A Ala achou que você diria isso.

— A Ala? O que você...?

Rowan tirou uma coisa preta debaixo do manto. Era a mochila de Echo.

— A Ala me pediu para trazer isto para você — ele disse, passando-a pelas barras. — Ela me disse para te soltar e me certificar de que você vai fazer o seu trabalho. Também disse que tudo de que você precisa está na mochila, inclusive outro mapa, o desse medalhão. Não faço ideia do que ela está falando, mas imagino que você faça.

Depois de piscar demoradamente, Echo perguntou:

— E você esperou todo esse tempo para me contar isso por quê...?

O canto dos olhos de Rowan suavizou. Ele a fitou por um instante antes de baixar a cabeça e ficar olhando para os pés.

— Precisava saber que era algo importante. Precisava saber que a Ala não estava te colocando em perigo sem um bom motivo. — Ele engoliu em seco, com os olhos grudados no chão. — Não quero que essa guerra piore, Echo. Não quero que pessoas boas sejam feridas. Se o pássaro de fogo pode acabar com isso, com tudo isso, então temos que tentar. — Ele soltou uma risada seca, frágil e aflita. — Você ficaria mais segura na cela.

Echo agarrou a mochila junto ao peito, sentindo como se o peso do mundo estivesse lenta e seguramente se acomodando sobre seus ombros.

— Mas e Ivy?

— Vou dar um jeito de Altair me levar com ele. Vou encontrar Ivy. Você encontra... o que precisa encontrar. — Rowan tirou uma corrente do pescoço da armadura. Uma chave mestra estava pendurada na ponta. Ele enfiou a chave na fechadura da cela, abrindo a porta mais rápido do que o ranger das dobradiças. — Preciso que me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa — ela disse, saindo da cela e respirando fundo. Ela sabia que era da cabeça dela, mas o ar desse lado tinha um odor muito mais doce, muito mais livre.

Rowan emaranhou os dedos nos cabelos dela, puxando-a para mais perto. A boca dele foi de encontro à dela, batendo os dentes. O beijo foi rápido e simples, e o coração de Echo disparou. Quando ele se afastou, havia uma audácia que ela apenas sonhava em ver. A realidade era mais do que podia imaginar. Ele levou a mão dela aos lábios, beijando seus dedos. A pele dela formigou ao toque dos

lábios dele. Quando ele falou, ela sentiu todas as sílabas junto à pele.

— Volte para mim — Rowan murmurou sem tirar a boca dos ossinhos dos dedos dela, e os olhos brilhavam com algo que parecia ser lágrimas.

Um nó se formou na garganta de Echo, e foi preciso toda a força que tinha para dizer:

— Eu volto. Prometo.

## DEZESSETE



*Bendita seja sua boa alma emplumada, ALA,* Echo pensou enquanto revirava a mochila. Juntamente com seu abridor de fechaduras e seu cortador de vidro, a Ala havia mandado um pequeno livro de feitiços, uma bolsinha cheia de pó de sombra, um par de meias, um par de luvas de couro e um vasilhame cheio de biscoitos de aveia e passas. O Louvre era conhecido por muitas coisas — a *Mona Lisa*, a *Vitória de Samotrácia*, a pirâmide de vidro da frente —, mas sua lanchonete não era uma delas. Além disso, nem ficava aberta à meia-noite. Mais ou menos como o restante do museu. Eram apenas Echo, os guardas e o pequeno pedaço de papel que a Ala encontrou dentro do medalhão, que estava enfiado no bolso lateral da mochila, junto com o próprio medalhão. Ela colocou o medalhão no pescoço, analisando o papel em sua mão. Era outro mapa, ou melhor, parte de um mapa. Assim como o de Kyoto, havia sido rasgado de um todo maior. A mesma mão apressada havia feito uma anotação na parte inferior direita, obscurecendo grande parte do azul desbotado do Sena cortando o centro de Paris.

*Reencontrado o que foi perdido,  
mas, sem custo, nada é obtido.  
Por esse símbolo do amor será guiada  
ao recomeço por uma ponta afiada.*

A expressão “ponta afiada” estava sublinhada com um traço grosso de tinta. Bem ao lado do Sena, a forma reconhecível do Louvre havia sido circulada em tinta vermelho amarronzada.

Claramente havia algum tipo de metodologia nos mapas e suas rimas; entretanto, como levariam Echo ao pássaro de fogo — se levassem — ela não fazia ideia.

Depois de atravessar o Ninho com a maior discrição possível, ela havia utilizado o pó de sombra para saltar direto da Grand Central para a estação de metrô Louvre-Rivoli, conectada ao museu, evitando, assim, a passagem principal do Ninho. Mesmo se o mapa não levasse a nada, não seria nada mal ela ficar a alguns milhares de quilômetros da ira de Altair.

O portão que separava a estação do saguão do museu recebeu um pouco de pó de sombra para transportar Echo de uma porta de um lado até um armário de abastecimento do outro. Echo mordiscava um biscoito e folheava o livro de feitiços quando deparou com uma página desgastada, com uma dobra no canto, marcada de maneira permanente. Ela se agachou atrás de uma coluna no saguão, fora do alcance das câmeras de segurança. Engoliu o resto do biscoito e limpou a mão nos jeans. Com um dedo só, desenhou um caractere avicet no chão de mármore.

Respirando fundo, ela se encheu de coragem e disse:

— Pelo escuro e pelo iluminado, passo sem ser notado. Para qualquer lugar, rápida como o ar. É o que quero, e como deve ser.

Assim que disse a última palavra do feitiço, sentiu o escoamento familiar de energia bem do fundo de seu ser. A magia exigia alguma forma de pagamento para funcionar, um sacrifício para equilibrar a balança do universo. Custava a Echo mais do que custaria a uma criatura naturalmente mágica como a Ala, mas era um pequeno preço a se pagar se significasse andar pelo Louvre sem que ninguém a notasse. Uma dor intensa e latejante se estabeleceu na base de seu crânio. Ela teria uma dor de cabeça horrível em algumas horas, mas aquilo era problema para mais tarde.

No alto, a câmera de segurança fez um pequeno protesto elétrico antes de desligar. O som substancial de corpos caindo no chão indicava que os guardas haviam desmoronado, acometidos por um sono repentino e devastador. O museu era dela e somente dela. Echo levantou, jogando a mochila sobre os ombros. Havia prometido

a Rowan e à Ala que completaria a missão, e era exatamente isso que faria.

Echo passou a mão enluvada sobre um expositor de vidro da Ala Richelieu, na seção de antiguidades do Oriente Próximo. Não podia ser coincidência o fato de a expressão “ponta afiada” estar sublinhada no mapa. Tinha que significar alguma coisa. Talvez fosse referência a uma espada ou alguma outra coisa afiada e pontuda que estivesse no Louvre havia pelo menos cem anos. O departamento do Oriente Próximo, que abrigava uma coleção impressionante de armamento do Império Mugal, era seu melhor palpite para encontrar o que quer que estivesse procurando, mas seu coração parou ao olhar para o mar de artefatos que havia diante dela. Seria como encontrar uma agulha em um palheiro. O mapa havia reduzido a localização ao Louvre, mas não vinha com um conveniente número de catálogo.

— Droga — Echo sussurrou, parando em frente a um dos expositores que havia analisado dezenas de vezes. Nada sobressaía a seus olhos. Nenhuma das placas tinha informações minimamente relacionadas a pássaros de fogo. Ela estava confusa.

Com um suspiro pesado, envolveu o medalhão com os dedos. No instante em que o tocou, perdeu o fôlego e uma corrente elétrica passou por seu corpo, arrepiando os pelos de seus braços.

Naquele momento, soube o que procurava.

*Por esse símbolo do amor será guiada,* Echo recitou para si mesma. Assim como os versos do mapa. Segurando o colar na mão, ela seguiu o puxão estranho e persistente que sentiu na barriga até um modesto expositor de vidro enfiado em um canto. Lá havia apenas um item, com uma plaquinha que dizia: PROVENIÊNCIA DESCONHECIDA.

Era uma adaga, com ponta afiada e tudo.

Echo pressionou a palma da mão livre no expositor, e o medalhão em sua outra mão brilhou através do couro de sua luva. Havia uma fileira de pequenos pássaros na empunhadura da adaga, com as asas apontando para cima, como se voassem, com penas pretas e

brancas detalhadas, delicadamente esculpidas em ônix e pérola. Gralhas. O desenho era simples, e a lâmina era de aço liso, mas a adaga era a coisa mais bonita que Echo já tinha visto.

Ela voltou a pendurar o colar no pescoço, liberando as mãos para trabalhar com o cortador de vidro, traçando um círculo no expositor grande o bastante para passar a mão, com cuidado para não cortar muito fundo e fazer a coisa toda se estilhaçar. Teria sido mais limpo e mais sutil remover a parte de cima do expositor, roubar a adaga e recolocar o vidro, mas levaria muito tempo. O coração dela batia no mesmo ritmo dos pulsos suaves de energia do medalhão junto a seu peito. Ela precisava sentir o peso da adaga nas mãos assim como precisava de ar nos pulmões. Com urgência, de modo inegável.

Ela deu um tapinha no círculo feito no vidro e ele caiu para dentro com um *pop* gratificante. Depois de guardar o cortador de vidro no bolso lateral da mochila, Echo enfiou a mão no buraco. Seus dedos tocaram o metal do punho da adaga, e uma onda de calor passou por seu corpo com uma ferocidade que a deixou sem fôlego. Ela envolveu o cabo com a mão e, assim que ficou firme em seu punho, a energia do medalhão se aquietou.

A sala estava em silêncio, mas ela sentiu um arrepio na nuca. Não estava sozinha.

— Não é educado ficar espionando as pessoas, sabia? — Echo disse, esforçando-se para manter a voz estável. Ela tirou a adaga pelo buraco, com cuidado para não esbarrar na pulseira que Perrin havia lhe dado.

Um leve riso.

— Da próxima vez terei o cuidado de usar um sino.

Echo se virou e encontrou um jovem parado a pouco mais de cinco metros dela, meio obscurecido. Não era para ele ter conseguido chegar tão perto. Poucas pessoas podiam prever os movimentos dela dessa forma, mas lá estava ele, apoiado em um pilar como se nem tivesse se esforçado. Sua indiferença era mais ameaçadora do que qualquer violência direta.

— E você é...? — Echo perguntou. *Fique calma. Ele não está te ameaçando. Ainda.*

Ele deu um passo e foi iluminado pela luz da lua que entrava pelas janelas superiores da galeria. Era extremamente bonito, quase lindo. A luz destacava os ângulos de seu rosto. Ele era alto, e tinha a quantidade exata de músculos para a estatura. Seu cabelo era muito escuro, preto, roçando as escamas nas maçãs do rosto, e seus olhos eram de um verde que fariam as esmeraldas chorarem de inveja. Ele tinha uma espécie de beleza selvagem.

*Como uma cobra*, Echo pensou. *Uma bela cobra esperando para dar o bote*. O segundo Drakharin em poucos dias. *Que sorte*.

— O que está acontecendo? — Echo perguntou. Ela agarrou a adaga com força. — Primeiro o caolho, agora você. Estou sendo perseguida pelo elenco do *America's Next Top Dragon*?

O Drakharin só piscou para ela, em silêncio.

— Você não tem senso de humor — ela disse.

— Quem é você? — ele perguntou em um tom ligeiramente curioso, como se não estivesse esperando uma resposta. Echo não se importava, já que ele não receberia resposta nenhuma mesmo. — Por que os Avicen têm uma criança humana para executar tarefas para eles? — Era difícil definir o sotaque dele. Havia um leve rastro de algo quase-meio-parecido com escocês escondido atrás de suas palavras, como um R um pouco arrastado.

— Com licença — ela disse. — Para o seu governo, estou muito perto de me tornar maior de idade.

O Drakharin fez um barulho parecido com uma risada.

— Você não é o que eu esperava, Echo.

O sangue dela gelou. Havia poder nos nomes. Era por isso que os Avicen escolhiam os seus. E, se havia poder nos nomes, o Drakharin que estava em sua frente acabara de roubar um pouco de seu poder.

— Como você sabe o meu nome?

— Um passarinho me contou. — O sorriso dele foi um soco no estômago. — E que tipo de nome é Echo?

Um passarinho... Ivy e Perrin. A ira de Echo cresceu, ardente e verdadeira.

— É o meu, seu escamoso filho da puta.

— Fiquei sabendo que você está com uma coisa que me pertence, Echo — o Drakharin disse. — Gostaria de pegar de volta. — Ela

odiava o modo como ele ficava repetindo seu nome.

— O quê? Esta velharia? — Echo disse, girando a adaga entre os dedos, com a luz da lua dançando com os pássaros no cabo; por um instante, pareceu que suas asas estavam se movimentando.

O Drakharin observou a adaga com os olhos apertados, e sua boca se transformou em uma linha séria.

— Entre outras coisas — ele disse.

*O medalhão*, Echo se deu conta.

Ela segurou no cabo da adaga com tanta força que sabia que ficaria com marcas em forma de gralha na palma da mão. Havia dias que não comia uma refeição decente, e não conseguiria ser rápida, mas estava ficando sem opções. Era lutar ou fugir. A julgar pela confiança que ele transmitia, devia ser bom de luta. Ela não teria chance.

Echo sorriu e disse:

— Achado não é roubado, idiota.

E correu.

## DEZOITO



CAIUS NÃO SABIA AO CERTO O QUE ESPERAR quando encontrou a garota humana que havia conseguido escapar do capitão de sua guarda, mas não esperava isto: em um minuto Echo estava lá, no outro, já não estava mais. Teria sido impressionante se não fosse irritante. Ela era humana, e ele a havia subestimado por causa disso. Praguejando em voz baixa, correu atrás dela. Não cometeria o mesmo erro duas vezes.

A garota não parecia particularmente forte ou apavorante, mas era rápida. Com uma agilidade surpreendente, saltou sobre um banco de mármore, voando por uma fileira de armaduras. Ela era impressionante, até mesmo impetuosa, e essa seria sua ruína. Embora ela pudesse ser rápida para uma humana, Caius não era humano, e ela não poderia correr para sempre.

— Pare! — Caius gritou, mesmo sem pretensões que ela escutasse. — Não vim aqui te machucar.

— Isso é conversa para boi dormir!

Ele não sabia o que o boi tinha a ver com a situação, mas teve a nítida impressão de que ela o estava chamando de mentiroso. Ele desviou de expositores repletos de espadas cerimoniais, se contendo para não desembainhar lâminas para ele. Mas não estava mentindo quando disse que não tinha intenção de machucá-la. Ela era aliada dos Avicen, mas era humana, e aquilo a tornava diferente. As regras normais de combate não se aplicavam. Ele não podia simplesmente matá-la e acabar com aquilo. Matá-la seria negligente na melhor das hipóteses, e antiético, na pior.

Echo deu a volta em um corrimão perto da escadaria que levava à entrada principal. Caius saltou, agarrando-a pela jaqueta como se pegasse um gato pelo cangote. As pernas de Echo cederam e ela caiu de joelhos sobre o chão de mármore. Ela se virou ao cair, levando Caius junto. Um joelho fino foi em direção à virilha de Caius, mas ele emaranhou as pernas nas dela, prendendo-a no chão e segurando os punhos da garota sobre a cabeça. Os punhos eram finos o bastante para caberem em apenas uma de suas mãos. Ele pegou a adaga que ela segurava, enfiando-a em seu cinto.

— Como falei, não quero te machucar — Caius disse, amarrando os pulsos dela com uma tira de couro. Ela chacoalhava a cabeça, tentando morder a mão dele. Era agressiva, ele não podia negar.

Echo sacudiu pela última vez, tentando afastá-lo. Ele nem se mexeu. Ela soltou um suspiro, afundando no chão.

— Mas você vai — ela disse, flexionando os dedos para testar as amarras. Caius havia apertado bem. Ela não se soltaria a menos que ele quisesse.

— Se precisar — Caius ameaçou, levantando com uma mão sobre o braço dela.

Ela se esforçou para ficar em pé, mas quando Caius usou a mão livre para estabilizá-la, ela se contraiu, afastando-se dele o máximo possível. Não foi muito longe, mas passou sua mensagem. Não queria a ajuda dele.

— Você é muito guerreira, menina.

— “Embora pequenina, ela é feroz” — Echo citou. Shakespeare. Chegava a ser interessante. Ela puxou ainda mais as amarras. — Tenho nome, sabia?

— Sim, um nome ridículo, por sinal — disse Caius, arrastando-a.

Para alguém com os talentos dele, o saguão do museu seria uma passagem tão boa como qualquer outra. A energia de milhares de visitantes indo e vindo todos os dias transformava aquele ambiente em um local perfeito para acessar o entremeio. Echo arrastava os pés, na intenção de dificultar as coisas, mesmo não tendo esperança de fugir.

— Falando em nomes, você nunca me contou o seu — ela disse. Caius deu de ombros.

— Você não perguntou.

O nome do Príncipe Dragão fora mantido em segredo após a última eleição para impedir que os inimigos dos Drakharin atacassem um alvo específico. Nem mesmo os Drakharin nascidos depois que Caius tinha sido coroado príncipe sabiam seu verdadeiro nome. Não significaria nada para a menina, ou pelo menos era o que ele esperava. Era uma aposta, mas as maiores mentiras sempre tinham uma ponta de verdade.

— É Caius — ele disse.

A garota murmurou algo como “droga” em voz baixa. Ele a conduziu pelos degraus que levavam ao saguão, com cuidado para não deixá-la cair. Quando chegaram ao centro, bem abaixo do vértice da pirâmide, ele parou.

— Para onde está me levando? — Echo perguntou, indicando com a cabeça o corredor que levava à estação de metrô. — A saída é por ali. — Ela fez uma pausa. — Idiota.

— Não preciso dela — Caius disse. Ele não conseguiu conter um sorriso diante da expressão confusa da garota. — Minhas fontes disseram que você sabe sobre o entremeio.

— Sim, mas... — Echo olhou ao redor, sacudindo a cabeça. — Não tem nenhuma passagem decente aqui. Você teria que encontrar um limiar próximo a um meio de transporte, um limiar natural ou algo do tipo.

— *Você* precisa disso. Eu não.

Ele olhou para cima, apreciando o brilho das estrelas através do vidro, e os olhos de Echo se arregalaram. Não eram muitos os que conseguiam viajar sem o auxílio de póis mágicos e passagens escolhidas a dedo, mas havia um motivo para Caius ter sido escolhido para ser o Príncipe Dragão. Os Drakharin respeitavam poder, e ele tinha mais do que a maioria. Ele se concentrou e energia emanou do centro de seu corpo. Um turbilhão de sombras irrompeu do topo da pirâmide, descendo e os cercando. A menina tentou se afastar, mas Caius continuou segurando firme seu braço.

— Venha, Echo — ele disse. — Tenho certeza de que seus amigos vão adorar te ver.

Fez-se a escuridão, e eles desapareceram.

## DEZENOVE



QUANDO A ESCURIDÃO DO ENTREMEIO SE DESFEZ, levou as forças de Echo junto. Diante dela, chamas pretas dançavam em braseiras adornadas que circundavam um arco gigantesco, muito parecido com o do Ninho. Os animais de aço que o formavam, porém, não eram cisnes, mas sim enormes dragões pretos com dentes à mostra que soltavam fumaça pela narina ardente e boca aberta, com os pescoços entrelaçados em um ponto bem acima da cabeça de Echo. Só podia ser o centro de comando dos Drakharin.

*Estou muito ferrada, Echo pensou. Talvez esteja muito mais do que ferrada.*

Dois guardas posicionados ao lado do arco acenaram com a cabeça para Caius enquanto ele a arrastava. Ela engoliu em seco. Nunca tinha encontrado um Dragão de Fogo antes, mas não havia como confundir aqueles mantos vermelhos e as armaduras douradas. Quando eles cruzaram o limiar para a área principal do castelo, as tábuas de madeira sob seus pés deram lugar a pedras irregulares, e Echo tropeçou. Caius a segurou com mais força, o bastante para deslocar os ossos delicados de seus punhos. Ela gemeu e ele diminuiu a pressão, apenas o suficiente para não esmagá-la.

Ela tentou registrar para onde Caius a estava levando, mas os corredores sinuosos e as escadarias em espiral da Fortaleza do Dragão — devia ser a Fortaleza do Dragão, nenhuma outra fortaleza Drakharin seria tão grandiosa — começaram a se misturar. Havia dragões para todo lugar que ela olhava. Esculturas de mármore suntuosas com detalhes em ouro polido. Relevos em madeira

esculpida, quase lisos pelo tempo. Tapeçarias retratando terríveis massacres de pássaros. Ela ficou pensando se ele não a estava conduzindo pelo caminho mais longo apenas para confundi-la. Certamente complicaria uma fuga, caso tivesse oportunidade de tentar. Seu pressentimento era de que não teria.

*Desenrascanço*, ela pensou. *Português de Portugal. Sair de uma situação difícil ao estilo de MacGyver. Ver também "algo que não vai acontecer".*

— E então? — Echo perguntou em um tom em uma oitava acima do que gostaria. — Não vai me apresentar o lugar?

— Sabe, você é extremamente insolente para uma prisioneira — Caius disse, olhando para trás com um sorriso irônico. Pelo menos um deles estava se divertindo com aquela situação. — A pessoa que me contratou para te encontrar acharia graça.

— Deve ser meu charme natural. — *Na dúvida, opte pela valentia. Sempre a valentia.* Talvez Caius fosse gentil o bastante para escrever aquilo na lápide dela. — E posso perguntar quem te contratou, ou isso seria insolente demais?

Após um instante de hesitação, Caius respondeu:

— O Príncipe Dragão.

*Droga.* Ela tinha sido hiperbólica quando disse à Ala que enfrentaria o próprio Príncipe Dragão se fosse preciso. O universo estava sendo literal demais para o seu gosto.

— Bem, agora estou me sentindo importante — ela disse, esforçando-se para manter a voz suave. — E então? Você é um mercenário ou algo do tipo?

Caius puxou Echo escadaria acima e ela pensou em se jogar para baixo só para tentar levá-lo junto.

— Algo do tipo — ele falou, puxando-a mais alguns degraus acima. — Tem uma... questão particular que eu gostaria de discutir com você antes de encontrá-lo.

— Questão particular? Está me paquerando? Porque você é bem bonitinho, mas não faz muito o meu tipo. — Echo não sabia ao certo se ela tinha um tipo, mas, se tivesse, não seria ele.

Caius parou tão abrupto que Echo foi de encontro a ele. Conteve um pedido de desculpas automático. Não havia necessidade de

gastar suas boas maneiras com um Drakharin mercenário pretensioso. Havia um painel de dragões esculpidos na porta de cerejeira diante deles. Criaturas surgindo do mar, caudas escamosas torcidas em delicadas espirais, feras pairando no ar com asas parecidas com as de um morcego, e criaturas similares a sereias tocando harpa no fundo do oceano.

Ele abriu a porta, arrastando Echo para uma biblioteca excessivamente decorada. Livros cobriam todas as superfícies, de parede a parede, do chão ao teto. Estantes lotadas. O cômodo cheirava a papel antigo e livros queridos. Echo fechou os olhos e, por um breve instante, estava em casa de novo, cercada por seus próprios livros, em sua própria biblioteca. A porta se fechou, e ela abriu os olhos e viu Caius parado à sua frente, pupilas dilatadas sob a luz fraca da lareira, obscurecendo o verde de sua íris. Havia sido um lindo pensamento, mas aquela não era sua casa, e ela estava cada vez menos certa de que voltaria a vê-la.

Caius a analisou em silêncio por alguns instantes. O único som no cômodo era o crepitar suave do fogo na lareira. Se a situação toda não fosse tão horrível, o ambiente seria aconchegante. Caius deu um passo na direção dela, levando a mão até a corrente no pescoço de Echo, tocando-a leve como uma pluma. Ele enrolou os dedos nela e arrancou o medalhão da garota. A força fez Echo cambalear para a frente. Parecia tão fácil quando as pessoas faziam aquilo nos filmes, mas ter um colar arrancado *doía*.

— Você sabe o que é isto? — A voz de Caius estava baixa e suave, mas havia um tom incisivo, uma aspereza. Veludo molhado sobre aço. Ele balançava o medalhão e a lareira lançava um brilho quente sobre o dragão de bronze na parte da frente.

Echo tinha a sensação de que a verdadeira resposta para aquela pergunta não era a que estava prestes a dar.

— Um medalhão.

— E você sabe quem é o dono deste medalhão?

Mais uma vez, uma pergunta com uma resposta que Caius sabia, e ela não. Esse jogo não tinha graça nenhuma.

— Eu? — ela perguntou. *Valentia, valentia, valentia.*

— Você é engraçada — Caius disse, deixando o pingente na palma da mão. — Mas não. — Ele observou o jade liso e o bronze arranhado com uma expressão indecifrável. Echo ficou ali parada, sentindo-se supérflua. — É meu — ele revelou. — Ou pelo menos era. Há muito tempo.

Ela não sabia o que dizer, então não abriu a boca.

Caius a encarou nos olhos e disse:

— E você roubou.

*Óbvio*, Echo pensou. A única vez em que se meteu em confusão por roubar foi quando realmente não tinha roubado nada.

— Em minha defesa, a velhinha me deu. Por livre e espontânea vontade, devo acrescentar.

Caius inclinou a cabeça. As escamas em seu rosto cintilavam de leve sob a luz da lareira.

— Já parou para pensar que o colar nunca foi dela para poder dar a alguém?

Sem esperar a resposta, ele segurou os punhos amarrados de Echo com uma mão e, usando a outra, pegou a adaga de gralhas na cintura. Ela lutou para puxar os braços, mas ele era forte demais. Ela fechou os olhos, esperando sentir a ponta afiada da faca na pele. Em vez disso, as amarras foram desfeitas e seus punhos ficaram livres. Suas mãos, dormentes pela falta de circulação, caíram de uma vez só ao lado do corpo. Ela abriu os olhos. Ele só havia cortado a corda.

— Pronto — Caius disse, ainda com a voz suave. — Agora podemos conversar.

Esfregando os punhos, Echo esperou. Se ele quisesse falar, podia falar.

— Quem te mandou pegar estes itens? — Caius perguntou.

Ela tinha quase certeza de que não tinha o direito de permanecer calada, mas tentaria ficar mesmo assim.

Caius se apoiou em uma cadeira de couro larga o bastante para ser chamada de trono.

— Sei que não foi procurar isso por conta própria. Quero saber quem te enviou e por quê.

Echo continuou em silêncio. Podia ter sido capturada, mas não revelaria nenhuma informação sobre os Avicen sem lutar. Ela devia isso a eles: a Ivy, a Rowan, à Ala. Cerrou bem os lábios e deixou os olhos percorrerem o cômodo.

— Diga, Echo. O que você sabe sobre o pássaro de fogo?

Ela ficou tensa e, a julgar pela intensidade no olhar dele e a leve inclinação da cabeça, Caius havia notado.

— O que é o pássaro de fogo? — *Quando a valentia falhar, se faça de boba*, ela pensou.

Caius se afastou da cadeira e ficou diante de Echo, perto demais para o gosto dela. A garota deu um passo para trás, xingando a si mesma por isso, mas incapaz de combater o ímpeto de aumentar a distância entre eles. Caius a comprimiu contra a porta, tocando a ponta da adaga entre as clavículas dela.

— Não minta para mim, Echo. — Ele se aproximou, ficando com o rosto a poucos centímetros dela. Encostou a lâmina em sua pele, leve demais para perfurar, mas firme o bastante para que ela tivesse plena consciência de onde a adaga estava. — Não gosto que mintam para mim.

Echo engoliu em seco e a lâmina afundou um pouco mais na pele macia de sua garganta.

— Não sei o que é o pássaro de fogo. Não estou mentindo. — Caius parou de pressioná-la com a faca, mas manteve a lâmina junto a seu pescoço. — Fui enviada para encontrar o medalhão e a adaga, mas não sei por quê. É ruim para os negócios ficar fazendo perguntas demais, então não faço. Certamente um homem como você compreende.

Caius a observou por um instante. Echo esperava que demonstrasse verdade o bastante para camuflar a mentira.

— Um homem como eu... Certo — ele murmurou e se afastou, tirando a lâmina do pescoço dela. — Digamos que eu acredite em você. Só me diga mais uma coisa: por que você, uma humana, está ajudando os Avicen? Um povo tão reservado nunca te aceitaria como um deles. Deve haver outra razão.

— Como você...?

Echo fechou a boca, mas já tinha falado demais. Esse pistoleiro de aluguel havia cutucado sua mais profunda insegurança. *Maldito. Maldito ao infinito e além.*

Ela estava pronta para mentir, para dizer que os Avicen haviam comprado sua lealdade com dólares americanos genuínos, quando a porta abriu atrás dela, batendo em suas costas. A força a jogou sobre o peito de Caius. Ele a segurou pelos braços e, por um instante, o rosto dos dois ficou tão próximo que ela pôde ver pequenas manchas douradas em seus olhos verdes. Ele a jogou para trás para ver quem havia empurrado a porta.

Um guarda apoiava o corpo no batente, escorregando até o chão, com as mãos agarradas à lateral do corpo. Sangue escorria entre seus dedos, e Echo pensou que talvez ele estivesse segurando os intestinos. O estômago dela revirou.

Caius se ajoelhou ao lado do guarda, estabilizando-o.

— Ribos — ele disse. — É Ribos, não é?

O guarda confirmou, com gotas de suor escorrendo pela pele pálida.

— O que aconteceu? — Caius perguntou. Ele pressionou as mãos sobre as do guarda, mas havia tanto sangue que praticamente não fazia diferença. — Quem fez isso com você?

Echo pensou em fugir, mas quando viu o sangue do guarda se acumular em volta de seu torso não soube ao certo se estaria mais segura do lado de fora. Pelo menos Caius parecia tranquilo.

*É melhor ficar com o diabo conhecido,* Echo pensou.

— Tanith — Ribos disse com a voz falha. — Os Dragões de Fogo dela. — Ele tossiu, cuspidando sangue no rosto de Caius, que não se abalou. — Uma votação foi exigida. Ela está matando aqueles que se posicionam contra. Ela quer o título de Príncipe Dragão.

## VINTE



CAIUS PONDEROU LAVAR O SANGUE DE RIBOS DAS MÃOS depois que chamou outro guarda para levar Echo para o calabouço. Ele ainda não encerrara a conversa com ela, nem de longe, mas tinha assuntos mais urgentes para resolver. Estava dividido entre dois ímpetos, um infinitamente mais sensato que o outro. Ele queria aparecer no grande salão coberto com o sangue que Tanith havia derramado para garantir os votos dos nobres que juraram lealdade a ele. Queria mostrar a eles o que ela havia feito, o que a covardia deles havia acarretado.

Mas ele deixou Ribos caído no chão de seu gabinete e lavou as mãos. Não se tratava de uma batalha que seria ganha com efeitos teatrais emotivos, não importava o quão ruidosa e violentamente seu coração clamasse por justiça. Ele manteria a cabeça erguida. Se não fizesse isso, Tanith simplesmente podia tentar separá-la de seu pescoço.

Os Dragões de Fogo na porta não queriam deixá-lo entrar. Ele teria que lembrar a eles que, Príncipe Dragão ou não, ele ainda era um nobre da corte, e entraria no grande salão para prestar suas homenagens, como era seu direito. A falsidade era acre em sua língua, mas Caius engoliu a amargura com um sorriso cordial.

*Entrada negada em minha própria corte, ele pensou. Sinceramente, só de pensar...*

Ele queria se surpreender pelo que veria quando os Dragões de Fogo enfim abrissem as portas que levavam ao grande salão, mas só sentiu uma terrível e profunda resignação.

Tanith reclinada sobre o trono que havia sido dele. A seda carmim de seu vestido pairava em volta dos pés como sangue. O cabelo estava penteado em várias tranças grossas enroladas no topo da cabeça, com algumas mechas cacheadas emoldurando o rosto. O manto dourado ajustado sobre os ombros combinava perfeitamente com o fino diadema que usava para a ocasião. Caius não tinha dúvida de que ela havia escolhido o manto por aquele motivo. Sua irmã sempre tivera uma queda para a teatralidade. Quantas vezes ele havia se sentado displicente sobre aquele trono, com uma perna jogada sobre o braço, como se o dominasse. Como se fosse seu por direito. Como se ninguém pudesse tirá-lo de lá. Mas lá estava Tanith, adorável como sempre, usando as cores que eram sua marca registrada. O trono não era mais dele. Talvez nunca tenha sido. Talvez ele devesse ter prestado mais atenção ao inimigo íntimo em vez de examinar o horizonte em busca daquele que apenas imaginava estar lá.

— Esse lugar estava ocupado — ele anunciou.

As palavras eram vazias. Ele sabia disso. Tanith sabia disso. Os cortesãos escondidos atrás de camadas de roupas vistosas sabiam disso.

— Sim — Tanith respondeu. — Mas não por você. Não mais.

— Você é rápida.

Dezenas de olhares se alternavam entre ele e Tanith, como se aquilo não passasse de um evento esportivo. Havia menos nobres ali do que de costume, mas os únicos sinais de que havia acontecido algum desacordo a respeito do pedido de votação eram algumas manchas de sangue espalhadas e chamuscados pretos no chão de pedra. Com certeza sua irmã havia lidado com os dissidentes com fogo e morte. O restante estava ali, em silêncio como ratos. *Covardes. Todos eles.*

— Saio por algumas horas e você se elege Príncipe Dragão. Estou impressionado, minha irmã. De verdade.

Tanith levantou, e a saia de seu vestido longo caiu em cascata sobre o chão. O epítome da elegância real.

— Foi uma eleição livre e justa, Caius, como manda o costume de nosso povo.

— Não estou certo de que Ribos diria isso.

— Esse nome deveria me remeter a alguém?

— Deveria — Caius disse. — Era um de meus guardas, e você o matou.

— Os fins justificam os meios entre os Drakharin desde a época do primeiro Príncipe Dragão. — Tanith desceu da plataforma com passos cuidadosos. O vestido era lindo, mas ela sempre combinou mais com a armadura, assim como sempre combinou mais com a batalha do que com o estadismo. Ela logo aprenderia isso, e, se não aprendesse, os Drakharin que votaram nela aprenderiam quando o sangue espalhado pelos campos de matança fosse o deles.

— Ainda assim — Caius disse. Ele estava abusando da sorte, mas Ribos havia sido leal. Ele merecia que aquela lealdade fosse correspondida. — Não me parece justo que ele precisasse morrer para que você tivesse a coroa.

Tanith parou repentinamente.

— Justo? — Ela riu. — É isso que você nunca entendeu. Não se trata de certo ou errado. Não se trata de bem ou mal. Trata-se de poder. Quem tem o poder, quem não tem. Agora, Caius, você não tem. E eu tenho. — Ela gesticulou com a cabeça para os Dragões de Fogo que guardavam as portas internas. — Levem-no. Deixem que acalme os ânimos no calabouço até enxergar seus erros.

Caius ergueu a mão e os guardas pararam. Tanith ficou séria. Eles eram os Dragões de Fogo dela, mas Caius havia sido o príncipe deles por um século. Era difícil mudar velhos hábitos.

— Não será necessário — Caius afirmou.

De canto de olho, notou mais quatro Dragões de Fogo no salão, além dos dois que estavam atrás dele. Se as coisas dessem errado, ele conseguiria dar conta de quatro, talvez cinco. Porém, se Tanith entrasse na briga, suas chances seriam mínimas. Havia apenas um jeito, não importava o quanto lhe doesse admitir.

— Você tem razão — Caius disse. — Se ganhou a votação, você é o Príncipe Dragão por direito. Sempre fiz de tudo para honrar os desejos de nosso povo, não vou mudar de ideia agora. — Caius fez uma reverência graciosa, mantendo os olhos baixos, como era adequado. — Você venceu, Tanith. Meus parabéns.

Tanith era mestre em muitas coisas. Poucos espadachins podiam ter esperança de ser melhor do que ela em combate, e menos ainda tinham seu olhar aguçado para estratégias no campo de batalha. Seus atos de valentia e coragem eram amplamente conhecidos. Mas havia uma habilidade que Tanith nunca conseguira dominar: a arte de perceber uma mentira, mesmo quando estava diante dela, embrulhada em uma pretensão de humildade desanimada.

— Obrigada, Caius. — Tanith se aproximou mais dele. Apoiou a mão sobre o ombro do irmão, encorajando-o a se levantar. A mão dela estava quente, mesmo por cima da túnica dele. — Esperava que você enxergasse as coisas dessa forma.

— É claro — Caius concordou. Ele forçou um pequeno sorriso. — Você é minha única irmã, e terá meu apoio independente de qualquer coisa.

Tanith deu um sorriso quase sincero.

— Sua lealdade lhe faz jus, meu irmão.

Ela ergueu as saias e deu as costas a ele, uma demonstração de confiança entre os Drakharin. Dar as costas a alguém significava confiar que a pessoa não lhe enfiaria uma faca. As mãos de Caius coçaram para não pegar as facas compridas que ainda estavam com ele, mas Tanith estava certa: pelos padrões Drakharin, havia sido uma eleição justa e livre. *Risível*, ele pensou. *Completamente risível*.

— Obrigada novamente, Caius — Tanith reiterou ao subir na plataforma. Ela sentou no trono que agora lhe pertencia. — Isso é tudo. — Deve ter sido um prazer jogar as próprias palavras de Caius na cara dele.

Fazendo outra reverência, baixa e respeitosa, Caius interpretou as palavras dela: uma dispensa. Acenaram um para o outro com a cabeça, a uma distância maior do que o próprio grande salão. Aquilo foi algo terrivelmente civilizado e fingido. Se ele não desaparecesse até a manhã seguinte, o próximo corpo que os Drakharin encontrariam com as marcas da espada de Tanith seria o dele. Os Dragões de Fogo abriram as portas para Caius, que saiu, enquanto os olhos vermelhos da irmã gêmea praticamente queimavam um buraco em suas costas.

## VINTE E UM



OS CANTOS ESCUROS COM ODOR DE MUSGO DO CALABOUÇO Drakharin eram a única companhia de Ivy enquanto ficava sentada no chão de madeira, abraçando os joelhos, tremendo de frio. Perrin ficara em silêncio depois que a Drakharin loira saíra com a armadura dourada manchada de vermelho com o sangue dele, e Ivy ficou se perguntando se ele não estava morto.

Havia um vazamento em algum lugar do calabouço, e ela estava contando as gotas para passar o tempo. Havia chegado a cinco mil quando começou a achar que estava enlouquecendo aos poucos. Suas bochechas ainda ardiavam onde o Drakharin de um só olho havia lhe acertado. Ela esfregou o rosto, grudando com lágrimas, sangue e muco. Talvez a loucura não fosse tão ruim. Enquanto a sanidade a amarrasse a esse inferno, não haveria esperança para ela. A loucura poderia ser a única fuga que lhe restava, mesmo que fosse apenas na mente.

As gotas continuavam caindo, e Ivy continuava contando, apegando-se aos restos esfarrapados de sanidade com dedos desajeitados. Ela tinha contado apenas sete quando as pesadas portas de ferro do calabouço se abriram e ela ouviu o som mais belo do mundo todo.

— Calma aí, parceiro! Precisa pagar uma bebida para a garota antes.

*Echo.*

Ivy se lançou na direção da voz o mais rápido que as correntes permitiam. Echo estava lá, na fortaleza Drakharin. Echo a havia encontrado. Elas fugiriam. Ficariam livres.

— Você acha que isso é revistar? Rá!

E, de repente, o coração de Ivy começou a afundar. Ela voltou a se encostar na parede, abraçando os joelhos com os punhos algemados. Não haveria fuga. Echo também estava ali como prisioneira.

— Olha a mão boba! — Echo gritou.

Ivy fechou os olhos. O som de pelo menos dois pares de botas se arrastando sobre a pedra e o da porta da cela se abrindo foram o suficiente para matar a esperança que havia surgido em seu coração. Echo não era uma salvadora. Estava tão presa quanto Ivy. Quando as portas principais do calabouço se fecharam, Ivy chamou:

— Echo?

Um xingamento abafado vagou pela escuridão antes do rosto de Echo aparecer entre as barras da cela em frente à da amiga.

— Ivy? — Echo agarrou as barras. — Você está bem?

Ivy engatinhou para a frente; a pele ferida de seus joelhos percebia todas as protuberâncias sob o jeans. Ela avistou os olhos de Echo no outro lado do corredor e começou a lacrimejar. Pensou que havia chorado tudo o que podia horas antes, mas ainda havia um poço dentro dela que se recusava a secar. Echo sorriu, embora um pouco hesitante. Ela tinha a compostura impassível daqueles que haviam vivido muita coisa em um curto período de tempo, e Ivy sentia uma espécie de inveja da habilidade da amiga de manter a calma sob pressão.

— Estou bem — Ivy disse. Ela não estava, nem um pouco. — O que você está fazendo aqui?

— Você acreditaria se eu dissesse que vim até aqui para te resgatar? — Echo perguntou.

— Se for isso, vou te dar um soco — Ivy bufou.

— A essa distância? — Echo zombou.

— Juro pelos deuses que encontro um jeito. — A loucura que havia envolvido a mente de Ivy se dissolvera devagar, destruída pelas brincadeiras reconfortantes entre as duas. Era tenso, mas familiar. Ivy se apegou a elas, deixando a voz de Echo ser seu porto seguro.

— Por que está aqui? — Ivy perguntou. — De verdade.

— Para resumir, o Príncipe Dragão contratou um imbecil para ir atrás de mim porque roubei uma porcaria — Echo contou. — Só queria saber como me encontraram...

Era uma declaração inocente, curiosa, sem a expectativa de uma resposta, mas bile subiu pela garganta de Ivy. Ela lembrou do som dos gritos sufocados de Perrin e das palavras distorcidas, pesadas e úmidas, como se ele estivesse se afogando no próprio sangue. Ela enfiou as unhas na pele macia de seu antebraço e lembrou da parte do interrogatório de Perrin que mais a atormentou. Ela havia gritado, chamando-o de mentiroso, traidor e covarde. Não importava o fato de ele ter resistido o máximo possível, dito que vender informação era uma coisa, mas entregar crianças era outra. Ele estava quieto havia horas, e Ivy sentia o gosto azedo e peçonhento do arrependimento pelas coisas que dissera.

— A pulseira — Ivy disse, fechando bem os olhos ao lembrar. — Aquela que Perrin te deu. Ele a rastreou. Não queria, mas foi torturado. Obrigaram ele a fazer isso.

Echo xingou e bateu o punho. Ouviu-se o som de couro e contas caindo no chão. Ivy deixou o tempo passar em silêncio e, lentamente, a lembrança dos gritos de Perrin desapareceu. Ela ouviu a respiração de Echo, deixando-se acalmar pelo som. Depois de alguns minutos, sentiu-se quase sã de novo.

Echo suspirou, o som era suave no silêncio do calabouço.

— Sabe, estou ficando cheia das pessoas me jogarem em celas de prisão.

— Por quê? — Ivy perguntou. — Quem mais te jogou em uma cela?

— Altair, é claro — Echo disse.

Ivy arrancou a palha que estava embaixo de seus joelhos.

— Queria dizer que estou surpresa, mas não estou. Nem um pouco. Nadinha.

A gargalhada de Echo soou cansada, mas genuína.

— Sim, sim. Agora fique quieta para eu poder descobrir como nos tirar daqui. Aquele guarda com a mão boba roubou minhas ferramentas. — Agarrando as barras da cela, ela gritou. — *E o*

*conforto aqui deixa a desejar!* — Bufando de raiva, ela se encostou na parede, cruzando os braços e esticando as pernas.

Ivy ficou em silêncio, pressionando a testa no metal frio das barras da cela. Não era confortável, mas a fazia se lembrar de onde e com quem estava. Echo estava ali, e elas escapariam juntas. Tinham que escapar. Não podiam não escapar. Os segundos se passaram e o silêncio foi ficando mais pesado, como se o próprio ar estivesse coagulando com o desespero de Ivy.

— E então? — Ivy perguntou. Ela precisava ouvir alguma coisa além daquela goteira infernal, qualquer coisa. — Qual é o plano?

Ivy ouvia, mais do que via, Echo se mexer sem parar.

— Não sei — Echo admitiu. — Chorar. Entrar em pânico. Morrer de uma forma horrível.

A gargalhada que subiu pela garganta de Ivy estava tomada por certa histeria.

— Que estimulante.

— De nada — Echo disse. — Me esforcei muito desta vez.

Elas voltaram a ficar em silêncio e Ivy começou a contar os pingos. *Um pingo, dois, três...*

— Ivy?

— O quê?

— O que aconteceu com o Perrin?

A lembrança dos gritos de Perrin enquanto Tanith lhe perguntava repetidas vezes sobre Echo retornou. Por um instante, o cheiro de sangue que Ivy sentia era fresco, e o fogo que brotava das mãos de Tanith iluminava todo o espaço. Ela enterrou as unhas na palma da mão, e a dor fez com que voltasse a si.

— Acho que mataram ele. — A voz dela soava como a de uma estranha. Com sorte, o entorpecimento que estava começando a sentir tomaria conta dela logo, de modo que nunca mais teria que sentir ou temer nada. — Ele não se mexe há muito tempo.

Echo ajoelhou e passou uma mão pelas barras, tentando alcançar Ivy. Pelo menos as mãos de Echo estavam livres para fazer isso. Ivy puxou as correntes, agitando-as como um fantasma vingativo. Por mais que precisasse desesperadamente sentir a mão de Echo, ter

certeza de que não morreria sozinha e esquecida em uma cela fria e suja, as algemas a puxavam para trás.

— Não consigo — Ivy disse, engolindo o nó crescente em sua garganta. — Não consigo te alcançar.

E então ela estava chorando, lágrimas queimando pequenos rastros pela camada de fuligem e sangue em seu rosto. Echo sussurrava bobagens suaves e tranquilizadoras, mas Ivy não conseguia ouvir nada além do som dos próprios soluços e daquela maldita goteira.

## VINTE E DOIS



— Ivy.

Echo estava chamando o nome da amiga havia uns bons dez minutos, mas Ivy estava inconsolável. O som de seu choro havia se reduzido a uma respiração leve, mas ela se recusava a falar.

— Ivy — Echo chamou novamente em um sussurro áspero. — Vai ficar tudo bem. Prometo. A Ala e Altair estavam procurando por você quando saí. Eles vão encontrar a gente. Sei que vão.

Ivy murmurou algo tão baixo que Echo mal conseguiu escutar.

— O quê?

Levantando a cabeça para encarar Echo por entre as barras, Ivy pigarreou e falou, com a voz rouca de tanto chorar:

— Eu disse que eles não virão nos resgatar. Não aqui. E Altair te jogou em uma cela de prisão, então por que viria te procurar?

— Porque, no mundinho bizarro de Altair, só ele pode mexer com o povo dele.

— Mas você não faz parte do povo dele.

Em circunstâncias normais, Ivy nunca teria dito uma coisa dessas tão diretamente, mas um dia em um calabouço Drakharin havia afetado sua sensibilidade. Mesmo que as palavras fossem duras, Echo não podia dizer que não eram verdadeiras. Altair não se importava com ela. Ele a *tolerava*. E devia estar feliz por ela estar fora do caminho.

— É — Echo disse, sentando com as costas apoiadas na parede. — E ele nunca me deixa esquecer disso.

A expressão de Ivy ficou um pouco mais suave, e seus grandes olhos pretos ficaram mais claros do que estavam minutos antes.

— Desculpe — ela falou. — Não tive a intenção...

— Não, eu sei. Tudo bem. — Echo suspirou. — E você tem razão. Ele não vai vir me procurar. Eu posso apodrecer, no que depender dele, mas ele vai vir atrás de *você*. — Echo olhou para a pilha de trapos que Ivy garantiu que era Perrin. — E dele.

Ivy sacudiu a cabeça com indiferença e olhou para baixo.

— Se você está dizendo...

O tempo passou em silêncio. Echo sentiu a esperança definhar, esvaindo-se, gota após gota, como o vazamento que a estava enlouquecendo desde que o notara. Como Ivy estava ali embaixo havia tanto tempo, ouvindo aquela goteira solitária e persistente sem enlouquecer, era um mistério.

Os guardas haviam trocado de turno duas vezes desde que ela fora levada para lá, então, quando a pesada porta de ferro abriu novamente, Echo nem se preocupou em levantar os olhos. Ela se distraía trançando pedacinhos de palha arrancados do chão do calabouço. Um único passo se aproximou. Apenas quando parou diante de sua cela, ela levantou os olhos. Caius estava do outro lado das barras, fitando-a com seus olhos verdes impenetráveis. Ele havia lavado o sangue das mãos, mas o tecido de sua túnica onde Ribos havia se encostado estava mais escuro. O sangue ainda devia estar pegajoso ao toque.

— Já está com saudade? — Echo perguntou. Ela voltou a trançar a palha, mas suas mãos tremiam demais. — Você parecia tão ocupado antes, com todo o sangue, o terror e a morte.

Caius olhou para a porta principal. Os Dragões de Fogo estavam do outro lado, separados por dez centímetros de metal sólido, mas ele ainda assim falou em voz baixa:

— Houve uma mudança na administração.

— E o que eu tenho a ver com isso? — Echo perguntou, largando a palha destroçada.

— Meu contrato foi interrompido — Caius balançou um molho de chaves para ela através das barras. — Até onde sei, isso significa que você está livre para ir embora.

Echo levantou e seus joelhos estalaram. *Dezessete anos e já estou velha demais para essas coisas.*

— Posso saber o motivo?

— Fui contratado pelo Príncipe Dragão para te trazer até aqui. Temos um novo Príncipe Dragão. E não posso dizer que seja muito fã de seus métodos.

— Tanith?

Caius pareceu ligeiramente surpreso.

— Como você sabe?

— Tenho essas coisas que gosto de chamar de olhos e orelhas. — Echo girou os tornozelos, tentando melhorar a circulação. — Sabe, ela não parece do tipo sutil.

— Tanith já foi chamada de muitas coisas no decorrer dos anos, mas sutil nunca foi uma delas — Caius comentou, balançando as chaves nos dedos.

— Vou perguntar mais uma vez — Echo disse. Ela quase conseguia sentir o sabor da liberdade. Ivy tinha ficado imóvel, observando alerta a conversa dos dois. — O que isso tem a ver comigo?

— Tem tudo a ver com você.

— Uma resposta que não é bem uma resposta. Adorável. Nessa velocidade, vamos ficar aqui o dia todo. — Echo segurou as barras da porta de sua cela, encarando Caius. — Mas, tudo bem. Sem pressa. Não vou sair daqui mesmo.

— Não estou interessado em fazer joguinhos com você, Echo. Sabe muito mais sobre o pássaro de fogo do que quer que eu acredite. Sabia mais do que meus próprios estudiosos, e eles passaram décadas procurando qualquer pista sobre o paradeiro dele. Acredito que você esteja atrás do pássaro, e preciso saber o que você sabe. Agora.

Echo preferia bater com a cabeça nas grades da cela do que trair a Ala e os Avicen. Não depois do que os Drakharin haviam feito com seus amigos. Ela abriu a boca para dizer exatamente isso quando ele levantou a mão, silenciando-a.

— O destino de ambos os nossos povos pode depender de suas próximas palavras, então as considere com cuidado.

Ivy estava bem quieta em sua cela, como se prendesse a respiração, ouvindo atenta.

— Me diga por que você quer o pássaro de fogo — Echo exigiu. — Me diga por que eu deveria me importar.

Caius se aproximou, analisando-a com os olhos verdes duros como jade. Quando falou, havia uma urgência silenciosa em sua voz:

— Quero acabar com esta guerra. Estou cansado de lutar. Cansado da batalha. Cansado do derramamento de sangue. Mas Tanith... ela se delicia com isso. Se o pássaro de fogo pode pôr um fim nisso tudo, na guerra que devastou nossos povos durante séculos, então gostaria de encontrá-lo. Quero paz, Echo. Mais do que riqueza, mais do que glória, mais do que minha própria vida, eu quero paz.

E, do nada, Caius destrancou a cela, deixando a porta abrir com um rangido alto.

— E, a menos que eu esteja redondamente enganado, acho que você quer o mesmo — ele disse, jogando para ela as chaves da cela e das algemas de Ivy.

Echo olhou para Caius, para o cabelo escuro em sua testa, para as pequenas rugas entre as sobrancelhas, para a leve cicatriz no canto da boca, quase imperceptível na meia-luz do calabouço.

*Akrasía*, ela pensou. *Grego. Agir contra o que se pensa ser o melhor a ser feito.* Ela tinha a sensação de que as próximas palavras que sairiam de sua boca seriam as mais importantes que falaria na vida.

— Sim — ela disse. — Quero.

## VINTE E TRÊS



*Traga o meu irmão.*

As palavras de Tanith ainda soavam nos ouvidos de Dorian enquanto ele andava pela fortaleza, acompanhado pelos dois Dragões de Fogo que ela havia lhe designado. Ele mordeu o interior macio da bochecha para não gritar. *Traga.* Como se ele fosse um cachorro.

Embora lhe atormentasse profundamente, Tanith estava certa a respeito de uma coisa: como capitão da guarda real, ele havia jurado lealdade ao Príncipe Dragão. Infelizmente, o título agora pertencia a Tanith, e ele deveria seguir suas ordens com a mesma devoção com que seguia as de Caius, como se fidelidade fosse algo transferível.

Sua primeira parada, acompanhado dos Dragões de Fogo, havia sido na biblioteca de Caius, onde encontrou apenas o corpo sem vida de um dos guardas que estavam sob seu comando. Ribos havia sido um soldado leal, firme e sincero. Ele adorava chá de gengibre e bolo de limão, e era tão rápido com uma piada mordaz quanto com uma palavra gentil. Agora estava morto, outro sacrifício no altar da ambição de Tanith.

*Traga o meu irmão.*

Havia sido a primeira ordem dela a Dorian, proferida com certo sarcasmo em seu olhar ardente. O capitão imaginou que ela havia feito isso para lembrar a ele qual era o seu lugar. Ele pertencia a Tanith agora, e ela não o deixaria esquecer. O Príncipe Dragão havia ordenado que ele trouxesse Caius, e ele faria exatamente isso.

*Ninguém pode dizer que não sou um homem de palavra,* Dorian pensou.

Dorian passou pelos dois Dragões de Fogo que guardavam a porta do calabouço. Virou no corredor e parou de repente. Caius estava na passagem estreita entre as celas, com a garota Avicen e a humana. E elas estavam soltas.

— Dorian — Caius disse. — Que bom que você se juntou a nós. Estou vendo que trouxe amigos.

— Engraçado. — Dorian puxou a espada, mantendo-a baixa. Os Dragões de Fogo atrás dele fizeram o mesmo. — Tanith me mandou encontrar você para garantir que estivesse se comportando. Parece que não confiou que não fosse causar problemas.

— Engraçado — Caius respondeu. — Ela mandou dois de seus lacaios seguirem você por aí. Parece que não confiou que fosse fazer o que ela mandou.

Dorian não conseguiria conter o sorriso em seus lábios nem se quisesse. Caius retribuiu o sorriso, e o coração de Dorian bateu no ritmo de uma melodia nauseante.

— Engraçado — Dorian disse.

Então se virou, derrubando a espada das mãos de um Dragão de Fogo com um único e rápido golpe. A outra guarda desviou do ataque, e sua lâmina rasgou a túnica de Dorian, raspando no arco do osso de seu quadril. Dorian bateu com o cabo da espada no capacete dela, que caiu em uma pilha de armadura brilhante. Desarmada e despreparada. Nem chegou a ser uma luta. Tanith ficaria muito decepcionada. De canto de olho, Dorian viu Caius desembainhar as facas que levava nas costas, passando uma no pescoço do Dragão de Fogo à sua direita, e a outra pela abertura vulnerável onde as placas de armadura se uniam, no peito e no ombro.

Terminou antes mesmo de começar. Caius chutou distraído a bota de um Dragão de Fogo antes de saltar sobre o corpo caído aos seus pés.

— Tanith estava certa em duvidar da sua lealdade.

— Você é meu amigo, Caius. — Dorian se abaixou para rasgar um pedaço do manto carmim de um Dragão de Fogo caído, encolhendo-

se diante da dor aguda no abdômen. A espada do Dragão de Fogo deve ter penetrado mais fundo do que ele imaginava. Ele limpou o sangue de sua espada com o pedaço de pano, aproveitando para apreciar a poesia de tudo aquilo. Encarou nos olhos de Caius, jogando o tecido de lado. — Minha lealdade nunca esteve em questão.

— É claro que não. — Caius sorriu. — Tenho uma dívida eterna com você, mas agora preciso ir.

— Eu já imaginava — Dorian comentou. — Para onde nós vamos?

— Nós?

— Sim. Nós. *Você e eu.* — Dorian apontou para as duas garotas que haviam mantido uma distância segura da briga, mas curiosamente optaram por não fugir. *Não havia para onde ir*, ele supôs. — E elas. Por algum motivo que tenho certeza de que você me explicará no momento certo.

— Sim, claro — Caius respondeu, olhando para trás. Echo acenou de leve. Ivy estava ainda mais pálida sob a fuligem e o sangue que havia em seu rosto. — Mas, Dorian, você tem que entender... se for comigo, talvez nunca mais possa voltar. O que estou prestes a fazer é alta traição.

Dorian revirou os olhos.

— Caius, acabei de matar dois soldados de Tanith. Acho que posso dizer que a traição já começou.

— Você pode dizer a todos que fui eu — Caius afirmou. — Ninguém iria...

Dorian elevou a espada à boca de Caius, aproximando a lâmina sem tocá-lo, silenciando-o. Ele tinha acabado de usá-la em dois corpos. O contato não seria nada higiênico.

— Vou te interromper agora mesmo.

Caius elevou uma sobrancelha.

— Já disse mil vezes, e direi mais mil vezes até entrar nessa sua cabeça teimosa — Dorian disse, baixando a espada, sem soltá-la. Ele tinha a sensação de que precisariam dela antes de conseguirem sair da fortaleza e do grande braço do domínio de Tanith. Enunciando cada palavra com cuidado para que o sentido não se perdesse, ele

completou: — Você. É. Meu. Amigo. E te seguirei em qualquer lugar.  
Agora vamos.

## VINTE E QUATRO



AS TERRAS ALÉM DAS MURALHAS DA FORTALEZA estavam misteriosamente silenciosas. O luar deslizava sobre um mar salpicado com a luz das estrelas. Eles caminharam até a praia antes de Caius notar que Dorian mancava, deixando um rastro de sangue a cada passo. Sair ileso seria pedir demais, mas o capitão era um lutador, e continuaria seguindo em frente. Tanith logo notaria a ausência deles, e seus Dragões de Fogo não ficariam para trás.

— Dorian, se puder fazer o favor. — Caius apontou para as ondas espumantes que marcavam as fronteiras entre areia e mar. — A água é mais o seu departamento que o meu.

Dorian se ajoelhou na praia, na borda onde pulsava o entremeio, com pó de sombra na mão.

— Para onde?

Pela primeira vez na vida, Caius parecia não ter resposta. Tanith o conhecia melhor do que ninguém, à exceção de Dorian, e certamente conhecia cada centímetro das terras Drakharin tão bem quanto ele, se não melhor. Todos os abrigos, esconderijos e fortes. Se permanecessem dentro das fronteiras Drakharin, seria apenas uma questão de tempo até que ela os encontrasse. Caius podia sentir o peso do olhar de todos sobre ele, aguardando. Ele fora treinado para ser um líder, e não tinha a mínima ideia do que fazer. Talvez Tanith estivesse certa. Talvez ele não tivesse o necessário para comandar, não mais. Talvez tivesse perdido a contundência. Se não era capaz de conduzir três pessoas até um local seguro, como podia liderar toda uma nação na direção da paz?

Ele olhou para as mãos. E pensar que havia lavado o sangue de Ribos de sua pele havia apenas uma hora... Ele não podia deixar os Drakharin aos cuidados gentis de Tanith. Não podia deixar na mão aquele grupo de fugitivos que precisava dele naquele momento. E não podia ignorar a mensagem que Rose havia deixado, escrita em um mapa tantos anos antes. Aquele mapa estava sobre a mesa de sua biblioteca, e ele foi tomado por um arrependimento amargo por tê-lo deixado lá. Agora, não tinha nada de Rose além de lembranças. O pássaro de fogo estava por aí, e ele o encontraria. Por seu povo. Por Rose. Felizmente, havia aprendido a delegar durante seu reinado. Caius pigarreou.

— Echo?

— O quê? — Ela cerrou os olhos e fitou a distância, mapeando a colina que havia atrás deles, verificando se não foram seguidos. Foram. Armaduras douradas brilhavam ao longe. Os Dragões de Fogo chegariam até eles em minutos.

Caius mal podia acreditar no que estava prestes a perguntar, mas tudo o que havia acontecido no último dia estava além de qualquer explicação.

— Para onde?

Echo se virou com as sobrancelhas erguidas.

— Está perguntando para mim?

Com um suspiro, Caius respondeu:

— É óbvio.

Ele podia ouvir os Dragões de Fogo se reunindo. Eles estavam ficando sem tempo. Se Caius fosse capturado, se eles fossem arrastados de volta à fortaleza, tudo seria em vão. Ele perderia a única pista que tinha para encontrar o pássaro de fogo, e, embora Tanith pudesse poupar sua vida, Caius sabia que ela não derramaria uma lágrima ao ordenar a execução de Dorian. Echo e Ivy significavam menos que nada para ela. A captura resultaria na morte delas também, e muito sangue já havia sido derramado.

Echo trocou um olhar incrédulo com Ivy.

— Por que eu deveria levar você a algum lugar?

Os guardas já estavam se aproximando, o som de seus passos ficava cada vez mais alto conforme os segundos se passavam.

— Quer arriscar encontrar com eles? — Caius perguntou.

— Bem, não confio muito em você — Echo disse. Seus olhos estavam cravados na colina sobre a qual os Dragões de Fogo logo apareceriam. Seus ombros estavam tensos, como se estivesse pronta para fugir. Mas, como Caius, ela não tinha para onde ir, a menos que fossem juntos.

— Nem eu em você — Caius afirmou. — Mas não estamos em condições de escolher, não é? Seu inimigo agora se tornou meu inimigo também e, ao meu ver, isso nos transforma em aliados. E o pássaro de fogo é maior do que você e eu.

— Echo... — Ivy chamou, puxando a manga da roupa da amiga — Não podemos simplesmente ir para casa?

— Não. — A palavra estava tomada de tristeza. Echo engoliu em seco e sacudiu a cabeça. — Altair já me jogou em uma cela uma vez hoje; acho que ele não vai ficar nem um pouco contente por estarmos conspirando com Drakharin.

— Altair te prendeu? — Caius perguntou. — Pensei que estivesse do lado deles.

— É, eu também — Echo respondeu. — Meu dia foi muito longo.

— Echo, eu não chamaria isso de conspiração. — As penas brancas de Ivy estremeceram. — Espere. Vai haver conspiração? Sobre o que estamos conspirando?

Ajoelhado, Dorian olhou para eles.

— Está tudo bem, mas precisamos mesmo ir. — A voz dele estava tensa, e ele pressionava a lateral do corpo com a mão. Mesmo no escuro, Echo podia ver algo muito parecido com sangue manchando sua pele pálida.

— Então, o que vai ser? — Caius pressionou.

Echo hesitou. Ele a estava perdendo. O conflito em seu rosto era claro como o dia. Eles deviam ser inimigos, mas essas distinções não estavam mais tão evidentes como no dia anterior. Se ele não conseguisse convencê-la de que estava do seu lado, pelo menos por enquanto, a pouca esperança que tinha de encontrar o pássaro de fogo se reduziria a nada.

— Pode arriscar ficar do meu lado — Caius continuou — ou pode ficar e descobrir o que o Príncipe Dragão pretende fazer com você. O

seu destino cabe a você. — Ele estendeu a mão a Echo. — E então?

— Echo... — Ivy se aproximou um pouco mais da amiga, preocupada e com medo.

Echo encarou Caius nos olhos. Era possível ouvir os Dragões de Fogo chegando ao alto da colina. Era agora ou nunca. Dependendo da decisão de Echo, eles sobreviveriam para lutar por mais um dia ou acabariam ali, na praia, em frente à fortaleza onde Caius havia nascido. Ele e Dorian eram capazes de lutar, mas nem os dois juntos poderiam enfrentar um batalhão inteiro de Dragões de Fogo.

Os Dragões de Fogo já estavam perto o bastante para Caius distinguir os indivíduos no topo da montanha. Havia mais de uma dúzia deles. Depois de uma espera agonizante, Echo concordou.

— Vocês sabem o que dizem por aí. — Ela encarou Caius por um instante antes de apertar a mão dele com sua mão, pequena, porém forte. — É melhor ficar com o diabo conhecido.

## VINTE E CINCO



— A QUALQUER MOMENTO. — O Drakharin de cabelo prateado (que Caius havia chamado de Dorian) estava segurando o portal aberto, com o único olho fixo nos Dragões de Fogo que se aproximavam. De mãos dadas com Caius, Echo pediu a todos os deuses para que não se arrependesse do que estava prestes a dizer.

— Estrasburgo.

A palavra mal saiu de sua boca e a escuridão do entremeio apareceu, tomando conta deles. Os gritos dos Dragões de Fogo foram engolidos por um silêncio pesado. O impacto roubou o ar dos pulmões de Echo; se Caius não estivesse segurando firme sua mão, ela estaria completamente solta, à deriva no mar, no meio de uma terrível tempestade. Ela nunca havia viajado pelo entremeio com mais de uma pessoa, e a força disso quase a fez desmoronar; seus joelhos pareciam gelatina conforme o solo desaparecia debaixo de suas botas.

Terminou tão repentinamente quanto começou. O asfalto frio e duro se materializou sob ela. Mesmo que Echo não tivesse se movido, era como tropeçar estando parada. Seus olhos se esforçaram para se ajustar à luz. Ela se concentrou no que podia ouvir e sentir, e não no que podia ver. Pedra sólida sob os pés. O sino de uma igreja soando as horas da noite. O sussurro suave de um rio batendo na base da ponte.

— Onde estamos? — Ivy perguntou.

Echo reconheceu o enjoo na voz de Ivy. Da última vez que havia escutado aquela voz, as duas tinham se empanturrado com um saco de doces de Halloween que Echo havia roubado do Kmart, em Astor

Place. Ivy vomitara um arco-íris de cobrinhas de gelatina mastigadas. Echo não era a única que havia sentido dificuldade na viagem.

Ela levantou a mão para proteger a vista. O poste brilhava muito depois da escuridão do entremeio. Seus olhos ardiam, e piscou para afastar a explosão de luz atrás de suas pálpebras. Ela reconheceu a ponte, uma das mais antigas de Estrasburgo. Pontes eram limiares excelentes, sendo elas próprias monumentos ao entremeio, e o tempo havia tornado essa ponte forte. Saltar entre passagens sem saber o destino era sempre uma aposta, mas alguns limares tinham tanta força que eram capazes de brilhar no escuro para a pessoa do outro lado. Dorian havia encontrado a ponte assim como a ponte o havia encontrado.

— Estamos em Estrasburgo — Echo disse. — Na ponte Couverts, no centro da cidade, para ser mais exata.

— Sábia escolha. — Caius parecia não conseguir relacionar muito bem Echo a escolhas sábias. Tanto ele quanto Dorian pareciam inabalados pelo passeio pelo entremeio. Echo os odiava um pouquinho por isso. Caius continuou: — Estrasburgo é uma das poucas áreas neutras da Europa Ocidental. Nem os Avicen nem os Drakharin patrulham esta região com regularidade.

— É verdade — Echo confirmou, limpando pedaços de palha que ainda estavam presos ao seu jeans. — Mas não foi por isso que quis vir até aqui.

Ela estava começando a perceber que a expressão confusa de Caius era a de alguém que não estava acostumado à confusão. Era quase adorável. Quase.

— Não? — Caius perguntou. — Então por quê?

— Jasper — Echo respondeu.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ela deu meia-volta, dando o braço para Ivy e confiando que os Drakharin as seguiriam. E seguiram. Se estavam desesperados o bastante para seguir uma garota humana no que poderia ser uma armadilha dos Avicen, certamente não tinham para onde ir. Não podiam ir para casa, mas, bem, ela também não podia.

Caminharam pelas estreitas ruas de pedra da cidade, sem nenhum olhar perambulante nem pedestre curioso tão tarde da noite. Echo contou quantas vezes os sinos da catedral tocaram. Era quase meia-noite. Embora parecesse que ela estivera em Taipei uma vida atrás, ainda era o meio da semana. Os habitantes de Estrasburgo estavam na cama, sãos e salvos, e completamente alheios ao quarteto peculiar que vagava pelas ruas.

Echo olhou para seus companheiros Drakharin, cujas túnicas de couro combinavam estranhamente com a arquitetura de velho mundo de Estrasburgo. A noite pintava as ruas em tons de azul e preto, e o cabelo prateado de Dorian brilhava como um farol. Caius, com cabelo e roupas pretos, misturava-se às sombras.

— Para onde está nos levando? — Caius perguntou. Suas longas pernas a alcançaram com facilidade.

— Para a casa do Jasper. — Echo podia ter dado mais informações, mas estava com vontade de se fazer de difícil. Era imaturo, mas ela não se importava.

Ivy soltou-se de Echo, ficando alguns passos para trás. Ela estava mantendo uma distância saudável dos Drakharin desde que saíra da fortaleza. Dorian olhou para Ivy e ela ficou tensa, cruzando os braços com rigidez. Echo se deu conta de que alguma coisa havia acontecido entre eles. Ela fez uma anotação mental para perguntar sobre o assunto mais tarde.

Desde que chegaram à ponte, Dorian estava em silêncio, como se estivesse perfeitamente satisfeito em deixar Caius falar tudo. Seu rosto estava cansado e pálido, e o ferimento que ele apertava ainda sangrava. Echo esperava que ele não deixasse um rastro de pegadas ensanguentadas. Um rastro de sangue seria um pouco ostensivo demais. Caius havia se oferecido para ajudá-lo, mas Dorian o dispensou, murmurando algo em drakhar que Echo não conseguiu entender. Uma dupla estranha, aqueles dois.

— Certo. — Caius manteve a voz baixa para que não se destacasse no ar parado da noite. — Para a casa do Jasper.

Ele estava tão perto de Echo que seu braço roçava no ombro dela a cada instante. Ela não sabia ao certo por que seu coração queria bater em harmonia com as passadas dele, mas preferiu ignorar.

— Quem é esse Jasper? — Caius perguntou. — Um amigo seu?

— Jasper não tem amigos de verdade — Echo contou. — Mas ele me deve um favor. Como costuma ficar mais feliz quando está do lado errado da lei, é nossa melhor aposta para encontrarmos um lugar para ficar até pensarmos em um plano de ação.

Eles estavam se aproximando da catedral que Jasper chamava de casa. Seu ninho ficava em um dos topos. Echo estava satisfeita pelos sinos terem parado de soar. A viagem pelo entremeio a havia deixado com uma campainha nos ouvidos que provavelmente levaria horas para desaparecer.

A garota arriscou dar uma espiada em Caius. Seu olhar era distante.

— Ele é Avicen? — ele perguntou.

— Apenas no nome.

— O que isso quer dizer?

Echo se abraçou. Era primavera, mas o ar da noite estava mais frio do que podia aguentar com sua jaqueta de couro.

— Significa que Jasper está apenas do próprio lado.

— Você disse que ele te deve um favor. — Caius não parecia se incomodar com o frio. Sorte dele. — Como alguém assim ficou em débito com você?

Echo se permitiu sorrir.

— Salvei a única coisa com que ele se preocupa mais do que tudo no mundo.

— O quê?

— A vida dele.

Caius olhou para ela como se fosse um enigma que estivesse tentando resolver.

— Deve haver uma história por trás disso — ele observou. — Talvez possa me contar algum dia.

Echo deu de ombros.

— Talvez.

— Ele é um ladrão, então? — ele perguntou. — Como você?

A pergunta pareceu vagamente crítica, mas, quando ela olhou feio para Caius, viu que ele sorria. Era um sorriso cansado e instável, mas sincero. Não era forçado ou falso. Fazia com que parecesse

mais jovem. O sorriso se foi com a mesma rapidez com que apareceu. Foi um filete de sorriso, um não sorriso fugaz.

— Não precisa zoar — ela disse, olhando-o de frente. Ela devia estar mais cansada do que imaginava, se estava deixando a mente se ocupar com reflexões sobre o sorriso de Caius. — Uma garota precisa comer. E, sim, ele é um ladrão. Entre outras coisas. Jasper é mais um trapaceiro profissional.

— Bem, qualquer ajuda já é alguma coisa, acho.

Echo olhou feio para Caius de novo. Ele ergueu os braços, fingindo se render.

— Estou brincando.

— Não estou achando graça. — Ela se afastou dele quando chegaram à praça que cercava a catedral. Caius tinha ficado tão perto que ela sentiu frio quando ele se afastou, perdendo a proximidade de seu calor corporal.

Enfiando as mãos nos bolsos, Echo foi até a porta entalhada de maneira elaborada, com figuras da Virgem sobre a verga, estátuas observando o chão com olhos que não veem. Havia algo nas igrejas que ela achava desconcertante. Tudo parecia relacionado demais à morte, como se alguém tivesse esquecido que a base da religião para a qual foram construídas fosse o renascimento.

— É isso. — Echo apontou para a porta, sentindo uma leve onda de energia que assinalava a presença da magia. Parecia uma corrente elétrica, mais ou menos como se estivesse esfregando as meias em um chão acarpetado. Ela havia visitado Jasper apenas algumas vezes, mas se lembrava do bloqueio na porta, que também funcionava como alarme. Se Echo continuasse batendo, Jasper seria obrigado a responder. Depois de um tempo. Com sorte. Se ele estivesse em casa. A ideia de que ele poderia não estar em casa não havia lhe ocorrido até aquele momento.

— Echo? — Ivy se aproximou atrás dela, olhando por sobre o ombro. — E se ele estiver dormindo?

— Não vai estar — Echo respondeu. — Jasper é meio coruja.

Os segundos passavam em silêncio tenso, e Echo sentiu uma pontada cruel de desesperança no estômago. Mesmo se ele estivesse em casa, não havia nenhuma garantia de que abriria a

porta. E por que faria isso? Se Jasper verificasse as pequenas câmeras de segurança apontadas para a entrada — as que Echo o havia ajudado a instalar — e a visse ali, com dois Drakharin, um deles sangrando muito, seria sábio em ignorá-los. O desespero dela começou a aumentar. Momentos desesperados pediam medidas desesperadas. Ela saiu da praça, com os olhos fixos na torre da catedral.

— Jasper! — Echo gritou a plenos pulmões, deixando o som reverberar nas paredes dos edifícios que cercavam a praça. — Jasper, abra a droga da porta!

Ivy, Caius e Dorian ficaram observando em silêncio, perplexos.

— Jasper! — Echo gritou mais uma vez, e Caius se movimentou tão rápido que a garota nem tinha visto ele se aproximar quando ele tapou sua boca com uma mão e passou a outra em volta de seu pescoço.

— O que você está fazendo? — ele murmurou. — Tentando acordar a cidade inteira? — A mão no pescoço dela se emaranhou nos cabelos, e as unhas dele afundaram dolorosamente em seu couro cabeludo. — Caso não tenha notado, os outros e eu não passamos despercebidos.

Como se a própria lua quisesse ajudar Caius a provar seu argumento, as nuvens se abriram o suficiente para que suas escamas fossem iluminadas pela pouca luz, refratando-a em um milhão de pequenos arco-íris espalhados por suas maçãs do rosto. Por um breve instante ele se transformou na coisa mais adorável que Echo já havia visto de perto. Mas então as nuvens voltaram, e ela só viu a raiva dele, os ângulos de seu rosto fazendo-o ficar ainda mais sério.

A mão dele ainda estava sobre sua boca, então, quando ela falou, suas palavras soaram abafadas. Caius tirou a mão devagar, como se não confiasse que ela fosse parar de gritar.

E não devia mesmo confiar.

— Jasper!

— Você bateu?

Quatro pares de olhos voltaram-se para a porta aberta, onde havia uma figura emoldurada por uma fraca luz amarela. Dorian puxou a

espada, embora sem firmeza, como se sua mão não estivesse muito segura do ato. Ivy parecia não conseguir decidir se seria melhor correr na direção de Jasper ou para longe dele. Echo afastou as mãos de Caius, e caminhou até a porta.

Jasper estava na entrada, de braços cruzados sobre o peito magro, extremamente adorável, mesmo quando estava irritado. O marrom quente de sua pele brilhava com elegância sob a suave luz alaranjada do poste. Suas penas lisas e curtas tinham tons de roxo, verde e azul. Jasper era um pavão de cabo a rabo. Ele era tão impressionante que até mesmo a careta em seu rosto parecia mais um enfeite do que uma irritação genuína. Seu jeans desgastado e a camiseta branca eram simples o bastante para não destoarem do resto — uma escolha deliberada de vestimenta. Se Echo ganhasse um dólar para cada vez que Jasper afirmasse que a beleza era a cruz que tinha que carregar, poderia pagar um maravilhoso jantar com filé-mignon para todos.

— Mas o que você está fazendo aqui? — Jasper perguntou.

— Olá para você também. — Echo abriu um sorriso grande demais. Jasper franziu ainda mais a testa. Ele não seria seduzido. Não por ela. Não naquela noite.

— Você anda com umas companhias interessantes — Jasper comentou, observando os dois Drakharin atrás dela. Echo não podia jurar, mas achou que o olhar de Jasper se demorou um pouco mais sobre Dorian. Como qualquer bom ladrão, Jasper tinha bons olhos para coisas belas e brilhantes. Ela supôs que Dorian, com seu cabelo prateado e olho azul reluzente, podia ser considerado belo e brilhante.

— Sim, é uma história engraçada. Que tal eu te contar lá dentro?

Jasper a encarou como se ela tivesse duas cabeças.

— Não — ele disse, e se virou.

Echo agarrou o braço do Avicen.

— Jasper...

— Eu disse não, Echo. — Ele olhou de maneira incisiva para a mão que segurava seu braço, mas a garota se recusou a soltar. Ele era a última esperança deles, e ela não desistiria tão fácil.

— Você me deve uma.

Jasper a encarou severo, com olhos dourados inabaláveis. Quando ela estava começando a pensar que talvez não houvesse código de honra entre ladrões, que ele os mandaria embora dizendo que não havia espaço na hospedaria, Jasper suspirou. Ele bufou tão alto que parecia que a cidade toda ia ouvir.

— Pegar *macarons* é uma coisa, mas isto? — Jasper apontou para os quatro. Eles deviam formar uma cena triste. Depois de um instante de hesitação, ele soltou um suspiro cansado.

*Doce vitória*, Echo pensou. Jasper era mais mole do que jamais admitiria.

— Está bem — ele disse com tanto ar de martírio que ela não ficaria surpresa em encontrar a imagem de Jasper nas paredes da catedral, junto com os santos. — Venham. E limpem os pés antes de entrar. Vocês estão parecendo cocô que foi arrastado na lama e depois incendiado.

## VINTE E SEIS



SE ALGUÉM PERGUNTASSE a Dorian como sua vida havia chegado àquele ponto, ele não saberia se seria capaz de responder. Pelo menos não de maneira satisfatória. Eles foram levados por um longo lance de escadas por um Avicen ostensivamente colorido que não parava de se lamentar a respeito do estrago inevitável em seu tapete.

Dorian apertou mais seu ferimento. Talvez estivesse sonhando. Talvez acordasse e se encontrasse em sua cama, em frente aos aposentos de Caius, e riria daquele pesadelo maluco. Mas uma dor muito real ardia em suas entranhas, e ele não acordava.

Quando chegaram ao alto, Dorian ficou tão zozzo que estava apenas vagamente consciente das vozes à sua volta. Ele devia ter perdido mais sangue na subida do que na caminhada desde o rio. Echo estava liderando as apresentações. Dorian só notou a mão que Caius apoiou em suas costas para estabilizá-lo. O capitão apoiou a cabeça no batente da porta, fechou o olho e se concentrou em não desmaiar. Desmoronar em uma poça de seu próprio sangue não seria muito digno.

— E quem é o bonito?

Dorian demorou um minuto para se dar conta de que o Avicen estava falando com ele. Culpou a perda de sangue. Abriu o olho e viu os quatro o encarando. Caius estava mais perto, franzindo a testa de preocupação. Echo o encarava como alguém observaria um animal ferido na beira da estrada, preocupada, mas não muito interessada em sua sobrevivência. Ivy fitava seu ferimento diretamente. A julgar pela velocidade em que estava piscando, a aparência devia ser ainda pior do que a sensação. Jasper o avaliava

torcendo os lábios, satisfeito, quase um sorriso forçado. Provavelmente seria um sorriso verdadeiro se Dorian não tivesse sangrado em todo o, até então, imaculado tapete branco.

Os lábios de Caius estavam se movendo, mas o som não chegava a Dorian como deveria. Pelos movimentos da boca dele, devia estar dizendo o nome do capitão. Dorian fechou o olho de novo e o som voltou, como se seu corpo só conseguisse se concentrar em um sentido por vez. Que econômico! Sem a visão para distraí-lo, ouviu Caius perguntar:

— Dorian, você está bem?

Dorian respeitava Caius. Admirava-o. De vez em quando, sentia por ele mais do que era apropriado para um guarda real. Mas às vezes até ele tinha que admitir que Caius nem sempre era muito esperto.

— Você está morrendo? — Jasper perguntou, como se não estivesse óbvio.

A resposta de Dorian foi um gemido. Ele levou a outra mão ao ferimento e pequenas manchas vermelhas se espalharam pelo tapete. *Não*, ele pensou. *Não tem como a aparência ser pior que a sensação.*

Caius agora usava os dois braços para sustentar Dorian, e o capitão era grato por isso. Escorregar pela porta e cair no chão, formando uma pilha sangrenta e sem graça, estava começando a se tornar uma possibilidade bastante real.

— Ele precisa de um médico — Caius disse, envolvendo a cintura de Dorian com o braço.

*Isso é bom*, Dorian pensou.

Jasper foi até eles e, sem pensar duas vezes, Dorian pressionou o corpo contra a parede como se estivesse tentando atravessá-la. As cicatrizes em sua órbita ocular pulsavam com a mesma intensidade que seu ferimento recente. Ele fechou o olho e, por um breve e terrível instante, estava de volta àquele campo de batalha, com um Avicen de plumas marrons e brancas debruçado sobre ele, faca ensanguentada em uma mão, olho azul na outra. O braço de Caius o apertou mais. Foi o suficiente para trazê-lo de volta ao momento.

Dorian respirou trêmulo. O odor metálico de seu próprio sangue era estranhamente reconfortante.

Jasper parou, mãos erguidas diante do corpo como se estivesse tentando acalmar um potro rebelde. Dorian teve força o suficiente para ficar ofendido.

— Eu tenho material — Jasper disse. — Posso fazer um curativo nele, mas não vai ficar bonito. Não sou curandeiro.

— Você é — Echo disse para Ivy. — Você é aprendiz, pelo menos. Pode ajudá-lo.

Ivy alternou o olhar entre Echo e Dorian. Quando encarou os olhos dele, Dorian não conseguiu interpretar o que viu. Lentamente, Ivy assentiu.

— Sim, posso ajudá-lo.

O cérebro de Dorian, comprometido pelo ferimento, devia estar lhe pregando uma peça, porque não havia como Ivy ter acabado de se oferecer para ajudar depois da forma como ele a havia tratado. Ninguém era tão bom assim. Ninguém que Dorian conhecia. Ele tentou levantar, tentou convencê-los de que não precisava, de que estava bem, mas suas pernas hesitaram e ele caiu sobre o peito de Caius. Era tudo muito inapropriado.

Jasper disse alguma coisa a Caius, mas toda a atenção de Dorian estava voltada para a tarefa de não vomitar no peito de Caius. Ou em suas botas. Ou em qualquer parte dele, na verdade. Foi só quando sentiu que estava sendo carregado por Caius e Echo que Dorian se deu conta de que eles estavam falando sobre deitá-lo na cama de Jasper. Dorian queria desesperadamente protestar. Não era nenhuma donzela desmaiada para ser paparicado. Mas, na verdade, talvez fosse, porque a próxima coisa que notou foi a maciez de um colchão sob seu corpo.

Mãos retiraram suas roupas, e o ar frio arrepiou a pele de seu peito descoberto enquanto sua camisa era cortada. Dorian tentou afastá-las.

— Não preciso de ajuda — ele disse com a voz arrastada. Talvez, se dissesse em voz alta, magicamente se tornaria verdade.

— O buraco em seu torso que está arruinando meus lençóis de algodão egípcio não diz o mesmo — Jasper afirmou, saindo com Ivy

do que Dorian presumiu ser o banheiro, carregando diversos suprimentos médicos. Ele nem os tinha visto sair.

Dorian se contraiu quando um pano frio foi pressionado em sua testa, secando o suor que escorria de sua cabeça. Um copo foi levado a seus lábios e uma mão, pequena demais para pertencer a Caius ou Jasper, ajudou-o a manter a cabeça levantada.

— Beba isto — Ivy disse, virando o copo com cuidado.

O amargor explodiu em sua língua e ele se esforçou para não vomitar. Havia um toque de menta sob o gosto do remédio que ela havia lhe dado, e aquilo fez seu estômago revirar acalorado. Ivy deixou o copo de lado, virando-se para Caius e Echo, que olhavam para ela como galinhas vigiando seus pintinhos. Dorian suspeitava que Echo estava mais preocupada com Ivy do que com ele.

— Me deem espaço para trabalhar, por favor — Ivy disse.

Caius, Jasper e Echo obedeceram sem questionar. As penas brancas de Ivy ainda estavam cobertas de terra e sangue, mas ela parecia mais segura de si do que Dorian tinha visto desde que os feiticeiros contratados por ele a haviam arrastado para a fortaleza. Como ela estava diferente agora, livre, fazendo o que sabia. Algo que não tinha nada a ver com seu ferimento deu um nó no estômago de Dorian.

Ele piscava sem parar, mas era menos difícil manter o olho aberto do que momentos antes. O que Ivy o fizera tomar, independentemente do que fosse, era horrível, porém eficaz. Suas mãos pequenas eram rápidas, mas metódicas, ao desenrolar uma quantidade generosa de gaze e começar a cortá-la em faixas manejáveis. Quando começou a limpar a ferida, seus dedos eram suaves e eficientes. O resto do corpo dela estava imundo como quando haviam fugido da Fortaleza do Dragão, mas suas mãos e seus antebraços estavam branquíssimos, a pele e as penas limpas e impecáveis. Ela havia se lavado para não passar uma infecção ao Drakharin. Dorian ficou estranhamente tocado. Ele havia sido cruel com ela. Não merecia a gentileza. E nem sabia ao certo se queria.

— Por quê? — Dorian perguntou.

O som de sua voz a assustou, e ela se contraiu, raspando os dedos no canto da ferida. Dorian gemeu de dor. Ivy murmurou

curtas desculpas, mantendo os olhos na ferida.

— Por que o quê? — ela perguntou.

Ele gesticulou vagamente para o ferimento, levantando o braço pesado com a combinação de perda de sangue e remédio.

— Por que está me ajudando?

Ivy trabalhou em silêncio por vários minutos, e Dorian desistiu de receber uma resposta. Ela não lhe devia uma. Ele fechou o olho e se concentrou em não se mexer enquanto ela tirava pequenos fragmentos de terra do ferimento.

— Sou curandeira.

Ao ouvir o som da voz de Ivy, baixa, porém firme, Dorian abriu o olho. Ela não disse mais nada, como se aquela simples afirmação fosse resposta suficiente. O remédio continuou a fazer efeito, e a visão de Dorian clareou o bastante para que ele visse que o hematoma no rosto dela estava bem roxo. Ele havia feito aquilo.

— Eu sei — ele disse com calma. — Eu sei, mas... — Ele apontou para o machucado no rosto dela.

— Não esqueci — Ivy disse.

Ela espalhou uma pomada sobre o ferimento. Era terrivelmente gelado no início, ardendo ao entrar em contato, mas depois ficou apenas frio. A carne em volta do ferimento ficou dormente quando ela ajeitou com delicadeza camadas de gaze sobre a pomada.

— Então por quê? — Ele não fez a pergunta que realmente queria. *Por que está sendo tão gentil? Como pode ser tão boa?*

— Porque já existe crueldade demais no mundo — ela começou, pegando o esparadrapo na mesa de cabeceira. — Não preciso contribuir.

Ivy cortou alguns pedaços de esparadrapo e os colou nas beiradas da gaze, aplicando uma pressão leve. Secou as mãos na toalha que Jasper havia providenciado e levantou, analisando o trabalho com um aceno positivo. Sem dizer mais nada, ela se virou e saiu. Não havia feito contato visual com ele, nem uma vez, e aquilo o fazia se sentir terrível e inquestionavelmente pequeno.

## VINTE E SETE



ENQUANTO OBSERVAVA IVY, Echo sentiu o olhar de alguém sobre si. Ela se virou e viu Caius a observando. Ele tinha ido até a poltrona de couro sob o consolo da lareira e não havia apenas se sentado: ele se esparramou, ocupando o espaço como se lhe pertencesse. Echo estava empoleirada no canto de um sofá macio demais, sentindo-se diminuída pelo tamanho do loft de Jasper. A fadiga havia se instaurado profundamente em seus ossos, mas pelo menos estava vestindo roupas limpas. Depois que seu primeiro trabalho compartilhado com Jasper resultara em um infeliz incidente em uma fossa séptica, ela conseguira separar um pequeno espaço para si na última gaveta da cômoda dele. Echo demorara uma hora para tirar a lama das penas da cabeça dele, e tinha fortes suspeitas de que a gratidão havia impedido Jasper de reclamar quando ela reivindicou o espaço. Echo esticou as mangas do suéter sobre os polegares e fitou os olhos de Caius. Até aquele instante, não o tinha visto sob luz artificial, e era uma bela visão.

Pequenas luminárias com cúpulas de vitral iluminavam o loft em tons de vermelho e roxo. Na fortaleza, os olhos de Caius pareciam chamas cor de esmeralda, capturando a luz dos candeeiros nas paredes e dançando com ela. Agora, estavam tão escuros que quase nem tinham mais verdes, como se o preto vertiginoso de sua pupila tivesse engolido toda a íris. Echo ficou olhando fixo por um minuto antes de se dar conta do que estava fazendo. Desviou o olhar e sentiu o calor traiçoeiro de um rubor tomando conta de suas bochechas. Ela se virou para esconder a vermelhidão, observando Ivy cuidar de Dorian.

— Sua amiga é talentosa — Caius disse.

Havia algo em estar ali com ele que fazia a língua de Echo parecer grande demais para sua boca. Ela simplesmente concordou com a cabeça e continuou olhando para a frente. Jasper estava arrumando talheres na cozinha, dando a ela um pouco de privacidade. Echo não fazia ideia do motivo, mas já era de se esperar. Ela normalmente não fazia ideia do que motivava Jasper a fazer as coisas que ele fazia.

— Ele é estranho, não é? — A voz de Caius era baixa, até mesmo conspiratória.

— Jasper? — ela perguntou, enfim voltando a encarar Caius. Ele estava tentando puxar conversa. *Que droga é essa?*

Caius ergueu uma sobrancelha, querendo dizer “Quem mais seria?”. O rubor voltou, o calor que subia pela nuca de Echo como uma aranha.

— Sim — ela disse. — Ele é.

— Estou curioso — Caius disse, inclinando-se para desabotoar as faixas de couro do cinto que carregava as duas facas compridas em suas costas. — Gostaria de saber sobre a vez em que você salvou a vida dele. Você parece jovem demais para participar dessas aventuras.

Echo se apegou à pontada de irritação que sentiu diante das palavras dele. Era melhor do que ficar corada.

— Não sou criança.

Se constrangimento não estivesse aquém de um mercenário calejado, Echo teria jurado que a onda de emoção que passou pelo rosto de Caius era exatamente aquilo. Ao piscar, porém, tudo desapareceu.

— Não tive a intenção de insultá-la — Caius deixou as facas no chão, ao lado da cadeira. Echo se odiou por notar como o peito dele esticava o tecido ensanguentado da túnica. Quando ele a encarou, seu meio sorriso era quase encabulado. — Mas você é *jovem*. Jovem demais para passar a noite fugindo de soldados Drakharin, sem dúvida.

— Não me sinto jovem — afirmou Echo.

Não era a primeira vez que ela era obrigada a fugir para proteger sua vida, mas os músculos de suas pernas doíam como nunca antes.

Ela sentiu uma pontada nas costas, subindo até os ombros. Começou a perceber um leve latejamento no fundo dos olhos, e soube que logo teria uma dor de cabeça monstruosa.

— Os jovens nunca se sentem jovens — ele disse.

Ela não sabia como reagir à fala de Caius. Entendia antagonismo, mas essa camaradagem recém-descoberta era estranha.

— Quantos anos você tem? — Echo perguntou.

— Quantos anos pareço ter? — Os lábios de Caius se retorceram formando um pequeno sorriso. Se estava cansado, disfarçava bem.

— Muito menos do que deve ter.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, e o apito do microondas a fez saltar.

— Mais ou menos uns duzentos e cinquenta — Caius revelou. — Comecei a perder a conta depois de um tempo. — Ele deu de ombros, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. — E quantos anos você tem?

Havia algo nele que parecia jovem e velho ao mesmo tempo. Faltava-lhe a seriedade da Ala, que sempre fazia Echo se lembrar de um grande carvalho envelhecido e eterno. Perto de duzentos e cinquenta, qualquer número que Echo dissesse pareceria desprezível, mas a resposta verdadeira soava terrivelmente inadequada.

— Dezessete.

Caius piscou devagar, como se abrir e fechar as pálpebras exigisse esforço.

— Dezessete — ele sussurrou. — Notável.

— Se você diz...

— Você ainda não respondeu minha pergunta — Caius retomou. — Sobre Jasper.

— Ah. — Echo já tinha esquecido.

A forma como Caius sentava, como se espalhava, com seus olhos verde-escuros, cabelo marrom ainda mais escuro e maçãs do rosto angulosas, a deixava lenta, como se seu cérebro tivesse ficado um pouco enferrujado. Ela sacudiu a cabeça, esperando que o simples movimento a clareasse. Não resolveu.

— Jasper e eu... — ela começou, embora não gostasse muito de como aquilo soava. Jasper havia flertado com ela, mas ele flertava com qualquer coisa que se mexesse. Não existia *Echo e Jasper*. Ela não sabia por que estava preocupada que Caius pensasse que existia. Mas estava. — Há mais ou menos um ano, nós dois fomos contratados para roubar a mesma coisa. Eu consegui. Ele não. E os empregadores dele não gostaram muito.

— O que era? — Caius esticou as longas pernas para a frente, cruzando-as nos tornozelos. Echo se ocupou pensando que animal de pelo branco havia morrido para fazer o tapete de Jasper.

— Uma harpa.

— Uma harpa? — Caius parecia quase entretido.

— Uma harpa.

— Devia ser uma harpa e tanto.

— Supostamente, era mágica — Echo disse. — Diz a lenda que, se tocada a bordo de um navio, invoca sereias que obedecem suas ordens. Mas acho que sereias nem existem.

— Existem.

E, de uma hora para a outra, o mundo de Echo se reorganizou. Ele parecia estar fazendo isso com uma frequência alarmante nos últimos dias.

— Ela funcionou? — Caius perguntou. — A harpa?

Echo deu de ombros.

— Não fiquei por lá para descobrir. Estava ocupada demais tirando Jasper do mar. Seus empregadores o jogaram do barco quando ele contou que eu havia roubado a harpa bem debaixo do seu nariz.

— Os Avicen não gostam muito de água — Caius observou. Ele falou em tom frio, como se recitasse um livro acadêmico.

— Alguns gostam, outros não — Echo disse. — Jasper não sabe nadar, nem o suficiente para não morrer afogado.

— Mas você o salvou — Caius olhou para ela como se a estivesse avaliando. Ela não gostou. — Foi uma atitude nobre. — Ele fez parecer mais uma curiosidade do que um elogio.

— Pareceu uma boa ideia na hora — ela disse.

— Certamente foi.

Eles ficaram em um silêncio não muito confortável. Echo olhou em volta para os quadros nas paredes — todos roubados, todos famosos, todos extremamente caros — e para os pequenos detalhes que faziam o loft parecer um lar. Havia um toca-discos no canto, com vinis empilhados ao acaso perto dele. Uma fileira de netsukes japoneses estava alinhada no peitoril da janela, um pequeno exército esculpido em marfim. Todos roubados. Vozes abafadas vinham da pequena cozinha conjugada, onde Ivy havia se juntado a Jasper.

Caius falou antes que Echo pudesse escapar para a cozinha.

— Sinto muito por você ter sido arrastada para esta confusão.

Ela piscou.

— Sério?

— Sério.

— Eu só... — As palavras se recusavam a vir com facilidade. Havia tanta coisa que ela queria perguntar. — Por quê?

Caius respirou fundo antes de responder:

— Porque é uma confusão que não tem nada a ver com você.

— E tem a ver com você? — Echo perguntou. — Pensei que não passasse de um prestador de serviços.

Um pequeno sorriso surgiu novamente no rosto de Caius.

— Todos temos trabalho a fazer. Os parâmetros do meu mudaram.

Echo ergueu as sobrancelhas.

— E agora incluem se juntar a um bando de Avicen?

— Existem coisas mais importantes do que escolher um lado — Caius disse. — O... Príncipe Dragão anterior me deu a tarefa de encontrar o pássaro de fogo, e é uma causa em que, por acaso, eu acredito.

O tintilar de xícaras de porcelana na cozinha rompeu o silêncio, mas Echo não conseguiria tirar os olhos de Caius nem se quisesse. O fato de não querer era problemático.

— O Príncipe Dragão — Echo disse. — Como ele era?

Caius olhou para seus dedos entrelaçados. Algumas mechas de cabelo caíram em seu rosto, e os dedos de Echo se contorceram com o ímpeto de arrumá-las no lugar. Ela sentou sobre as mãos. Ele não levantou os olhos quando respondeu:

— Meio idiota.

Uma risada louca escapou de Echo.

— O quê?

— Ele estava tão ocupado procurando por ameaças externas que não se deu conta daquela que se escondia bem ali, ao seu lado.

— Tanith.

Caius confirmou.

— Quem é ela?

— A irmã dele.

Echo apoiou as pernas sobre o sofá. Ficou imaginando como deveria ser traído tão profundamente por alguém que deveria te amar, total e incondicionalmente. A família de Echo — a família biológica, de quem havia fugido — tinha feito com que ela perdesse a noção de amor congênito e obrigatório havia muito tempo, mas ela sempre imaginara que o laço entre irmãos fosse uma coisa sagrada. Como seu laço com Ivy.

— Que droga — ela disse.

— Isso resume tudo.

— Como era o nome dele?

Caius se mexeu, cruzando e descruzando as pernas, coçando a base do pescoço.

— Não sei. Os Drakharin mantêm o nome de seu governante em segredo de quem é de fora. Há poder nos nomes.

Os Avicen e os Drakharin tinham mais em comum do que imaginavam, mas Echo guardou aquele pensamento para si. Inimigos mortais ficavam sensíveis quando eram comparados um ao outro.

— Também ouvi dizer isso.

Caius acenou novamente com a cabeça.

— Obrigado — ele disse em voz baixa.

— Pelo quê?

— Por isso. — Caius apontou para o loft. — Por nos trazer aqui. Por ajudar quando não tinha a obrigação.

— Não tive muita escolha, tive?

Os olhos de Caius ficaram ternos e distantes, como se a encarassem, e talvez também vissem através dela.

— Sempre há escolha, Echo. Mesmo que não seja boa.

— E esta foi o quê? — ela perguntou.

Ivy e Jasper curiosamente haviam ficado em silêncio, e Echo sabia que estavam escutando.

— Uma boa escolha, espero.

Os dois Avicen retomaram a conversa, vozes abafadas, e Echo ficou satisfeita.

— Você não é como eu esperava — ela disse. Agora era sua vez de ficar quieta, de falar com suavidade apenas para Caius ouvir. — Para um Drakharin, quero dizer.

Ele cruzou as mãos sobre a barriga e sorriu cansado. Sorrir o fazia parecer mais jovem, como se sua idade combinasse com a aparência, mas agora, com as linhas finas da fadiga ao redor dos olhos, parecia mais velho. Ele era bonito demais para ficar acabado, mas seus ombros cederam, e ele afundou ainda mais na cadeira, encarando Echo com os olhos semicerrados.

— Devo me desculpar por isso? — ele perguntou.

Echo fez que não com a cabeça.

— O que os Avicen fizeram você acreditar que eu era?

— Um monstro.

Caius ergueu a sobrancelha.

— E você me acha monstruoso?

Ela podia ter mentido, mas ele perceberia. Não parecia ser do tipo que deixava passar uma mentira despercebida.

— O diabo não é tão feio como se pinta.

— Dante. — Os cantos do lábio de Caius se curvaram para cima apenas um pouco. — Você é bem versada, pelo que estou vendo.

— Passo grande parte do meu tempo em bibliotecas. — Ela devia ter percebido que era errado expor aquele detalhe sobre ela a Caius, independentemente de quão pequeno fosse. Echo devia ter percebido. Devia realmente ter percebido.

Caius a analisou por mais alguns segundos antes de enfiar a mão na camisa e tirar o medalhão. Os dedos de Echo se agitaram com o desejo de segurá-lo. Como Jasper, ela sempre havia sentido atração por coisas bonitas, mas isso era diferente. Parecia que havia lhe pertencido, e ela não sabia dizer o porquê.

— Se o medalhão te pertencia, como foi parar em uma casa de chá no Japão? — Echo perguntou.

— Eu dei para uma pessoa há muito tempo. — Caius girou o pingente entre os dedos, passando o polegar pelo dragão de bronze na parte da frente. — Acho que ela deu para outra pessoa. É estranho pensar que acabou voltando para mim.

Era estranho mesmo. Caius estava conectado a tudo — ao pássaro de fogo, ao medalhão, à caixinha de música, aos mapas —, de uma forma que Echo não era capaz de relacionar, mas havia um caráter definitivo em seu tom de voz que não convidava a maiores questionamentos. Talvez pela manhã ele estivesse mais acessível. Ou talvez ele estaria esperando que ela também estivesse. Talvez fosse melhor ela não enchê-lo de perguntas que ele claramente não queria responder; dessa forma, ele não se intrometeria em seus segredos com a mesma curiosidade. Com um suspiro, ela passou à próxima pergunta.

— Você ficou com a adaga?

Caius passou a corrente do medalhão pela cabeça e a deixou cair no colo. Ele devia ter substituído a que quebrara antes de libertá-las do calabouço. Então ele soltou uma pequena bainha de couro na lateral do cinto, removendo a adaga com um movimento suave. Ele alternou o olhar entre a adaga e Echo, em silêncio, esperando. Os dedos dela voltaram a se agitar. Ela queria segurá-la, sentir o peso do punhal na palma da mão, as gralhas de ônix e pérola junto à pele. Mas havia uma coisa que a estava incomodando desde que encontrara o objeto.

— Não entendo — ela disse. — O medalhão tinha um mapa dentro, mas como uma adaga pode nos ajudar a encontrar o pássaro de fogo?

— Não sei. — A frase soava estranha nos lábios de Caius, como se ele não estivesse acostumado àquelas palavras.

— São engraçadas — ela comentou. Caius inclinou a cabeça em vez de perguntar o porquê. — As gralhas na faca. É assim que a Ala me chama às vezes: “pequena gralha”. — Ela também não sabia por que sentiu necessidade de contar aquilo.

— Gralhas. — A voz dele estava abafada, parecendo que falava consigo mesmo. Echo se sentiu sem importância. — Elas são ótimas ladras, sabia?

Havia algo insuportavelmente triste nele. Por um rápido instante, ela pensou ter visto a pessoa que ele podia ter sido, havia muito tempo, antes de a guerra cobrar seu preço.

— Elas também são espertas — a garota retrucou.

A sombra de um sorriso retornou ao rosto de Caius.

— É mesmo?

Echo fez que sim com a cabeça.

— E são os únicos pássaros que passam no teste do espelho.

— O que é o teste do espelho?

— É uma forma de os cientistas medirem inteligência. A gralha é um dos poucos pássaros capaz de reconhecer o próprio reflexo.

Caius voltou a observar a adaga, virando-a nas mãos.

— Seus cientistas humanos fazem umas coisas estranhas.

— Não sei se os chamaria de *meus* cientistas humanos — Echo disse. — Não tenho muito contato com... — ela sinalizou aspas no ar — ... minha espécie.

Ele apenas bufou. Tinha olhos somente para a adaga e para as sete pequenas gralhas que voavam no cabo dela.

— Por que você roubou isto? — ele perguntou.

— Havia um mapa dentro do medalhão. Ele me dizia para ir ao Louvre, então eu fui. — Echo não sabia ao certo quanto deveria contar a ele. Ela ainda não confiava nele, e sabia que ser conduzida até a adaga por uma força invisível não era uma coisa considerada *normal*.

Caius segurou a adaga na altura dos olhos, girando levemente de modo que cintilava sob a luz.

— Sim, mas por que *isto*?

— É confidencial — Echo respondeu, por falta de uma resposta melhor.

Soltando uma pequena risada, ele disse:

— Sabe, vamos ter que começar a confiar um no outro mais cedo ou mais tarde.

Echo sorriu discretamente.

— Um passo de cada vez. — Ela o observou estudar a adaga, parecendo hipnotizado pelo jogo de luz em sua superfície. — Por que é tão especial para você? — ela perguntou, esperando distrair Caius de sua linha de questionamento.

— Não é — ele respondeu. — É que... me faz lembrar alguém que eu conheci.

Em suas palavras, havia um peso que Echo achava que entendia.

— Uma garota?

Um tipo diferente de sorriso agraciou o rosto dele, mas não havia alegria.

— Sempre é uma garota, não é?

A soma das experiências românticas de Echo se limitava aos últimos dois meses que havia passado com Rowan. Ela se sentia jovem e ingênua diante dos séculos de Caius.

— É o que dizem.

Ela o viu passar os dedos pelo cabo, inclinando-o para refletir melhor a luz, as gralhas com asas de ônix e pérola cintilando com beleza. Com um suspiro, ele entregou a adaga a ela pelo punho.

— Aqui está. Como você disse: achado não é roubado. — Ele deixou de fora o *idiota*. Foi gentil de sua parte.

Echo pegou a adaga, virando-a nas mãos. Se a caixinha de música a havia levado ao medalhão, e o medalhão a havia levado à adaga, então tinha que ter algo especial, algo que lhe dissesse qual seria o próximo passo. Ela analisou atentamente, passando os olhos em cada detalhe. A prata do cabo havia escurecido com o tempo, mas até que estava bem conservada. Os ônix e as pérolas cravejados brilhavam como se fossem novos, e a lâmina estava afiada o bastante para cortar a pele. Ela apertou os olhos, procurando uma pista.

*Se eu estivesse escondendo algo em uma adaga, onde seria?* Echo pensou.

Com dedos metódicos, ela investigou cada centímetro da superfície, da guarda entre o cabo e a lâmina até a ponta arredondada do pomo no fim da empunhadura. Havia muitos lugares para esconder algo em uma adaga. Caius ficou em silêncio enquanto ela tateava e, após alguns segundos, ela sentiu. Uma borda bem

onde a base do pomo estava atarraxada, como uma tampa. Caius inclinou-se para a frente, observando enquanto ela a soltava. Estava bem fixa, o que não era surpresa nenhuma, uma vez que claramente não era aberta havia anos. Echo segurou o cabo com força, fazendo uma careta quando a palma de sua mão ficou machucada. Ela girou, girou e girou, até a tampa arredondada sair. Caius levantou, ajoelhando-se ao lado de Echo.

— E então? — Caius perguntou. — Tem alguma coisa aí dentro?

— Ah, aposto que sim. — Segurando a adaga com firmeza, Echo a sacudiu, esperando expulsar o que estivesse escondido dentro do cabo. Um pedaço de papel enrolado caiu no colo dela. — Meu Deus, adoro quando estou certa!

Echo olhou pra Caius e o viu sorrindo para ela, com os olhos brilhando de curiosidade. O jogo estava rolando, e eles estavam jogando juntos. Drakharin ou não, talvez ele não fosse um parceiro tão ruim nessa aventura, afinal.

Caius apontou com a cabeça para o papel no colo dela.

— Vamos, abra. Talvez seja mais um mapa.

— Vamos torcer para que seja.

Ela deixou a adaga de lado e desenrolou o papel devagar. Era antigo, assim como o dos mapas de Kyoto e Paris, e uma das pontas se desfez quando ela tocou. Quando o papel estava esticado em seu colo, ela precisou apenas de alguns segundos para reconhecer o que representava: era uma pequena parte da cidade de Nova York. Seu lar. Uma linha reta dividia o mapa em dois, com QUINTA AVENIDA escrito no centro em letras de forma. Os números na rua estavam tão pequenos que eram difíceis de ler, mas Echo não precisava deles para saber para o que estava olhando. Um prédio no centro da página estava circulado em tinta vermelha desbotada: o Metropolitan Museum de Nova York. Debaixo dele, outro poema de quatro linhas havia sido escrito com a mesma caligrafia das pistas nos outros dois mapas. Caius se inclinou para ler, respirando sobre as mãos dela.

— “O pássaro que canta à meia-noite” — ele recitou — “em sua gaiola de ossos ascenderá do sangue e das cinzas para saudar a

verdade desconhecida.” — Ele sentou sobre os calcanhares, franzindo a testa. — Que droga isso significa?

— Também não faço a mínima ideia — Echo afirmou. — Mas pretendo descobrir. — Ela encarou Caius nos olhos. — Você vem?

Ele sorriu novamente, um sorriso largo o bastante para ela perceber que seus dentes eram quase perfeitos. Ele assentiu.

— Vou.

*Ah, sim, ela pensou. O jogo certamente está rolando.*

## VINTE E OITO



O SONO CUTUCAVA A MENTE DE DORIAN, mas ele sabia que iria se esquivar dele até não aguentar mais e desmaiar de exaustão. Ele tinha lutado contra os Avicen por muitos anos, perdido muita coisa para eles, não ia ser capaz de descansar em um de seus ninhos enquanto se escondia como um bandido qualquer. Mas era isso que havia se tornado. No dia anterior, Caius era o príncipe e ele era o capitão de sua guarda.

*Como caíram os poderosos, ele pensou.*

Dorian estava prestes a sentir pena de si mesmo quando Jasper desceu os três degraus que separavam o quarto — se é que podia ser chamado assim — do restante do loft, com duas canecas fumegantes na mão. A mão de Dorian foi tremendo até a mesa de cabeceira na qual Caius havia apoiado sua espada.

Jasper estalou a língua em reprovação, como se fosse um diretor de escola decepcionado com um aluno malcriado.

— Não pense que não vi isso — Jasper disse, apoiando uma das canecas na mesa de cabeceira. — Seria uma extrema falta de educação sua erguer a espada em minha casa. — E depois (que horror!) Jasper deu uma piscadela. — Afinal, acabamos de nos conhecer.

Dorian abriu e fechou a boca várias vezes, mas simplesmente não tinha palavras.

Jasper sacudiu a cabeça e sorriu.

— Muito fácil.

Ele se acomodou na beirada da cama, perigosamente perto da mão esquerda de Dorian. Não era a mão da espada, mas resolveria

aquilo em uma piscar de olhos. Ele não havia se dado conta de que seus punhos estavam cerrados até sentir pequenas pontadas de dor das unhas afundando na carne.

— Relaxe — Jasper disse. — Não estou aqui para te machucar.

A ideia era tão absurda que Dorian não conseguiu conter a resposta.

— Como se você pudesse.

Vendo em retrospecto, não havia sido a escolha de palavras mais apropriada. Jasper cutucou o curativo que Ivy havia feito com tanto cuidado e Dorian resmungou quando os músculos de seu abdômen saltaram.

— Pronto, agora está resolvido. — Jasper ofereceu a caneca a Dorian. — Beba isto. Ordens médicas.

Dorian aceitou a caneca com mãos hesitantes. Se Ivy quisesse prejudicá-lo, não teriam faltado oportunidades, mas ainda assim... Ele cheirou o conteúdo da caneca com incerteza.

— Não está envenenado — Jasper revirou os olhos. — Me dá aqui. — Ele pegou a caneca de volta rapidamente, porém com cuidado, e tomou um gole. — Está vendo? Perfeitamente seguro. — Ele colocou a língua para fora, quase vomitando. — Nojento, mas seguro.

Jasper devolveu a caneca e viu Dorian tomar um pequeno gole. Era amargo, mas nem chegava aos pés do último preparado de Ivy. O gosto que ficava na boca era vagamente cítrico. Não era agradável, mas Dorian engoliu, atento aos olhos dourados de Jasper sobre ele.

Fazia muito tempo que Dorian não via um Avicen macho de perto, e nunca tinha visto nenhum como Jasper. Tudo nele gritava "pavão". Seu rosto anguloso era gracioso, mas masculino, um contraponto pungente à profusão de cores de seu cabelo, se as penas dos Avicen pudessem ser chamadas de cabelo. As de Jasper eram de tons de azul e verde, com um toque de dourado, mas também havia roxo escuro e magenta. Sua pele era de um marrom quente, complementando o dourado fundido de seus olhos.

— Está gostando do que está vendo? — Jasper perguntou em um tom baixo, misterioso e íntimo demais. Era uma voz de alcova.

Dorian tomou um gole do chá preparado por Ivy e se recusou a responder àquela pergunta. A caneca mal escondia o rubor em seu rosto. Ter a pele tão clara como a dele era mais uma maldição do que uma bênção.

Jasper deu um sorriso amarelo e tomou um gole do próprio chá. Depois de alguns minutos de tensão, ele disse:

— Essa nossa estudante de curandeira é preciosa.

Não era uma pergunta, então Dorian não disse nada.

— É difícil acreditar que uma alma gentil como essa tenha feito algo para merecer aquilo. — Havia uma leveza no tom de voz de Jasper que não combinava com a expressão dura em seus olhos. Dorian se deslocou o máximo que podia em seu estado, e se perguntou como Jasper sabia. Ele ficou tentando escutar a conversa de Caius enquanto Ivy e Jasper estavam na cozinha. Talvez ela tenha contado a ele.

Quase como se pudesse ouvir os pensamentos de Dorian, Jasper disse:

— Sou bom em decifrar as pessoas. A linguagem corporal entre vocês dois revela muitas coisas.

Dorian resmungou para o chá e olhou para a saleta sobre a borda da caneca. Caius e Echo estavam conversando sem parar, em voz baixa demais para Dorian conseguir ouvir.

Jasper viu para onde o ferido estava olhando.

— Hum.

Dorian ficou quieto. Não pretendia ser tão transparente.

— O que você quer?

O meio sorriso de Jasper voltou. Dorian reconheceu o que era. Uma máscara. Um rosto para guardar o segredo de alguém.

— Não sabia que precisava de um motivo para ficar no meu próprio quarto — Jasper afirmou.

Se era assim que ele se sentia, Dorian ficaria feliz em abrir mão da cama. Rangendo os dentes devido à dor, ele tentou levantar. Jasper encostou a mão morna no peito de Dorian e o pressionou. Dorian caiu novamente sobre o colchão com uma falta de resistência vergonhosa, balançando o chá na caneca.

— Calma, rapaz — Jasper disse. — Não foi isso que eu quis dizer.

Era quase um pedido de desculpa. Não que Dorian quisesse um. Ele tomou o restante do chá e torceu para aquela conversa terminar.

— Além disso — Jasper sorriu, dentes predatórios brancos como pérola —, vai nevar no inferno quando eu reclamar de ter um gostosão como você na minha cama.

Dorian engasgou, cuspiendo o chá. A julgar pelo sorriso de Jasper, era bem a reação que ele pretendia provocar.

Com uma risada leve, Jasper levantou da cama. Lançando um olhar para Dorian com mais de um significado, ele disse:

— Beba tudo antes de pegar no sono. Suspeito que nossa pombinha seja uma megera sob todas aquelas lindas penas brancas.

Com isso, ele se foi. Dorian ficou sozinho, coberto pelo chá derramado e pela terrível vermelhidão de seu próprio rubor.

## VINTE E NOVE



A PORCELANA DA PIA DO BANHEIRO PARECIA BRANCA antes de Ivy enfiar as mãos dentro dela. Perto da palidez da pele dela, a louça parecia creme. Respirando profundamente, ela diminuiu a força com que segurava na pia, tirando um dedo por vez da porcelana fria. Queria sentir orgulho da calma que havia mantido enquanto cuidava dos ferimentos de Dorian, mas só conseguia sentir um vazio.

Olhar para o seu reflexo não ajudava. Sua pele estava pálida, mas não havia nada novo. *Novo* era o hematoma arroxeadado em sua bochecha direita, as queimaduras que formavam figuras na pele macia de seu peito, e os inúmeros arranhões em seu rosto, lembranças de Tanith a agarrando pelas penas da cabeça e batendo a lateral de seu rosto na pedra áspera e afiada da cela. O interrogatório havia sido cruel; o hematoma causado por Dorian não havia sido nada em comparação. Ivy engoliu em seco e fechou os olhos. A escuridão só piorava tudo. Fazia com que ela quisesse se lembrar de coisas, como os gritos de Perrin e o silêncio lúgubre depois que ele deu seu último suspiro. Ela abriu os olhos. Pelo menos a garota que a encarava agora estava limpa, mesmo que as roupas de Echo ficassem um pouco largas para ela. Isso era o de menos.

Ela não podia ficar sozinha. Ficar sozinha era ruim. Sozinha, ela pensava, e seus pensamentos não eram boa companhia no momento. Alisando as penas da melhor forma possível, ela endireitou a postura e saiu para o loft.

Jasper estava no quarto com o chá para Dorian que Ivy tinha preparado utilizando os melhores ingredientes que conseguira

encontrar nos armários. Para alguém que não era curandeiro, Jasper tinha coisas até demais, mas o chá serviria apenas para aliviar a dor. Enquanto ela observava, Jasper sentou na cama ao lado de Dorian.

*Interessante*, Ivy pensou. Ela ficou surpresa por Dorian ter permitido.

Ela os deixou conversando e foi para o sofá onde Echo e Caius estavam sentados. Ele estava ajoelhado aos pés de Echo, e os dois analisavam um pedaço de papel no colo dela. Pareciam extraordinariamente íntimos.

— Estou interrompendo alguma coisa? — Ivy perguntou. Ao ouvir a voz dela, Caius levantou e se afastou de Echo, voltando a se jogar com elegância sobre a poltrona.

— O quê? Não — Echo disse depressa, indo para o outro lado do sofá e enfiando o pedaço de papel no bolso. Ivy queria perguntar o que havia escrito nele, mas ainda preferia se encolher e dormir por cinco anos seguidos. Ela perguntaria pela manhã. Echo deu um tapinha na almofada do sofá ao seu lado. — Aqui. Sente.

Ivy se abaixou com cuidado; seu corpo a fazia se lembrar de todas as dores. A expressão de Echo era uma mistura de empatia e raiva. Suas tendências protetoras eram grandes, e Ivy ficou feliz por enxergá-las.

— Como ele está? — Caius perguntou, apontando com a cabeça para a cama.

A pele clara de Dorian estava em um tom interessante de cor-de-rosa graças a alguma coisa que Jasper disse antes de sair.

— Fiz o melhor com o que havia disponível — Ivy disse.

Echo ficou olhando para o hematoma na face de Ivy.

— O que foi isso?

Ivy levou a mão ao rosto, quase encostando no machucado. Pensou em não responder — a situação já era estranha o bastante, com dois Drakharin em um esconderijo Avicen —, mas seus olhos a entregaram quando se dirigiram a Dorian involuntariamente.

Echo e Caius seguiram o olhar da garota. Ivy percebeu o momento em que eles juntaram dois mais dois. Como um gato pronto para atacar, Echo ficou tensa, mas Ivy apoiou a mão sobre o joelho da amiga para acalmá-la. Caius ficou em total silêncio.

— Não — Ivy disse.

Alternando a cabeça entre Dorian e Ivy, Echo esbravejou:

— Mas ele... Mas você... Mas não posso simplesmente...

— Pode e vai — Ivy disse. — Não quero brigar agora, então deixe para lá.

— Obrigado — Caius agradeceu. — Você não precisava fazer isso.

*Falar com Dorian? Curar Dorian? Não matar Dorian ou provocar ferimentos ainda mais doloridos?* Ivy queria perguntar a Caius a que ele se referia. Em vez disso, simplesmente respondeu:

— Eu sei.

Caius acenou com a cabeça para as duas, levantou e foi até Dorian na cama. Ele apoiou a mão na testa do amigo, que se mexeu, já sob o efeito do chá medicinal. Caius sentou no chão, apoiando as costas na cama. Ele também fechou os olhos. Echo o observou com a atenção de um falcão.

— Não gosto disso — Ivy disse.

Echo olhou para Ivy, sobrancelhas erguidas. — De que exatamente? De que estamos fugindo dos Drakharin, ou de que estamos escondidas na casa de um ladrão em Estrasburgo, ou de que você e eu vamos ter que dividir o sofá à noite?

Ivy apertou o meio da testa, desejando afastar a dor de cabeça que já tinha começado. *Colocando dessa forma...*

— Se eu tivesse que escolher só uma opção: não gosto de termos fugido com dois Drakharin. Não confio neles.

— Bem, eles nos tiraram da fortaleza. — Echo deu de ombros. — Talvez não sejam tão ruins.

Ivy conhecia aquele tom de voz. Ele a fazia se lembrar da vez em que Echo encontrou um gato sarnento nos túneis do metrô sob a Grand Central, aqueles onde a Ala pedia que não brincassem. Echo havia enrolado o gato em sua jaqueta e apresentado à Ala, arregalando os olhos castanhos sinceros como sempre ao perguntar com inocência: "Podemos ficar com ele?". Elas não podiam ficar com Caius. Ou com Dorian. Principalmente Dorian. Ivy apoiou a cabeça nas mãos e se concentrou em respirar. Ela estava sob o mesmo teto que o homem que a havia aprisionado.

Uma mão sobre o braço de Ivy a tirou de seus pensamentos.

— Você está bem? — Echo perguntou.

A resposta mais curta era “não”. A mais longa também era “não”. Mas o “não” não levava a nada. O “não” era inútil.

— Dentro do possível — Ivy disse. — Não sabia que sua vida era tão empolgante.

Echo riu, mas o som saiu todo errado, frágil e desgastado.

— Esta é uma situação extrema, até mesmo para mim.

Ivy ficou puxando as franjas de uma das almofadas de Jasper.

— Echo? — ela chamou. — Tem certeza de que podemos confiar neles?

Echo se afundou mais no sofá, como se estivesse tentando abrir um buraco.

— Certeza? Não, não tenho certeza. Mas tenho um pressentimento... Meu instinto diz que Caius está falando a verdade. Não sei por quê, mas acredito nele.

Ivy estava longe de ficar convencida. Seu ceticismo devia estar evidente no rosto, porque Echo emendou:

— Você não precisa fazer isso, Ivy.

— Fazer o quê?

— Você pode ir para casa. Ninguém vai te culpar por nada. Você foi levada; não foi sua culpa. Todo mundo te ama. — O “não é o que sentem por mim” ficou implícito, mas foi como se tivesse sido dito.

— Até mesmo Altair.

Ivy franziu a testa.

— Que tipo de amiga eu seria se te deixasse sozinha com dois Drakharin e o Avicen que você já chegou a descrever como a pessoa mais obscura que já conheceu?

— Eu ouvi isso. — Jasper estava na cozinha, mas o loft não oferecia muita privacidade.

Ivy o ignorou.

— Por que isso significa tanto para você, Echo? Quero dizer, encontrar o pássaro de fogo é importante, mas por que tem que ser você? Deixe outra pessoa fazer esse trabalho.

Echo sacudiu a cabeça, olhos baixos.

— Tem que ser eu — ela disse em voz baixa.

— Mas por quê? Echo, você só tem dezessete anos. Sei que não se sente uma menina, eu entendo. Você cresceu rápido demais, nós duas crescemos. Mas você não precisa fazer isso.

— Você não entende. — Quando Echo a encarou, olhos vermelhos, o coração de Ivy se partiu. — Você não sabe como é.

— Como é o quê? — Ivy perguntou. — Converse comigo.

— Eles me olham como se eu não devesse estar lá. Como se fossem ficar mais felizes se eu não estivesse — Echo revelou. Ivy não precisou perguntar quem eram *eles*. Altair. Ruby. Os Avicen iguais a eles. Todos que sempre haviam olhado para Echo como alguém inferior. — Mas, se eu fizer isso, se eu encontrar o pássaro de fogo, se eu os ajudar a acabar com esta guerra, não poderão dizer que não pertencço àquele lugar. Não poderão dizer que não sou um deles.

— Ah, Echo... — Ivy pegou a mão da amiga. — Você faz parte dos Avicen. Seu lugar é junto comigo, com a Ala, com Rowan e com nosso pequeno exército de pirralhos melequentos. Sim, Altair é um otário, mas ele não fala em nome de todos nós.

Echo fungou e esfregou o nariz com a manga da camisa. Quando falou, quase parecia ela mesma:

— Estranho você ter virado uma criminosa e Rowan ser o soldado.

Ivy sorriu, para a felicidade de Echo.

— É, quem poderia imaginar?

— Este mundo é muito louco. — Echo esfregou os olhos. — Eu o vi de uniforme, sabe. Quando ele me soltou.

Ivy bocejou enquanto esfregava a cabeça no sofá, desalinhando as penas brancas.

— É? Ele ficou bonito de farda?

— Prefiro sem.

Ivy se forçou a rir um pouco.

— Aposto que sim.

Echo se virou no sofá, puxando a manta de Jasper sobre as duas. O sofá era feito para três pessoas sentarem, não duas adolescentes deitarem, mas elas deram um jeito. Ivy se enrolou na manta como uma proteção. Echo estava tentando ser forte por ela, então Ivy faria o mesmo.

— Vamos voltar para casa — Ivy disse. — Nós duas.

Echo manteve os olhos baixos, concentrados nas mãos.

— Nem sei se posso chamar o Ninho assim. Não agora.

Ivy esticou o braço para pegar a mão de Echo e a apertou com força.

— Seu lugar é com a gente, Echo. Nunca duvide disso. Se eu não conseguir te fazer acreditar nisso, talvez Rowan consiga. Você sabe que ele e eu nem sempre nos damos bem, mas ele te ama, mesmo que ainda não tenha dito. Você é uma de nós, goste ou não. Só tente se lembrar disso. — Ela levantou a outra mão, com o dedo mindinho levantado. — Promete? Por mim?

O sorriso de Echo foi mais um retorcer de lábios meio desanimado, mas era alguma coisa. Ela entrelaçou o mindinho com o de Ivy.

— Prometo.

# TRINTA



ECHO SE ENCOLHEU NO ARMÁRIO DE CASACOS. Estava escuro e empestado pelo cheiro de lã guardada. Esse era seu esconderijo. O lugar para onde ia quando os monstros do lado de fora eram reais demais para ignorar. Ela equilibrava sua lanterna sobre o joelho e virava as páginas de uma enciclopédia totalmente desatualizada. Era tão velha que dizia que o Muro de Berlim “ainda estava intacto”. Echo já havia lido o livro de cabo a rabo tantas vezes que as páginas estavam moles como tecido. Já tinha decorado as palavras, mas ela continuava lendo. Ela foi tirar a franja do rosto, e foi aí que se deu conta de que estava sonhando. Echo não tinha franja desde os sete anos. Havia deixado o cabelo crescer depois que fugira, e só o cortava quando a Ala a obrigava a aparar as pontas.

O pesadelo era familiar; conforme o sonho se desenrolava, ela já sabia o que esperar. Havia o ruído do cascalho na entrada da garagem, o ronco conhecido de um motor velho, a batida metálica de uma porta de carro se fechando. O odor pungente de uísque e o cheiro nauseante de cigarro pairavam no ar, não importava quantas janelas ela abrisse. A porta do armário sendo aberta com tanta rapidez que as dobradiças rangiam em protesto.

Quando a porta se abriu, porém, não apareceu a figura que esperava, de sua mãe contra a luz, bêbada e com cheiro de bar.

— Olá, minha pequena gralha.

A Ala estendeu a mão para Echo, penas pretas brilhando sob a luz fraca às suas costas. Por sobre o ombro dela, Echo podia ver a mobília que não combinava e as pilhas de almofadas aleatórias que

decoravam os aposentos da Ala. A onda de saudade de casa que a atingiu era tão poderosa que pensou que poderia se afogar nela.

— Ala. — Echo levantou, ciente de como o armário era pequeno. Ou será que ela havia crescido no tempo que demorou para levantar? Não dava para confiar na lógica dos sonhos. — O que está fazendo aqui?

A Ala apertou os dedos de Echo e a tirou da escuridão. Com a saia longa arrastando no tapete persa, conduziu a garota até o centro da sala.

— Estou aqui porque você precisava de mim.

O brilho da luz das velas era turvo, como se Echo estivesse enxergando através de lentes sujas de vaselina. Não havia bordas pontiagudas. Os cantos das prateleiras e mesas estavam desgastados e borrados. Quanto mais Echo se esforçava para focar, mais rápido lhe escapava. Os dedos da Ala soltaram os dela. Echo estendeu a mão, mas a Ala sacudiu a cabeça e se afastou.

— Quero ir para casa — Echo sussurrou.

Havia muita tristeza no olhar da Ala.

— Receio que você não pode. Não agora. Não ainda. Há muito a percorrer antes do sono, querida Echo.

— Não venha citar Robert Frost.

A Ala sorriu.

— Essa é a minha menina. Voltando à pergunta original: *você* sabe por que estou aqui?

Echo franziu a testa. Cutucar o mundo do sonho fazia a sala estremecer, como se as paredes ameaçassem ceder.

— Você me salvou. Antes, no armário. Da minha infância conturbada.

A Ala balançou a cabeça.

— Não, Echo. Você se salvou. E gostaria que não tivesse precisado. Mas você precisa entender que não posso te salvar do passado. Só você pode fazer isso.

Echo pressionou as mãos sobre os olhos. Como alguém podia estar tão cansado enquanto dormia?

— Isso não faz sentido nenhum. Por que preciso me salvar de algo que já aconteceu?

— Só porque está no passado, não significa que terminou. Lembre-se do que te ensinei, Echo.

— E o que foi? Sabe, você não vai morrer se deixar de ser enigmática por cinco segundos.

— Seu futuro pertence a você. Lembre-se disso e encontrará seu caminho.

A silhueta da Ala começou a ficar mais fraca, como a mobília borrada e a luz turva. Echo a estava perdendo.

— Ala, espere! — Echo estendeu a mão, mas as penas da Ala escorregaram por seus dedos como fumaça.

As paredes dos aposentos da Ala se desintegraram, dando lugar a uma luz que engoliu o cheiro de parafina derretida e a sensação do tapete sob os pés de Echo. A luz era tão forte que parecia que a garota estava olhando para o centro do sol. Ela ergueu a mão para proteger os olhos. Um por um, os sons e cheiros e texturas do mundo à sua volta se materializaram. Grãos de areia molhada se espremiavam entre os dedos de seus pés descalços. Gotas de água do mar molhavam seu rosto, e ela sentia o gosto do sal. Lá perto, ondas quebravam contra as rochas. No alto, gaivotas cantavam sua triste canção de ninar. Atrás dela, havia uma modesta cabana de madeira com fumaça saindo pela chaminé. Era uma bela vista, mas nada familiar.

Um chiado interrompeu os berros suaves das gaivotas. Echo olhou para cima, custando a ver por causa da claridade nublada. Um pássaro gordo e escuro voava na direção da praia, uma mancha negra no céu azul-acinzentado. O coração dela pulsava em sincronia com cada batida das asas do pássaro, e ela soube que, se ele a encontrasse, ela morreria.

Echo tentou correr, mas seus pés afundaram na areia. Ela não conseguia se mexer. As pequenas ondas que antes envolviam seus tornozelos com tanta suavidade agora ferviam em contato com sua pele. A silhueta do pássaro foi ficando cada vez maior, cada vez mais próxima, até Echo conseguir distinguir as faixas brancas sob suas asas.

O pássaro chegou mais perto, com as penas se transformando em chamas, como se estivesse incendiando por dentro. Echo gritou, mas

o som não passou de um gemido de dor quando o ar ácido queimou seus pulmões. Ela queria implorar, apelar, abrir os olhos, acordar e deixar esse pesadelo para trás, mas a areia formou algemas em seus tornozelos. Não importava o quanto lutasse, não conseguia se soltar.

O pássaro desceu com as garras estendidas, com um guincho alto o bastante para quebrar vidro. O bico estava quase no nível dos olhos dela. Echo levantou os braços e o pássaro os arranhou em um ataque de fúria, rasgando a pele dela com o bico. Ela tentou gritar, estava sem voz. A areia sob seus pés se transformou em cinzas, e o gosto salgado da água do mar foi substituído pelo sabor quente e acobreado do sangue. Tudo o que respirava era fumaça. Ela estava morrendo. O céu à sua volta queimava, e ela queimava com ele.

## TRINTA E UM



HAVIA CHÃO SÓLIDO SOB OS PÉS DE CAIUS, mas ele estava cercado pela escuridão completa e aveludada, mais escura do que a noite mais escura de todas: o entremeio.

Um peso assentou-se em seu peito. Ele tentou alcançá-lo, passando os dedos no metal do medalhão que havia dado a Rose muito tempo atrás. Contornou o jade, o bronze, os sulcos e as curvas do dragão que o enfeitavam. Foi só quando o dragão começou a se soltar do pingente, batendo asas e voando pelo ar, que Caius se deu conta de que estava sonhando.

O pequeno dragão pairava diante dele, agitando as asas enquanto girava a cabeça. Seus olhos adornados com joias piscavam, como se estivesse perguntando alguma coisa.

— O que você quer? — Caius questionou.

O dragão bateu as asas com força, atingindo Caius com uma brisa quente mais forte do que deveria ter sido capaz de produzir. Ele havia feito a pergunta errada, mas ainda não sabia qual era a certa.

— Por que estou aqui?

Porque aquilo era um sonho, e qualquer coisa podia acontecer nos sonhos. O dragão piscou para ele. A pergunta certa, então.

— Não entendo.

*Mas vai entender.*

A voz não era a do dragão nem de ninguém vivo.

— Rose?

A voz ficou em silêncio.

O dragão voou rápido em volta de Caius, indicando para que ele o seguisse. Um buraco se abriu e a luz quente do sol da manhã

penetrou a escuridão. O dragão voou pela abertura e Caius foi atrás.

Ele estava em uma biblioteca, mas nenhuma que já tivesse visto antes. Havia livros por todo lado, formando pilhas altas sobre mesas de mogno e amontoados em estantes. O teto tinha nuvens brancas e fofas pintadas sobre um mar de azul-claro. Os painéis de madeira marrom-avermelhada brilhavam à luz do sol. As janelas davam para uma cidade que Caius não conhecia. Havia prédios do lado de fora que chegavam até o céu, como torres de concreto, construídos por humanos.

— Onde estou? — Caius perguntou. O dragão ficou voando ao redor de sua cabeça.

*Em casa.*

— Esta não é a minha casa.

*Não a sua. A dela.*

E então, um por um, os livros começaram a pegar fogo, e pedacinhos de papel queimado voavam pelo ar como folhas de outono. As estantes ruíram quando a madeira começou a estalar e rachar, e as nuvens falsas do céu falso começaram a derreter. O dragão em miniatura soltou um pequeno gemido quando suas asas pegaram fogo, finas membranas se esfarelando até virarem cinzas.

A fumaça queimava a garganta de Caius, e o cheiro de papel queimado e de cola derretida fazia seu estômago revirar. Cobrindo a boca e o nariz com a manga da camisa, ele conseguiu proferir uma única sentença.

— Por quê?

*Para você aprender.*

— Aprender o quê?

*O que vai acontecer se você não encontrar.*

— Encontrar o quê? — Caius perguntou, ofegante. — O pássaro de fogo?

*Sim.* A palavra ecoou, como se fosse dita por muitas vozes ao mesmo tempo.

Seus olhos lacrimejaram enquanto a biblioteca ao redor se incendiava. Uma parte dele sabia que ninguém podia morrer em sonhos, mas temia que, se percesse ali, nunca acordaria. Havia

algo obscuro no fim do corredor, algo que se recusava a pegar fogo. Engolindo muita fumaça, ele cambaleou na direção da figura.

Era uma mulher emoldurada pelas chamas. Seu cabelo longo cobria seu rosto. O fogo em volta dela era tão luminoso quanto ela era escura. Caius não conseguia distinguir muita coisa além da forma levemente curvilínea contra as chamas, mas ela estava parada, sem medo. Estendeu a mão para ele, suplicando, implorando, oferecendo. Quando Caius tentou alcançá-la, línguas de fogo lamberam sua mão. Sua pele criou bolhas e descascou, mas ele não sentiu dor ao tocá-la. A pele dela era estranhamente macia, como fruta muito madura, e fria como gelo.

*Como um cadáver*, ele pensou. Quando tentou puxar a mão, a mulher segurou com mais força, recusando-se a soltar.

— O que você é? — ele perguntou. — O que é tudo isso?

*A consequência do seu fracasso.*

A fumaça clareou apenas o suficiente para deixá-lo ver a mão que segurava a dele. A pele era sarapintada e cinzenta, pálida como depois da morte. O cheiro de podre se misturava com a fumaça, e, embora Caius respirasse pelo nariz, ainda conseguia sentir o sabor na língua. Ele tentou puxar a mão, mas o cadáver segurava firme, dedos delicados fincados em sua pele com força o bastante para machucar.

*A morte toca a todos nós.*

Ele observou horrorizado quando a podridão se espalhou da mão do cadáver para a sua. A pele soltava do osso, caindo no chão com um barulho úmido.

— Como impeço isso? — Ele estava frenético. — Como o encontro?

A única resposta que recebeu foi um grande silêncio.

— Responda! — ele gritou.

Os músculos em seus braços, em seu peito e em suas pernas atrofiavam conforme a decomposição se espalhava. Ele tentou exigir uma resposta de novo, mas sua língua murchou na boca. A voz desapareceu, o dragão desapareceu, a biblioteca desapareceu, e Caius estava morrendo, morrendo, morto.

## TRINTA E DOIS



— CAIUS, ACORDE! CAIUS!

Caius piscou confuso e encontrou Echo agachada à sua frente, delineada pelo sol do início da manhã que entrava pelas janelas de vitral do loft. Por um segundo, pareceu de volta ao sonho, com a mulher em chamas e os livros incendiados à sua volta. Ele engoliu em seco, e o gosto azedo de seu próprio hálito não ajudou a acalmar a agitação em seu estômago.

Echo inclinou a cabeça com uma expressão suave.

— Você está bem?

Caius sacudiu a cabeça com a intenção de derrubar os resquícios de seu sonho.

— Sim — ele mentiu. — Estou bem.

— Ah... — Echo olhou para o chão, vendo a sombra dos cílios sobre as bochechas. — Você dormiu bem?

— Não — ele respondeu. — E você?

— Não muito. — Echo fitou mais uma vez os olhos dele antes de levantar, fingindo entusiasmo. — Vamos lá. Eu cozinhei.

— Considere-se avisado — Jasper disse da cozinha.

Echo mostrou a língua quando Jasper virou as costas. Caius esfregou o sono dos olhos e levantou, espreguiçando-se ao ficar em pé.

— Você parece mais animada hoje de manhã — Caius disse. Uma pequena e curiosa parte dele queria descobrir se ela era assim todas as manhãs.

Seus olhos se estreitaram e ele teve sua resposta. As pessoas usavam todo tipo de máscara quando queriam se esconder, e a

animação havia sido a escolha de Echo para aquele momento.

— Acho que sou uma pessoa matutina — ela disse. A mentira era óbvia. Ela ficou em silêncio, esperando que ele descobrisse seu blefe.

Ele não disse nada além de:

— Depois de você.

Sem mais uma palavra, Echo caminhou na frente até a pequena mesa redonda em volta da qual Dorian e Jasper estavam sentados. Ivy estava em pé perto da bancada, com os braços cruzados, encarando a máquina de waffle como se pudesse fazê-la funcionar mais rápido. Ela parecia com frio, embora a cozinha estivesse aquecida.

Dorian tentou levantar quando Caius se aproximou, mas o movimento o fez se contrair. Caius apoiou a mão no ombro do amigo, empurrando-o de volta para a cadeira, e sentou ao lado dele. Jasper os observou, lábios escondidos atrás da borda da caneca, olhos impassíveis. O cheiro de café forte fez o estômago de Caius revirar.

Echo empurrou Ivy com os quadris, ocupando-se de pratos e talheres.

— Fiz waffles — Echo anunciou.

— E não são quaisquer waffles — Jasper emendou.

— Não mesmo! — Echo pôs um prato na frente de Jasper, que, por sua vez, empurrou para Dorian. Estava cheio de waffle esfarelado com manchinhas marrons. Dorian olhou para Jasper, que simplesmente arqueou uma sobrancelha em resposta. A dinâmica entre os dois tinha mudado desde a noite anterior.

*Interessante*, Caius pensou.

— O que é isto? — Dorian perguntou, cutucando a pilha de comida com o garfo.

— Waffles de bacon! — Echo exclamou. Ela estava com um avental florido e com babados amarrado na cintura, fazendo Caius imaginar por que Jasper tinha um avental florido com babados em casa.

Dorian continuava hesitante.

— Waffles de bacon?

Echo o encarou com uma expressão que o desafiava a questionar suas escolhas culinárias novamente.

— Waffles de bacon.

— Desculpe, tem eco aqui? — Jasper disse, apenas para satisfazer a si mesmo.

*Trocadilhos*, Caius pensou. *Que jocoso*.

Echo bateu no punho de Jasper com uma espátula suja.

— Sim, waffles de bacon. E querem saber por quê? — Ela serviu uma grande porção em outro prato. — Bacon ao lado dos waffles é bom. Mas bacon dentro dos waffles é excelente.

— Ouça bem — Jasper disse, aproximando-se sem necessidade de Dorian. Seu sussurro encenado era alto o bastante para ser escutado por todos na mesa. — Dá para ouvir o som de suas artérias entupindo.

Echo entregou os pratos de Caius e Ivy, sem tocar no próprio. Ivy continuou em pé, cutucando seu waffle com indiferença. Dos cinco, Jasper era o único que tinha a audácia de parecer descansado. Dorian não comeria até Caius comer, e então, apesar de achar que não devia, o Príncipe Dragão deposto comeu um pedaço.

Os quatro o encararam com expectativa. Ele mastigou, constrangido. O waffle era ao mesmo tempo salgado demais e doce demais, mas ele engoliu assim mesmo.

— Delicioso.

O sorriso de Echo foi tão rápido que Caius não teve certeza de que tinha conseguido vê-lo. Ela pôs o último prato diante de Jasper. Ele observou com cautela, tomando um gole de café.

— Experimente, Jasper. Está gostoso, juro.

Jasper ficou encarando-a, nada convencido.

— Você não confia em mim? — Echo perguntou.

— Quando o assunto é comida, confio — Jasper cortou o waffle cuidadosamente, como se esperasse que o alimento fosse mordê-lo.

— Espere um minuto — Echo disse. — E você *não* confia em mim para o quê?

Jasper não tirou os olhos do prato ao responder:

— Para a maioria das outras coisas.

— É a última vez que faço waffles de bacon para você.

— Obrigada, senhor, pelos pequenos milagres — Jasper disse, largando o garfo. — E então? Vocês vão me dizer quem está atrás de vocês e do que vocês estão atrás?

A pergunta foi recebida com silêncio. Dorian olhou para Caius. Caius olhou para Echo. Echo olhou para Ivy. Ivy não olhou para ninguém.

— Alguém? — Jasper perguntou. — Estou abrigando em minha casa o que suponho que sejam refugiados dos Avicen e dos Drakharin, então acho que tenho o direito de saber.

O silêncio continuou.

— Ou vocês podem simplesmente ir embora — Jasper disse. As penas curtas de seus braços se desordenaram um pouco.

Deixando o avental de lado, Echo tomou a dianteira.

— Estamos procurando uma coisa. Algo que muitas pessoas desejam, mas que não estaria seguro com elas. Então nós temos que encontrar primeiro.

— Nós? — Jasper apontou para os quatro com a caneca. — Esse diversificado bando de desajustados? Diga, o que possivelmente poderia despertar o interesse de um mercenário Drakharin, seu leal criado, uma aprendiz de curandeira Avicen e uma trombadinha humana?

Dorian ficou tenso. Caius percebeu que ele estava desesperado para argumentar contra a parte do “criado”, mas segurou a língua. Echo não.

— Trombadinha? — A palavra saiu tão afiada que Caius quase conseguiu sentir a pontada.

— Só pode ser alguma coisa muito importante para juntar vocês todos — Jasper continuou. — Agora, ou alguém me diz o que é ou vou descobrir qual dos lados está oferecendo o maior valor pela cabeça de vocês.

Se não fosse pela mão de Caius sobre o braço de Dorian, Jasper estaria com um garfo enfiado no pescoço. Echo parecia pronta para entrar na briga, mas seu olhar alternava entre Dorian e Jasper, como se não soubesse de que lado estava. Caius esperava que a decisão que tomaria em seguida fosse a correta.

— Vamos encontrar o pássaro de fogo — ele disse.

De todas as reações que Jasper poderia ter, o ataque de riso não devia ter sido uma surpresa.

— Você só pode estar brincando. — Jasper deixou a caneca sobre a mesa e observou as expressões solenes de Caius e Echo. — Echo, por favor, diga que esse palhaço está brincando.

Caius ficou ressentido por ter sido chamado de palhaço, mas, se Dorian podia segurar a língua diante dos golpes de Jasper, então ele também podia.

— Não — Echo respondeu. — Esta é oficialmente uma zona livre de brincadeiras.

— O pássaro de fogo não é real — Jasper disse devagar, como se estivesse falando com idiotas. Uma parte cética e cruel de Caius pensou que talvez ele estivesse. — O pássaro de fogo é uma história para crianças. É a nossa versão do Santo Graal. Não existe.

Caius tirou a mão do braço de Dorian, torcendo para que o amigo conseguisse conter seus impulsos violentos por mais alguns minutos.

— Temos motivos para acreditar que ele existe — Caius disse. Ele encarou Echo nos olhos e desejou conhecê-la melhor para decifrar o que via ali. — Echo?

Ele não deixou de notar a hesitação da garota. Ela confiava em Jasper até a página dois, mas, se a alternativa era confiar nele ou ir embora, ficar sem onde se esconder, a escolha era simples. Tão simples que nem se tratava de uma escolha. Echo encarou Caius com uma pergunta nos olhos, e ele assentiu. Ela enfiou a mão no bolso de trás, tirando um mapa com bordas irregulares que esticou sobre a mesa.

— O pássaro de fogo é real — Caius disse. — E Echo sabe como encontrá-lo. — *Ou assim esperamos.*

Jasper analisou o mapa por um minuto e olhou para Caius.

— Você tem certeza?

— Apostaria minha vida — Caius respondeu. — *Estou apostando minha vida.*

Jasper o encarou com seus estranhos olhos dourados. Caius ficou esperando a resposta.

— Ótimo — Jasper disse. — Quero participar.

## TRINTA E TRÊS



ECHO PISCOU UMA, DUAS, TRÊS VEZES, sem saber ao certo se havia escutado direito.

— Como é que é?

Jasper enunciou suas palavras com cuidado, como se Echo estivesse com problema para entender.

— Quero. Participar.

Echo já tinha escutado da primeira vez, mas continuava não fazendo sentido.

— Por quê?

— Me orgulho da minha capacidade de interpretar as pessoas — Jasper apontou para Caius, que estava sentado, indecifrável como uma pedra. — E não existe nenhum pingo de dúvida nesse homem. Se ele acha que é real, estou inclinado a acreditar nele.

— É, mas te conheço, Jasper, e sei que você não faz nada sem um motivo. — Echo se afastou do balcão, cruzando os braços. — Que vantagem você leva com isso?

— Está brincando?! — O sorrisinho de Jasper se transformou em um sorriso aberto, ofuscante de tanta amabilidade. — Ganho a vida adquirindo itens elusivos para uma clientela extremamente seletiva, e *nada* é mais elusivo do que isso. Encontrar o pássaro de fogo seria o maior feito que o mundo já viu. Quero minha assinatura nisso.

— Você não vai poder ficar com ele — Echo disse. *A menos que passe por cima do meu cadáver*, ela pensou. Ela tentou não refletir sobre o que significava aquelas palavras estarem se tornando recorrentes no relacionamento deles.

— Não é essa a questão — Jasper disse. — Imagine que maravilhas isso poderia fazer pela minha reputação! Quero ser conhecido como o cara que encontrou o pássaro de fogo. O que acontecer depois com o pássaro é problema de vocês. As relações políticas entre Avicen e Drakharin não são do meu departamento.

Ivy até então havia ficado na dela, mas, ao ouvir as palavras de Jasper, questionou:

— Não se importa mesmo com o destino de seu povo?

Ele deu de ombros.

— Dificilmente posso chamá-los de meu povo.

— Você é Avicen — Ivy disse, como se fosse o bastante.

— E daí?

Ivy fez uma careta.

— Lealdade não significa nada para você?

— Ouça... — Jasper começou a explicar, apoiando os cotovelos na mesa. Ele estava tão indiferente que eles podiam muito bem estar conversando sobre o clima. — Entendo bem a lealdade. É admirável, de verdade. Mas lealdade não coloca comida na minha mesa e nem teto sobre a minha cabeça. Faço o que tenho que fazer.

A careta de Ivy ficou ainda mais feia, mas ela não disse nada.

Caius pigarreou.

— Jasper, uma palavrinha? — Ele levantou e caminhou na direção das janelas do outro lado do cômodo. Jasper esperou um segundo, como se, a princípio, fosse negar o pedido. Porém, com um suspiro, ele seguiu Caius. Echo quis acompanhá-los, mas a expressão tensa de Ivy a impediu. Dorian se fechou em seu próprio silêncio, com os olhos colados nas costas de Caius. Deixar os dois sozinhos não parecia uma ideia muito boa. Echo estava consultando seu registro mental de opções para iniciar uma conversa constrangedora quando Dorian falou:

— Você trocou meus curativos enquanto eu dormia. — Ele não estava olhando na direção de Ivy, não diretamente para ela.

— Sim — Ivy respondeu. Ela começou a perambular pela cozinha, pegando pratos e garfos e os depositando na pia.

Dorian pigarreou quase sem fazer barulho.

— Obrigado. — Ele então olhou para Ivy, para o hematoma em seu rosto. — E me desculpe.

Ivy assentiu, virou de costas e começou a lavar a louça.

Se alguém tivesse dito a Echo que um dia ela testemunharia um Drakharin se humilhar diante de Ivy — a serena e singela Ivy —, ela teria rido. Mas ver isso acontecer agora? Não era engraçado. Nem um pouco.

## TRINTA E QUATRO



JASPER FALOU ANTES QUE CAIUS TIVESSE A CHANCE.

— Não gosto de receber ordens dentro da minha própria casa.

Caius podia não ser mais um príncipe, mas não conseguia esquecer de um século de comportamento enraizado, da mesma forma que um leopardo era incapaz de mudar suas manchas.

— Peço desculpas — ele disse. Fazia muito tempo que não precisava se desculpar, e nunca havia pedido desculpas a um Avicen. Ele se sentiu enferrujado.

Jasper sentou na beirada do peitoril de uma janela cujo arco era pontudo. Fragmentos de luz colorida pontuavam sua pele enquanto o sol brilhava através dos vitrais. O efeito era tão impressionante que só podia ter sido planejado por Jasper. Ele parecia o tipo de pessoa que faria isso.

Ele também não parecia nada calmo.

— Outra coisa de que não gosto é de ter meus motivos questionados em minha própria casa — ele disse. — E tenho a impressão de que é isso que você está prestes a fazer.

Caius balançou a cabeça.

— Não, acredito que o que você disse é verdade, embora talvez não seja toda a verdade.

Inclinando a cabeça, Jasper estava muito parecido com a ave que suas penas imitavam.

— É mesmo?

— Posso não te conhecer bem, mas sei que um homem como você não faz nada de graça. — Caius fitou os olhos de Jasper, mas eles eram indecifráveis. Os Avicen tinham os rostos mais impassíveis que

Caius já havia visto em anos, sempre com um sorriso presunçoso. — Se vai nos ajudar a encontrar o pássaro de fogo sem reivindicá-lo, suponho que espere algum outro tipo de compensação.

Jasper sorriu.

— Agora estamos falando a mesma língua. Echo é uma boa ladra, mas não entende muito bem como esse jogo funciona.

— Ela é uma criança — Caius disse.

Jasper riu.

— Acho que Echo nunca foi criança. Mas isso não vem ao caso. Você tem razão. Não tenho o hábito de trabalhar de graça. O que você tem a oferecer?

Caius amaldiçoou sua irmã por ter roubado o trono e, com ele, todo o tesouro real. Não tinha muito a oferecer, o que era uma sensação nova e desconfortável, mas Jasper não precisava saber disso. *Na dúvida, improvise.*

— Te daria minha parte da recompensa oferecida pelos Drakharin — ele disse. Não havia recompensa nenhuma, mas, quando retornasse triunfante e recuperasse a coroa, teria tanto ouro e joias à disposição que nem Jasper saberia o que fazer com eles. *Se retornasse. E se recuperasse o título. O número de se era desconcertante.* — Nunca entrei nisso pelo dinheiro mesmo.

Com um risinho, Jasper sacudiu a cabeça.

— Nunca prometa pagar com dinheiro que não tem.

Caius deu de ombros.

— É tudo o que posso oferecer.

— Mesmo? — Jasper perguntou, arrastando o olhar para um ponto além do ombro de Caius. — Dinheiro não é a única coisa de valor no mundo.

Jasper indicou a área da cozinha com a cabeça, onde Echo e Ivy estavam arrumando as coisas, mas Caius sabia que ele não estava interessado nelas. Jasper indicava Dorian com seus olhos dourados comedidos, porém ávidos. Caius tentou ver o amigo da mesma forma que Jasper o via. Pele cheia de cicatrizes e extremamente clara. Cabelo cinza com um brilho leve que o fazia parecer quase prateado. Um único olho azul, claro como o mar pela manhã. O ninho de Jasper era uma evidência de seu apreço por coisas belas, e

Dorian era adorável, mesmo com as cicatrizes, mesmo se ele nunca reconhecesse isso em si mesmo.

— Entendi. — Caius se virou para Jasper. — Mas algumas coisas não me pertencem...

Jasper sorriu e Caius percebeu que ele não se importava muito com isso.

— Ah, acho que algumas coisas te pertencem mais do que você imagina.

A afeição de Dorian estava longe de ser secreta, mas Caius não pretendia divulgar os detalhes a um ladrão que tinha acabado de conhecer, fato que ele deixou claro com um silêncio significativo.

Jasper esticou as pernas magras e levantou.

— Vou te ajudar. Afinal, algumas recompensas são muito mais preciosas que ouro e joias.

Ele estendeu a mão, e Caius apenas ficou olhando para ela. Havia prometido encontrar o pássaro de fogo, mas o que Jasper estava sugerindo deixava um gosto estranho em sua boca. Segundos passaram e Jasper não se moveu.

Lentamente, Caius esticou o braço e apertou a mão do Avicen. Parecia que estava fazendo um pacto com o diabo. Dorian podia não lhe pertencer, mas o capitão seguiria as ordens dele, não importava quão desagradáveis fossem. Dorian poderia nunca o perdoar, mas o que era a amizade se comparada à paz? Caius tinha prometido acabar com a guerra, e era exatamente o que faria, independentemente do custo.

## TRINTA E CINCO



QUANDO JASPER E CAIUS VOLTARAM, Dorian estava quase tendo um troço. A tensão na sala era tão densa que parecia possível caminhar sobre ela. Ivy estava fazendo de tudo para ignorá-lo, o que não importava nada a Dorian. Echo estava ocupada fazendo comentários para acalmar os nervos de Ivy. Enquanto ela falava sobre flores de cerejeira e suas padarias favoritas em Estrasburgo, Ivy respondia com acenos de cabeça distraídos em intervalos apropriados.

Dorian encarou Caius nos olhos, perguntando, sem dizer nada, se a conversa havia corrido bem. Caius desviou os olhos um pouco rápido demais, e Dorian franziu a testa. Sua cicatriz formigava sob o tapa-olho.

— E então, qual é o plano? — Dorian perguntou, possivelmente porque ninguém mais perguntaria. Mais uma vez, ele tentou fazer contato visual com Caius, e de novo ele evitou seu olhar.

Echo apontou para o mapa sobre a mesa.

— O plano é seguir esse rastro de migalhas de pão até o pássaro de fogo. Segundo esse conveniente mapa, nossa próxima parada é o Metropolitan Museum de Nova York.

— O Met? — Dorian perguntou. — Em Nova York? No principal centro de poder dos Avicen?

— É — Echo disse. — Mas, sabe, sem pressão.

Caius olhou para Dorian pela primeira vez depois que havia sentado.

— Não sabia que você conhecia museus humanos. Ou arte.

A pergunta deixou Dorian furioso.

— Qual o problema? — ele perguntou. — Eu leio!

Echo continuou, e Caius voltou sua atenção a ela, ambos desatentos à mágoa de Dorian.

— Pegue suas coisas, Jasper — ela disse. — Temos que partir o mais rápido possível para sondar o local. Você sabe como é.

Caius levantou.

— Vou com vocês.

— Vestido assim, você não vai a lugar nenhum — Jasper disse. Ele foi até o guarda-roupa do outro lado do loft e começou a tirar itens que passariam bem mais despercebidos aos humanos do que as roupas ensanguentadas que Caius e Dorian ainda usavam.

Caius ignorou Jasper. Aguardou pacientemente Echo falar, como se esperasse que ela fosse argumentar. Ela não o decepcionou.

— Jasper e eu podemos fazer isso sozinhos.

A respiração profunda e silenciosa de Ivy passou despercebida por todos, exceto por Dorian. Ele a observou de canto de olho. Viu, por um rápido momento, que ela também o observava antes de desviar o olhar para o chão como se ele fosse a coisa mais interessante do mundo.

Caius, alheio ao pequeno drama que se desenrolava perto dele, retrucou:

— Todos nós estamos nessa empreitada, Echo. Ou fazemos isso juntos ou não fazemos.

— Sabe, gostava mais de você quando não estava sendo mandão

— Echo provocou. — Tem certeza de que consegue acompanhar?

Caius sorriu.

— Já te alcancei uma vez, não é?

*Que os deuses me ajudem*, Dorian pensou, tentando ignorar a pontada de ciúmes que sentiu. Eles estavam flertando. Em um momento como esse.

— Não quero interromper seja lá o que *isso* for — ele disse, apontando para Echo e Caius —, mas você não deveria estar mais preocupado com se aventurar além das linhas inimigas, Caius?

— Nenhum Avicen me conhece — Caius respondeu. Ele alternava o olhar entre Echo e Dorian. A mensagem era clara: “Tome cuidado e não diga nada”. Eles não tinham ideia de quem ele era, e Caius

pretendia manter assim. — Sou bom em não chamar a atenção quando quero.

— Então está decidido — Jasper disse. — Nós três temos um encontro noturno no Met.

Jasper havia voltado carregando uma pilha de roupas. No topo, havia um suéter que combinava com o azul do olho de Dorian. Jasper havia feito suas escolhas com cuidado. Quando suas palavras foram absorvidas, o estômago de Dorian fez algo estranho e acrobático.

— “Nós três” *quem?* — Dorian perguntou.

Caius se virou para ele, como se tivesse esquecido que Dorian estava lá.

— Dorian, você não está em condições de ir.

Dorian se esforçou para levantar, mas o ferimento reclamou em protesto. Ele foi incapaz de conter um leve gemido de dor. Queria arrancar a expressão de dó de Caius a tapas.

— Meu lugar é ao seu lado.

Ele dizia aquelas mesmas palavras havia cem anos, e diria por mais cem. Seria bom se Caius ouvisse, para variar.

— Sinto muito, mas seria melhor se você ficasse e deixasse seu corpo se curar — Caius disse. — Não adiantaria nada fazer esse ferimento piorar. — Ele apoiou a mão sobre o ombro de Dorian, que queria expulsá-la, mas desistiu. — Vou ficar bem.

Havia milhões de coisas que ele queria dizer, mas ficou quieto.

— É meu trabalho garantir que fique.

Era verdade, embora em uma versão abreviada. Mas não importava. Ele já tinha perdido. Se Caius o mandasse ficar, ele ficaria, mesmo que aquilo o machucasse de uma maneira muito pior do que a espada que o havia ferido.

— Também vou ficar? — Ivy perguntou. Ela parecia pequena e assustada. Era culpa de Dorian, que se odiava por isso.

Echo olhou para Ivy, depois para Dorian. Sua indecisão era evidente.

— Aqui é mais seguro — a garota disse, analisando Dorian como se não tivesse muita certeza daquilo. Echo não queria deixar Ivy sozinha com ele. Ivy não queria ser deixada sozinha com ele. Dorian

desejava ter superioridade moral para ficar ofendido, mas havia aberto mão disso quando jogou Ivy, sozinha e assustada, em uma cela. Quando golpeou uma prisioneira que não tinha esperança de reagir.

Dorian estava tão preocupado com sua culpa que quase não viu como Jasper o avaliava.

— Eu fico — Jasper disse.

— O quê?! — Caius e Echo exclamaram ao mesmo tempo.

— Eu fico — Jasper repetiu. — Para garantir que todos se comportem. Você não precisa de mim, Echo. Invadir museus é fichinha para você. Vá e encontre o que está procurando. Só estou nessa pelo estágio final mesmo. Pegue os suprimentos de que precisa. — Ele sorriu, olhando para Dorian. — De graça.

— Não preciso de babá — Dorian resmungou.

O sorriso de Jasper ficou ainda maior, e Dorian o associou a uma raposa mostrando os dentes.

— Talvez eu precise.

## TRINTA E SEIS



ERA ESTRANHO VIAJAR APENAS COM CAIUS. Depois de ter sido criada com uma grande cota de histórias de terror sobre a crueldade dos Drakharin, Echo esperava se sentir desconfortável na presença de um deles. Não conseguia conciliar a figura repulsiva das histórias Avicen com a pessoa que lhe ofereceu a mão às margens do rio Ill, sob a ponte Couverts.

— Não entendo por que tivemos que voltar aqui — Echo disse, segurando a mão dele. A adaga de gralhas enfiada na bota era um peso reconfortante juto à sua pele. Caius envolveu os dedos dela com os seus, e Echo notou os calos na palma de sua mão. — Vi o que você fez no Louvre. Podia ter transformado qualquer porta velha daquela catedral em um limiar.

Caius invocou o entremeio, trazendo ramos negros do chão como ervas daninhas de fumaça. Echo ficou grata pela ponte que os escondia. Durante o dia, Estrasburgo era um tumultuado bufê de turistas e habitantes locais, e o rio ficava no centro de tudo.

— Criar uma passagem a partir de uma porta feita pelo homem sem ajuda de pó de sombra exige muita energia — Caius explicou enquanto fumaça preta serpenteava ao redor de seus tornozelos. — Magia é como um músculo. Se abusar dela, sofrerá as consequências mais tarde.

— Esperto — Echo disse.

Caiu acenou com a cabeça, olhos semicerrados. Ele estava concentrado em invocar o entremeio.

— Só porque você tem poderes, não quer dizer que tenha que usar. É uma lição que eu gostaria que meu povo entendesse.

Echo quis responder, mas a nuvem preta subiu, engolindo-os completamente. O chão desapareceu sob seus pés, e ela estava caindo, a mão de Caius era a única âncora. Ela a segurou com força, e quando ele apertou de volta, seu estômago revirou de um jeito que não tinha nada a ver com o entremeio. Echo quis culpar os waffles de bacon, mas sabia que eram inocentes.

Logo a luz penetrou a escuridão e eles chegaram ao destino. Estavam sobre uma área gramada, protegidos pelo arco de ferro de uma ponte no leste do Central Park, perto do Met. A sensação da terra sob as botas era um conforto sólido e agradável.

Soltando a mão de Caius, Echo se inclinou para a frente quando o conteúdo de seu estômago deu um salto infeliz. Agora eram os waffles de bacon, sem dúvida. *Por que achei que waffles de bacon eram uma boa ideia?*

— Você está bem? — Caius perguntou.

O estômago dela deu uma cambalhota com um gorgolejo audível, como se quisesse responder por ela.

— Estou — Echo disse. — Só preciso de um minuto.

Embora só conseguisse ver as botas de Caius — a única parte do traje original dele que sobreviveu à intervenção do guarda-roupa de Jasper —, podia sentir seu olhar sobre ela.

— Desculpe — Caius disse. — Às vezes eu esqueço.

Ela se concentrou em respirar pelo nariz e soltar o ar pela boca enquanto seu corpo se esforçava para encontrar o equilíbrio.

— Esquece o quê?

— Como os humanos são frágeis.

Echo o encarou com o que considerava ser sua melhor expressão de reprovação, embora não tenha sido tão imponente pelo fato de ela estar curvada para a frente, combatendo aquele enjoo singular que acompanhava viagens de longa distância quando outra pessoa estava na direção.

— Sabe, você é realmente bom com as palavras — ela resmungou.

— Desculpa — Caius disse. — De novo.

Echo deixou o assunto de lado quando um segundo ataque de náusea ameaçou dominá-la.

— Não. Eu entendo — ela comentou. — Você é um semideus de zilhões de anos de idade, sou uma reles mortal.

— Bem, não estou certo quanto ao semideus. — Mais uma vez, Caius esboçou aquele pequeno sorriso que quase nem era um sorriso. O fantasma de um sorriso. Um sorriso que dura um piscar de olhos.

Ele abaixou a cabeça quando um ciclista passou por eles. A sombra sob a ponte protegeu suas escamas da luz do sol de fim de tarde, mas elas ainda estavam visíveis. Echo pensou que devia ser uma droga não poder andar em plena luz do dia entre os humanos. Ela havia passado tanto tempo invejando os Avicen e sua plumagem vibrante que era fácil esquecer que suas penas, bem como as escamas de Caius, tinham um preço.

Caius tirou um par de óculos escuros do bolso e vestiu. Os óculos estilo aviador que Jasper havia emprestado — com um aviso formal para que fossem devolvidos inteiros — mal cobriam as escamas de suas maçãs do rosto.

— Como estou? — ele perguntou.

*Que estranho*, Echo pensou. *Um mercenário Drakharin preocupado com a aparência*. Ela realmente já tinha visto de tudo.

— Como um típico nova-iorquino — ela disse.

O jeans de Jasper apertava os quadris estreitos de Caius de uma maneira indecente, e o casaco preto de lã contrastava bem com sua pele bronzeada. O corte de cabelo militar combinava com ele. O enjoo passou e Echo endireitou o corpo. Uma brisa persistente soltou alguns fios de cabelo de sua trança.

— Qual é o lance entre você e essa nova e aterrorizante Príncipe Dragão? Você vendeu sua lealdade ao anterior, mas não a essa? — Echo perguntou. Ela enfiou as mãos no bolso da jaqueta de couro, andando pelo caminho pavimentado sob a ponte. Caius os havia levado ao ponto exato que ela solicitara. O caminho os levaria a Museum Mile e à rua 85 Leste, a algumas quadras da entrada do Met.

Ele a acompanhou, encurtando os passos para seguir o ritmo dela.

— Tivemos uma diferença de opinião.

— Entendi que você não apoia o extermínio dos Avicen — Echo disse. — Considerando que conseguiu passar uma noite inteira na casa de um sem sequer falar mal da decoração.

Caius tinha uma pequena não risada para combinar com seu pequeno não sorriso.

— Não foi fácil. Não com aquele tapete branco. — A não risada e o não sorriso desapareciam quando ele falava. Echo ficou triste em vê-los sumir. — Tanith acha que o único jeito de ganhar a guerra é com uma explosão de fogo e sangue. Mas o fogo só traz mortes, e o sangue, mais sangue.

Era uma resposta impressionante, mas Echo ficou estranhamente insatisfeita. Eles haviam chegado ao caminho principal, e a maravilhosa fachada de pedra do Met estava visível do outro lado do parque. A pele entre suas escápulas formigava, como se alguém a estivesse observando, mas, quando virou, só viu algumas pessoas correndo e um vendedor de cachorro-quente. Altair devia ter enviado alguém para procurar por ela, e Echo sabia que a paranoia não iria embora até eles saírem de Nova York. Ela observou os arredores e perguntou:

— Tem mais gente que concorda com você? Nunca ouvi falar de conversas de paz entre os Avicen e os Drakharin.

O sol brilhava forte sobre eles. Caius mantinha a cabeça baixa. As poucas escamas que os óculos não escondiam cintilavam, mais ou menos como um peixe sob a luz do sol.

— É porque nunca existiu nenhuma.

Echo esperou que ele fornecesse mais informações, mas ele continuou caminhando em silêncio.

— Por que não? — ela perguntou.

Caius filtrou sua resposta. Estavam próximos da saída do parque quando ele enfim falou.

— A guerra é como uma droga — ele disse. — Você passa tanto tempo em busca da vitória que fica cego ao fato de que nunca vai encontrá-la. Nunca me ocorreu que a paz fosse possível. Não até...

Ele deixou as palavras desaparecerem. Sua voz tinha o mesmo tom sufocado da noite anterior, quando entregara a adaga a ela.

— Até a garota? — Echo arriscou um palpite.

- Sim.
- Deve ter sido uma garota e tanto.
- Ela era.

Caius novamente ficou quieto conforme se aproximavam da Quinta Avenida. Echo permitiu que ele tivesse seu silêncio. Não conseguia deixar de pensar na mulher que havia roubado o coração dele. Não conseguia imaginar Caius — o severo e sério Caius — apaixonado.

Quando chegaram aos degraus na frente do Met, Echo parou. Uma multidão de turistas estava reunida aos pés da grande escadaria, posando para fotos.

— Uma hora antes de fechar — Caius disse. — E agora? Você é a especialista.

A empolgação intoxicante que ela sempre sentia antes de um trabalho começou a surgir. Echo tentou controlar sua expressão para não deixar transparecer o quanto estava satisfeita com as palavras dele. Quando o pequeno não sorriso apareceu nos lábios de Caius, ela soube que tinha fracassado. *C'est la vie.*

— Agora começa a parte divertida — Echo disse, sentando num degrau.

## TRINTA E SETE



IVY TINHA CERTEZA DE QUE HAVIA VIVENCIADO SITUAÇÕES mais estranhas, mas estava com dificuldade para lembrar de alguma. Depois que Caius e Echo saíram, Dorian cerrou os lábios, fazendo algo muito parecido com um bico. Ele passou um tempo considerável sentado na beirada da cama de Jasper, limpando a espada com materiais que Jasper havia tirado das profundezas de seu armário. Se ele limpasse com mais ferocidade, Ivy tinha certeza de que o aço começaria a se desfazer.

Por ela, Dorian sofreria as consequências dos próprios atos, mas Jasper tinha outras ideias. Do sofá, com uma xícara de chá quente nas mãos, ela observava a cena se desenrolar. Era melhor do que tv. Além disso, Jasper nem tinha televisão. Seu loft, com o tapete branco e felpudo, janelas de vitral e coleção de arte roubada, era opulento demais para uma coisa tão prosaica.

Jasper entregou um suéter a Dorian. Era de um lindo tom de azul que parecia incrivelmente macio, mesmo à distância.

— Experimente — Jasper sugeriu.

Dorian não se deu ao trabalho de tirar os olhos da espada.

— Não.

— Caso tenha esquecido, a camisa que Caius cortou para tirar de você ontem à noite está com um buraco de espada — Jasper disse.

— Mais ou menos como você.

Ivy não queria rir, mas Jasper dificultava as coisas. Ele era uma pessoa fácil de se conviver, e Ivy apreciava aquilo. Precisava de um amortecedor entre ela e Dorian, e Jasper estava se mostrando mais do que disposto a manter os dois distraídos.

— Além disso — Jasper disse, balançando o suéter perto do rosto de Dorian —, este tom de azul destaca seus olhos. Desculpe. Olho.

Se olhares pudessem matar, Jasper teria sido derrubado pelo olhar sombrio de Dorian. Ivy pensou que ele podia estar provocando o Drakharin para agradá-la e também para sua própria diversão. Dorian parecia prestes a fazer algo de que se arrependeria, mas deixou a espada de lado com cuidado e pegou o suéter das mãos de Jasper.

*Interessante.* Talvez ele não fosse tão fácil de decifrar, afinal.

— Bom garoto — Jasper disse. — Deixa que eu te ajudo.

Dorian se afastou das mãos de Jasper. Ivy percebeu como o maxilar do capitão Drakharin travou e como suas pálpebras se apertaram um pouco. Ele estava sentindo dor. A parte de Ivy que a havia levado a ser aprendiz de curandeira queria falar mais alto, como se tentasse convencê-la a ajudá-lo. Mas a parte dela que queria vê-lo sofrer a calava.

— Não preciso de ajuda — Dorian disse, embora estivesse claro para Ivy, e provavelmente também para Jasper, que ele precisava.

Chamar o suspiro de Jasper de exasperado seria como chamar um furacão de chuva.

— Não é vergonha nenhuma aceitar ajuda quando precisa, Dorian.

Com um olhar furioso, Dorian soltou o suéter.

— Está bem — ele disse entredentes.

Jasper ajudou Dorian a passar o suéter pela cabeça com uma delicadeza que surpreendeu Ivy. A garota estava começando a achar que todos os envolvidos escapariam ilesos daquela provação quando Jasper comentou:

— Engraçado... Costumo ser melhor para tirar roupas do que para colocar.

Dorian cuspiu faíscas. Foi a única descrição que Ivy conseguiu encontrar para o ruído que ele fez. Um rubor tão vivo, quase escarlate, subiu por seu pescoço, pintando sua face incrivelmente clara com um adorável tom de carmim. Ivy quase se compadeceu. Sua própria pele branca costumava anunciar seu constrangimento com a mesma intensidade. Entre o violento rubor de Dorian e os tufos de cabelo prata despenteados em todas as direções, era difícil

acreditar que algum dia ele havia sido aterrorizante. Jasper alisou os cachos rebeldes do Drakharin enquanto Dorian fazia um som que ficava entre um gorgolejo e um suspiro. Ivy escondeu o sorriso atrás da caneca.

— Você é uma graça quando fica corado — Jasper disse.

Surpreendentemente, Dorian não respondeu para Jasper com uma farpa afiada ou uma réplica grosseira. Ele só ficou ainda mais corado e enfiou os braços nas mangas do suéter com uma exalação dolorosa. Jasper piscou para Ivy por sobre o ombro de Dorian.

*Que canastrão,* Ivy pensou.

Soprando o chá fumegante, Ivy recostou no sofá. As almofadas roxas eram idealmente macias. Ela tomou um gole da bebida e observou a discussão dos dois.

*É, muito melhor do que TV,* ela pensou.

## TRINTA E OITO



CAIUS OBSERVAVA ECHO ESTUDAR AS PLANTAS BAIXAS que Jasper havia fornecido, planejando uma forma de entrar. Ela estava tão séria e concentrada que ele a deixou trabalhar. Depois que armaram acampamento na escadaria, Echo deu a ele uma pilha amassada de um dinheiro verde e o mandou comprar chocolate quente enquanto ela planejava. Ele ficou olhando para as notas por uns trinta segundos e depois foi procurar um vendedor de rua. Era a primeira vez em décadas que alguém dava ordens tão abertamente a ele. Comprou um chocolate quente para ele também. Para sua surpresa, era muito bom.

Entrar seria a parte fácil, mas havia algo fascinante no modo como Echo examinava o mapa, franzindo o nariz de vez em quando, com mechas de cabelo cismando em cair em seu rosto. Ela já fazia aquilo havia cerca de quinze minutos quando Caius por fim se manifestou.

— Posso transportar a gente lá para dentro.

Echo levantou a cabeça, surpresa, como se tivesse esquecido que ele estava ali. Eles estavam sentados na escadaria bem em frente ao museu que pretendiam roubar. Echo tinha ficado extremamente animada com a ideia de planejar um furto bem debaixo do nariz dos guardas. Caius achou que seria um risco desnecessário, mas ela estava tão entusiasmada que ele acabou cedendo.

— O quê? — ela perguntou, esticando as pernas. Ela tinha espalhado as plantas baixas sobre o degrau acima do qual estava sentada e ficara imóvel por tanto tempo que suas articulações deviam estar reclamando.

Caius indicou o vendedor de salsichas enroladas em pão em um carrinho na calçada com o copo de papel. Echo havia chamado aquilo de cachorro-quente, mas como não havia nenhum cachorro no processo, então Caius não entendeu o motivo.

— Tive uma agradável conversa com aquele homem ali enquanto você estava ocupada fazendo planos. Ele disse que sua atração preferida do museu era a tumba de Perneb. Ao que parece, fica no andar térreo, onde existe uma movimentação significativa de pés. — Ele tomou um gole do chocolate, sentindo-se orgulhoso de si mesmo. Talvez combinasse mais com a vida de fora da lei do que com a de príncipe. — Os egípcios não viam suas tumbas como monumentos de morte, e sim como locais de transição entre a vida e o que existe além.

Echo assentiu devagar.

— O que significa que uma tumba seria um local perfeito para acessar o entremeio.

Ele ergueu o copo, propondo um brinde.

— Exato. — Ele mexeu o resto de chocolate acumulado no fundo. — É o mesmo princípio que está por trás de viajar por limiares naturais, como as cerejeiras interligadas. O ciclo da vida e da morte dá poder a eles. Aquela foi uma fuga impressionante, por sinal.

Echo ficou corada, aceitando o elogio com um sorriso tímido. Aquilo também foi legal. Ela tomou um gole apressado de seu chocolate quente.

— Como você sabe?

— Dorian me contou — ele respondeu.

O sorriso dela esmoreceu.

— É claro.

— Você não gosta muito dele — ele observou.

O sol estava se pondo atrás deles, e o prédio alto que se estendia pela avenida lançava um mar de sombras angulosas na calçada.

— Ele bateu na Ivy.

Caius ficou olhando para o copo. Grumos de chocolate em pó escorregavam para o fundo.

— Eu sei. E isso não é do feitio dele. Dorian é como um irmão para mim. Eu o conheço. Ele não é o tipo de homem que faz coisas

assim.

— Você está defendendo ele? — Qualquer traço de doçura tímida já havia desaparecido.

— Não. — Ele baixou o copo e observou os últimos funcionários do período diurno irem embora. As únicas pessoas lá dentro agora seriam os guardas noturnos. — Não, não estou. É só que... essa guerra afeta as pessoas, até mesmo homens bons como Dorian. — Echo franziu a testa, mas Caius continuou. — E ele é bom. Mas a guerra transforma todos nós em monstros, e as pessoas que menos merecem pagam o preço mais alto.

Echo suspirou, e seus ombros caíram; sua raiva pareceu dissipar com o movimento. Um progresso pequeno, mas ainda assim era um progresso. Caius foi tomado por um desejo esmagador de saber o que ela estava pensando. Ele virou a cabeça, desviando o olhar. Havia coisas mais importantes no momento do que sua fascinação por uma jovem ladra humana.

— É por isso que esta guerra precisa acabar — ele disse. — Não há vitoriosos em um conflito como este. Apenas morte e destruição.

Echo o encarou por um segundo, então concordou, alternando o olhar para algum ponto atrás dele. Ela mordeu distraída o lábio inferior.

— Sabe, você fala muito em termos gerais — ela começou. — Quero dizer... Entendo que seja o tipo de cara que enxerga o panorama da coisa, mas tem que haver algum interesse pessoal nisso. Não pode ser apenas pelo bem maior. — Ela se virou para ele, fixando-o aos degraus com um olhar mais astuto do que Caius se sentia confortável. — Ninguém é tão bom. Ninguém é tão altruísta.

Caius examinou o conteúdo do copo, imaginando que pudesse ler os restos de chocolate no fundo, como folhas de chá.

— Nem mesmo mercenários oportunistas? — ele perguntou.

— Você não se parece com nenhum mercenário que conheço.

— E você conhece muitos?

— Tenho amigos no submundo e tudo mais. — Echo inclinou a cabeça. Uma brisa fria fez uma mecha dos cabelos dela fazer cócegas em seu nariz. Ela a arrumou atrás da orelha, mas a mecha

teimava em se soltar. Com um suspiro, acrescentou. — E não pense que não percebi que você não respondeu minha pergunta.

Ele sorriu.

— Alguém já te disse que você é incrivelmente esperta?

— Com frequência — ela respondeu. — Agora, pode falar.

Ele baixou os olhos para o fundo do copo de chocolate quente de novo. Mas, diferente das folhas de chá, o chocolate não tinha nada para revelar.

— A mulher de que falei ontem à noite — ele começou. — Ela era uma soldado, mas não por natureza. Foi recrutada, e isso lhe custou tudo. — Era a verdade, desprovida de detalhes. Ele continuou, esticando as palavras sob o sol de fim de tarde, depois de terem permanecido não ditas por tanto tempo: — Ela era boa como poucas pessoas. Gostava de cantar. Tinha a voz mais linda que já escutei. Gostava de quebra-cabeças e não suportava o gosto de pera. — O canto de seus olhos começou a arder e ele ficou feliz por Jasper ter lhe emprestado os óculos escuros. — Eu achava engraçado demais. Ela sempre teve cheiro de pera, mas odiava o gosto.

Echo deixou o silêncio ente eles pairar por alguns instantes antes de perguntar:

— Qual era o nome dela?

Fora de seus sonhos, Caius não falava seu nome desde o dia em que ela morrera, o dia em que Tanith botara fogo na cabana em que estavam, convencendo-o de que havia sido para o bem dele. Ele suspirou a curta palavra:

— Rose.

Se Echo mordesse mais o lábio, começaria a sangrar. Caius estava começando a conhecer seus pequenos hábitos, aquelas pequenas coisas que eram apenas dela. Morder o lábio era um indício de que ela não estava certa do curso daquela conversa. Caius não podia culpá-la.

— Quando você a conheceu? — ela perguntou.

— Há muito tempo — ele respondeu. O nome de Rose havia sido carregado pelo vento e levado algumas das reservas dele junto. Era mais fácil falar com Echo agora, mais fácil respirar. — Mais tempo do que você tem de vida. Mais tempo do que seus pais têm de vida.

Falando nisso, onde estão seus pais? Adolescentes de dezessete anos não costumam ter pais?

— Sim, costumam.

Caius esperou ela falar. Se a pressionasse, ele tinha a sensação de que Echo se fecharia, escondendo os detalhes de seu passado como uma ostra que protege uma pérola com cuidado.

Ela suspirou.

— Não tenho pais. Bem, já tive. Mas saí de casa há muito tempo e nunca olhei para trás.

— Por quê?

Echo ficou em silêncio, encarando as plantas baixas como se pudesse queimá-las com o olhar. Ela manteve os olhos baixos quando respondeu:

— Eles não eram pessoas muito legais.

Uma mulher empurrando um carrinho passou pela escadaria, com uma criança pequena de bochechas rosadas andando logo atrás. Echo os viu passar com um olhar tão melancólico que o coração de Caius doeu um pouco por ela. Ele tinha apenas vagas lembranças dos pais. Eles haviam sido distantes, como famílias nobres costumavam ser, mas nunca cruéis.

— Sinto muito — ele disse. Não era apropriado, mas era tudo o que ele tinha a dizer.

Ela esperou um instante antes de responder, observando a mãe e a criança atravessarem a rua.

— É. Eu também.

Ele não pretendia deixá-la chateada. Aquilo também o chateava de um modo que, por si só, era um tanto quanto desconcertante. Ele não sabia ao certo se queria compreender o porquê. Queria dar um jeito na situação, por isso apelou para a única coisa que sabia que a faria sorrir.

— Então... — ele disse, ignorando os olhos ainda cautelosos e um pouco duros dela. — Fale sobre essas plantas baixas.

## TRINTA E NOVE



A TUMBA DE PERNEB ERA MAIS CLAUSTROFÓBICA do que Echo se lembrava. Conforme os rastros negros desapareciam dentro das paredes de pedra arenosa da tumba, a garota ergueu os braços para se equilibrar. Quando sua mão encostou na lã macia do casaco de Caius, ela a puxou de volta. Ele arqueou a sobrancelha para ela, como se não estivesse nem um pouco incomodado por compartilhar espaço pessoal. Ela deu um passo para trás, pressionando o corpo contra a parede.

— Bem, é aconchegante — ela disse, passando por Caius. — Vamos.

Quando ela saiu da tumba para a ala egípcia, respirou fundo. Seus pensamentos ficavam menos dispersos quando mantinha certa distância de Caius. Ele a desarmava, e ela odiava isso. Na sua cola, ele mal fez barulho ao sair da tumba, e ela sentia a presença dele como um fantasma flutuando. Echo ajoelhou, desenhando o mesmo caractere avicet que havia utilizado no Louvre para fazer os guardas dormirem e desativar as câmeras.

Caius ficou em silêncio enquanto ela lançava o feitiço. Echo olhou sorradeira para ele. O turvo brilho azul das luzes de segurança do museu iluminava os ângulos do rosto dele com a gentileza de um amante. Não era a pior visão do mundo. A culpa se manifestou em sua consciência. Ela tinha um namorado. Seu nome era Rowan, e ele era maravilhoso, e ela não devia ficar admirando nenhum mercenário aleatório que havia conhecido em suas viagens.

— Echo? — Caius chamou, arqueando a sobrancelha. Ele olhava diretamente para ela. Talvez ela não estivesse sendo tão sutil quanto

pensava.

— O quê? — ela sussurrou. — Só estava... pensando no próximo passo. — Ela se contraiu por dentro. *Bela desculpa.*

Ele concordou, mas não pareceu acreditar.

*Fazer o quê?*, Echo pensou.

— Você utilizou um belo encanto — ele comentou. — Com o caractere avicet. Inteligente e limpo.

Ela se esforçou para não corar. Sua pele traidora não colaborou. Ela levantou, limpando o pó imaginário da calça jeans.

— Obrigada.

— Certo — ele disse, observando as esculturas de granito ao redor da tumba. — Alguma ideia do que estamos procurando? — Caius voltou a olhar para Echo. — Nunca perguntei como você encontrou a adaga no Louvre. Imaginei que soubesse o que estava procurando, mas o mapa não diz muito além da localização geral.

Essa era a parte complicada. Ela não sabia explicar como ou por que o medalhão havia pulsado em sua mão aquela noite, levando-a diretamente até a adaga. Cada passo dessa busca pelo pássaro de fogo parecia levantar mais questões do que respostas. Mas, se já tinha funcionado uma vez, talvez funcionasse de novo.

— Preciso do medalhão. — Ela o havia visto pegar o objeto pela manhã, enfiando-o dentro da camisa emprestada. Mantinha-o com ele o tempo todo desde que o tirou dela, e Echo morria de curiosidade para saber por que ele o protegia como um dragão guardando um segredo.

Ele cerrou um pouco os olhos.

— Por quê?

Ela não tinha contado nem a Ivy sobre o modo como o medalhão havia lhe mostrado o caminho para a adaga, claramente puxando cada vez mais forte conforme ela se aproximava. Porém, se ia trabalhar com Caius para encontrar o pássaro de fogo, teria que começar a confiar nele. A confiança era uma coisa engraçada, ela sabia. Tinha o hábito de chutar a bunda das pessoas na maioria das vezes. Mas ela precisava trabalhar com o que tinha, e o que ela tinha era Caius.

— Foi como encontrei a adaga — ela disse. — O medalhão me levou a ela. — Echo esperou, batendo os dedos na coxa.

Com um suspiro, ele passou a corrente pela cabeça. Segurou o medalhão na mão, mas não o ofereceu a ela.

— Como?

Ah, se ela soubesse... Seria ótimo. Seria uma maravilha.

— Não faço ideia — ela disse. — Ele simplesmente me atraiu na direção certa.

Caius analisou o medalhão.

— Não estou sentindo nada.

— Ouça, cara, não sei como explicar. Só sei que funcionou. — Echo estendeu a mão, e, depois de um instante demorado, ele lhe entregou o medalhão. No momento em que o objeto tocou a pele dela, uma onda de energia tomou conta de Echo, roubando o ar de seus pulmões e enfraquecendo seus joelhos. Caius a segurou pelo cotovelo e o medalhão pulsou ainda mais.

— Estou bem — ela disse, ofegante. — Eu só...

Então ela saiu andando pelo corredor, com o medalhão vibrando na palma da mão. Em qualquer outro dia, teria ido mais devagar para apreciar a arquitetura do saguão do Met, seus tetos convexos e as inúmeras claraboias, mas a força do medalhão ficava mais forte a cada passo, puxando-a para a frente.

Caius correu para alcançá-la, mantendo facilmente o ritmo com suas longas pernas. Ele observou o medalhão nas mãos dela.

— O que é isso...?

Ela levantou a mão livre.

— Shiu.

Uma pequena parte de Echo, a parte minúscula que não estava sendo manipulada pelo canto de sereia do medalhão, admirou-se com o fato de ele ter calado a boca.

Um guarda caído, derrubado por seu feitiço, bloqueava a entrada do salão de esculturas greco-romanas em frente à ala egípcia. Ela passou por cima do corpo deitado, meio cega à magnificência da sala. O luar entrava pelas claraboias, fazendo o branco das esculturas de deuses esquecidos brilhar. Era extremamente belo e totalmente irrelevante.

— É aqui — Echo falou. Ela saiu correndo, desviando de uma coluna jônica gigantesca no centro do extenso corredor. A sala seguinte tinha ainda mais esculturas, mas foram os expositores de vidro junto às paredes que chamaram a atenção de Echo. — É aqui, Caius. Posso sentir...

Ela parou em frente a um dos expositores tão repentinamente que Caius trombou com ela. Ele agarrou os braços de Echo para equilibrar ambos, e suas mãos pareceram ferros quentes sobre o couro da jaqueta dela. Ela se afastou, e o fogo diminuiu, mas ainda conseguia sentir o calor emanando dele em ondas.

— Echo. — Ela mal podia ouvir Caius devido à campainha em seus ouvidos. — Echo, onde...

— Aqui. — Ela apoiou as mãos espalmadas sobre o vidro à sua frente, olhando lá dentro. Uma antiga urna de mármore dominava o centro do expositor. Havia figuras dançantes esculpidas nas laterais, unidas por vinhas serpenteantes, e a tampa parecia estar fundida. Uma das figuras segurava uma chave na mão. Era isso. Echo sabia com a mesma certeza que sabia o próprio nome.

— Quebre o vidro — Echo pediu, saindo da frente. — Quebre. Está na urna, sei que está.

— Você tem...?

— Apenas quebre o vidro, Caius.

Ele olhou para ela como se fosse uma mulher possuída. Ela *era* uma mulher possuída. Mas, não importavam as reservas que ele tivesse, não eram nada em comparação ao fogo que ela sentiu quando observou a urna.

— Me dê minhas facas — ele disse.

Echo pegou a mochila e tirou as facas. Ele teve um ataque quando ela insistiu em levá-las, mas não daria para ele andar armado por Manhattan. Ela as entregou a Caius. Tentando não ficar na ponta dos pés de tanta empolgação, ela o viu ajustar as tiras de couro no peito e desembainhar apenas uma das lâminas. Ele bateu no vidro do expositor com o cabo da faca; depois a faca e pegou a urna.

— Tem certeza absoluta? — Caius perguntou. — Preciso que tenha certeza antes que eu destrua um artefato culturalmente significativo.

— Ah, pelo amor...

Echo o empurrou com o cotovelo com toda a sua força. A urna escorregou dos dedos dele e caiu, espalhando pedaços de mármore pelo chão. Algo prateado atraiu seu olhar. Lá estava. Uma chave, pequena e despretensiosa. O único enfeite de que poderia se gabar era uma vinha que se enrolava em volta do arco e da haste, com pequenos espinhos na superfície. Echo passou por Caius e pegou a chave.

Echo sentia um barato intoxicante e maravilhoso, e ria. Podia sentir Caius a observando, provavelmente imaginando se ela tinha perdido a noção da realidade. Talvez tivesse, mas não se importava. A pulsação dolorosa do medalhão cessou, e a chave parecia luz do sol em suas mãos. Ela se virou para ele e interrompeu a risada. Apertou a chave com tanta força que seus recortes se afundaram na pele macia da palma de sua mão. Ela olhou para Caius, e foi como se o visse pela primeira vez. Ele era lindo, sempre fora lindo, mas agora o medalhão se agitou de novo, como se concordasse.

## QUARENTA



— FOI MAIS FÁCIL DO QUE EU ESPERAVA — Echo comentou. Caius a observava analisando a chave. A intensidade que havia nela antes fervilhava sob a superfície, e ele podia ver o corpo de Echo pulsar com a energia. Ela virou a chave para passar o dedo ao longo de suas inscrições delicadas. — É estranho. Acho que é drakhar. — Não era um idioma que alguém esperaria encontrar em um museu humano. Ela entregou a chave a Caius. — Você consegue ler?

Os dedos deles se tocaram quando ele pegou a chave da mão dela, e um choque subiu pelo braço de Caius, mais forte que estática. Echo puxou a mão, flexionando os dedos.

— Desculpe — ela murmurou.

— Tudo bem — ele disse, esfregando a palma da mão na perna. Sua nuca ainda formigava. — Me deixe ver.

Ele focou nos caracteres escritos na haste da chave. Eram antigos, ainda mais antigos que Caius, mas ele os conhecia.

— “Para conhecer a verdade, primeiro é preciso querer a verdade.” Já vi isso antes.

Echo olhava por sobre o ombro dele para a chave. Mesmo de casaco, ele percebia os cabelos dela roçando em seu ombro.

— Onde?

Ele sacudiu a cabeça, confuso.

— É um antigo ditado Drakhar, mas com uma origem muito específica. Está escrito sobre a entrada da caverna da Oráculo.

— Uma Oráculo? — ela perguntou, erguendo as sobrancelhas. — Sério?

— Sério.

Echo soltou um assobio longo e baixo.

— Minha vida continua ficando cada vez mais estranha — ela disse. — E você já viu essa Oráculo?

Caius fez que sim.

— Uma vez.

— Por quê?

Ele queria contar a ela. Queria revelar quem ele era. Queria dizer a ela que visitar a Oráculo foi a primeira coisa que ele fizera como Príncipe Dragão, assim como todos os príncipes antes dele. Ele queria dizer a ela o que a Oráculo havia falado. Naquele momento, ele queria que ela o conhecesse por inteiro. Ainda assim, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Isso é pessoal.

Echo o encarou e deu de ombros.

— Tanto faz. Vamos voltar para a casa do Jasper e depois vamos até a sua Oráculo?

Caius mordeu as bochechas, ponderando o que diria em seguida. A Oráculo sabia quem ele era. Se fossem vê-la, havia uma chance — uma chance grande, por sinal — de que sua farsa fosse revelada, de que Echo descobrisse quem ele era de verdade. Desejar que ela conhecesse seu verdadeiro eu era uma ideia agradável, mas apenas num plano abstrato. A realidade destruiria aquela parceria frágil. Ele já tinha percebido que Echo não era do tipo que confiava facilmente nas pessoas, e a profundidade de sua mentira dificultaria o perdão, com certeza.

Echo o cutucou de leve com o cotovelo.

— Terra para Caius. Ainda está aqui?

Ele pigarreou.

— Sim, desculpe.

Ela inclinou a cabeça, esperando que ele respondesse à primeira pergunta. A Oráculo. Eles tinham que vê-la. Embora pudesse arriscar visitar a Oráculo sozinho, ele sentia que precisava de Echo para encontrar as respostas que procurava. Os mapas tinham chegado a ela e, embora não conseguisse decifrar o porquê, ele sabia que ela estava ligada a essa busca tão indissociavelmente quanto ele. Não havia como fugir. Ele diria a verdade a ela. Logo, mas não agora.

Caius a encarou, dando um pequeno sorriso que quase nem percebeu, e assentiu mais uma vez.

— Partiremos amanhã. A Oráculo não vai a lugar nenhum — ele disse.

Eles voltaram pelo salão de esculturas em um ritmo muito mais lento do que quando entraram. Deuses de mármore os encaravam, belos o bastante para partir os corações mais duros. Os guardas ainda estavam apagados, as câmeras ainda estavam desligadas, e Caius estava um passo mais perto do pássaro de fogo. Talvez eles chegassem juntos e ilesos ao fim desta jornada. Ele deu meia-volta devagar.

— Quase não tenho vontade de sair daqui.

Echo praticamente saltitava pelo salão, ainda segurando a chave com força. Com um sorriso torto, ela perguntou:

— Por que não?

Ele sorriu de novo, e desta vez era um sorriso verdadeiro. Abriu bem os braços e disse:

— Arte.

— Os Drakharin não fazem arte? — Echo perguntou.

— Fazem — ele respondeu. Contudo, a arte Drakharin nunca o havia tocado como aquelas obras. Nunca havia imposto sua presença a ele, nunca havia exigido que ele reconhecesse seu imediatismo, sua fragilidade. Caius olhou para Echo e viu que ela também o observava. Havia alguma coisa nela, uma sensação de impermanência cósmica que refletia as pinturas e esculturas do museu. — Mas só retrata batalhas, vitórias e comemorações de coisas terríveis e sangrentas. Não há beleza. Não há leveza. Não há... arte.

Um sorriso surgiu rapidamente no rosto de Echo. E logo desapareceu.

— Não há arte na arte Drakharin?

Ele sorriu contra a vontade, refém do charme de Echo. Caius duvidava que a garota soubesse o quanto era charmosa. Pensou em dizer, mas ela parecia o tipo de pessoa com quem elogios eram desperdiçados.

— Dizendo dessa forma, parece muito eloquente. — Ele parou de repente em frente a uma Afrodite decapitada. Mesmo sem cabeça, sua presença era tão forte e poderosa que ele estava convencido de que, se ficasse imóvel e observasse por tempo suficiente, veria o delicado tecido sobre seu peito subir e descer, acompanhando a respiração.

— Algumas coisas precisam ser notadas — disse Caius. — Elas te agarram e gritam: “Estou aqui! Me veja!”.

Ele podia sentir Echo o observando.

— E a arte Drakharin não faz isso?

Quando ele se virou para Echo, ela estava olhando para a estátua, mas alguns fios de seu cabelo esvoaçavam, como se ela tivesse virado a cabeça rápido demais.

— Não — Caius disse. — Acho que não sabemos como fazer isso.

— Por quê? — Echo quase alcançou o pé de pedra da Afrodite. Observou a estátua, aproximando os dedos, mas sem tocá-la. A garota estava tão perfeitamente imóvel que podia ser uma escultura de mármore também. Havia algo monumental nela. Caius estava começando a entender o que levava os humanos a fazer arte.

Quando ele falou, as palavras eram suaves e baixas, para não perturbar a quietude absoluta do momento.

— Vivemos demais. Lembramos de muita coisa. Não sabemos como é.

Echo voltou a encará-lo, suspirando de leve. Era como se o salão respirasse com ela.

— Como é o quê?

— Esquecer — ele disse. — O medo de morrer e ninguém lembrar que estivemos ali. O medo de um dia todos que conhecemos, e todos que nos conheciam, estarem mortos e esquecidos, e não sobrar ninguém para lembrar nossos nomes.

Echo franziu a testa, mas seu rosto ainda era adorável.

— Isso é tão triste.

— E é por isso que importa. Os humanos fazem arte para lembrar e serem lembrados — afirmou Caius. — A arte é a arma deles contra o esquecimento.

— Isso é lindo. — Echo estava muito perto dele agora. Ele notou, pela primeira vez, as leves sardas no nariz dela. Havia muitas coisas que ele achava bonitas naquele instante. Procurou as palavras para lhe dizer quando as sombras explodiram ao redor deles.

## QUARENTA E UM



ECHO SOUBE QUEM ERA ANTES DE A ESCURIDÃO tomar forma em penas pretas agitando-se ao redor de uma figura na outra ponta do corredor, bloqueando a passagem para o saguão. Havia apenas uma pessoa capaz de se camuflar nas sombras assim. Ruby saiu da escuridão, arrastando o manto sobre o mármore.

— Oi, Ruby — Echo cumprimentou, guardando a chave no bolso de zíper da jaqueta. — Estranho te encontrar aqui.

O sorriso de Ruby era falso como sempre.

— Echo, é sempre bom te ver. Mas tenho a impressão de que vai preferir ver quem eu trouxe comigo.

Uma figura saiu das sombras atrás de Ruby, e o coração de Echo galopou dentro do peito.

— Rowan?

Ele estava quase igual a quando ela o deixou no calabouço Avicen. A armadura de bronze tinha sido trocada por jeans e um moletom preto com capuz, mas a preocupação em seus olhos e a tensão no maxilar eram as mesmas.

— Echo? — Rowan perguntou. — O que você está fazendo aqui? — Ele alternou o olhar entre Echo e Caius. — Com um Drakharin?

— Fique atrás de mim — Caius disse. Ele protegeu Echo com o corpo, tirando as duas facas das bainhas nas costas.

Echo sentiu como se estivesse se escondendo, mas ficou feliz em tê-lo entre si mesma e Ruby. Um Drakharin a protegendo da lacaia preferida de Altair. Se Ruby não a matasse, a ironia mataria. O olhar de Rowan pulava de Caius para Echo enquanto tentava entender por

que e como havia acontecido aquela estranha aliança. Echo quis explicar, mas não achava que Ruby toleraria uma conversa longa.

— Caius — Echo disse, tocando o braço dele. — Está tudo bem. Rowan é meu amigo. Ele não vai me machucar. — Ela engasgou ao dizer “amigo”, odiando a sensação que provocava em seus lábios, lamentando o fato de ter feito Rowan hesitar quando ela disse aquilo. Ele a encarava tão intensamente que ela pensou que poderia quebrar. Havia um milhão de coisas que queria dizer a ele, mas não achava que alguma delas fosse capaz de domar a sensação de culpa que coagulava em seu estômago. Ela estava ao lado de um Drakharin, deixando-se proteger por ele. Para Rowan, devia parecer traição.

Caius lançou um olhar inquisidor, mas não discutiu. Virou a cabeça para Ruby.

— E ela?

Ruby desembainhou uma espada perversamente longa, e o som que Echo fez, para seu constrangimento, ficou muito perto de um gemido. Havia um motivo para Ruby ser a recruta favorita de Altair, e não tinha nada a ver com sua excelente personalidade.

Echo engoliu em seco.

— Hum, não tenho muita certeza quanto a ela.

Ruby deslizou na direção deles como se estivesse esperando o momento de ficar em primeiro plano.

— Se escondendo atrás de seu novo namorado, é? Queria dizer que esperava mais de você, mas estaria mentindo.

Rowan recuou como se tivesse tomado um golpe.

— Ele *não é* meu namorado — Echo se apressou em dizer. A situação estava piorando mais rápido do que ela podia lidar. Metade dela estava feliz em ver Rowan, saber que ele estava procurando por ela, que ele se preocupava o bastante para ir atrás dela. A outra metade praticamente desejava que não fosse assim. Entrar e sair do museu devia ter sido simples. E aquilo não era simples.

Caius não tirou os olhos de Ruby, facas longas a postos, mas inclinou a cabeça para Echo quando disse:

— Sério? É com isso que está preocupada?

— A verdade é muito importante para mim, Caius. — Talvez ela tivesse que rever suas prioridades. Ela voltou a olhar para Rowan e Ruby. — O que vocês estão fazendo aqui?

Rowan deu um passo à frente, colocando a mão sobre o braço de Ruby. Ela não pareceu feliz em ser contida, mas não brigou com ele.

— Os bloqueios foram obstruídos quando você voltou para a cidade — Rowan disse. — Altair nos fez seguir seu rastro. Ele sabia que eu tinha te soltado, então disse que eu tinha que te levar de volta. É minha... penitência. — Ele se aproximou com cuidado, mas, quando Caius segurou as espadas como se estivesse preparado para atacar, ele parou. — Echo, *o que está acontecendo?* — Ele apontou para Caius. — E por que você está com ele? O que aconteceu com Ivy?

— Ivy está bem — Echo disse. — Rowan, sei que parece péssimo, mas posso explicar. — Ela tentou sair de trás de Caius, mas o Drakharin esticou o braço, bloqueando seu caminho. Rowan encarou o braço de Caius como se quisesse arrancá-lo.

— Não viemos até aqui ouvir desculpas, traidora. — Ruby passou por Rowan, mas manteve uma distância confortável entre sua espada e as lâminas de Caius. — Eu sabia que havia sido um erro te acolher. A Ala devia ter te afogado como você merece.

Os músculos das costas de Caius ficaram tensos com a ameaça de Ruby e, por algum motivo insano, para Echo aquilo foi a coisa mais miraculosa que já havia acontecido. Rowan não disse nada para defendê-la, e Echo tentou não pensar no quanto o silêncio dele machucava.

Ruby ergueu a espada, mas não saiu do lugar.

— Para ser sincera, eu devia te agradecer. Você me levou ao próximo passo na busca pelo pássaro de fogo. Altair vai ficar satisfeito. Ele vai ficar ainda mais feliz quando você for presa. Escapar da cela foi uma coisa, mas isto? — Ela apontou com a espada para Caius e Echo. — Isto é muitíssimo mais errado.

A garganta de Echo ficou apertada, e ela odiou Ruby ainda mais. Olhou para Rowan, mas ele tinha desviado o olhar, optando por encarar o chão.

— Rowan? — ela perguntou. — Você foi enviado para me prender?

Rowan levantou os olhos para encará-la.

— Tecnicamente sim, mas... — Ele soltou um resmungo baixo, passando as mãos pelas penas. — Altair só quer que a gente te leve de volta. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

Com uma gargalhada, Ruby sacudiu a cabeça.

— Não minta para ela, Rowan. — Ela se voltou para Echo, olhos azuis-claros cintilando na escuridão. — Nossas ordens são claras: vamos te levar para o Conselho. As acusações levantadas contra você são impressionantes. Ocultação de segredos pertinentes à segurança do povo Avicen. Fuga da prisão. E, agora, sem dúvida, associação com o inimigo será acrescentada à lista. — Ela inclinou a cabeça sem romper o contato visual com Echo. — Sabe qual é a pena por traição?

Sem dizer uma palavra, Echo balançou a cabeça.

Ruby sorriu de maneira lenta e predatória.

— A morte.

Em toda a vida de Echo, ninguém nunca havia sido acusado de traição entre os Avicen. Ela nunca pensou em perguntar o que acontecia com as pessoas que se voltassem contra os seus. Os Avicen eram o mais próximo que ela tinha de uma família, de um lar. Eles a haviam acolhido, e seria difícil convencê-los de que não os havia traído, não com dois Falcões de Guerra como testemunha de que ela esteve com um Drakharin. Rowan poderia tentar lhe dar cobertura, mas Ruby apreciaria a oportunidade de vê-la quebrar a cara, mesmo que a morte parecesse um pouco demais. Talvez o ódio de Ruby fosse mais profundo do que Echo imaginava. A Ala tinha certa influência por ser tão respeitada. Se o conselho sentenciasse Echo à morte, porém, até mesmo os poderes da Ala seriam limitados. Echo poderia conseguir escapar, mas viveria o resto da vida em fuga, olhando constantemente para trás para ver se havia um carrasco em sua cola. Entretanto, se ela retornasse aos Avicen com o pássaro de fogo, se provasse que estava do lado deles o tempo todo, talvez, apenas talvez, seria perdoada. Mas os Avicen nunca a perdoariam se voltasse de mãos vazias.

Rowan a observava com desespero. Ela podia imaginar como ele se sentia. Impotente. Echo conhecia bem a sensação. O Avicen

estava prestes a dizer alguma coisa, talvez argumentar com ela, quando Caius recuou, empurrando Echo junto com o corpo.

— Echo, corra.

Ela se deixou ser empurrada, mas se posicionou de outra forma.

— O quê? Não, não vou te deixar aqui.

Rowan cerrou os punhos.

— Echo, isso é loucura! Volte com a gente. Vou falar com Altair. Vai ficar tudo bem.

Ruby gargalhou, e o som era como facas ao vento.

— Sinceramente, Rowan! Ela que se colocou nesta situação. — Então a Avicen saltou, com o manto de penas cortando o ar como asas de verdade, ignorando o grito de Rowan para que parasse.

— Echo! — Caius gritou. — Corra!

Echo cambaleou para trás, de repente muito, muito consciente de que não apenas estava desarmada como também era totalmente inútil em uma luta entre dois guerreiros treinados. Ruby baixou a espada na direção de Caius. Ele ergueu as facas, e a espada desviou de uma de suas lâminas com um sussurro metálico.

— Echo. Corra. Agora. — Caius manteve os olhos em Ruby, que o cercava como o abutre que era.

Rowan parecia tão perdido quanto Echo.

— Echo, pare! Você não precisa fazer isso! Pode voltar para casa!

Ele estava errado. Ela tinha que encontrar o pássaro de fogo, mesmo que significasse juntar forças com alguém que Rowan havia sido ensinado a odiar desde pequeno. Era a única forma de ajeitar as coisas, de tirar seus amigos do perigo, de garantir que ninguém mais se machucaria por causa de uma guerra de cujo início ninguém mais que estava vivo se lembrava. Ela não podia ir para casa, não até encontrar o que estava procurando, não enquanto era vista como traidora.

— Sinto muito — Echo disse.

Antes que Rowan pudesse reagir, ela correu, lançando-se pelo corredor com tanta rapidez que seus pés mal tocavam o chão. Enfiou a mão no bolso em busca de uma bolsinha de pó de sombra que Jasper havia lhe dado, mas ela não era como Caius. Não conseguia invocar passagens do nada, com qualquer limiar. A

passagem útil mais próxima era a ponte no Central Park que haviam utilizado antes. Os pés dela golpeavam o chão, mas ela não escutava outros passos em seu encaixe. Rowan não a estava seguindo. Havia ficado para trás, provavelmente para ajudar Ruby na luta contra Caius.

Com o som de aço contra aço em seus ouvidos, Echo parou, respirando com dificuldade. Ficou prostrada diante do balcão de informações do saguão. Um guarda adormecido estava debruçado sobre um jornal amassado, caneta ainda pendurada na mão. Ele estava fazendo palavras cruzadas. As portas do museu estavam a poucos metros de distância, mas ela não conseguia se mover. Não conseguia. Não conseguia deixá-los para trás. Já tinha visto Caius lutar na fortaleza. Ele era bom. Mais do que bom. Rowan não tinha a mínima chance.

Uma pequena voz vingativa sussurrava que, se os papéis estivessem invertidos, Caius a teria deixado para trás, que ele teria apanhado a chave e fugido. Mas ela sabia que aquela vozinha só falava besteiras. Echo tirou a adaga da bota, deu meia-volta e saiu correndo. Era como Caius havia dito: ou faziam isso juntos ou não faziam.

Echo corria como se tivesse asas nos pés, deslizando em um canto e derrubando pelo menos um artefato de valor inestimável, com a adrenalina correndo pelas veias. Quando virou no último corredor, perdeu o fôlego. Ruby estava esparramada no chão, gemendo de dor, enquanto Caius dominava Rowan, facas em punho.

— Caius, não!

Ao som do grito de Echo, Caius parou, virando-se para encará-la. Atrás dele, Ruby se levantou. Sua espada fez um arco no ar, e Echo correu como nunca havia corrido antes, detendo Ruby com um grito silencioso. Conseguiu apenas ver a surpresa passar pelo rosto de Caius antes de caírem no chão em um emaranhado de membros e penas.

A lâmina de Echo se alojou nas costas de Ruby antes que ela ao menos se desse conta de tê-la levantado. Ruby se contorcia sob ela, espada esquecida enquanto suas mãos arranhavam o chão de mármore, escorregando os dedos no próprio sangue. Echo arrancou

a adaga do meio das escápulas de Ruby e o chapinhar úmido fez seu estômago revirar.

— Echo, temos que ir. — A voz de Caius estava abafada pela campainha nos ouvidos dela. Suas mãos estavam escorregadias e vermelhas, e Echo não sabia o que fazer com elas.

Caius a agarrou pelos braços e a deixou de pé. As botas escorregavam na poça de sangue que se formava sob o corpo de Ruby, que ainda se debatia, e Echo caiu junto ao peito de Caius. Ele a envolveu com o braço — a garota não havia nem notado que ele já tinha guardado as facas — e a arrastou de volta na direção do saguão. Ela se virou nos braços de Caius para olhar para trás. Ruby não passava de uma pilha preta de penas. Rowan se arrastou até o corpo de Ruby, passando as mãos inutilmente sobre o ferimento em suas costas. Ele parecia tão perdido...

Echo tinha a sensação de que seus pés pertenciam a outra pessoa, e ela tropeçou enquanto Caius a levava de volta para a tumba de Perneb. Suas pernas estavam desajeitadas, parecia que ela tinha esquecido como funcionavam. Caius a puxou para fora do salão de esculturas, atravessando o saguão, de volta à galeria egípcia. Quando enfim pararam na entrada da tumba, Echo fechou os olhos. A última imagem que tinha de Ruby estava gravada em sua retina. Ela sabia que seria uma visão que nunca esqueceria, não importava o quanto tentasse. Tudo o que conseguia pensar, mesmo enquanto Caius invocava a fumaça preta do entremeio, era que o sangue de Ruby era tão vermelho quanto seu nome.

## QUARENTA E DOIS



ECHO MAL SE LEMBRAVA DE TER VOLTADO PARA A CASA DE JASPER. Tinha certeza de que ficara coberta de sangue e de que Caius praticamente a carregara para fora do Met, mas os detalhes mais específicos da história eram apenas imagens granuladas e desfocadas. Ela se lembrava de Rowan encurvado ao se ajoelhar sobre o corpo de Ruby, dos redemoinhos pretos do entremeio quando Caius invocou uma saída para eles, e da nave da catedral, para onde a deve ter levado. Ela quis rir da criatividade dele para encontrar limiares úteis — uma nave, quem diria! —, porém não conseguia sentir nada além de um enorme vazio, um abismo que havia escavado seu peito. Sentia como se ela tivesse sido deixada para morrer sobre um chão de mármore frio. Era um pensamento egoísta. Outra coisa para acrescentar ao poço sem fundo de arrependimento que havia se alojado onde seu estômago costumava ficar.

As imagens começaram a se cristalizar depois que eles chegaram à catedral. Ivy, branca e reluzente, com os olhos pretos arregalados e obscurecidos de preocupação. A inquietação de Jasper notada por meio de um silêncio nada característico. Dorian havia quase perdido todo o sangue em seus lençóis de algodão egípcio e Jasper não tinha parado de ser sarcástico, mas, quando Echo adentrou o loft coberto com o sangue de outra pessoa, ele não lamentou nem uma vez o estado de sua mobília. O modo como a tratavam era fascinante. Como se ela estivesse traumatizada. Devia estar, mas como os traumatizados podiam saber? Como podiam contar? Como podiam ver algo objetivo além do campo de força impenetrável do próprio trauma?

Echo se encolheu feito uma bola e esfregou o rosto no travesseiro. Era de material elástico ou algo parecido. Suas mãos se enrolavam nas cobertas. Alguém as havia lavado, deixando a pele seca e áspera. Ela as livrou das cobertas, observando os ossinhos, e depois as palmas abertas. A pele estava acinzentada no escuro. Não restava nem um pingo de sangue. Era estranho pensar que estavam ensanguentadas havia apenas algumas horas. Ou dias? O tempo tinha ficado elástico, esticando e apertando.

Ela levou os dedos aos lábios, lembrando da sensação da boca de Rowan junto à pele quando ele a ajudara a fugir da prisão de Altair. Lembrando da forma como ele olhava para ela como se importasse mais do que podia ter dito naquele momento. O calor de seu hálito ao falar. Ela se perguntou o que Rowan pensaria dela agora; se algum dia ele seria capaz de perdoar a garota que enterrara uma faca nas costas de alguém. A garota que era oficialmente uma traidora e uma assassina. Ela deixou as mãos caírem de novo sobre as cobertas. Rowan estava em casa, no Ninho — a casa *dele*, não dela. Nunca poderia ser dela, não agora, não depois do que havia feito. E Echo estava a um oceano de distância, aconchegada sob uma montanha de cobertas.

O loft de Jasper era alto demais para ser alcançado pelo brilho alaranjado dos postes de luz de Estrasburgo, mas as janelas de vitral refletiam a luz das estrelas que brilhavam no céu. Echo não sabia que horas eram, mas devia ser tarde. Em outra parte do loft, lençóis faziam barulho quando alguém se virava dormindo. Ela puxou as cobertas até o queixo e ficou pensando na organização para dormir, uma vez que claramente havia ficado com a cama gigantesca de Jasper só para ela. Ivy devia tê-la deitado na cama, mas ela não lembrava muito bem disso. Echo analisou a silhueta que dormia em uma cadeira ao lado da cama, a única pessoa que conseguia ver de seu casulo de cobertores.

Caius.

Ele devia ter começado a dormir sentado como uma pessoa normal, pés tocando o chão, pernas esticadas, mas tinha se mexido durante o sono. Estava praticamente deitado, as pernas longas estavam penduradas sobre um braço da cadeira enquanto as costas

se apoiavam no outro, cabeça ligeiramente baixa, de modo que a franja roçava as escamas de seu rosto. Ele fazia Echo se lembrar de uma estátua, bela e serena.

Desde aquele momento no Met, quando algo havia se quebrado dentro dela, Caius tinha sido sua única constante. Ela se recordava da sensação das mãos dele a deixando em pé, fortes como ferro, mas estranhamente gentis, como se tentassem inutilmente juntar os pedaços quebrados. Ela era Humpty Dumpty, e já havia caído do muro.

Não tinha certeza do que o fazia ficar grudado ao seu lado. Gentileza, talvez. Ou culpa. Ela tinha salvado a vida dele, afinal. No momento em que ele a levantou, começou a agir como sua âncora, como um pedaço de madeira flutuante a que ela se agarrou em um mar de culpa e desespero, sabendo que morreria afogada se soltasse.

Ela fechou os olhos e tentou se obrigar a dormir. Desde que voltara, havia escutado apenas fragmentos de conversas. A inscrição na chave, reconhecida por Caius, foi explicada. Sua voz ia e voltava enquanto ele contava aos outros sobre a Oráculo. Algo sobre a Floresta Negra e uma caverna, e como todos esperariam até ela e Dorian ficarem bem antes de partir.

Ela ficaria feliz em trocar de lugar com Dorian em um piscar de olhos. Um ferimento de espada parecia fácil se comparado a isso. Entra e sai. Simples e claro. Não havia nada claro na maneira como ela se sentia, esparramada em pequenos pedaços como porcelana quebrada. Ela respirou fundo, trêmula, tentando apaziguar o desconforto em suas entranhas. Era essa a sensação da culpa: real e inegável. Era um peso alojado em seu peito, esmagando-a com a força de uma pilha de pedras. Ficou imaginando se algum dia lhe daria uma trégua, se ela algum dia limparia da mente a imagem do sangue em suas mãos. Se é que merecia esse tipo de alívio, ou se a magnitude de seu pecado era tão grande que o carregaria sempre consigo.

Echo nem havia se dado conta de que começara a chorar até sentir o toque de dedos calejados em seu rosto, secando suas bochechas. Ela abriu os olhos, cílios grudentos pelas lágrimas, e viu

Caius agachado ao lado da cama. Ela não o tinha escutado se levantar, mas lá estava ele, olhos quase pretos na escuridão.

— Ei. — O chamado soava estranho vindo de sua boca, como se não fosse algo que ele diria. Echo engoliu o nó que tinha na garganta. Caius não pareceu se importar com o silêncio. — Estávamos preocupados com você.

Ela não sabia ao certo quando o estranho grupinho tinha deixado de ser “a gente” e “eles” e se transformado em um coeso “nós”. Coisas estranhas haviam acontecido, ela imaginava. Os olhos suaves e gentis de Caius tocavam algo dentro de seu peito, um lembrete de que seu coração ainda estava lá, apesar de se sentir vazia.

Caius acariciou os traços do rosto dela, da maçã do rosto ao queixo, com um toque macio como uma pena.

— Se estiver disposta, podemos partir logo — ele disse. — A Oráculo dirá o que precisamos fazer agora.

De novo o “nós”. Ele parecia tão confiante, mas Echo tinha a sensação de que era uma certeza falsa, utilizada para poupá-la. A ideia de que ele estava tentando fazê-la se sentir melhor, mesmo que de uma forma secundária, causava um alvoroço nos pedacinhos quebrados dentro dela, como se talvez estivessem considerando se juntar outra vez. Ela gostava do som da voz dele no escuro, suave e grave, parecendo que existia apenas para ela. Echo fechou os olhos e enterrou o rosto nos lençóis.

Caius soltou um suspiro, mas não era de raiva ou frustração. Era, talvez, um pouco triste. Como se ele também estivesse de luto pela parte dela que havia morrido junto com Ruby. Ele ficou lá, tocando o rosto dela por mais um minuto. A extremidade da cama afundou quando ele apoiou a mão, levantando-se. Echo quis pedir para ele não ir, para deixar a mão onde estava, acariciando seu rosto com o polegar, mas não tinha palavras.

A voz dele chegou a ela pela escuridão, vinda da cadeira.

— Descanse um pouco, se conseguir. Amanhã será um longo dia.

Echo escutou o som baixo da respiração dele e ajustou a sua para acompanhar o ritmo. Antes do que achava possível, pegou no sono, ninada pela respiração de Caius, inspirando e expirando, inspirando e expirando.

## QUARENTA E TRÊS



CAIUS OLHOU AO REDOR QUANDO OS RAMOS pretos e serpeantes do entremeio se transformaram na plataforma da estação. Era sombriamente industrial. À luz do amanhecer, uma única chaminé aparecia acima das árvores, pintando o céu de carvão com seu vapor tóxico. Seus olhos se fecharam quando ele se espreguiçou, gemendo com a sinfonia de estalos nos ombros e nos braços. Ele tinha passado o último dia e meio dormindo em uma cadeira perto da cama de Echo, fingindo não perceber os olhares confusos que Dorian continuava lançando em sua direção.

Podiam ver a Floresta Negra de onde estavam, a copa das árvores se projetando para o céu, mas o destino deles ficava bem mais para dentro. A estação ficava na borda da floresta, mas ainda a uma distância de um dia de caminhada ou dois, se parassem para descansar. Com Dorian ferido e os demais desacostumados a jornadas árduas, eles teriam que se movimentar lentamente.

Os outros se orientaram em volta de Caius, que observou Echo respirar fundo, com a mão sobre o estômago. Ela estava voltando a si aos poucos, e o esforço necessário para se livrar da desorientação pelo tempo necessário para apontar a estação de trem de Appenweier em um mapa havia sido notável. Além de conversas em voz baixa com Ivy e Jasper sobre comida e logística, ela não tinha falado muito. Depois que Caius secara as lágrimas dela à noite, Echo evitara seu olhar, desviando os olhos todas as vezes que ele se virava para ela. Ele não precisava de palavras para saber o que havia de errado. Tinha ficado introvertido de maneira parecida depois da primeira vez que matara alguém muitos anos antes. No seu caso, a

vítima tinha sido um estranho, um soldado Avicen que se indispôs com a espada de Caius. Mas Echo conhecia a pessoa que havia matado. Ele fez uma oração silenciosa, para qualquer deus que pudesse estar escutando, pedindo para que aquela fosse a última vez que as mãos dela se sujassem de sangue. Tirar uma vida não era fácil de suportar. Mudava a pessoa de forma fundamental, como se as peças do antigo *eu* se quebrassem e se recompusessem para acomodar uma nova e terrível verdade: o mundo continuaria girando, independentemente do quanto uma alma se sentisse culpada ou miserável. Era preciso continuar vivendo, mesmo quando havia um cadáver em seu rastro.

O ar fresco da manhã pareceu devolver a Echo um pouco do vigor que havia perdido. Caius ficou feliz em ver suas bochechas sutilmente rosadas quando os cabelos batiam no rosto, mas ela ainda estava pálida e abatida, com ombros caídos, como se pudesse se esconder ali mesmo. Em um curto período, ela havia perdido tudo: sua casa, a confiança das pessoas que considerava sua família. Ela não tinha explicado a Caius seu relacionamento com os Avicen, mas estava claro pela forma como interagia com Ivy e Jasper que eles eram seu *povo*, mais até do que os humanos. E, quando a notícia de que ela havia derramado o sangue de uma Avicen chegasse ao Ninho, Caius supunha que ficariam felizes em sentenciá-la à morte. O pesar cresceu em seu peito, não por ele, mas por Echo. Ela podia ser uma ladra, mas não era assassina, não por natureza. Um arrepio repentino tomou conta de sua pele, desafiando a lã de sua jaqueta.

— Sinceramente, Caius, você não podia ter nos deixado mais perto? — Jasper perguntou, levantando a gola do casaco.

Caius engoliu uma resposta que seria pouco adequada. Por mais que gostasse de discutir com Jasper, a estação estava desolada e deserta, enfatizando o frio.

— Como já expliquei antes — ele respondeu —, a área que cerca a caverna da Oráculo é nula. O entremeio não pode ser acessado de dentro de seus limites.

— Entendo que existe uma zona em que não podemos usar magia. — Jasper esfregou as mãos antes de enfiá-las no bolso do

casaco. — Só estou um pouco decepcionado de isso ter sido o melhor que você pôde fazer.

Caius respirou fundo, contou até cinco, e soltou o ar.

— Peço desculpas, Vossa Alteza.

— Desculpas aceitas.

Caius revirou os olhos. Só Jasper podia ter tamanha arrogância.

Chutando um montinho imundo de neve persistente de primavera, Jasper torceu o nariz com desdém e acrescentou:

— Que pena que estou sem nenhum cadáver para esconder no momento. Este lugar seria perfeito.

Dorian bufou. Caius lançou a ele seu olhar mais irritado e Dorian pigarreou, enfiando o queixo no colarinho. O casaco que Jasper havia emprestado ao capitão era azul-marinho, mais ou menos do mesmo tom do tapa-olho dele. Caius não deixou de notar que Jasper não havia se dado ao trabalho de selecionar as cores das roupas que havia emprestado a ele.

— Echo, você não me falou que estaria frio — Ivy resmungou, escondendo as mãos dentro das mangas da jaqueta. — Não pensei em fazer uma mala de inverno quando fui sequestrada.

E, de uma hora para a outra, os últimos vestígios do pequeno sorriso de Dorian desapareceram. Sem dizer nada, ele desabotoou o casaco, o tirou e o ofereceu a Ivy, que ficou encarando-o, piscando rápido. Caius sabia que não era a única pessoa apreensiva. Algo delicado estava acontecendo e ele não pretendia interromper.

Com a mão trêmula, Ivy pegou o casaco. Dorian se virou, caminhando na direção dos degraus da estação. Ivy observou o casaco e Dorian, que se afastava. Os olhos escuros dela brilhavam.

— Obrigada — ela disse.

Dorian parou por um instante. Acenou com a cabeça sem olhar para trás e desceu os degraus da plataforma. Caius encarou Jasper do outro lado da plataforma, mas o Avicen deu de ombros.

— Vamos ficar parados olhando um para a cara do outro o dia todo ou vamos botar o pé na estrada? — Echo perguntou.

Caius se virou e ficou surpreso ao ver que ela o encarava, e manteve o olhar por alguns segundos antes de se dirigir à escadaria

da estação. Era a primeira coisa que ela falava para ele desde Nova York.

## QUARENTA E QUATRO



NO INSTANTE EM QUE CRUZARAM OS BLOQUEIOS QUE CERCAVAM a Floresta Negra, Dorian sentiu o leve zumbido da magia no ar. Quanto mais avançavam, menos ele sentia, mas estava ali de qualquer forma. Galhos frágeis e folhas finas como papel estalavam sob seus pés, e o ar frio da floresta transformava sua respiração em pequenas nuvens de vapor. Os galhos das bétulas que os cercavam dançavam com o vento leve, as folhas farfalhavam. Os troncos brancos tinham um tom de amarelo suave com a luz do início da manhã. Seria adorável se Dorian não estivesse com um péssimo humor. Seu ferimento ainda em processo de cicatrização e o olhar estranho e penetrante de Caius na direção de Echo formavam uma combinação terrível. Ele andava com dificuldade, e mal notou quando Jasper se aproximou dele. Como era estranho se sentir tão confortável na presença de um Avicen, mas alguma coisa em Jasper desafiava a convenção.

— Uma moeda por seu pensamento — Jasper disse, esticando o braço até alcançar a orelha de Dorian. Com um movimento do punho, fez aparecer uma moeda de cobre brilhante.

*Charlatão*, Dorian pensou, tentando conter um sorriso. Jasper era uma praga, mas uma praga eficaz. Quanto mais pressionava os limites de Dorian, era mais difícil ficar irritado.

— Os pensamentos são apenas meus — Dorian retrucou.

Ele desviou os olhos das costas de Caius. Não adiantava nada ficar analisando seus ombros, sua caminhada ou a forma como seus olhos se demoravam sobre Echo um pouco mais a cada dia. Caius estava se afastando dele em vários sentidos.

Dorian fitou Jasper e percebeu que ele o estava observando encarar Caius. *Um charlatão esperto. Do pior tipo.*

— E, mesmo que meus pensamentos estivessem à venda, duvido que você pudesse pagar — Dorian completou.

Jasper deu um sorriso encantador. Era uma mudança revigorante em relação ao sorriso forçado que utilizava tanto quanto Dorian usava o tapa-olho. A cada um, a sua máscara.

— Veja só! — Jasper exclamou, saboreando as palavras. — Ele fala.

Só para irritá-lo, Dorian não disse mais nada. Eles caminharam em um silêncio que não deveria ser amigável, sendo eles quem eram. Dorian estava começando a suspeitar que havia perdido completamente o controle de sua vida em algum lugar entre o Japão e a Alemanha.

Espiou Jasper de canto de olho. O Avicen parecia confortável na floresta, apesar das reclamações abundantes. Dorian não sabia ao certo se as penas em tons de pedras preciosas de Jasper eram sempre mais brilhantes à luz do dia, ou se seus olhos tinham mesmo aquele tom dourado, beirando ao amarelo, ou se sua pele sempre tinha um toque bronzeado que se destacava ao fundo de bétulas brancas. E, para começar, não sabia ao certo quando havia começado a notar a vibração multicolorida de Jasper.

— Sabe... não entregaria vocês de verdade — Jasper ponderou. — Só queria que alguém me dissesse o que estava rolando.

Dorian deu de ombros.

— Tive minhas dúvidas.

Indignado, Jasper apoiou a mão sobre o peito.

— Você me machucou, senhor. Vou te mostrar que *tenho* senso de moral. — Ele fez uma pausa. — Mesmo que só eu entenda como ela funciona.

Mais uma vez, Dorian tinha suas dúvidas. Ele observou o mar de bétulas em volta deles de novo. Precisavam de um olho atento na floresta para ver se seus inimigos não os haviam encontrado, mas estava começando a se dar conta de que uma ameaça Avicen de uma natureza diferente caminhava ao seu lado.

— Por que está aqui? — Dorian perguntou.

— Já disse — Jasper falou, girando o pescoço com uma graça calculada, fechando os olhos devagar. Ele parecia ter saído de uma pintura. — Estou nesta pela glória.

— Caius e Echo quase morreram aquele dia. — Dorian analisava as árvores. Precisava não olhar para Jasper. — Parece que é muito conflito em troca apenas de glória.

— Tenho meus motivos — Jasper sussurrou, girando a moeda entre os dedos longos e elegantes. — Além disso, nada que valha a pena é fácil de se conseguir. — Ele fixou seus olhos amarelos-ouro penetrantes em Dorian. O Drakhar resolveu não tentar decifrar as palavras de Jasper. Era melhor assim.

— E quanto a você? — Jasper perguntou, movimentando as mãos, fazendo a moeda desaparecer e reaparecer. — Por que está nesta?

— Dever — Dorian disse. A resposta foi instintiva. Embora não fosse mentira, não era, quase indiscutivelmente, toda a verdade.

Jasper fixou os olhos em um ponto mais à frente. Dorian não precisou segui-los para saber que ele estava observando Caius.

— Só isso?

— É o bastante.

E, como os deuses ultimamente não achavam certo favorecer Dorian, Jasper enxergou dentro dele.

— Acho que nós dois sabemos que não é verdade.

Dorian desviou o olhar, sem responder. Ele odiava pensar que seus sentimentos eram tão transparentes, mas Jasper estava certo. Não que ele fosse admitir em voz alta; o ego do Avicen não precisava dessa ajuda. Dorian continuou andando com dificuldade, olhando para as árvores, pisando em mato seco.

— Talvez seja só por eu ser muito egocêntrico — Jasper continuou —, mas me parece estranho alguém dedicar a vida toda a uma pessoa incapaz de enxergar o que está bem diante de seu nariz.

— Caius daria a vida por mim — Dorian disse, um pouco rápido demais. Ele sabia que era verdade, mas também sabia que, não importava o quanto desejasse se apegar à mentira que o havia sustentado por tanto tempo, não era suficiente. Não mais. Talvez nunca tenha sido. Talvez ele tivesse sido desonesto consigo mesmo por tanto tempo que passara a acreditar na própria mentira.

Havia uma melancolia conhecida no sorriso de Jasper.

— Mas não é a vida dele que você quer, não é?

Dorian tinha uma resposta para aquilo, mas não estava com vontade de compartilhar. Enfiou as mãos nos bolsos do jeans emprestado e caminhou em silêncio. Os pássaros da Floresta Negra gorjeavam enquanto Dorian mantinha a calma.

— É — Jasper disse, guardando a moeda no bolso. — Achei mesmo que não.

## QUARENTA E CINCO



ECHO INSPECIONOU AS RUÍNAS DIANTE DELES. Haviam sido uma abadia, embora o muro da frente tivesse desmoronado e, desde então, todos os objetos de valor tivessem sido roubados. Contudo, ainda existiam três paredes sólidas. A natureza havia reivindicado o local, fornecendo uma espécie de telhado formado por galhos de um carvalho gigantesco. Echo presumiu que Caius tivesse escolhido o local como acampamento para passarem a noite por ser seco e protegido, não por sua beleza.

— Você está brincando! — Jasper exclamou enquanto Dorian circundava o local gravando caracteres na terra ressecada com a ponta da espada.

— Não — Caius respondeu, observando ruínas. — Não estou brincando.

Ele encarou Echo nos olhos por uma fração de segundo antes que ela desviasse o olhar, abraçando a si mesma com força. Havia tanto conhecimento no olhar dele, tanta compreensão. Aquilo já a havia consolado antes, o fato de ele parecer saber quando ela precisava ser deixada sozinha e quando precisava ser confortada, mas agora era apenas desconcertante. Ela não gostava de saber que ele aprendera a decifrá-la tão bem em tão pouco tempo.

Jasper prolongou tanto o suspiro que Echo se perguntou como ele ainda tinha ar nos pulmões.

— Por que concordei em participar desta busca inútil?

— Achei que estivesse nisto pela glória — Dorian disse atrás dele com um sorrisinho.

— A glória é valorizada demais — Jasper respondeu. — Acho que preferiria estar em uma cama fofa e quente.

Echo ficou ouvindo aquelas brincadeirinhas pelo máximo de tempo possível. Dorian havia ficado mais confortável perto dos dois Avicen do pequeno grupo. Ela teve a impressão de que havia perdido algo vital nos últimos dias. Até mesmo Ivy tinha começado a amolecer. Dorian obviamente estava tentando, e Ivy sempre foi do tipo que perdoa. Ela era uma boa pessoa. Melhor que Echo.

Jasper estava rindo de alguma coisa que Ivy tinha falado, e o som revirou o estômago de Echo. Ela não era capaz de reconhecer que o mundo podia ter prazer enquanto sentia que estava se desintegrando por dentro. Resmungando uma desculpa, sem se importar se eles acreditariam ou mesmo se tinham ouvido, Echo se afastou do acampamento. Abriu caminho entre os galhos caídos e partes do muro destruído da abadia, e adentrou mais a floresta, em silêncio e sozinha. Uma coruja piou ao longe, e outra respondeu; seus gritos misteriosos enchiam o céu de música.

A Floresta Negra foi ficando em silêncio aos poucos, conforme caía o crepúsculo, como se até os pássaros ficassem quietos para apreciá-lo. O sol se pondo no horizonte roxo e vermelho aparecia entre os troncos de árvores. Echo entendeu por que os irmãos Grimm haviam encontrado ali a inspiração para seus contos medonhos. Era sombrio e mágico, ameaçador e belo, e fazia seu coração doer só de olhar. Não demorou muito para ouvir passos discretos atrás dela. Nem precisou se virar para saber que era *ele*.

Caius não disse nada. Caminhou até o lado dela, mas pareceu disposto a deixá-la escolher se queria falar ou não. Ela ficou vários minutos em silêncio enquanto assistiam ao sol se escondendo atrás das árvores ao longe. O som de folhas farfalhando era quase um idioma. Um idioma antigo. Um idioma que Echo não conseguia entender. As palavras pairavam no ar, no limite do significado. Presentes, mas não totalmente compreensíveis.

— *Psithurism* — ela disse.

Ao seu lado, Caius se mexeu, pisando em folhas secas. Echo podia sentir os olhos dele sobre ela.

— *Psithurism?* — ele perguntou.

— É a palavra em inglês que denomina o som do vento passando pelas árvores.

— Não sabia que existia uma palavra para isso — ele afirmou.

— Existem palavras para quase tudo, se você procurar direito. — Sua respiração formava pequenas nuvens no ar frio da floresta, como se a voz dela tivesse forma e substância.

— Echo, eu...

Ela o interrompeu.

— Quando tinha doze anos, me apaixonei por um menino: Rowan.

— Caius ficou tenso ao lado dela. Estava relacionando as coisas, ela imaginou. Afinal, não existiam tantos Rowans no mundo, e Caius havia conhecido um recentemente. — Crescemos juntos. Eu gostava dele, e tinha certeza de que ele também gostava de mim. — Ele gostava. Havia uma chance, mesmo que pequena, de que ainda gostasse, mas Echo sabia que tinha arruinado qualquer possibilidade de futuro com ele depois de ter tirado a vida de uma Avicen. Seu crime era simplesmente grande demais. — Mas sabe o que Ruby fez?

Ela não esperou Caius responder.

— Ela disse que eu era contagiosa. Que, se ele me tocasse, pegaria a doença que eu tinha e suas penas derreteriam. Não consegui entender por que ela fez aquilo ou o que eu tinha feito para merecer.

Echo estava totalmente ciente de que Caius a observava, contornando seu perfil. Ela queria olhar para ele, mas, ao mesmo tempo, não queria. Ela não sabia o que queria, porém, agora que tinha começado e as palavras já tinham sido ditas, escapando de seus lábios por vontade própria, não podia interrompê-las.

— A maioria dos pequenos Avicen ficou longe de mim depois disso. Mas essa não foi a pior parte. Não mesmo. Ruby nunca gostou de mim, e nunca me esforcei muito para ser legal com ela, mas...

Essa era a parte que Echo nunca tinha compartilhado com mais ninguém. Nem com a Ala, que a abraçara quando correu para ela com o rosto molhado de lágrimas depois que Rowan lhe contara o que Ruby havia dito. Nem com Ivy, de quem não guardava segredos.

— Tem uma fonte no Ninho que supostamente realiza desejos. Fui até lá e joguei uma moeda. Pensei em desejar que Rowan se apaixonasse por mim. Ou que todos esquecessem o que Ruby havia dito. Pensei até em desejar ter penas. Mas não pedi nada disso. Sabe o que eu desejei?

A voz de Caius era suave e talvez até mesmo um pouco doce.

— O quê?

— Desejei que Ruby morresse. Desejei que ela morresse e que eu nunca mais tivesse que vê-la novamente. Foi uma profecia autorrealizada. — As palavras eram amargas na língua de Echo, e ela as engoliu com uma risada falha. Riu porque era melhor do que chorar, mas a risada era cheia de bordas irregulares e cantos afiados, que cortavam suas entranhas durante todo o percurso até a saída.

— Se serve de consolo — Caius disse —, queria que você não precisasse ter feito isso.

Echo enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. Seus dedos estavam frios, como se as pontas estivessem morrendo aos poucos.

— Acho que não serve de nada.

— Eu sei, mas precisava dizer de qualquer jeito. Eu devia ter sido mais rápido; não devia ter precisado da sua ajuda.

— Não faça isso — Echo disse, sacudindo a cabeça. — Isso não tem nada a ver com você.

— Não foi isso que eu quis... — De canto de olho, ela o viu estendendo a mão em sua direção e depois abaixando. — Echo, você fez o que sentiu que precisava fazer.

— Fiz? Eu tinha que fazer isso? — Echo levantou um tronco com o pé. Pequenas minhocas ziguezagueavam para dentro do solo, descontentes por terem sido expostas à luz, procurando a escuridão. — Eu podia ter te deixado ali. Mas não deixei. Eu voltei. Fiquei com medo por Rowan, mas estava preocupada com você também. E nem sei por quê. Não somos amigos, Caius. Eu mal te conheço. Mas não podia ficar vendo Ruby te machucar. Enfiei a faca nas costas de uma pessoa por você. Literalmente.

Ela se virou para Caius. Ali, parado à luz fraca do início da noite, ele não parecia ter duzentos e cinquenta anos. Parecia obscuro,

quieto e triste. Ela consciente do próprio pulso, do modo como o cabelo dele quase encostava no colarinho, das escamas em seu rosto, do som da floresta tomando vida à noite. Era belo e terrível ao mesmo tempo.

Desde que Echo encontrara aquela caixinha de música, seu mundo saiu do eixo, apenas alguns graus, mas o bastante para deixar tudo diferente. Ela sentia diferença nas cores, nos cheiros, ouvia sons que nunca havia notado antes. Era como se estivesse vivenciando o mundo pela primeira vez, e tudo era novo. Mas nada era mais novo para ela do que Caius. Ele era o som do rouxinol saudando a noite, a lua saindo de trás de uma nuvem, as partes secretas e misteriosas da Floresta Negra que ela só descobriu agora.

Mas ela não merecia essa novidade, essa beleza grandiosa e terrível, não quando ainda era capaz de sentir o sangue de Ruby nas mãos, penetrando em seus poros, secando sob suas unhas.

— Por que me sinto assim? — ela perguntou. — Fiz algo terrível, e fiz por você, e não entendo o motivo.

Uma mudança estava acontecendo sob sua pele, tão monumental quanto a movimentação de placas tectônicas. Algo estava se desenvolvendo dentro dela de uma forma que Echo não conseguia mensurar. Ela esfregou os dedos nas têmporas e fechou bem os olhos. Não queria se sentir assim. Era coisa demais. Confuso demais. Desastroso demais. Ela queria ser a pessoa que era antes de tirar uma vida, antes de sair nessa busca amaldiçoada. Queria, mais do que qualquer coisa, esquecer. Esquecer a dor e a culpa e o arrependimento que ameaçavam afogá-la. Queria sentir alguma coisa, qualquer coisa, além da dor que levava no coração.

Quando Caius não respondeu, ela pegou a mão dele, passando os dedos pelos ossinhos. Precisava sentir o calor de outra pessoa. Queria deixá-lo ser sua âncora. Caius olhou para as mãos dos dois unidas. Seus cabelos caíram diante dos olhos, escondendo-os. Desta vez, ela não conteve o ímpeto de afastá-los. Seus dedos contornaram suas têmporas, a textura irregular das escamas. Os olhos dele se fecharam, e ele inclinou o rosto junto à mão dela. Ele a deixou explorar os contornos de seu rosto por um instante, antes de soltar sua mão. Não havia mais de quinze centímetros separando os

dois, mas parecia uma grande distância. Ele abraçou o próprio corpo. Qualquer pessoa teria parecido menor com esse gesto, mas ele parecia apenas cansado.

Echo deu mais um passo à frente, invadindo o espaço de Caius. Ele ficou tenso, mas não recuou. Os corpos se tocavam a cada inspiração.

— Me ajude, Caius — ela disse. — Me ajude a esquecer.

Ele separou os lábios, mas nenhum som saiu, à exceção de uma hesitação quase imperceptível na respiração. Uma pequena parte dela desejava que ele a empurrasse, dissesse para parar, mas torcia mais pelo contrário. Precisava do conforto silencioso, sentir o corpo de outra pessoa junto ao seu sem o peso das palavras. Ela achou que não suportaria o que ele diria. Se ele falasse, regaria as sementinhas nojentas da traição que haviam criado raízes em seu coração quando ela não estava vendo. Elas brotariam, transformando-se em algo que ela não poderia negar, e se inclinariam na direção dele, como uma flor se voltando para o sol.

— Echo, eu...

Quando ela pressionou os lábios nos dele, equilibrando-se na ponta dos pés para alcançá-lo, sentiu alguma coisa dentro de si se encaixar. Agarrou a gola da jaqueta aberta dele para não cair. As mãos dele subiram pelos braços dela, envolvendo os punhos, estabilizando-a. Os lábios de Caius eram mornos e levemente rachados. Eles se abriam, recebendo os dela. Foi um beijo suave, profundo e hesitante. O pulso de Echo rugia em seus ouvidos. Ela pressionou o corpo ao dele, absorvendo todo o calor que ele podia oferecer. Quando ela sentiu a língua no lábio inferior dela, achou que ia explodir.

Ele se afastou primeiro, roçando os lábios na maçã do rosto dela, no alto do nariz, na testa; passando os dedos pela pele de seus punhos como se fosse tão delicada como a membrana fina das asas das borboletas. Echo podia sentir seu corpo se dissolvendo nas áreas em que ele tocava, desintegrando-se em uma pilha de cinzas. Em um bom dia, ela ficaria constrangida, mas aquele não era um bom dia. Ela sentiu que estava se transformando em outra pessoa, alguém que não reconhecia. *A guerra transforma todos nós em*

*monstros*, Caius havia dito. Echo ficou imaginando que reflexo veria no espelho agora.

Ela escorregou os dedos para baixo da camisa de Caius, esquentando-os em sua pele. Ele abaixou as mãos e a envolveu pela cintura, arqueando-se ao toque. Caius deixou escapar um som abafado, como um homem ofegante depois de se afogar. Com a respiração pesada, ele estremeceu nos braços dela e fechou bem os olhos, apoiando a testa na dela. O toque de Echo era leve, mas Caius reagia como se não fosse tocado havia anos. Talvez fosse verdade. Ela encostou a mão aberta nas costas dele, logo acima da calça. A pele parecia em chamas.

— Echo... — ele sussurrou, como um suspiro no cabelo dela.

Ela levantou a mão, se aproximando e encostando os lábios nos dele. Ele fez aquele som abafado e desesperado novamente. Era disso que ela precisava. De uma distração. De um modo de sentir alguma coisa além de arrependimento. Mas, depois de alguns segundos, ele tirou as mãos da cintura dela. Seguiu a linha de seus braços e agarrou os antebraços, afastando-a. A distância era praticamente insignificante, mas foi o suficiente para Echo amaldiçoar o frio que se estabeleceu entre os dois. Ele estava tão quente. Ele abaixou a cabeça, perto o bastante para que a franja encostasse no rosto dela.

— Não desse jeito — ele sussurrou. — Não desse jeito.

## QUARENTA E SEIS



MESMO DEPOIS DE SE AFASTAR, Caius ainda podia sentir o sabor sutil de menta do hidratante labial de Echo. Ela sucumbiu junto a ele, deixando a testa cair em seu peito. Quando falou, suas palavras estavam abafadas pela jaqueta dele:

— Fiz aquilo por você.

Caius acariciou com o polegar a pele macia da parte interna do punho dela.

— Eu sei.

Ela aconchegou o rosto no espaço entre as clavículas de Caius. Ele podia sentir certa umidade no rosto dela através da camisa.

— Por que fiz aquilo? — ela perguntou.

— Não sei.

— Você teria feito o mesmo por mim? — Echo o encarou com os olhos castanhos inchados e brilhantes. Ela ergueu a cabeça apenas o suficiente para que a pele de Caius formigasse com o calor fugidio de seu rosto. Algo muito parecido com dor tomou conta do peito dele. Ele teria feito o mesmo. Sem pensar duas vezes.

— Echo...

E então ela estava chorando. Caius queria chorar com ela, mas suas lágrimas tinham se esgotado havia muito tempo. Ele não podia fazer nada por ela além de acariciar seus braços e ombros, puxando-a para mais perto, alisando seu cabelo desganhado. Ela chorava de culpa junto ao peito dele enquanto ele sussurrava em seu ouvido coisas sem sentido em drakhar. Echo não entendia as palavras, mas o som da voz dele parecia acalmá-la. Depois de um tempo, o choro se transformou em soluços e, então, em silêncio.

Caius a abraçou enquanto ficava de joelhos, arrastando-a junto. Amparou as costas no tronco de um carvalho, esticando as pernas na frente do corpo. Echo puxou os joelhos para junto do peito, enterrando-se no espaço entre seu braço e o corpo, apoiando as coxas junto às dele. Ela se encaixava na curva do corpo dele perfeitamente.

Ficaram sentados tempo o bastante para ver o sol se pôr no horizonte e as estrelas começarem a surgir no índigo aveludado do anoitecer. O único ruído que lhes fazia companhia era o canto aflito dos tordos aninhados nas árvores, despedindo-se do sol. Caius fechou os olhos e ficou escutando o som suave da respiração de Echo.

Ele cantarolou uma canção cadenciada junto ao cabelo dela, a mesma que ouviu em seus sonhos por tantos anos. Ela se mexeu nos braços de Caius, esfregando o cabelo na pele sensível do pescoço dele.

— Como conhece essa música? — Echo perguntou. — A canção de ninar da gralha. Achei que fosse coisa dos Avicen.

— E é. — O queixo dele raspava na testa dela quando falava, mas Echo não parecia se importar. — Alguém me ensinou, há muito tempo. A garota de que falei.

— Rose... Ela era Avicen, não era? — Echo se mexeu, e seu cabelo fez cócegas no rosto dele. — O que aconteceu com ela?

Ele hesitou. Algumas feridas não eram tão fáceis de reabrir. Sentiu o calor e a suavidade da respiração dela junto à clavícula.

— Houve um incêndio — Caius contou, arrumando uma mecha solta de cabelo de Echo. — Ela morreu.

Duas frases. Foi tudo o que precisou para resumir a história. A polidez daquilo pareceu outra morte. Echo abraçou a cintura de Caius com mais força. De uma hora para a outra, seu segredo mais obscuro, aquele conhecido apenas por ele e sua irmã, foi revelado à luz esmorecida da Floresta Negra.

— O incêndio foi um acidente? — Echo perguntou, traçando pequenos círculos na pele dele. A camisa de Caius deve ter levantado quando ele sentou. Era a melhor coisa que ele sentia em anos.

Ele negou com a cabeça, esfregando o rosto no cabelo de Echo.

— Não. Alguém nos descobriu. Disseram que Rose era uma espiã.

— E ela era?

Erguendo um dos ombros, Caius respondeu com a maior sinceridade possível.

— Não sei. Gosto de pensar que sim. Se realmente fosse, sua morte seria mais fácil de suportar.

Ele não podia ver a testa franzida de Echo, mas podia sentir a tensão de seu maxilar.

— E é?

A expiração trêmula de Caius bagunçou o cabelo do topo da cabeça de Echo, e ela se contorceu de leve, como se sentisse cócegas.

— Não — ele admitiu. — Na verdade, não. Nem um pouco.

— Sinto muito — Echo sussurrou. Com os lábios dela tocando seu pescoço a cada palavra, Caius sentiu mais do que escutou. Estremeceu e a abraçou mais forte. A noite continuou a cair, pintando a floresta de violeta.

— Já faz muito tempo. — Se Caius continuasse dizendo isso, talvez começasse a significar alguma coisa.

Echo mudou de posição novamente, esticando as pernas ao lado das dele. Pegou a chave pendurada no pescoço, acariciando-a de leve. Ela a havia pendurado pela manhã, junto com o medalhão, antes de saírem da casa de Jasper.

— A lembrança deve doer — ela observou.

E doía. Mas a única coisa pior do que lembrar da sensação de Rose em seus braços, da maciez de suas penas pretas e brancas, de sua voz quando ela cantava baixinho para si mesma, seria esquecer.

— As lembranças nos transformam no que somos — ele disse. — Sem elas, não somos nada.

Echo concordou. O som distante do canto dos pássaros deu lugar ao leve cricrilar dos grilos e ao pio solitário de uma coruja ao longe. Estava começando a esfriar. Era primavera, mas os resquícios de inverno continuavam na floresta como um amante relutante em dizer adeus. Caius sussurrou um pequeno feitiço em drakhar junto ao cabelo de Echo. Era simples, uma magia para se manter

aquecido. As palavras vieram sem que ele tivesse que pensar; já as havia dito o suficiente durante noites longas e frias de batalha e derramamento de sangue. A sensação de Echo em seus braços era muito melhor do que aquilo.

A parte dele que necessitava do toque de outra pessoa, da sensação da pele quente junto à sua, tinha morrido com Rose, queimado com as chamas de Tanith. Mas Echo havia conseguido abrir um buraco e entrar, passando por décadas de muros de pedra, encontrado as chamas moribundas do homem que Caius fora um dia. Ela o estava trazendo de volta à vida aos poucos, como se aticasse um fogo persistente. Ele acariciou o cabelo macio da nuca dela e respirou no mesmo ritmo de seu peito quando ela pegou no sono. Logo, ele também adormeceu. Pela primeira vez em dias, não sonhou com fogo.

## QUARENTA E SETE



ECHO ACORDOU COM O SOM DO CANTO DOS PASSARINHOS. Cotovias gorjeavam ao nascer do sol, enquanto rouxinóis cantavam suas canções de ninar. Ela se acomodou no peito de Caius e respirou fundo. Ele tinha um cheiro que lembrava um pouco madeira. E maçãs. Era aconchegante. Quando ele falou com ela em drakhar na noite anterior, fora a primeira vez que ela ouvira o idioma falado, além de trechos indistintos de conversas entre Caius e Dorian. Os Avicen diziam que era uma língua gutural, com vogais deselegantes e consoantes duras, mas, quando Caius sussurrou palavras junto a seu cabelo, soou melódica, quase lírica. Era linda.

A primeira vez que acordou ao lado de uma pessoa do sexo oposto não tinha sido bem o que ela esperava. Em suas fantasias, não havia pedras com pontas afiadas machucando suas coxas, galhos retorcidos pinicando a pele descoberta entre seus jeans e sua camiseta, câimbras estranhas no pescoço por dormir praticamente sentada. E, nessas fantasias, a pessoa ao seu lado era sempre Rowan.

Echo mudou de posição para poder ver o rosto de Caius. Ele parecia mais jovem quando dormia, mais suave. Seus cílios escuros pareciam pinceladas no alto do rosto, as escamas pouco visíveis sob a luz da manhã. Ela deixou seus olhos vagarem sobre ele, tentando gravar cada detalhe na memória. Esse alívio silencioso não duraria, mas ela não queria abrir mão dele. Fechou os olhos, apoiando a cabeça no ombro de Caius. Ela não sabia se estava imaginando coisas ou se o medalhão e a chave pendurados na corrente em seu peito estavam realmente pulsando no ritmo das batidas do coração

dele. Até mesmo a adaga em sua bota parecia mais quente através do tecido da calça, mas não era nada em comparação ao calor que Caius irradiava. Quando estava abraçada a ele dessa forma, era quase quente demais. Ela escorregou o corpo, pressionando a orelha no peito dele. *Tum. Tum, tum.* Era um batimento bom. Um batimento estável. Parecia que o dela estava parando por alguns segundos para acompanhá-lo.

Havia uma sensação de acerto em estar nos braços de Caius. Era o tipo de acerto que nunca havia sentido antes, nem mesmo com Rowan. Era quase como... pertencimento. Como lar. Echo fechou bem os olhos e pressionou o rosto sobre o peito dele, sentindo a leve abrasão da lã na pele. Mas tinha que lembrar que Caius não era seu lar. Ela já tinha um lar.

*Tem mesmo?*, uma pequena e malvada parte dela sussurrou.

*Cale a boca*, Echo sussurrou em resposta.

Ela se virou nos braços de Caius e observou ao redor. Caracteres drakhar haviam sido traçados na terra dos arredores, alternados com uma linha de pedras para formar um círculo. Dorian deve ter ido atrás deles à noite para fazer um feitiço protetor. O rosto de Echo ficou quente ao pensar em outra pessoa encontrando-os daquele jeito, abraçados com uma familiaridade que não deviam ter. Mas, por mais constrangedor que fosse pensar em Dorian e seu olhar monocular crítico, Echo ficou feliz por não ter sido Ivy. Sua melhor amiga havia ficado ao seu lado por uma década de questionáveis escolhas de vida, mas até mesmo a mais tolerante das pessoas tinha seus limites. Echo abraçada a um mercenário Drakharin podia ser o de Ivy.

Quando se afastou de Caius, livrando-se da jaqueta que ele havia deixado sobre ela durante a noite, o frio matutino foi um choque. Echo saiu de perto de Caius sem olhar para trás, embora alguma coisa lá no fundo lhe dissesse para dar meia-volta, se arrastar novamente para os braços dele e se aninhar em seu calor. Ela foi pisando nos arbustos, seguindo para onde os outros haviam passado a noite. Foi um esforço sem tamanho levar um pé diante do outro, manter os olhos fixos à frente, mas era a coisa certa a fazer. Tinha que ser. Além disso, a cada passo que dava na direção da Oráculo,

do pássaro de fogo, de qualquer destino grandioso e incompreensível que se aproximava dela, começava a ter cada vez menos certeza do que era certo ou não.

## QUARENTA E OITO



A CAMINHADA ERA MAIS LONGA DO QUE CAIUS SE LEMBRAVA. Eles haviam passado o dia todo e grande parte da noite andando sobre o terreno cada vez mais irregular da floresta, e era quase meia-noite quando chegaram à cachoeira que ocultava o caminho para a caverna da Oráculo. Era modesta, pelo menos se comparada às cataratas de Triberg, do outro lado da Floresta Negra. Diferente de Triberg, esta cachoeira não estava lotada de turistas com câmeras. Nenhum humano ou Avicen jamais havia ouvido falar dela, e poucos Drakharin conheciam sua existência. A localização era secreta, apesar de não ser bem vigiada. A intenção era ser passada de um Príncipe Dragão para o seguinte, mas muitos nobres da corte sabiam onde ficava. A curiosidade motivava muitos Drakharin a procurar os serviços da Oráculo, apesar de, oficialmente, eles serem limitados ao príncipe eleito.

Caius tentou imaginar Tanith lá, em toda sua glória dourada, cintilando entre os salgueiros verdes viçosos apesar do gelo em suas folhas. Não conseguiu. Esse não era um lugar para fogo e aço. Ele olhou para o restante do grupo. Com todo o seu charme de cidade grande, Echo conquistou seu espaço na floresta como se pertencesse ao lugar, acomodando-se com a naturalidade de um pássaro voando.

Ele havia acordado sozinho com o perfume suave do xampu dela na camisa. Por mais que quisesse muito diminuir a distância entre os dois, não conseguia. A cada passo que dava na direção de Echo, ela dava um para trás. Caminharam em relativo silêncio durante horas, embora de vez em quando Caius ouvisse a voz baixa de Jasper

tentando puxar conversa com Dorian. Eles haviam demorado mais do que ele previra para chegar à cachoeira. O ferimento de Dorian tinha agravado com a viagem, atrasando o progresso do grupo, apesar de o capitão não admitir. O sol havia se posto horas antes, e a lua estava alta no céu. As palavras no mapa, rabiscadas com a caligrafia de Rose, ecoavam na mente de Caius.

*O pássaro que canta à meia-noite, ele pensou, lembrando-se da caligrafia familiar de Rose sobre a página amassada, em sua gaiola de ossos ascenderá do sangue e das cinzas para saudar a verdade desconhecida.*

Era um belo verso, porém um tanto quanto nefasto. Não dizia nada útil, mas Caius não tinha muito dom para poesia. Com um suspiro, subiu os degraus de pedra cheios de musgo que levavam à cachoeira, seguido pelos outros, que subiam com menos graça.

— Argh. — Jasper quase vomitou. — Água.

— Ela costuma fazer parte das cachoeiras. — Dorian abriu um sorriso brilhante. Logo ele, entre todas as pessoas, brincando com um Avicen. Caius mal podia acreditar. Talvez ele e Echo não fossem os únicos a sofrer mudanças irreparáveis com essa jornada.

Jasper retribuiu o sorriso.

— E eu que pensei que não passava de um boato maldoso.

— Não seja molenga, Jasper — Echo disse, estendendo a mão para Ivy quando a amiga escorregou na pedra fria. Echo voltou os olhos para Caius, mas não o encarou por muito tempo. — É aqui que vamos parar?

— Sim — Caius respondeu.

Echo se abaixou sob a cachoeira, encostando o braço na manga dele. O coração de Caius acelerou como se estivesse tentando sair do peito.

Jasper chegou ao lado de Caius, ainda extremamente belo, apesar da careta.

— Temos que passar por baixo disso?

Caius respondeu com uma ação, abaixando a cabeça sob a queda d'água.

— Mas e a minha plumagem?! — Jasper lamentou em um protesto que foi engolido pelo silêncio escuro e úmido da caverna escondida

atrás da cachoeira.

Rochas soltas e terra molhada pouco firme cercavam um lago subterrâneo. A água refratava recortes do luar, que entrava pelas frestas na pedra sobre eles, fazendo com que a luz pairasse sobre a superfície do lago como estrelas.

Echo ficou parada perto de uma longa e estreita doca, onde um pequeno barco flutuava na água. Concentrada, ela ficou olhando para o outro lado do lago que separava a cachoeira da margem rochosa que levava à caverna da Oráculo. As tábuas de madeira apodrecida rangeram sob os pés de Caius, mas Echo não se virou quando ele se aproximou. Ele ficou ao lado dela, não perto o bastante para tocá-la, mas era possível sentir sua presença.

— Estamos perto, não estamos? — Ela não se virou ao falar, com braços cruzados e olhos exploradores. Caius analisou seu perfil, seus traços à meia sombra.

— A entrada do santuário da Oráculo fica bem depois do lago — ele afirmou. — O barco vai nos levar até lá. Só comporta duas pessoas, então vou pedir para Dorian ficar aqui com Jasper e Ivy.

Echo franziu a testa, sacudindo um pouco a cabeça.

— Não, não é isso. É alguma outra coisa. Posso sentir, como um balão cheio demais que está prestes a estourar. — Então ela o encarou com olhos brilhantes com o reflexo da luz sobre a superfície do lago. — O que ela te falou quando você veio aqui? A Oráculo?

Com uma pequena gargalhada, Caius disse:

— Para eu seguir o meu coração.

Echo ergueu uma sobrancelha.

— Só isso?

— Só.

— Uau. Que útil.

— Pois é.

Ela o encarou por mais um instante, em silêncio contemplativo. Ele quis perguntar em que Echo estava pensando, o que temia, o que queria, mas os resmungos de Jasper e a voz suave de Ivy surgiram na ponta da doca, lembrando a Caius de que não estavam sozinhos.

Em um piscar de olhos, o encanto se quebrou.

— Ótimo. — Echo começou a andar na direção do barco. — Só espero que ela tenha alguma coisa melhor do que sabedoria de biscoitos da sorte para nos dizer desta vez.

— Espere. — Caius agarrou o braço dela antes que pudesse ir adiante. Ela puxou de volta, como se a mão dele a tivesse queimado. Era a primeira vez que se tocavam desde aquela manhã. Echo olhou feio para ele, mas não falou nada. — Tem uma coisa de que você precisa saber antes de irmos — ele disse.

Ela acenou lentamente com a cabeça, indicando que estava pronta para reprovar o que ele estava prestes a dizer.

*Garota esperta*, ele pensou. Muita coisa em Echo o fazia se lembrar de Rose. Ela era inteligente, corajosa e protegia com unhas e dentes as pessoas que amava. E, como Rose, seu fogo brilhava tão forte que não era surpresa que ele se sentisse atraído pelas chamas. Caius esperava que a história de Echo tivesse um final mais feliz que a de Rose, que ele pudesse lhe dar a paz que não conseguiu dar à Avicen. Se a guerra havia lhe ensinado alguma coisa, era que ela pegava as pessoas que mereciam uma vida longa e feliz e lhes dava vidas curtas e brutais.

Caius interrompeu o pensamento.

— A Oráculo não transmite conhecimento de graça — ele disse, observando o outro lado do lago. Mal podia distinguir a entrada para a caverna da Oráculo. — Temos que pagar.

— É, bem, deixei meus euros na outra calça — Echo disse.

Ele soltou uma risada. Estava feliz por ela não ter perdido o senso de humor.

— Se fosse assim tão fácil... A Oráculo não quer dinheiro. Ela quer um sacrifício, um presente que tenha significado especial para você. Algo de que tenha que abrir mão a muito custo.

Ela levou a mão ao medalhão.

— Esta é a única coisa que tenho comigo. Acho que é mais valioso do que a adaga e a chave, mas não sei.

Ele apoiou a mão sobre a dela.

— Não — Caius disse. — Você vai ficar com isso.

Ela o encarou.

— Por quê? Você disse que era seu, há muito tempo.

— Porque quero que fique com ele. — Ele desembainhou uma das facas. Tanith havia lhes dado anos atrás, antes do relacionamento dos dois começar a desandar, após ser eleito Príncipe Dragão. Ele amava a gravação delicada nas lâminas, a extrema habilidade que havia sido despendida na confecção. Ele nunca teria sido um lutador sem elas.

— Vou entregar isto a ela. Deve bastar. — Ele passou a mão sobre as figuras gravadas no aço. — Não são coisas de que abro mão com facilidade. Presumindo que a Oráculo decida que são um sacrifício válido de minha parte.

Echo ergueu a sobrancelha.

— E se ela decidir que não são?

Caius guardou a lâmina de volta na bainha.

— Daí ela vai escolher alguma coisa que seja.

— E isso é ruim? — Echo perguntou. — Então deixamos que escolha o que quiser. Qual é o problema?

Ele a analisou, observando o ângulo delicado de seu queixo, o cabelo que queria escapar do rabo de cavalo, o olhar desconfiado. Achava que se disporia a abrir mão de qualquer coisa para encontrar o pássaro de fogo, mas estava começando a perceber que preferia não perder certas coisas.

— O problema — Caius disse — é que pode ser algo que ninguém esteja disposto a sacrificar.

## QUARENTA E NOVE



ECHO PERMANECEU EM SILÊNCIO enquanto atravessavam o lago no barco, puxados por uma força invisível. De vez em quando ela voltava a olhar para a margem. Ivy, Dorian e Jasper ficavam cada vez menores conforme ela e Caius iam se aproximando do outro lado. A sensação de desconforto que vinha aumentando na floresta cresceu ainda mais, sufocando-a com sua imensidão. Enquanto era levada para mais longe, suprimia o medo de nunca mais voltar a ver o rosto deles. Quando o barco bateu na margem, ela foi jogada de volta para a realidade. A melancolia ameaçadora podia esperar. Ela tinha uma Oráculo para visitar e um pássaro de fogo para encontrar.

Echo desceu do barco e suas botas escorregaram nas pedrinhas soltas de uma margem que não fazia jus ao nome. Eles estavam em um pedacinho de terra de uns seis metros, coberta de rochas, com uma ou outra erva daninha teimando em crescer entre as rachaduras, de frente para uma parede de pedras grandes. Caius estendeu a mão para ajudá-la a se equilibrar; o toque dele era quente mesmo através do couro de sua jaqueta. Mais quente do que tinha o direito de ser. Echo se afastou da mão dele, fingindo não ver a dor que tomou conta de seu rosto. Ela observou ao redor, notando a completa falta de uma entrada para o santuário da Oráculo. A rocha diante deles estava recoberta por musgo, embora um espaço de mais ou menos um metro de largura permanecesse descoberto, com uma série de caracteres gravados. Echo não conseguia lê-los, mas já os tinha visto antes. Ela tocou a chave pendurada em seu pescoço, passando os dedos pela prata fria.

— Bem, é aqui que a entrada *deveria* estar — Caius disse. Ele se inclinou para a frente para ler a inscrição em voz alta. — “Para conhecer a verdade, primeiro é preciso querer a verdade.” Exatamente como na chave. — Ele encostou a mão na rocha, passando a palma sobre a superfície. — Isso não estava aqui antes. Os caracteres sim, mas não estavam gravados em um muro gigante de pedra.

Echo ficou perto dele, quase o tocando.

— Como você entrou da última vez?

— Tinha uma porta. Eu bati. — Caius ficou passando na frente da pedra como se considerasse fazer exatamente aquilo antes de voltar para o lado de Echo. — Tenho quase certeza de que este muro está aqui para impedir que as pessoas entrem.

— Para impedir que as pessoas entrem, é? — Echo tirou a adaga da bota. — Tenho uma ideia.

Como o perigo da situação aumentava a cada dia, Echo tentou não imaginar sua casa. A ideia de nunca mais ver sua biblioteca, nunca sentir o cheiro de livros velhos ou ver as luzinhas penduradas nas estantes roubadas era demais para suportar. Mas em sua casa ela também tinha uma porta feita para impedir que as pessoas entrassem. Com o olhar de Caius sobre ela, Echo furou o dedo indicador com a ponta da lâmina. Ela pressionou o dedo na parede e sussurrou:

— Por meu sangue.

A sensação familiar de magia crepitou no ar e, com um estrondo, a rocha deslizou para o lado, revelando um espaço iluminado por velas que pingavam parafina no chão. As paredes estavam cobertas por prateleiras do chão ao teto, repletas de uma variedade inusitada de objetos que Echo nunca tinha visto. Coroas, sinetes e joias estavam espalhados como se fossem detritos. Uma espineta medieval juntava pó no canto, ao lado de um violino quebrado e de um caixote cheio de sinetas enferrujadas. Havia uma prateleira dedicada inteiramente a estatuetas de gato de porcelana, e outra cheia de crânios, alguns humanos, alguns de animais. Uma parede estava coberta de relógios de vários formatos e tamanhos, todos em volta de um relógio de pêndulo levemente torto. A única outra saída

era uma porta de madeira do outro lado do ambiente, reforçada por uma moldura de metal escuro treliçado.

— Fascinante — Caius disse.

— Acho que “horripilante” seria a palavra mais adequada. — Echo atravessou a soleira com cuidado. — Não acredito que aquilo realmente funcionou.

Ele a seguiu e a rocha deslizou de volta para onde estava.

— Acho que nossa visita não é tão inesperada quanto pensei.

Caius andou pelo cômodo, investigando a coleção da Oráculo, e parou em frente à parede de relógios. Devia haver dezenas deles, mas todos marcavam a mesma hora: quinze para a meia-noite.

*O pássaro que canta à meia-noite*, Echo pensou. *Seja lá o que for.*

— O que é tudo isto? — Ela cutucou um dos crânios na estante à sua frente. Parecia ter pertencido a um gato, mas era difícil dizer.

— Presentes — Caius respondeu. — A Oráculo troca seu conhecimento por eles. — Ele apontou para o amontoado de objetos que os cercavam. — Ela faz isso há um bom tempo, como você pode ver.

— E o que você deu a ela quando veio aqui? — Echo perguntou.

Ele andou até uma pilha de armamentos no canto oposto à espineta. Vasculhou os itens, derrubou alguns capacetes no chão, um escudo e meia dúzia de *shurikens*. Depois de um minuto revirando tudo, pegou uma espada larga dentada.

— Esta foi minha primeira espada. Meu pai me deu quando eu era criança. Eu era pequeno demais para empunhá-la, mas cresci com ela. — Ele passou a mão respeitosamente pela lâmina cega. — Nunca pensei que a veria de novo.

Os pelos da nuca de Echo se arrepiaram, e ela teve a estranha sensação de que não estavam sozinhos. Nesse exato momento, uma voz falou, vinda do nada e de todos os lugares.

— Mas eu sabia que você voltaria.

Echo se virou, empunhando a adaga. Havia uma figura no centro da sala, rosto obscurecido por um manto preto com capuz. A única parte que Echo podia ver eram as mãos, cujo dorso era coberto de penas de todas as cores, do azul índigo ao amarelo-esverdeado. Diminuindo próximo aos dedos, as penas davam lugar a escamas

iridescentes, como as do rosto de Caius. A Oráculo carregava as marcas dos Avicen e dos Drakharin, e Echo nunca tinha visto ninguém parecido com ela antes.

Se a Oráculo existia havia tanto tempo quanto Caius alegava, Echo duvidava que a adaga lhe faria muito estrago, mas a arma fazia com que se sentisse melhor. O incômodo em suas entranhas crescia, embora ela não soubesse o motivo. A Oráculo não devia ser uma ameaça, mas Echo odiava ser pega de surpresa.

— Bem-vindos ao meu lar. — A Oráculo deu um passo à frente, e Echo recuou. — Por favor, larguem as armas. Elas não serão necessárias — ela disse, arrastando o s.

Echo não se virou para ver se Caius havia obedecido, mas ouviu o som de metal batendo no chão de madeira. Ele havia largado a espada. Ela continuava com a adaga na mão.

— Não ouvi a porta abrir — Echo disse. — Como você chegou aqui?

A Oráculo movimentou os dedos e respondeu:

— Magia.

Mãos quentes encostaram nos ombros de Echo, e ela quase morreu de susto. Virou a cabeça o suficiente para ver Caius atrás dela.

— Está tudo bem — ele disse. — Ela vai nos dizer o que precisamos saber. — Ele voltou a encarar a Oráculo. — Se me lembro bem, preciso dar um presente neste momento.

Quando a Oráculo caminhou na direção deles, seu manto levantou do chão, como se ela flutuasse em vez de andar. Echo tentou sair da frente, mas só conseguiu bater com as costas no peito de Caius. Ela engoliu o medo que subia pela garganta. Todos os seus instintos lhe diziam para fugir, subir no barco e atravessar o lago, deixar a Oráculo para trás e todos os segredos que ela guardava, esquecer o pássaro de fogo. Mas fugir não era de seu feitio, e ela tinha ido muito longe para voltar agora.

— Ah, não me preocuparia com isso, Caius — disse a Oráculo. — Um presente será exigido em seu devido momento. — Ela inclinou o capuz na direção de Echo. — Vejo que seguiu o rastro de migalhas de pão que a última garota deixou.

*A última garota?* Echo se livrou das mãos de Caius. Ela precisava de espaço para respirar, para pensar.

— Que garota? Do que vocês estão falando?

— A última que apareceu fazendo perguntas — contou a Oráculo.  
— Ela não gostou das respostas que dei, então resolveu passar seus problemas a você. Quando você pegou aquela caixinha de música, desencadeou uma série de acontecimentos que a trouxeram a mim. Toda ação realizada no universo tem consequências. Toda peça de dominó derruba a seguinte. Ele está esperando há muito tempo que alguém desencadeie sua libertação.

— Ele quem? — Echo perguntou.

— O pássaro de fogo — respondeu a Oráculo. — Quem mais?

O pulso de Echo disparou tão rápido que era provável que Caius conseguisse escutá-lo.

— Ele está aqui? Ele está vivo?

O rosto da Oráculo permanecia obscuro, mas Echo tinha quase certeza de que havia um sorrisinho escondido sob aquele capuz.

— Ah, sim, bem vivo. E mais perto do que você imagina, embora às vezes, antes de algo ascender, precise cair primeiro. — Olhando na direção de Caius, ela continuou: — A última garota não o trouxe junto. Foi o primeiro erro dela.

Echo olhou para Caius, que a fitava com a testa franzida, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Ela não gostou. Nada daquilo estava nem ao menos remotamente agradável.

— Não entendo — Echo disse.

A Oráculo não pareceu se importar.

— Ah, mas vai entender — ela respondeu, fria como uma brisa de outono. — Estou me adiantando. O tempo está passando e vocês precisam ir a outros lugares. É quase meia-noite. Diga, criança, o que a sua Ala te contou?

O suor nas mãos de Echo ameaçava diminuir a força com que segurava a adaga. Não havia motivo para a Oráculo manter tanto foco nela. Ela não passava de uma menina procurando por um pássaro.

— Como sabe sobre a Ala?

— Sei muito mais do que você poderia imaginar, criança. — A Oráculo pegou um crânio pequeno e amarelado da prateleira de ossos e o analisou por um instante antes de deixá-lo cuidadosamente de volta no lugar. — É a razão da minha existência.

Não era a resposta que Echo queria, mas ela tinha a impressão de que seria a única que receberia. Queria encontrar suas respostas e sair o mais rápido possível. Se tivesse que participar do jogo da Oráculo para isso, era o que faria. Ela engoliu em seco antes de falar, aproveitando para acalmar os nervos.

— A Ala disse que o pássaro de fogo logo ascenderia.

— Já começou — disse a Oráculo. — Você é capaz de sentir, não é?

A adaga na mão de Echo, juntamente com o medalhão e a chave pendurados na corrente em seu pescoço, lançaram ondas profundas e pulsantes de calor em resposta.

A Oráculo baixou a cabeça na direção da porta de madeira do lado oposto à entrada.

— No fim daquele corredor, vai encontrar uma porta para a qual você tem a chave. *Atrás daquela* porta, vai encontrar outra passagem, que você deve abrir do jeito que só você pode fazer. O que encontrar naquela sala vai revelar o pássaro de fogo. Mas, lembre-se, algumas portas são mais difíceis de abrir do que outras.

— Você dá uma resposta direta alguma vez? — Quando Echo perguntou, quase se sentiu ela mesma de novo. Quase, mas não exatamente. Mais uma vez, aquela coisa grandiosa e desconhecida se agigantava, e Echo se sentia impotente diante dela.

— Não. — A Oráculo sorriu, língua bifurcada movendo-se sobre os caninos. — Essa resposta foi direta o bastante?

*Claro. Uma Oráculo espertinha,* Echo pensou. *Por que isto seria fácil se nada mais é?*

A Oráculo se virou para Caius, feliz em deixar Echo encarando-a, insatisfeita.

— Devo acrescentar — continuou a Oráculo — que é um prazer revê-lo... príncipe.

## CINQUENTA



ECHO FICOU PARALISADA. *Príncipe?*

Ela se virou para Caius, segurando a adaga com tanta força que a mão doía, mas a solidez da arma a ancorava. Ele era apenas um mercenário contratado pelo Príncipe Dragão. Não o príncipe em si. Era apenas Caius. Mas o nome do Príncipe Dragão era desconhecido, estava fora de uso havia mais de um século, perdido para o tempo e o esquecimento intencional.

— É engraçado, não? — a Oráculo continuou. — Como as pessoas nunca conseguem ver o que está bem diante delas. — Ela se inclinou na direção de Echo e cheirou seu cabelo. A garota se retraiu. — O que esteve na frente delas o tempo todo.

— Príncipe? — Echo questionou. Caius se aproximou dela com arrependimento no olhar, como se quisesse pedir desculpas, mas ela recuou. Se tinha uma explicação para dar, Echo não estava interessada em facilitar sua vida. — Por que ela está te chamando de príncipe?

A Oráculo soltou um estranho assobio que talvez fosse uma risada. Ela andou até a espineta e se sentou no banquinho bem à frente.

— Diga a verdade a ela, Caius. Diga que não tem a mínima intenção de deixá-la ficar com o pássaro de fogo. Diga que pretende tomá-lo para si. Diga que o Príncipe Dragão não o contratou para roubar o pássaro de fogo. Diga que *você* é o Príncipe Dragão.

As palavras eram como pedras afundando até a base do estômago de Echo. Eles tinham chegado tão longe juntos. Ela tinha matado por ele, e ele nem mesmo era a pessoa que dizia ser. Ela tinha *confiado* nele. Depois de uma vida inteira mantendo-se fechada para

todos, com exceção de alguns poucos escolhidos, ela se abriu para ele de maneiras que nunca esperou fazer. Virou as costas para Rowan, colocou a vida de seus amigos em perigo, e tudo o que ele fez foi mentir para ela. A traição dele foi como uma faca afiada cortando seu peito.

— Isso é verdade? — Echo perguntou. — Caius, diga que não. Diga que ela está brincando comigo, porque não sei se consigo suportar a outra possibilidade.

Ele abriu a boca como se fosse responder, mas tudo o que saiu foi um suspiro trêmulo. Esfregou os dedos nas têmporas, como se quisesse aliviar uma dor de cabeça, e disse:

— Sinto muito.

Duas palavras. Duas pequenas palavras, e o mundo de Echo desabou sob o peso delas.

— Confiei em você — ela rosnou entredentes. Assim que as disse, essas palavras rodaram em sua cabeça, um mantra que enfiava a faca cada vez mais fundo. *Confiei em você. Confiei em você. Confiei em você.*

Caius estendeu a mão para ela como se implorasse por perdão. Era algo que ele não conseguiria.

— Echo, eu...

— Eu matei por você!

Ele recuou, como se Echo tivesse lhe dado um soco. Ela queria ter feito isso. Queria enfiar a adaga no peito dele da mesma forma que a fincou nas costas de Ruby. Havia tirado uma vida por causa dele, e ele não passava de um manipulador, um mentiroso. Caius escondeu o rosto entre as mãos e soltou um suspiro abafado.

— Echo, posso explicar — ele falou, passando a mão pelo cabelo.

— Não importa o que tem para dizer — Echo disse, afastando-se. Não conseguia ficar perto dele. Nem mesmo olhar para ele. Tudo o que via era a pessoa que havia beijado na floresta, a pessoa que a abraçara enquanto ela chorava, acalmando-a até dormir. — Só vai contar mais mentiras.

Ela agarrou a chave e o medalhão que levava no pescoço e puxou a corrente tão forte que a quebrou. Guardou o medalhão no bolso da jaqueta, mas continuou segurando firme a chave. Os olhos

escuras de Caius, brilhando por causa do que parecia lágrimas contidas, seguiram o movimento de suas mãos. Ela percebeu que a Oráculo disse uma verdade: ele pretendia tomar a chave dela.

— Nunca menti para você sobre nada importante — Caius se defendeu. — Meu título não muda nada. Tudo o que disse era verdadeiro.

Uma razão ruim para rir cravou as garras em sua garganta e se arrastou para fora, arrancando suas vísceras junto.

— Nada importante? Não acha que o fato de ser o *Príncipe Dragão* era importante? Ah, meu Deus, as coisas que deve ter feito... É responsável por quantas mortes? Quantos Avicen você matou?

Uma coisa era mentir para ela, mas tentar sair daquela situação com conversa mole era um insulto. Echo tinha sido feita de idiota uma vez, mas não deixaria acontecer de novo. Não com ele.

Caius deu um passo adiante, e Echo levantou a adaga. Ele parou, mas disse:

— Echo, por favor, me deixe explicar...

— Não — ela interrompeu. — Você não vai fazer isso. Não tem o direito. Vou encontrar o pássaro de fogo. Sem você. Seu mentiroso idiota.

— Por favor. — Caius andou até ficar entre Echo e a porta de madeira que levava ao outro espaço na caverna da Oráculo. — Nada mudou. Me deixe ir com você. Vamos encontrar o pássaro de fogo juntos, como havíamos planejado.

— Por quê? — ela perguntou, sacudindo a cabeça, descrente. Que coragem! Fingir que ainda estavam nesta juntos, que estavam do mesmo lado. Já havia sido humilhada antes, mas ninguém nunca fizera com que se sentisse tão imbecil. — Por que deixaria você ficar com ele? A Oráculo tem razão. Vai roubá-lo. Vai levá-lo de volta para os Drakharin, não é? Não era esse seu plano o tempo todo?

— Não — Caius afirmou, com uma voz desesperada. — O que disse era verdade. Quero a paz. Eu o usarei para protegê-la, para proteger a todos. Por favor, Echo.

— E como posso acreditar em alguma palavra que você diz? — Ela o rodeou, aproximando-se da porta que a Oráculo disse que levaria

até o pássaro de fogo. — Você é um mentiroso, Caius. Não confio em mentirosos.

A Oráculo mostrou desaprovação de seu assento no canto da sala.

— Tão teimosas essas crianças... — ela disse, como se Caius e Echo não estivessem ali. — Lutando contra o destino como se conseguissem detê-lo.

— Não, Echo, por favor — Caius pediu, com as mãos estendidas em súplica. — Tenho que encontrar o pássaro de fogo. Se falhar, nós dois perdemos tudo. Você vai perder seu lar. Eu vi, Echo, em um sonho. Sei que parece loucura, mas tem que acreditar em mim.

Echo hesitou. As batidas de seu coração rugiam em seus ouvidos.

— Meu lar? O que tem o meu lar?

Caius se aproximou dela como se Echo fosse algum tipo de criatura selvagem assustada. Ela segurou a adaga mais firme. De jeito nenhum se entregaria sem lutar.

— Seu lar. Sua biblioteca. Você mora lá — ele disse. — Sei que dei todas as razões para não confiar em mim, mas, *por favor*, confie em mim desta vez.

Ele estava perto agora, não mais que um metro de distância. Echo o observava, relembrando tudo que a Ala havia lhe ensinado sobre linguagem corporal. A perna dele se contraiu, só um pouquinho, mas foi o bastante para telegrafar seu próximo movimento. Echo apertou a chave com mais força, até os recortes prateados afundarem em sua pele, com a adaga erguida na outra mão. Quando Caius deu o bote, ela estava pronta. Prendendo a perna na dele, derrubou-o no chão, depois acertou um golpe em sua boca. Ele rolou com o impacto e estava quase levantando quando Echo foi para cima dele com a lâmina.

— Pare. — Ela pressionou a adaga contra a garganta de Caius. Uma gota escarlate se formou em sua pele.

*Pare.*

Echo parou. A voz estava em sua mente, mas não era dela. Ela balançou a cabeça como se fosse capaz de expulsá-la de lá.

— Tente tomar esta chave de mim outra vez... — Echo ameaçou. O tremor em sua mão fez com que uma pequena gota do sangue de

Caius escorresse por seu pescoço, tão vulnerável, tão pálido. — E juro por Deus que te mato.

*Não, você não vai fazer isso.*

— Cale a boca — Echo rosnou.

Caius ergueu os braços, como sinal de conciliação. A tristeza em seu olhar era profunda o bastante para afogar a ambos.

— Não disse nada.

*Não é a vida dele que esta lâmina deve tirar.*

Echo balançou a cabeça novamente, enquanto Caius observava, confuso.

— Não entendo — ela sussurrou.

*Entende, sim, a voz disse. Apenas preferia não entender.*

O lábio de Caius estava sangrando no local onde ela havia acertado o golpe, um corte que ia até seus dentes. Ela lembrou da sensação daqueles lábios nos dela, não da forma hesitante e estranha que havia sentido na floresta, mas suave e devagar, como se tivessem se beijado sem pressa em uma cabana na praia. Essa lembrança não era dela.

— Não — Echo disse e encostou a adaga na garganta de Caius mais uma vez. Echo tinha uma leve consciência de que ele estava perguntando com quem ela estava falando, o que queria dizer, mas só conseguia ouvir a voz em sua cabeça.

*Você sabe o que tem que fazer,* ela sussurrou.

— Echo — Caius chamou. — O que você...

A sala tremeu, roubando as palavras dele. Algumas estatuetas de gato caíram e se quebraram em minúsculos cacos de porcelana. A Oráculo levantou, esticando a mão para pegar um dos crânios antes que atingisse o chão.

— Sugiro que ponham um fim nesta disputa — a Oráculo disse. Ela apontou para a parede de relógios e a manga de seu manto se retraiu o bastante para mostrar que as escamas e penas se espalhavam por todo o braço. — É quase meia-noite, mas o pássaro de fogo não é a única coisa que se aproxima. — Ela foi até a rocha e encostou o ouvido nela. — Jovem príncipe, sua irmã está aqui.

Como se aproveitasse a deixa, uma voz feminina gritou do outro lado da porta pela qual haviam entrado.

— Caius!

A sala tremeu mais uma vez com a força do grito, como se alguma coisa muito pesada tivesse golpeado as paredes do santuário. Mesmo dentro da câmara da Oráculo o ar crepitava com o calor.

— É Tanith — Caius disse. — Deve ter nos seguido até aqui. — Ele começou a se mexer. Echo afrouxou a adaga o bastante para que ele levantasse, mas manteve a lâmina contra sua garganta. — Se ela encontrar você, vai matá-la.

Feixes de fumaça vazavam pelas rachaduras na porta de pedra, e Echo podia sentir o cheiro de algo queimando do outro lado. Tanith. A irmã do Príncipe Dragão. A irmã de *Caius*. Ela os havia encontrado, e todos morreriam queimados por seu fogo.

*Não, disse a voz. Não se você a detiver.*

— Como? — Echo perguntou, afastando a lâmina da garganta de Caius devagar, devagar, devagar. Ele esfregou o pescoço, mas não se aproximou dela. Com Tanith chamando seu nome, manteve em Echo os olhos, escuros, verdes e adoráveis como sempre.

*O pássaro de fogo. Vá, encontre-o.*

A chave que segurava ficou tão quente que Echo quase a derrubou, mas talvez já estivesse colada em sua mão. Ela duvidava que Caius tentaria tomá-la, mesmo que tivesse uma chance.

— Caius! — Tanith gritou. A voz logo do outro lado da porta de pedra do santuário estava mais perto. — Caius, onde você está?

Quando Echo falou, as palavras eram para Caius. Pouco se importava com a voz em sua cabeça.

— Meus amigos. Estão lá fora.

— Vou te proteger — ele disse, desembainhando suas duas facas. — Não vou deixar que ela te machuque.

Tanith nunca havia encostado um dedo em Echo, mas a voz em sua cabeça soltou um suspiro trêmulo e assustado. Echo sacudiu a cabeça e seu cabelo caiu sobre o rosto.

— Não. — A chave em sua mão pulsava. — Proteja-os.

Ela se virou, abriu a porta de madeira e correu atrás das respostas que esperava encontrar. Um longo corredor a separava de uma porta na outra ponta, e suas botas batiam forte contra a pedra enquanto corria naquela direção. Atrás dela, Caius a chamava.

*Corra, Echo, sussurrava a voz em sua cabeça. E ascenda.*

## CINQUENTA E UM



O CÉU ESTAVA VERMELHO.

Mas não o vermelho quente do pôr do sol que Ivy havia visto por sobre as paredes destruídas da abadia enquanto o dia abria passagem para o azul-escuro da noite. Nem o vermelho alegre de maçãs colhidas do pé, grandes, maduras e deliciosas, ou o tom vibrante das folhas de bordo no outono. Não, esse era o vermelho de sangue recém-derramado, escuro e denso. Ou talvez o vermelho de carvão em brasa. O ar estava impregnado do cheiro de cinzas e fumaça. Um corpo bateu nela com força, empurrando Ivy contra a parede da caverna, repleta de rochas afiadas. Ela olhou para cima, mas um monte azul-marinho e prateado impedia que enxergasse o céu que explodia em chamas.

Dorian.

Ivy empurrou seu peito, mas ele nem saiu do lugar. Havia se atirado entre ela e o que quer que tenha vazado pelo buraco no céu em chamas. Ela podia sentir o cheiro pungente de ozônio do entremeio, mais potente do que jamais havia sentido. Qualquer que fosse o portal que tinha surgido no céu, devia ser enorme. Grande o bastante para que um exército passasse por ele.

A entrada da caverna desabou para dentro quando uma bola de fogo a atingiu. Uma chuva de pedras pontiagudas bombardeou Ivy e Dorian. A força da explosão fez com que a cabeça de Ivy batesse contra a parede, e sua visão foi tomada por uma explosão de pontinhos coloridos que competia com a que acontecia ao redor. Dorian segurava o rosto dela, embalando-o entre as mãos abertas. Seus lábios se moviam, e seu único olho buscava algum sinal que

mostrasse que Ivy o entendia, mas ela só conseguia escutar um assobio. Ela nunca havia sofrido uma concussão antes, mas tinha uma forte suspeita de que se parecia com isso.

Dorian se afastou, empunhando uma espada, rodando num borrão azul e prateado. Nem mesmo o assobio nos ouvidos de Ivy era alto o bastante para abafar o som de metal batendo contra metal. Seu cérebro se esforçava para buscar sentido no que via. Dorian combatia dois soldados, e sua espada zunia pelo ar quando saltava para trás, se desviando habilmente das lâminas brilhantes, tão douradas quanto as armaduras dos soldados.

Dragões de Fogo. Dorian lutava contra Dragões de Fogo. E não importa o quanto eles dessem o bote ou desviassem de seus golpes, ele se mantinha na frente de Ivy, usando o corpo como um escudo entre ela e aquelas lâminas. Ele a protegia. Um Dragão de Fogo correu em sua direção, mas a espada de Dorian penetrou por uma fenda na armadura, lançando um jato de sangue que maculou sua pele pálida com uma grande mancha vermelha.

Ivy se esforçou para ficar em pé, arrastando os dedos pelas rochas às suas costas, enquanto mais Dragões de Fogo brotavam da entrada da caverna. Ela tentou gritar para Dorian para avisá-lo, mas sua voz se perdeu na cacofonia das pedras que caíam e do rugido do fogo. Morreriam ali, não importava quão veloz, forte ou habilidoso ele fosse. Havia muitos deles, e Dorian era apenas um.

Todos os Dragões de Fogo atacaram Dorian de uma só vez. Embora ele tenha conseguido segurar três deles, um se destacou do bando e rodeou os demais, com a espada pronta para acertar as costas de Dorian. O mundo inteiro de Ivy se resumiu àquela lâmina quando ela cortou o ar, dourada e graciosa. Ela gritou para avisá-lo, mas sabia que era tarde demais.

Um vulto se lançou contra Dorian, movendo-se tão rápido que Ivy teve apenas um vislumbre das penas — azuis, roxas e verdes — antes de Dorian cair para o lado. Era Jasper. Mas Jasper não se juntou a Dorian no chão rochoso da caverna, ainda frio apesar do fogo que se alastrava ao redor. A espada que se projetou pela barriga de Jasper estava levemente desalinhada e o atravessou como um pássaro no espeto.

Jasper abriu e fechou a boca em um choque silencioso. Dorian olhou para ele, pálido e aflito sob o sangue que lhe salpicava a pele como sardas escarlates. Mesmo o Dragão de Fogo que portava a espada que o perpassou parecia um tanto surpreso por descobrir um Avicen na ponta dela. Mas a dor pulsante na cabeça de Ivy, cruel e poderosa, não podia ser ignorada. Cravou suas garras nela e a arrastou para as profundezas. A última coisa que Ivy pensou antes da escuridão se abrir e a engolir por inteiro foi: *Interessante*.

## CINQUENTA E DOIS



ECHO CORREU, MAS O CORREDOR PARECIA INACREDITAVELMENTE LONGO. Atrás dela, a profusão de relógios da Oráculo anunciava a meia-noite, e a chave e a adaga em suas mãos brilhavam com uma energia tão forte que a fez tropeçar. Ela caiu de joelhos, afligida por uma dor de cabeça insuportável que trouxe uma confusão caleidoscópica de imagens que não faziam muito sentido. Visões de lugares que conhecia — a biblioteca, os aposentos da Ala no Ninho, a Grand Central — misturadas com coisas que nunca vira e lugares onde nunca estivera. Uma cabana à beira-mar. A praia onde havia pisado apenas em sonhos. Echo se esforçou para ficar em pé, mas a dor era tão violenta que parecia que seu crânio ia rachar. Ela se apoiou na parede e se arrastou na direção da porta no fim do corredor.

Atrás dela, retumbavam os sons de uma batalha — o barulhento clangor metálico de espadas colidindo, o rugido furioso de um fogo intenso —, mas Echo estava em outro mundo, onde não havia nada além da porta no fim do corredor e as memórias que desabavam nela, uma sobre a outra, em uma velocidade alucinante. Fragmentos de uma vida, a vida dela, e de outras que não lhe pertenciam, que não tinham como ser dela. Echo não devia se lembrar daquilo. Não vivera aquilo, não construíra aquelas memórias, não vira o que aqueles olhos viram. Ela correu sem enxergar o que estava à sua frente, cega pelo caos da própria mente.

... pó de sombra nas mãos, sendo espalhado no batente da porta, que se abria para a escuridão do entremeio...

*... a galha é um dos poucos pássaros capaz de reconhecer o próprio reflexo...*

... as mãos de um homem, fortes depois de anos manejando espadas, segurando as suas. Mas não eram as mãos dela, eram mãos de Avicen, e no dorso delas havia penas com listras perfeitas em branco e preto, como as asas de uma gralha...

*O pássaro que canta à meia-noite...*

... uma voz falando sobre galhas — e era a voz dela, mas também não era dela, não sempre — em um ninho muito bem decorado no topo da mais alta torre de uma catedral, janelas de vitral colorindo a luz que passava por ali. Ótimas ladras, as galhas...

*... em sua gaiola de ossos...*

... as costas de um corpo esbelto, semicoberto por lençóis emaranhados. Um delicado pontilhado iridescente de escamas alinhado pela coluna de um homem, adoravelmente iluminado pelo luar que entrava pela janela, e ela acompanhou a linha de escamas, contando-as, uma a uma, desenhando padrões em sua pele enquanto ele dormia...

*... ascenderá do sangue e das cinzas...*

... a Ala falando, com voz suave e delicada, chamando Echo de sua pequena gralha...

*... para saudar a verdade desconhecida...*

... lábios roçando seu pescoço e braços envolvendo sua cintura com firmeza, força e segurança; e ela soube, sem a menor sombra de dúvida, que era amada...

*As lembranças nos transformam no que somos. Sem elas, não somos nada...*

... fogo entrando pela janela como um furacão. Alguém que ela conhecia, que amava, gritando seu nome, enquanto ela queimava, queimava, queimava...

Echo chegou ao fim do corredor e tombou sobre a porta, tentando, desajeitada, fazer a chave entrar na fechadura. Outras lembranças menos familiares, mais distantes no tempo e no espaço, bombardearam sua cabeça. Memórias de sua própria pele coberta de penas de tons de anil, dourado e carmim. A visão de suas próprias mãos salpicadas de escamas que brilhavam sob um céu estrelado. Sentia como se sua pele fosse se rasgar com milhares de almas brigando por um lugar dentro de um único corpo.

A chave entrou e Echo abriu a porta com violência. Passou para o outro lado com tanta intensidade que caiu de joelhos e olhou para a coisa que a Oráculo disse que revelaria a ela o pássaro de fogo.

Um espelho. Era um espelho. Olhou atentamente para ele, respirando ofegante, a mão apertando a adaga forte, gralhas de ônix e pérola afundando na palma da mão.

Echo olhou para o espelho e viu apenas a si mesma.

Era ela. Echo era o pássaro de fogo. O pássaro de fogo era Echo. Ela quis rir, mas tudo o que saiu foi um soluço contido.

Ela fechou os olhos. Teve lampejos de imagens de mundos inteiros, visões congeladas e momentos prolongados, embaralhados a ponto de serem ininteligíveis. Ecos de vidas que nunca vivera, de lugares que nunca havia visto. Ecos dentro de ecos dentro de Echo. Enquanto as imagens mudavam e se amalgamavam em bolhas de cores e sons, uma lembrança se destacou: uma cabana na praia e um homem ao seu lado. Ele estava muito mais jovem nessa lembrança, como se sua juventude brilhante ainda não tivesse sido desgastada pelo tempo e pela tragédia. Caius. Ele a conheceu antes. Não, não ela. Outra pessoa, alguém cujas lembranças se misturavam às dela.

*Sim*, sussurrou a voz que havia contido sua mão quando encostara a adaga na garganta dele, e Echo entendeu o que tinha que fazer. Seus olhos se fecharam e imagens piscaram por trás de suas pálpebras. O rosto de Ivy iluminado por um sorriso. A hesitação de Dorian diante de uma gentileza que não conseguia compreender. Jasper, com um sorriso largo que dizia muito. O rosto de Rowan, cheio de ternura, talvez até de amor. E Caius, sorrindo para ela como se tivesse acabado de se lembrar como se faz isso. Ela podia salvá-los. Podia protegê-los dos perigos que ameaçavam destruir seu mundo, de Tanith e seu fogo, da guerra que prometia consumi-los. Ela podia fazer isso. Podia acertar as coisas. Mas, antes de ascender, precisava cair. Encarou seus próprios olhos no espelho e levantou bem a adaga. Rangeu os dentes e segurou o cabo com força.

— Por meu sangue.

Echo abaixou a adaga e a fincou na carne entre as costelas com um golpe doloroso. Teve apenas uma fração de segundo para

assimilar que o sangue que jorrava em volta do cabo era seu quando a porta se desprende das dobradiças em um ciclone de fumaça e fogo.

A última coisa que viu antes de cerrar os olhos, dando boas-vindas ao escuro esquecimento da morte, foi Caius, movendo os lábios para gritar seu nome assim que as chamas de Tanith envolveram a sala e Echo junto. E foi isso. Foi assim que sua vida terminou. Em sangue e cinzas.

## CINQUENTA E TRÊS



— O PÁSSARO DE FOGO NÃO É *algo* — a Oráculo havia dito. — É mais *alguém*. Você, Rose, é o veículo dele.

Rose sentou na frente da lareira em sua cabana, joelhos dobrados junto ao peito, cobertor enrolado nos ombros, e remoeu as palavras em sua cabeça. Era impressionante como uma simples afirmação podia mudar uma vida para sempre.

Ela atçou o fogo moribundo da lareira. Caius havia saído para buscar mais lenha, e ela não tinha decidido se queria contar a ele sobre sua viagem à Oráculo. Ele não sabia aonde ela tinha ido quando partira, quatro dias antes, apenas que seguira uma pista sobre o pássaro de fogo. Se não fosse por Caius, ela nunca teria tomado conhecimento da existência da Oráculo nem teria seguido o instinto que dizia que encontraria respostas lá.

Eles vinham compartilhando suas histórias, aconchegados sob um cobertor na frente dessa mesma lareira. Ele tinha contado a ela tudo sobre sua eleição no ano anterior e sua jornada até a Oráculo. Eles riram do conselho de vã sabedoria que ela havia dado — *Siga seu coração, com sinceridade* — e trocaram beijos preguiçosos. Não era sempre que Caius conseguia sair da Fortaleza sem que uma comitiva de guardas o acompanhasse, e aqueles momentos eram preciosos. Eram sagrados, e ela havia traído sua confiança de tal maneira que não tinha certeza se ele a perdoaria.

Rose suspirou e repousou o queixo nos joelhos. Ela amava Caius. Não tinha dúvidas sobre isso. Mas uma parte dela sentia falta da simplicidade de sua missão antes de entregar o coração a ele. Encontre o pássaro de fogo: essa era a ordem do Conselho de

Anciãos. Ela lembrou do olhar de convicção absoluta de Altair quando ele a puxara de lado e disse para fazer o que fosse preciso para completar sua missão, até mesmo seduzir o Príncipe Dragão para obter informações. Rose sempre confiou no que tinha para oferecer: beleza, inteligência, perspicácia. Não tinha ficado surpresa quando Caius sucumbira a seus encantos. O que a surpreendera *mesmo* foi ter sucumbido aos dele. Altair deve ter suspeitado de que havia algo errado quando ela parou de lhe enviar notícias da última vez em que esteve no Japão. Mas isso era um problema para depois.

A porta abriu com um estrondo quando Caius entrou, com os braços cheios de lenha recém-cortada. Ele se deleitava com a simplicidade da vida doméstica naquela cabana à beira-mar, e Rose achava sua ingenuidade indescritivelmente adorável. Ele podia ser um príncipe, mas era tão jovem, tão esperançoso... A verdade acabaria com ele. Saber que o pássaro de fogo — nada além de um objeto de interesse acadêmico para ele — exigia a morte de Rose para se manifestar seria mais do que ele poderia suportar. Era mais do que ela mesma poderia suportar. As palavras seguintes da Oráculo ressoavam em sua cabeça, como se estivessem em eterna repetição.

— Para libertar o poder do pássaro de fogo, você tem que provar que é digna dele — disse a Oráculo.

Rose havia passado dois dias vagando pela floresta, procurando pela cachoeira. Suas penas estavam cobertas de lama, e ela não tinha a mínima vontade de se provar digna para um tipo de ser metafísico de uma lenda.

— Como assim, tenho que me provar digna? — Rose perguntou.  
— O que exatamente isso requer?

A Oráculo estava sentada em um pequeno banco na frente de uma espineta e brincava com as teclas, tocando uma melodia familiar. A canção de ninar da gralha. A canção cantada para todos os pequenos Avicen na hora de dormir.

— O veículo deve ofertar um sacrifício verdadeiramente altruísta — a Oráculo disse. — O sacrifício supremo.

Ela se virou para Rose, embora o capuz de seu manto mantivesse o rosto coberto.

— Deve perguntar o quanto está disposta a perder por todo aquele poder. O pássaro de fogo vai trazer um fim a esta guerra, mas pode não ser o fim que deseja. Pode haver paz, ou talvez destruição. Abriria mão de sua vida por tal poder? — A Oráculo voltou para a espineta, mantendo as mãos suspensas sobre as teclas. — Ou da vida *dele*?

Rose não precisara que a Oráculo especificasse sobre quem estava falando. Ela observou Caius jogar lenha no fogo e segurou sua mão quando ele buscou o tiçoeiro. Ela o entregou a ele, que o usou para colocar a lenha no lugar. O fogo crepitou, voltando à vida, e Caius se acomodou sobre as almofadas espalhadas pelo chão ao lado dela. Rose levantou o cobertor para que ele entrasse ali debaixo.

Envolvendo a cintura dela com os braços, ele deu um beijo em sua têmpora, acariciou suas penas pretas e brancas com o nariz e disse:

— Como foi sua viagem? Encontrou o que estava procurando?

Ela sorriu, sabendo que não conseguiria contar a verdade. Era um fardo que tinha que carregar sozinha.

— Não. Só mais um beco sem saída.

Caius encostou a testa na dela e deu um beijo singelo em seus lábios.

— Quem sabe da próxima vez?

Rose fechou os olhos e sentiu seu cheiro.

— É — ela sussurrou. — Quem sabe?

Ela podia ser o veículo do pássaro de fogo, mas seu destino pertencia somente a ela mesma. Se morrer pelas próprias mãos para libertá-lo significava que pessoas que amava seriam feridas, então não o faria. Outro veículo nasceria, a Oráculo havia prometido. Podia ter sido egoísta, mas Rose sabia que não estava disposta a sacrificar Caius ou o amor que compartilhavam em troca de poder.

Depois de deixar a Floresta Negra, ela passou dois dias plantando pistas para o próximo veículo. Deixar que outra pessoa lidasse com o destino. Rose era jovem e estava apaixonada; se não tivesse mais nada, pelo menos teria esse momento, aconchegada com Caius debaixo de um cobertor. Seu namoro era perigoso e, de uma forma ou de outra, os encontros terminariam com a morte dela, fosse nas mãos de seu próprio povo ou do povo dele. Era apenas questão de

tempo até que os segredos de Rose morressem com ela, mas o pássaro de fogo sobreviveria. E, como uma fênix, renasceria mais uma vez das cinzas.

## CINQUENTA E QUATRO



ECHO CAIU, COM OS DEDOS ENSANGUENTADOS ainda agarrados à adaga, e Caius sentiu como se também tivesse sido apunhalado. Pensou que seu coração havia morrido com Rose, com as chamas criadas por Tanith, mas, ao ver o corpo de Echo estatelado no chão como o de uma boneca quebrada, seu coração bateu com tanta força contra as costelas que parecia que era a primeira vez que batia em séculos. O sangue escorria do ferimento de Echo, denso e escarlate, ensopando o tecido de sua blusa. A raiva e o desespero, coisas que Caius não sentia havia mais de um século, ferveram em suas veias.

Fogo irrompeu dos punhos de Tanith e subiu rapidamente pelos braços dela até a altura dos ombros, reluzindo em sua armadura dourada.

— Onde você está, Caius?

O odor denso da fumaça queimou suas narinas. *Não*, ele pensou, observando o peito imóvel de Echo, torcendo para que se mexesse com uma inspiração. Ela parecia morta, mas ele não tinha certeza disso. *Por favor. Não desse jeito. Não a leve da mesma forma que levou Rose.*

— O pássaro de fogo, Caius — disse Tanith. — Onde está?

— Agora você o quer? — A voz dele era como sal arranhando a garganta em carne viva. Mal conseguia ver além da fumaça pesada no ar.

— Agora que tenho motivos para acreditar que ele é real, sim. — Tanith nunca apreciou as pequenas ironias da vida. — Não há sentido em resistir, meu irmão. Tenho mais de vinte Dragões de

Fogo esperando do lado de fora. Tenho certeza de que Dorian está lutando bravamente, mas há muitos deles. Vocês não têm chance.

Caius segurou suas facas com força. Tinha que afastar a irmã de Echo. Não se permitiria acreditar que Echo estava morta. Não agora. Não desse jeito.

— Como nos encontrou?

Tanith revirou os olhos, mas se manteve em guarda.

— Conheço você, Caius. Tinha sentinelas posicionados em todos os lugares onde achei que você poderia ir em um momento de necessidade. Realmente acreditou que eu não pensaria em vigiar a Oráculo?

Isso não havia lhe ocorrido até aquele momento. Estava tão concentrado na busca pelo pássaro, em Echo, que ficou cego à possibilidade de Tanith estar um passo à frente, embora ela sempre tenha sido uma estrategista melhor. Ele devia ter percebido. *Seu idiota. Maldito idiota.* Mas nem tudo estava perdido. Ainda não.

— Não posso permitir que fique com o pássaro de fogo — ele disse. — Não posso. E não vou.

— Não seja tolo, Caius. — Tanith sacou a espada. O aço brilhava em um tom vermelho como brasa, queimaria qualquer coisa que tocasse. Ela avançou na direção dele, lâmina em punho, abrindo caminho pela confusão de pedras estilhaçadas e madeira retorcida.

O sangue dela adornaria as facas de Caius hoje. Por mais que tentasse evitar, ele sempre soube, em uma parte profunda e obscura de seu coração, que a história deles só poderia terminar assim.

— Faça isso pelo nosso povo — disse Tanith.

— Nosso povo? Ribos era um de nós, como também era cada Drakharin que você matou por discordar de seus devaneios. Não ouse falar do nosso povo para mim! — Lágrimas de raiva ferroaram os olhos de Caius, que já estavam úmidos por conta da fumaça. — *Você o massacrou.*

— Fiz o que precisava ser feito — Tanith grasnou. — Fiz o que você não foi capaz de fazer. O que não quis fazer. Estavam perdendo a fé em você, no posto de Príncipe Dragão. Dei a eles um propósito, uma direção.

— É o que diz a si mesma ao apoiar a cabeça no travesseiro? — Caius rodeou a irmã sem tirar os olhos dela. Estava quase perto de Echo. *Não esteja morta. Por favor, não esteja.* — Você realmente acredita nas próprias mentiras?

— Minha consciência está limpa, Caius.

Por anos, a desavença entre os dois vinha crescendo, mas ele nunca desistira da esperança de que, um dia, seria capaz de superá-la, de que teria a irmã como uma aliada novamente, uma amiga. Mesmo depois do que ela fizera a Rose, ele se agarrou àquela pequena esperança, mas não conseguia mais fingir que era possível perdoá-la. Ela tirou tudo o que ele tinha. Ele havia amado de verdade tão poucas coisas na vida, e Tanith tinha destruído uma a uma.

— Você não vai vencer — ele prometeu. — Não vou permitir.

Tanith estreitou os olhos por meio segundo, abrindo as narinas para bufar de frustração. E abaixou a ponta da espada, apenas um centímetro.

— Não faça isso, Caius. Você pode não acreditar, mas é meu irmão, meu sangue, e não quero machucá-lo. Nunca foi o objetivo disso tudo. Não lute comigo. Você não tem mais seu título. Não tem um exército. Seus aliados estão mortos ou morrendo. Você não tem mais nada.

— Não — Caius disse, balançando uma das facas que segurava. — Mas tenho isto. — Arremessou a lâmina. Tanith levantou a espada para desviá-la, fazendo com que caísse rápido ao lado. Ele tinha menos de um segundo para jogar a outra faca, mas foi o suficiente. A segunda lâmina voou em linha reta e com precisão, enterrando-se no ombro dela. Perpassou-a perfeitamente, fincando-a na parede de madeira atrás dela.

Tanith gritou, e o fogo irrompeu ao seu redor, alimentado por sua raiva. As chamas rugiram com ela, preenchendo o lugar com seu calor. Não daria muito tempo a Caius, mas seria o bastante. Precisava ser o bastante. Caius recolheu Echo, tentando ignorar como parecia sem vida em seus braços, e correu com a fúria de Tanith berrando em seus ouvidos.

A fumaça e o odor de carne queimada tomavam o ar. Labaredas lambiam seus pés enquanto vestígios do poder de Tanith se exibiam à sua volta. Ele tropeçou em uma pilha de trapos. A Oráculo. O corpo dela, estirado no chão de pedra, ainda estava fumegante, e seu manto continuava a queimar mesmo sem chamas. O fedor da carne carbonizada fez a garganta de Caius fechar e revirou seu estômago.

Do lado de fora, o lago não existia mais. Tudo o que restava era uma cratera ressecada, repleta de espinhas de peixe esbranquiçadas. O poder da Oráculo devia sustentar aquilo tudo, e aquele poder morreu com ela. Uma parte de Caius lamentou por ela e temeu por seus amigos que ficaram do outro lado do lago, mas não conseguia pensar em mais nada além do corpo que levava nos braços. Echo estava tão flácida, tão quieta, tão pequena. Como ele nunca havia notado antes o quanto ela era pequena?

Caius passou correndo pelo lago seco e pelos corpos imóveis de meia dúzia de Dragões de Fogo. Dorian devia ter lutado com eles, mas Caius não conseguia ver nada além da fumaça para procurar por ele ou pelos outros. Assim que chegasse a um lugar de onde pudesse invocar o entremeio, ele os encontraria e os levaria a um lugar seguro. Disse a si mesmo que Echo abriria os olhos, ferida, mas ainda viva, e que ficaria bem.

Logo que pisou fora da caverna, onde as rochas que cercavam a agora inexistente cachoeira brilhavam como carvão em brasa, olhou para cima, bem a tempo de ver o céu se abrindo. Enormes nuvens escuras cuspiam um batalhão de Falcões de Guerra Avicen, que berravam seus gritos de batalha na fria escuridão da Floresta Negra. Altair. Tinha que ser. Ele também os encontrara. Devia estar em seu enalço. A morte da Oráculo havia derrubado as proteções espalhadas pela floresta, seus inimigos haviam seguido sua trilha, e a guerra se abatia sobre eles.

## CINQUENTA E CINCO



VOLTAR DO MUNDO DOS MORTOS NÃO ERA A VIAGEM DIVERTIDA que Echo esperava. Ela flutuava leve em um mar de escuridão. A única coisa que lhe permitia ter consciência de que ainda tinha um corpo era a dor: intensa, insuportável e presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Devagar, tão devagar que era impossível imaginar, sua mente subiu à superfície, buscando por uma única e fraca centelha de luz ao longe. Seu corpo se livrou da morte como uma serpente que troca de pele. Não havia nada poético no processo, nada que parecesse remotamente transcendental.

Entretanto, não importa com quanta força tentasse se esticar, a luz continuava naquele mesmo lugar, distante, inalcançável. Seu peito queimava. Ela imaginava se era assim que uma pessoa se sentia ao se afogar. Doía. Doía tanto que uma pequena parte dela desejava que continuasse morta.

*Acorde.*

A voz de novo, mas desta vez Echo sabia quem era.

— Rose? — A voz de Echo soou, para todos os efeitos, como um eco em sua própria cabeça. Sua vida era um trocadilho agora. Que maravilha.

*É hora de acordar, Echo.*

— Onde estou?

*Não onde deveria estar. — Mas... como?*

*Não temos tempo para isso. Seus amigos precisam de você.*

Ela já havia aguentado o bastante daquela dose de enigmas.

— Como saio daqui?

A gargalhada, em alto e bom som, ricocheteou nas paredes de seu crânio.

*Você é o pássaro de fogo,* disse Rose, com a voz suave como pétalas de rosa, a flor que lhe dava nome. *Voe.*

*Oh,* Echo pensou. Não precisava perguntar como ou para onde. Ela sabia, parecia que sempre soubera. Abriu as asas, como se tivesse nascido para isso, e voou.

## CINQUENTA E SEIS



A AUDIÇÃO FOI O PRIMEIRO SENTIDO que Echo recuperou enquanto se erguia da lama da morte, pesada e viscosa como cimento fresco. Ela ouviu o clangor de aço contra aço. O uivo das árvores que crepitavam e estalavam enquanto eram consumidas pelo fogo. Vozes gritando em triunfo e outras lamentando a derrota. Sua cabeça pulsava a cada som. Era tão barulhento. Impossível de imaginar o quanto. Se conseguisse mover as mãos, teria tampado as orelhas. Protetores de ouvido. Precisava de protetores de ouvido, mas tudo o que tinha era uma impiedosa camada de pedregulhos que cutucava suas costas e o nauseante odor de carne queimada nas narinas.

Voltar da morte era um saco. Voltar da morte no meio de uma batalha era pior ainda.

Echo abriu os olhos, que imediatamente começaram a lacrimejar. Fumaça permeava o ar, e havia alguma coisa a mais, alguma coisa que reconhecia. Fechou os olhos bem apertados e se deteve ao cheiro familiar, tentando identificá-lo desesperada. Era acre e pungente, como ozônio. De repente, abriu os olhos. O entremeio. A Floresta Negra deveria ser uma zona neutra. Caius disse isso. Nenhum limiar deveria ser acessado dentro de suas fronteiras. Mas, quando ficou de pé, com galhos de salgueiro enroscados no cabelo, viu o inferno que o céu havia vomitado.

Ela nunca havia visto uma guerra antes, mas tinha que ser parecido com aquilo. Falcões de Guerra lutavam com Dragões de Fogo, braços e armas emaranhados em uma confusão sangrenta. Altair, destacando-se acima de tudo aquilo como um deus de bronze, abria caminho pelo mar de corpos como se fossem palitos de

fósforo. Ela viu de relance o cabelo acinzentado de Dorian antes que fosse subjugado por não menos que seis Dragões de Fogo. Ele desapareceu sob eles, atacado por seu próprio povo. Echo buscou na multidão por um vislumbre da cabeça branca de Ivy, ou das penas de pavão de Jasper, mas tudo o que via era uma confusão de corpos dilacerados e fogo, fogo por todo o lugar.

Seu olhar parou em Caius. Ele estava no meio de tudo, retalhando tanto Falcões de Guerra quanto Dragões de Fogo. Havia perdido suas facas em algum momento, e Echo reconheceu a espada que empunhava. O Príncipe Dragão lutando com uma lâmina Avicen. Ela não esperava por isso; de qualquer forma, também não esperava morrer por suas próprias mãos e voltar à vida com uma estranha energia pulsando em seu corpo. Era um dia de primeiras vezes.

Caius continuava lutando, e sua espada ricocheteou na armadura de um Falcão de Guerra caído. O manto desse Avicen era tão branco quanto o dos outros, sua armadura de bronze, idêntica a de seus companheiros tombados, mas Echo reconheceria os ombros, a curva da mandíbula e aquelas penas manchadas de dourado em qualquer lugar. Altair conduziu suas tropas à batalha, e Rowan — o leal, valente e belo Rowan — o seguiu. Como se sentisse que ela olhava em sua direção, ele se virou, fitando-a com as sobrelanceiras pesadas sobre os olhos castanhos. Rowan chamou por ela, mas o rugido da batalha engoliu sua voz, espalhando suas palavras em meio ao ar candente. Ele a encarou como se nunca a tivesse visto antes, como se ela fosse algo novo, estranho e terrível. No momento em que Caius levantou a espada, pronto para acabar com Rowan de vez, ouviu-se um estrondo, alto como um trovão, vindo da boca da caverna da Oráculo.

Uma onda de fogo foi expelida da entrada, como se a caverna a tivesse cuspido. Tanith estava sob o arco, com os braços erguidos, invocando as chamas. Ela ia incendiar toda a floresta ao seu redor. Echo se sentiu mais fraca e indefesa do que nunca. Não teriam nenhuma chance contra Tanith. Morreriam ali, na Floresta Negra, torrados.

Assustada atrás dos galhos pendentes do salgueiro debaixo do qual havia sido deixada, cujas folhas verdes amarelavam-se sob a

luz do fogo de Tanith, Echo voltou a ter sete anos, quando se escondia dos monstros do lado de fora. Mas ouviu a voz de Rose sussurrando as mesmas palavras que disse quando Echo flutuara por aquele mundo obscuro: *Seus amigos precisam de você.*

Ela não tinha mais sete anos e não estava sozinha. Não se esconderia nem de Tanith, nem de Altair, nem de ninguém. Não se pudesse evitar. Não quando seus amigos precisavam dela.

Echo juntou cada gota de coragem que tinha e levantou. Esperava sentir um espasmo agudo de dor onde a lâmina havia atravessado seu peito, mas notou que sua pele havia se curado, deixando apenas uma leve e pequena cicatriz. *Bem, é uma nova habilidade divertida.*

Ela percebeu o instante em que Tanith a notou. Estavam longe demais uma da outra para que Echo conseguisse ver seus olhos, mas se lembrava deles, vermelhos e furiosos, mesmo que a memória não lhe pertencesse. Era como olhar para um espelho distorcido, que mostrava vislumbres da vida de outra pessoa como se fossem dela, quando Tanith pôs abaixo a cabana de Rose, queimando-a por completo. Um ódio violento tomou conta dela.

*Sim, a voz de Rose ecoou em sua cabeça. Você sabe o que fazer.*

Echo ergueu as mãos da mesma forma que Tanith. Não questionou o que fazia. Não pensou duas vezes. Simplesmente manteve as mãos abertas, invocando o fogo que sentia queimando sob a pele, e pensou: *queime.*

De canto de olho, Echo viu Caius tirar os olhos de Rowan, que, por sorte, ainda respirava, e a encarar como se ela tivesse saído de um pesadelo. Caius correu, tentando ficar entre Echo e Tanith, mas Altair forçou sua passagem em meio ao emaranhado de corpos e o alcançou antes disso. Sua espada cortou o ar na direção de Caius. O tempo se arrastou até parar, e Echo viu tudo acontecer em câmera lenta. Altair baixou a lâmina, mirando diretamente no centro do peito de Caius. Mais uma vez, ela pensou: *queime.*

Chamas emanaram da palma de suas mãos, pretas e brancas, puras e brilhantes como as penas de uma gralha, muito diferentes dos turbulentos vermelhos e amarelos de Tanith. O fogo se fortaleceu, primeiro em pulsos intermitentes, ficando cada vez mais forte até brilhar tão claro como o sol e tão escuro como a noite. Seu

coração pulsava com tanta violência que parecia que asas batiam contra seus ossos. A energia fervia sob sua pele, lutando para se libertar, mas seu corpo era uma jaula que mantinha preso o poder do pássaro de fogo. Ela gargalhou, e o fogo projetou-se à frente. Chamas retorceram-se e se entrelaçaram pelo ar, até colidir com o fogo de Tanith. Mas Tanith nem ao menos se esquivou.

As chamas pretas e brancas tremularam com a incerteza de Echo. Ela colocou tudo o que era, tudo o que já havia sido e tudo o que pensava que seria em seu fogo, mas não foi o suficiente. Tanith era forte demais e o poder de Echo era muito novo, muito fraco. As chamas de Tanith combateram as rivais até que o brilho branco e preto murchou para um triste tom de cinza.

Ao longe, Caius caiu de joelhos. Altair estava caído atrás dele, com as penas fumegando. Caius encarou Echo, seu rosto levava uma expressão transparente e pura. Algo profundo e secreto revirou em suas entranhas. Suas chamas pretas e brancas se fortaleceram, e ela sentiu a ajuda de Rose em sua mente. Tanith lutou. Echo então caiu de joelhos, o fogo na palma das mãos se apagando.

Ela não podia morrer agora, não de novo. Não estava pronta. Não havia terminado. Precisava ver Ivy uma última vez, dizer a ela que era grata por ter sua amizade. E Rowan. Havia tantas coisas que tinha que dizer a ele. Devia muito a ele. Precisava agradecer a ele por tê-la libertado, desculpar-se por Ruby, por trair sua confiança, por fugir dele. Queria dizer à Ala que a amava. A última coisa que Echo ouviu antes de desmaiar foi o farfalhar de penas, como asas ao vento. A escuridão do entremeio se abateu sobre a floresta, e então não houve nada além de silêncio.

## CINQUENTA E SETE



A PRIMEIRA COISA QUE JASPER NOTOU FOI A DOR. Dor era bom. Dor significava que estava vivo, mas que ele não ficaria feliz com isso. Sua cabeça doía mais do que da vez em que tentou acompanhar um bando de feiticeiros em um bar, bebida a bebida. Os músculos em seu abdômen saltavam dolorosos a cada respiração. Ele apoiou a mão sobre o estômago, e seus dedos escorregaram em alguma coisa quente e molhada. Sangue. *Muito bem.*

A segunda coisa que notou foi que não havia uma pedra fria e dura sob ele, mas o branco felpudo de seu próprio tapete. Sem dúvida estava todo arruinado agora. Teria que importar um novo.

A terceira coisa que percebeu foi o vulto de uma Avicen com penas de corvo sobre ele.

— Ah, que bom! — a Ala exclamou. — Você acordou. Estava começando a achar que tinha tirado um cadáver do meio daquele fogo.

— O queeeeê? — Jasper tinha capacidade de ser mais eloquente que aquilo, mas, caramba, não conseguiu sussurrar nada melhor.

Atrás da Ala, a cabeça com plumagem branca de Ivy se inclinava sobre um corpo muito imóvel enquanto enrolava uma grossa bandagem branca na mão de Echo. O coração de Jasper quase parou. Ele tentou sentar, apesar dos protestos um tanto quanto ferozes de seus músculos abdominais feridos. Com uma única mão de plumagem negra, a Ala o fez deitar novamente.

— Ela vai sobreviver — ela disse. — Mas você não, se não parar quieto.

Parar quieto. Jasper podia fazer aquilo. Não, Jasper podia ser o melhor naquilo.

— Você, com o tapa-olho! — a Ala chamou, observando por sobre os ombros. — Parece que outro par de mãos poderia ser útil para Ivy. — E então, em seu doce e imortal encanto, bateu palmas duas vezes. — Vamos logo.

Ah, como Dorian amaria isso. E, o mais esplêndido, Dorian foi logo e se ajoelhou ao lado de Jasper com uma gaze limpa.

Quando Dorian pressionou uma bandagem contra o ferimento abaixo das costelas de Jasper, o Avicen conteve o grito. O que machucou ainda mais foi Dorian resmungar um rápido pedido de desculpas antes de desviar o olhar para onde Caius se esforçava para sentar, ao lado de Echo.

*Não, Jasper pensou. Nada disso agora.*

— Ficaria surpreso em saber — Jasper grasnou, chamando a atenção de Dorian — que é a primeira vez que fui parar na ponta de uma espada?

O sorrisinho silencioso de Dorian era como um sino tocando na manhã de domingo.

— Um pouquinho, sim. — Então ele encarou Jasper. Mostrar seu olhar era de uma tortura que causou todos os tipos de coisas horríveis nas entranhas do Avicen. — E você recebeu um golpe destinado a mim.

— Tem certeza? — Jasper perguntou, com um tom áspero como lixa. — Não parece nada com algo que eu faria. — Ele tossiu, e o sangue fez cócegas em sua garganta. — Mas, até aí, acho que não tenho me sentido a mesma pessoa ultimamente.

— Você salvou a minha vida — Dorian disse, trocando a bandagem por uma nova; a usada tinha um alarmante tom vermelho. Jasper decidiu que era melhor não olhar para ela.

— E você salvou nossa pequena pomba — Jasper respondeu, estendendo o pescoço para olhar para onde estava Ivy, ainda inclinada sobre Echo. — Vi o que fez antes.

Dorian torceu a boca de uma forma não muito feliz, mas tão atraente para Jasper que foi perturbador.

— É, bem, eu estava em dívida com ela.

Dorian observou furtivamente por sobre os ombros mais uma vez. Jasper seguiu seu olhar. Caius segurava a mão livre de Echo, a que não era cuidada por Ivy.

*Não, pensou Jasper. Dorian mau.*

Ele pôs a mão sobre a de Dorian. Isso aumentou a pressão em seu ferimento, mas a sensação da pele do Drakharin, quente e calejada sob a sua, valeu a pena.

— Você o vê — Jasper disse. — Mas ele vê você?

Dorian desviou o olhar de Caius, e suas franjas prateadas caíam sobre seus olhos enquanto balançava a cabeça.

— Não — ele sussurrou. Jasper teve a sensação de que provavelmente era a primeira vez que Dorian admitia aquilo em voz alta. — Ele nunca me viu.

Jasper havia estocado um monte de observações em seu arsenal, carregadas e prontas para serem disparadas ao menor sinal de que Dorian estivesse disposto a admitir a inutilidade de seu amor não correspondido, mas cada uma delas foi deixada de lado. Em seu lugar, Jasper entrelaçou silenciosamente seus dedos com os de Dorian. Quando percebeu que ele não tirou a mão, o Avicen tremeu por dentro.

Dorian ficou em silêncio por um momento, contemplando com seu olho azul as mãos enlaçadas. Então, devagar, dolorosamente, levantou o olhar na direção de Jasper.

— E você? — Dorian perguntou.

Jasper pensou saber onde isso ia chegar, mas precisava esclarecer as coisas.

— E eu o quê?

— Você me vê? — Dorian engoliu em seco. Jasper devia ter perdido muito sangue para ficar hipnotizado tão facilmente pelo movimento da garganta de Dorian.

Jasper respondeu levando a mão de Dorian até a boca e roçando os lábios rachados na pele calejada dos dedos dele. Um tom rosado subiu pelo pescoço pálido de Dorian. Jasper ficou encantado com aquele rubor como se fosse a primeira vez que o via corar. Mas, diferente da primeira vez em que havia visto aquele tom de escarlate tingir as bochechas de Dorian, foi tomado por um irresistível desejo

de ser o único a fazê-lo corar daquele jeito, profundamente e sempre. E foi então que Jasper percebeu ter perdido uma guerra que nem notou que estava lutando. Resistir era inútil. A rendição, inevitável. Deu outro beijo na mão de Dorian, só para ver o tom rosado escurecer mais um pouco.

— Sinto muito — disse Dorian, balançando a cabeça, o cabelo brilhante chacoalhando com o movimento. — Acho que também não tenho me sentido a mesma pessoa ultimamente.

Dorian puxou a mão, e o suave toque de pele com pele foi quase demais para suportar. Jasper decidira havia muito tempo que seu coração tinha pouca utilidade além da função biológica, mas, quando Dorian se afastou, percebeu que podia ter o seu partido tão fácil quanto qualquer outra pessoa.

## CINQUENTA E OITO



ECHO SE REVIROU, sentindo o carpete debaixo da cabeça a arranhar. Sinos tocaram, e ela nunca ficou tão feliz por ouvi-los. Estava viva, ainda que por pouco, e alguém enfaixava com tecido suas mãos queimadas. A voz de Ivy flutuou pela escuridão, e a Ala respondeu. Também estavam vivas. Echo manteve os olhos fechados e se deixou absorver pelo som familiar daquela conversa.

Agora que estava fora da Floresta Negra, longe do santuário da Oráculo e de seu próprio poder, começava a se sentir como ela mesma de novo. A maior parte de seus ferimentos estava curada, exceto as queimaduras nas mãos. O fogo que conjurou a queimou também. Não parecia justo que seu poder recém-descoberto se voltasse contra ela dessa forma, mas isso a incomodava infinitamente menos que a sensação de outra pessoa à espreita no fundo de sua mente, como um ator esperando nas coxias para entrar no palco.

Rose.

Quando Echo abriu aquela porta dentro dela, libertando o pássaro de fogo de sua gaiola, Rose também saiu, agarrando-se ao poder que poderia ter sido dela se tivesse escolhido recebê-lo de bom grado. Como Echo, ela também havia sido um veículo. E agora Rose ocupava um canto escuro da mente de Echo, não somente com sua presença mas com tudo que fazia dela *Rose*. O que a Avicen sabia, Echo sabia, mesmo os segredos que ela havia mantido até o dia de sua morte. O que Rose sentia, Echo sentia. Ela lembrava de ter sido feliz em algum momento, muito tempo antes. Lembrava de como Caius a havia beijado pela primeira vez, na praia, perto da cabana,

com as ondas do mar batendo em seus pés. Lembrava das noites que passaram abraçados na frente de uma lareira, conversando sobre expectativas e medos. Tudo isso era tão real para Echo quanto suas próprias lembranças, suas próprias emoções. Era demais para suportar.

Quando abriu os olhos, foi acolhida pela visão de três pessoas inclinadas sobre ela. Três das pessoas mais importantes de sua vida: a Ala, Ivy e, o que era muito estranho, Caius. Estavam todos olhando fixo para ela. Provavelmente os animais do zoológico se sentiam como Echo. Ficar ali deitada, com todos aqueles rostos a examinando com doses iguais de preocupação e curiosidade, era sufocante. Quando se esforçou para levantar, três pares de mãos — pretas, brancas e sem penas — se moveram para fazê-la voltar a deitar. Tudo era demais para suportar.

— Parem — Echo disse, com a voz mais ofegante do que gostaria. — Todos vocês, parem. Parem de me tocar, parem de olhar para mim, parem de roubar meu ar.

Ivy expirou fundo, e Echo podia jurar que ela havia prendido a respiração de verdade. *Que Deus te abençoe, Ivy.*

A expressão da Ala se aproximou da neutralidade, mas Echo conseguia notar o espanto em seu olhar.

— Estava dentro de você o tempo todo — a Ala disse. — Eu devia ter percebido.

Echo levantou para sentar, encostada no ridículo sofá de camurça de Jasper. Quando Caius a estabilizou com a mão na parte de baixo de suas costas, ela não tentou impedir. A mão dele ficou ali um tempo, acomodada logo acima da cintura de seu jeans. Echo estava profundamente atenta a cada detalhe minúsculo da textura de sua pele. Ivy viu a mão de Caius de relance, mas guardou seus pensamentos para si.

— Como você poderia saber? — Echo perguntou. — Ainda nem entendo como ou por que isso é possível. Lembro de tudo a respeito de Rose. Ela foi o último veículo do pássaro de fogo. Foi ela que deixou os mapas para que eu encontrasse. E há outras imagens, coisas que não entendo. Como tenho essas lembranças?

A Ala passou a mão por suas penas e suspirou. Echo nunca a vira tão cansada.

— Quando você estava lá fora, meditei para tentar encontrar um sentido em tudo isso, e tive uma visão — disse a Ala. — O pássaro de fogo, suponho, é uma entidade transferível. E cada pessoa que entra em contato com ele deixa uma espécie de marca psíquica. Como Rose foi o veículo antes de você, a voz dela é a mais forte. Tenho certeza de que o fato de ter dado a ela uma razão para gritar ajudou. — Ela olhou diretamente para onde a mão de Caius repousava. — O pássaro de fogo estava dentro de vocês duas o tempo todo. Foi seu sacrifício que o deixou livre. Por qualquer razão que seja, Rose decidiu deixá-lo quieto. Você escolheu libertá-lo. Se meu julgamento estiver correto e o pássaro de fogo for um ser de pura magia, de energia bruta, então ele precisa de algo que o contenha para poder existir neste mundo.

— Não entendo. Por que me enviar em uma caça ao tesouro ao redor do mundo? Por que não me mandou direto para a Oráculo?

— Talvez o importante não seja o destino, mas a jornada — Ivy disse, finalmente quebrando seu silêncio.

Echo piscou.

— Como é que é?

Ivy mexeu na barra de sua blusa, observando as próprias mãos.

— Talvez, se as coisas fossem fáceis demais, você não tivesse se tornado a pessoa que precisava ser quando a hora chegasse. Você se sacrificou para nos salvar. — Ela olhou para cima, e Echo reconheceu aquele olhar. Ela segurava as lágrimas, e o canto de seus lábios fizeram um leve arco. — Não tinha provas de que voltaria, mas seguiu em frente mesmo assim. Foi um ato de muita coragem. — Ela fungou e levantou o braço para limpar o nariz com a manga da blusa.

Echo se esticou para pegar a mão de Ivy. Malditas bandagens. Ela não se sentiu corajosa. Estava apenas desesperada. Toda essa conversa sobre veículos estava fazendo sua leve dor de cabeça ficar cada vez mais intensa. Ela massageou as têmporas, esperando que isso ajudasse a aliviar a dor.

— Mas por que eu? Quer dizer, sou só uma garota. Não sou nada especial.

A Ala encostou a mão sobre o rosto de Echo com ternura.

— Ah, minha pequena gralha, você sempre foi especial. Não acho que foi uma coincidência te encontrar naquela biblioteca. Acho que sempre estivemos destinadas a encontrar uma à outra, você e eu. Da mesma forma que aconteceu entre você e Caius. Sem ele você nunca teria tomado conhecimento da Oráculo.

Echo ergueu as sobrancelhas.

— Então está dizendo que isso é tipo uma coisa do destino?

A Ala assentiu, e suas penas pretas chacoalharam um pouco.

— O seu destino é só seu, mas acredito que cada um neste mundo tem um papel a cumprir. — Ela encarou Echo com um peso no olhar que a garota não tinha certeza de que gostaria de carregar. — Seu papel é ser o pássaro de fogo. Como vai interpretá-lo é escolha sua. O fogo que invocou é uma prova disso.

O fogo. *Merda. Merda, merda, merda.* Ela não queria machucar pessoas de forma indiscriminada. Só queria que a batalha acabasse.

— Rowan... — Echo sussurrou. — E os outros... Eles estão bem? — Ela só queria deter Tanith, deter Altair, fazer com que todos parassem de ferir uns aos outros.

A Ala confirmou com a cabeça.

— O fogo passou por eles sem queimá-los, como se não quisesse machucá-los.

— Eu não queria — Echo disse. Mas não foi escolha dela. Não pensou a respeito. Havia uma energia circulando em suas veias, e ela nem mesmo tinha certeza de que conseguiria entendê-la. Fechou os olhos bem apertado. A ideia de como havia chegado perto de machucar pessoas que amava fermentava dentro dela. Caius fez uma massagem em suas costas, e o toque ajudou a afastar aquele pensamento.

Echo chacoalhou a cabeça, como se pudesse expulsar o medo. Não podia. O que podia fazer era ignorá-lo e se concentrar em outra coisa.

— Como sabia onde nos encontrar?

A Ala sorriu, e foi tão amável, tão familiar, que Echo quis chorar.

— Tanith e as forças dela seguiram vocês. Eu as segui.

Caius passou a mão pelo cabelo e suspirou.

— Acho que nenhum de nós era tão hábil como acreditávamos ser.

Ele soou vagamente envergonhado, e Echo acariciou a mão que repousava em sua cintura. Um pequeno sorriso surgiu nos lábios dele, e ela quis sorrir de volta, mas sua próxima pergunta era pesada demais para se permitir fazer algo tão leve.

— Tudo bem, então sou o pássaro de fogo. Isso quer dizer que devo, supostamente, pôr fim a uma guerra. Como vou fazer isso? — perguntou Echo. — Sou uma única pessoa.

— Basta um fósforo para começar um incêndio, Echo — a Ala respondeu. — É um fardo pesado, mas nunca se esqueça de que não está carregando ele sozinha.

A Ala pôs a mão no braço de Ivy e levantou. Ivy parecia querer se queixar disso, mas apenas piscou depressa, em silêncio. A Ala acenou para Caius com a cabeça e continuou:

— Vou deixá-los um pouco sozinhos. Tenho certeza de que têm muita coisa para conversar.

Echo as observou se afastarem. Caius tirou a mão de suas costas, mas se aproximou rapidamente. Era estranho pensar nele fazendo qualquer coisa que pudesse ser descrita como “rápida”.

— Como se sente? — ele perguntou.

Rir doía, mas Echo riu mesmo assim.

— Como se tivesse morrido e voltado a viver. Então, sabe, nada mal.

A boca de Caius formou um sorriso. Quando era simpático, ficava perigosamente lindo. Ela teve que desviar o olhar. Ele fez a mesma coisa.

— Ainda não entendo o que aconteceu lá — ele disse.

Echo encarou as próprias mãos. Tinha expelido fogo delas.

— Acho que também não entendo.

Caius voltou a encará-la. Ele abriu a boca. Depois fechou. Parecia ponderar sobre o que dizer. Com os lábios cerrados, balançou a cabeça. O que quer que fosse, ou não ia dizer ou não conseguia encontrar as palavras certas. Levantou a mão e a deixou parada na frente da blusa de Echo. Alguém — Ivy, ela presumiu — havia

rasgado um terço da blusa, de forma que a pele enrugada da cicatriz em seu peito ficava visível. Caius fechou a mão, como se fosse incapaz de não tocá-la.

— Você se curou. — Ele sacudiu a cabeça com um olhar surpreso. — Você é o pássaro de fogo. E renasceu, do sangue e das cinzas, do jeito que Rose escreveu.

— É. — Echo esperou um instante antes de continuar, só para complementar. — E você é o Príncipe Dragão.

— *Era* o Príncipe Dragão — Caius corrigiu, embora Echo tenha detectado constrangimento em sua voz. — Tanith usurpou o trono, então *tecnicamente* não menti.

Ela lhe lançou um olhar ambíguo.

Ele se retraiu.

— Desculpe. Sei que não é o bastante, mas não sei mais o que...

Echo esticou uma mão enrolada em bandagens, silenciando Caius.

— Só consigo lidar com certa quantidade de revelações por vez, e todo esse negócio de pássaro de fogo meio que supera, de longe, sua identidade secreta. Por enquanto, considere-se perdoado, mas não pense que vou esquecer.

— Isso é mais do que mereço — ele disse com suavidade.

— Ah, não sei, acho que talvez você tenha sofrido o bastante por um dia. Sua própria irmã tentou te matar.

— Ela tentou me deter. Se Tanith realmente quisesse me matar, eu estaria morto. Ou mutilado, no mínimo. Ela é minha irmã gêmea, e ainda sou irmão dela. Isso significa algo para ela.

— E significa para você? — ela perguntou.

Caius soltou um suspiro longo e cansado.

— Não sei.

Echo queria se abraçar, mas isso seria muito semelhante a se esconder. De que, ela não tinha certeza? Das pessoas que a caçavam agora que sabiam que ela e o pássaro de fogo eram uma coisa só? De Caius? Do fato de que havia voltado da morte? De si mesma? De seu destino? *Escolha uma porta*, Echo pensou, *qualquer uma*.

— O que aconteceu naquele lugar? — A voz de Caius era um pouco mais alta que um sussurro, mas aquele som serpenteou ao

redor das costelas de Echo, apertando-a. — Antes de Tanith. O que você viu?

— Um espelho — ela contou. — Apenas um espelho.

Caius abaixou a cabeça e seu cabelo caiu sobre seus olhos, roçando nas escamas. Echo queria ajeitar a franja dele, sentir seu cabelo sedoso entre os dedos mais uma vez. Agora eram suas mãos indignas de confiança que se fechavam. A dor causada pelas queimaduras ajudou a amenizar o desejo. Quando ele falou, manteve o olhar baixo:

— E então, o que aconteceu?

Ele encarou Echo, que não desviou o olhar.

— Eu me lembrei de coisas que não deveria lembrar, porque não são lembranças minhas — ela disse. — É estranho. Lembro das coisas como se as tivesse vivido, como se fosse Rose. Lembro de você. Lembro de te amar porque ela te amava.

Esperança e tristeza e algo novo, algo só para ela, guerrearam no olhar de Caius. Mãos invisíveis agarraram o coração de Echo e o apertaram, como se tentassem extrair todo o sangue. Ele parecia um homem que queria ter esperança, mas não sabia muito bem como.

Echo não soube dizer quem se mexeu primeiro. Tudo o que sabia era que estava beijando Caius, e Caius também a beijava. Algo desalinhado dentro dela começava a se endireitar lentamente, e as engrenagens encaixavam em seu lugar uma a uma. Era empolgante e assustador ao mesmo tempo.

*Schwellenangst*, Echo pensou. *O medo de algo novo*.

Caius a beijou como se já a conhecesse, como se encostar seus lábios nos dela fosse um hábito antigo, fácil como respirar. Beijou-a como se lembrasse dela. E uma pequena parte dela, uma parte que Echo começava a perceber que não era nem um pouco ela mesma, lembrava dele. Quando Caius afundou os dedos nos cabelos em sua nuca, Echo podia jurar que sentiu Rose suspirando.

Uma leve cócega de outra pessoa dentro de sua cabeça a fez se afastar. Caius recuou, relutante. Seus dedos traçaram uma linha da orelha de Echo até a lateral do rosto, e repousaram ali. Ele era bonito, mas, assim que o pensamento veio, ela não tinha certeza se

era mesmo dela. Echo balançou a cabeça, expulsando a mão de Caius.

— Sinto muito — ela disse. — É só que... Como sei onde eu termino e Rose começa? Como sei o que sou eu e o que é ela?

Caius levantou os cantos da boca suavemente, como sempre.

— Você é você, Echo. Sempre foi, e sempre será. Nada vai mudar isso.

Ele não tinha como saber o quanto ela desesperadamente desejava acreditar nele, mas mesmo assim pareceu tão confiante, pareceu confiar tanto *nela*, que Echo não conseguiu dizer que não acreditava. Porém, como sua realidade havia se tornado um bufê de eventos transformadores, compartilhar sua mente com a namorada morta de Caius não era a única coisa estranha em seu prato. *É hora de compartimentar.*

— Então... — ela começou. — O que vamos fazer agora?

A mão de Caius se moveu na direção da dela, aproximando-se lentamente, dando tempo para Echo se afastar. Ela não o fez. A mão dele se fechou sobre a dela. Ele pôs a mão dela por cima da dele e disse:

— Quem dera eu soubesse.

Ela soltou uma gargalhada cansada e silenciosa. Observou ao redor do loft porque precisava de um minuto para digerir tudo aquilo. Ivy e a Ala tinham batido em retirada para a cozinha e provavelmente estavam fazendo um chá. Era a única coisa que Ivy tinha herdado da Ala: fazer bebidas quentes quando havia uma crise. Jasper ainda estava estirado no chão, e Dorian enrolava uma bandagem em seu abdômen.

Os dedos de Echo tremiam com o desejo de apertar mais forte a mão de Caius, apesar da dor. Ela olhou de relance para onde Dorian estava, com a cabeça inclinada sobre a de Jasper. Eles eram tão diferentes. Dorian, com sua pele branca e seu cabelo prateado. Jasper, bronzeado e com uma explosão de cores, como um pavão. Mas quando Jasper levou a mão de Dorian até seus lábios, dando um leve beijo em seus dedos, parecia certo estarem juntos.

A imagem dos dois fez algo estalar dentro de Echo.

— Talvez eu consiga — ela disse.

— Consiga o quê? — Caius perguntou.

— Acabar com a guerra. Juntar todo mundo.

A expressão de Caius foi da dúvida ao espanto.

— Os Avicen e os Drakharin nunca se unirão.

— Não? — Echo apontou para toda a extensão do ninho de Jasper.

— Olha só para nós. Ivy usou sua magia da cura em Dorian depois daquele louco ir atrás de nós quando fugimos da Fortaleza do Dragão. Dorian está ocupado mantendo as entranhas de Jasper no lugar. — Ela sacudiu a cabeça, suspirando. — Vi os braços da Oráculo. Ela tinha escamas e penas. Talvez os Avicen e os Drakharin tenham um ancestral comum. Eles compartilham o mito do pássaro de fogo, não? Talvez não tenha sido sempre desse jeito, Caius. Os Avicen e os Drakharin já foram uma coisa só. Talvez possam ser assim de novo.

O sorriso de Caius era triste, mas ainda assim adorável. Meio que como o resto dele. Echo estava quase certa de que aquele pensamento não lhe pertencia.

— É um belo sonho, Echo. Mas é só isso. Estou velho demais para acreditar em uma coisa assim.

Mais uma vez as mãos ao redor do coração de Echo apertaram forte.

— Bem, talvez seja a hora de os sonhadores começarem a dar as cartas — ela disse.

Caius levou as mãos dos dois até os lábios e as manteve ali. Beijou os dedos de Echo, e a garota pôde ver o brilho de lágrimas nos olhos dele.

— Não vão gostar disso — ele disse, abafando as palavras contra a mão dela. — Pessoas como Altair. Como Tanith. Vão lutar até que não reste mais ninguém de pé.

— Mas isso quer dizer que não devemos tentar?

A voz de Caius ficou suave com um tom de surpresa.

— Sabe, você soou exatamente como ela.

Igual a Rose. Echo não sabia muito bem como se sentia a respeito disso. Naquele momento, Caius não parecia ser um quase imortal de duzentos e cinquenta anos. Não parecia ser um príncipe eleito para carregar o fardo das expectativas e dos fracassos de uma nação

inteira. Ele simplesmente parecia ser Caius. Olhos verdes sérios, cabelo castanho tão escuro que era quase preto, um frágil sinal de sorriso que levava nos cantos da boca quando não se lembrava de franzir a sobancelha. Echo se perguntou se era assim que Rose o via, se a combinação desses traços era o motivo de ela ter se apaixonado por Caius um século antes.

Com um leve suspiro, ele abaixou a mão dela e observou ao redor da sala.

— Então, aqui estamos. Uma ladra que lança fogo, um príncipe deposto, uma aprendiz de curandeira, um ex-guarda da realeza Drakharin e um trapaceiro profissional que luta nas duas frentes de uma guerra. — A tristeza evaporou do sorriso de Caius como se fosse uma poça de água secando sob o sol. Ele riu, e Echo queria engarrafar aquele som e guardá-lo para sempre. — O que pode dar errado?

— Pra ser sincera, provavelmente tudo — Echo respondeu.

## CINQUENTA E NOVE



— VÃO PROCURAR POR VOCÊ — a Ala disse, observando Echo arrumar seus poucos pertences sobre a cama de Jasper.

Echo queria sentar ao lado dela, encostar sua cabeça cansada no ombro da Ala, como fez tantas vezes antes, deixando-se confortar por aqueles braços fortes. Mas aquilo era algo que uma criança teria feito, e Echo havia crescido.

— Tanith. Altair, se ele sobreviveu — a Ala continuou. — Os inimigos deles. Os aliados. Qualquer um interessado pelo poder do pássaro de fogo.

— Eu sei — disse Echo.

Ela enfiou suas coisas numa mala com uma tranquilidade surpreendente, e tentou não pensar no que deixava para trás: o Ninho, o lar para o qual nunca mais poderia voltar, ou Rowan, o garoto para quem não podia ser — nem seria — um peso, com seu recém-descoberto poder. A adaga estava ao lado da mochila, brilhando lindamente em contraste com os lençóis brancos de Jasper. Seria a última que guardaria na mala.

— Você não pode ficar aqui.

— Eu sei — Echo repetiu.

Ela observou o loft, arejado e iluminado, no topo da catedral de Estrasburgo. A luz do sol penetrava pelos vitrais, pintando o carpete branco sujo de milhares de tons de laranja, roxo, verde e azul. Com tanta gente apinhada ali — Avicen, Drakharin e humana —, não demorou nada para parecer um lar.

Os outros zanzavam pelo loft, juntando as poucas coisas de que precisavam para fugir. Dorian e Ivy enfiavam na mala todo

suprimento médico que conseguiam pegar, enquanto Jasper estava deitado no sofá, emburrado. Ivy e a Ala fizeram milagres em seu ferimento, mas ele ainda precisava de tempo para se curar. Tempo que não tinham.

Caius observou Echo do outro lado da sala. Sorriu, com um olhar gentil e afetuoso, mas ela não conseguiu sorrir de volta. Dorian chamou por ele, e Caius desviou o olhar. A atenção de Echo era exigida pelo leve eco de uma presença em sua mente: Rose. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Rose desapareceu, como o fantasma que era.

— O que vai fazer? — a Ala perguntou, alisando a saia cor de mel.

— O que sempre fiz — respondeu Echo, com a mochila no ombro. Ela segurou a adaga, com as gralhas de pérola e ônix brilhando contra a luz. No ângulo certo, parecia que estavam voando. — Fugir quando for preciso, e lutar até o fim.

## Agradecimentos

Escrever um livro é quase como embarcar em uma aventura para jogar um anel dourado mágico dentro de um vulcão ativo. Começamos sozinhos, nos perguntando se chegaremos até o fim e, pelo caminho, acabamos encontrando amigos que tornam essa jornada possível.

Tenho uma sorte incrível pela oportunidade de trabalhar com a inimitável Krista Marino, da Delacorte Press, que é mais uma mágica do que uma editora. Sua fé inabalável no livro, mesmo quando a minha própria estava abalada, deu o suporte necessário para que *Echo* chegasse aonde precisava estar na última página. Publicar o primeiro romance é animador, sufocante e assustador, e estou muito feliz por ter a maravilhosa equipe da Random House, que trabalhou para fazer *A profecia do pássaro de fogo* o melhor possível. E um agradecimento muito especial para Alison Impey, Gail Doobinin e Jen Wang por deixar este livro tão bonito. Quero dizer, olhe só pare ele! Vamos. Olhe. Aprecie a beleza. Posso esperar.

Voltou? Maravilha. Vamos em frente.

Há um ditado sobre como na arte às vezes é preciso matar os seus queridinhos e, como escritora iniciante, isso pode ser difícil. O impulso de ser protetora em relação aos seus livros-bebês é forte. Você quer acariciá-los e amá-los e cuidar deles para sempre, mas precisa mesmo é de alguém que a ajude a fazer o necessário, mesmo quando isso assusta. Minha agente, Catherine Drayton, sempre esteve pronta, tanto para criticar quanto para motivar, administrando com grande sabedoria conforme a necessidade. Muito, muito, muito obrigada por olhar para esta história e ver algo especial, mesmo (principalmente) quando eu não conseguia. E

obrigada ao pessoal da InkWell Management, especialmente às craques dos direitos de publicação internacional, Lyndsey Blessing e Alyssa Mozdzen, por todo o trabalho duro.

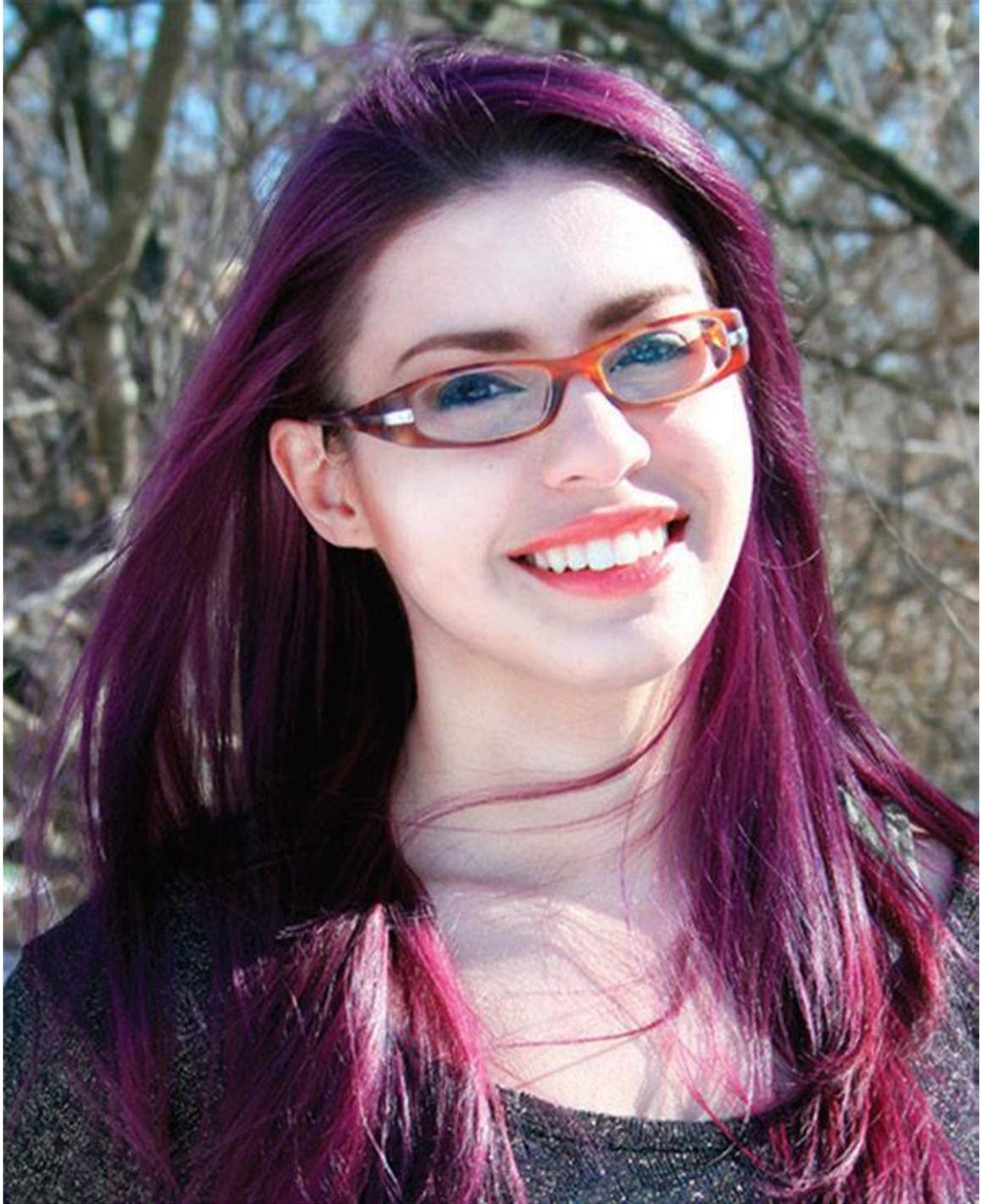
Eu não seria quem sou — como pessoa e como escritora — sem as meninas da Midnight Society. Chamá-las de parceiras críticas e leitores beta não faz jus a vocês. Amanda, nem sei se estaria escrevendo romances se não fossem aquelas histórias que escrevemos em bilhetes furtivos, uma à outra nas aulas de francês. Idil, posso ter acumulado uma montanha de dívidas na pós-graduação, mas como essa experiência foi o início de uma bela amizade, não me arrependo de nenhum centavo. Se não fosse por nosso almoço no Yo! Sushi naquela tarde fatídica, talvez Echo nunca tivesse nascido. Laura, seu entusiasmo às vezes era a única coisa que me ajudava a suportar o dia. Saber que estava empolgada com este livro me deu a certeza de que tinha que terminá-lo, mesmo que fosse só para você. E também tive um pouco de medo de ser perseguida por você se não terminasse. E, Chelsea, você foi a primeira pessoa a ler *A profecia do pássaro* do começo ao fim. Quando mandou aquele e-mail dizendo que o devorou em apenas um dia, acordada até tarde para chegar ao fim, eu chorei. Lágrimas de verdade, humanas.

Para parafrasear Virginia Woolf, uma mulher precisa de espaço próprio para escrever ficção, mas, ainda mais importante, você precisa de um telhado sobre a cabeça e de comida na mesa. Se não fosse pelo amor e apoio da minha família, essa história provavelmente nunca teria saído da minha cabeça para o papel.

Como Echo, fui uma criança solitária, mas sabia que enquanto tivesse um livro nas mãos nunca estaria sozinha de verdade. Sou incrivelmente grata aos escritores cujas histórias me fizeram companhia e me lembraram de que o mundo era um lugar maravilhoso, cheio de aventuras, e que só bastava ser corajoso o bastante para procurá-las. E sou grata aos professores (Oi, dr. Meade!) que me encorajaram a escrever as minhas próprias histórias.

Por fim, gostaria de agradecer a você, o leitor, por me acompanhar nesta jornada. O mero fato de ter optado por ler este livro sempre

me deixará perplexa, e me sinto honrada por ter escolhido passar preciosas horas ao lado de Echo e seus amigos.



DEXTER R. JONES

MELISSA GREY escreveu seu primeiro conto aos doze anos e desde então não parou mais. Formou-se em belas-artes na Universidade de Yale e trabalha como jornalista em Nova York. Tem o talento de se localizar em qualquer metrô do mundo e consegue atirar

com arco e flecha enquanto cavalga.

[www.melissa-grey.com](http://www.melissa-grey.com)

[@meligrey](#)

Copyright © 2015 by Melissa Grey

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Girl at Midnight

CAPA Jen Wang

CALIGRAFIA DA CAPA Flávia Zimbardi

PREPARAÇÃO Carla Bitelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-1512-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e quatro](#)

[Trinta e cinco](#)

[Trinta e seis](#)

[Trinta e sete](#)

[Trinta e oito](#)

[Trinta e nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e um](#)

[Quarenta e dois](#)

[Quarenta e três](#)

[Quarenta e quatro](#)

[Quarenta e cinco](#)

[Quarenta e seis](#)

[Quarenta e sete](#)

[Quarenta e oito](#)

[Quarenta e nove](#)

[Cinquenta](#)

[Cinquenta e um](#)

[Cinquenta e dois](#)

[Cinquenta e três](#)

[Cinquenta e quatro](#)

[Cinquenta e cinco](#)

[Cinquenta e seis](#)

[Cinquenta e sete](#)

[Cinquenta e oito](#)

[Cinquenta e nove](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)